

DEIXADOS PARA TRÁS

TIM LAHAYE & JERRY B. JENKINS

UMA FICÇÃO DOS ÚLTIMOS DIAS

Título original: Left Behind
Traduzido por Rubens Castilho
Copyright 1997 Editora United Press Ltda.

Digitalizado por: Black Knight
Reformatado por: SusanaCap

UM

O PENSAMENTO de Rayford Steele estava numa mulher que ele nunca havia tocado. Com seu 747 totalmente ocupado pelos passageiros, ligado no piloto automático, voando sobre o Atlântico para aterrissar às seis da manhã no aeroporto de Heathrow, em Londres, Rayford deixou por alguns momentos de pensar em sua família.

No começo da primavera, ele passaria um tempo com sua esposa e seu filho de 12 anos. Sua filha também estaria voltando da faculdade. Mas, por ora, com seu co-piloto tirando um cochilo, Rayford acariciava a lembrança do sorriso de Hattie Durham e sonhava com o encontro que tinham marcado.

Hattie era a chefe do serviço de bordo. Fazia já mais de uma hora que ele não a via.

Rayford costumava aguardar com certa ansiedade o momento de estar com sua esposa. Irene era atraente e bastante jovial e ativa, mesmo nos seus quarenta anos. Mas ultimamente ele se sentia como que repelido pela obsessão dela pela religião. Era tudo o que a interessava e do que ela falava.

Deus era importante para Rayford Steele. Ele até se sentia bem na igreja sempre que podia freqüentá-la. Mas, desde que Irene se apegou a uma congregação menor e passou a participar de estudos bíblicos semanais e de cultos em todos os domingos, Rayford começou a sentir-se deslocado e desconfortável. A igreja que ela freqüentava era daquelas que jamais pensavam o melhor sobre uma

pessoa e a deixavam em paz. Os membros da igreja costumavam perguntar a Rayford, cara a cara, o que Deus estava fazendo em sua vida.

"Abençoando meu desempenho", respondia ele com um sorriso, o que parecia satisfazer-lhes, mas Rayford passou a encontrar cada vez mais desculpas para preencher seus domingos.

Rayford tentava convencer-se de que era a devoção de sua esposa a um pretendente divino que fazia a mente dele divagar. Mas sabia que a verdadeira *razão* disso era seu próprio instinto sexual.

Além disso, Hattie Durham era extremamente deslumbrante. Ninguém podia negar. O que mais o encantava era quando ela o tocava. Nada impróprio nada vulgar. Ela simplesmente tocava seu braço ao passar num lugar apertado ou colocava a mão suavemente em seu ombro quando ficava em pé atrás do assento dele na cabina.

Mas não era apenas o toque de Hattie que fazia Rayford gostar de sua companhia. Ele podia adivinhar pelas expressões dela, por sua postura, pela troca de olhares, que ela ao menos o admirava e respeitava. Se ela estivesse interessada em qualquer outra coisa, Rayford poderia apenas conjeturar. E foi o que fez.

Eles haviam passado algum tempo juntos, conversando durante um aperitivo ou jantar, às vezes com os companheiros de trabalho, outras, não. A reação de Rayford não tinha ido além de um leve toque de mãos, mas seus olhos captaram um olhar mais demorado de Hattie, e ele pôde apenas admitir que seu sorriso para ela representava algum progresso.

Talvez hoje. Talvez esta manhã, se a batidinha-código na porta não despertasse seu co-piloto, ele tentaria tocá-la quando ela viesse pousar a mão em seu ombro - de uma forma amigável, ele esperava que ela reconhecesse um passo, o primeiro da parte dele, visando a um relacionamento.

Essa seria a primeira vez que isso aconteceria. Ele não era nenhum puritano, mas nunca tinha sido infiel a Irene. Havia tido inúmeras oportunidades. Certa ocasião, sentiu-se culpado por ter-se envolvido numa troca de carícias na festa de Natal da companhia, mas isso tinha sido 12 anos atrás. Irene tinha ficado em casa, passando desconfortavelmente seu nono mês a carregar seu filho Ray Júnior no ventre.

Embora pudesse avançar o sinal, Rayford teve o cuidado de deixar a festa mais cedo. Ficou claro para Irene que ele estava ligeiramente alcoolizado, mas não suspeitou de qualquer outra coisa, não de seu virtuoso capitão. Ele foi o piloto que tinha tomado dois martínis durante uma paralisação por causa da neve, no aeroporto de O'Hare, em Chicago, e então, voluntariamente, desceu do avião quando o tempo clareou. Ofereceu-se para pagar a um piloto substituto, mas a Pan-Continental ficou tão bem impressionada que, em lugar de puni-lo, usou sua atitude como exemplo de auto disciplina e sabedoria.

Em duas horas mais, Rayford seria o primeiro a ver sinais do sol, uma luz mortiça e amarelo-cinzenta que indicaria o relutante alvorecer sobre o continente. Até então, a escuridão através da janela parecia ter quilômetros de espessura. Seus passageiros sonolentos tinham os quebra-luzes abaixados, travesseiros e cobertores nos assentos.

Por enquanto, o avião era um quarto de dormir escuro e zunindo para todos, exceto para algumas notívagas errantes, as comissárias, e uma ou duas delas atendendo a algum chamado.

A questão naquela hora mais escura antes da alvorada era se Rayford Steele se arriscaria a um relacionamento diferente e excitante com Hattie Durham. Ele segurou um sorriso. Estava brincando? Iria alguém de sua reputação fazer qualquer coisa além de sonhar com uma bela mulher 15 anos mais nova? Ele não se sentia mais tão seguro. Se ao menos Irene não tivesse se metido nesse novo alçapão.

Será que isso esfriaria a preocupação dela com o fim do mundo, com o amor de Jesus, com a salvação das almas?

Depois, ela andou lendo tudo quanto lhe vinha às mãos sobre o Arrebatamento da igreja.

- Você pode imaginar, Rafe - disse ela, certa vez, exultante -, Jesus voltando para nos levar antes de morrermos?

- Sei, sei - respondeu ele, espiando por cima do jornal -, isso me mataria. Ela não gostou da brincadeira.

- Se eu não soubesse o que aconteceria a mim - disse ela -, não falaria tanto sobre esse assunto.

- Sei com certeza o que me aconteceria - insistiu ele. -Eu morreria, sumiria, e fim. Mas você, naturalmente, voaria diretamente para o céu.

Ele não quis ofendê-la. Estava apenas gracejando. Quando Irene se afastou, Rayford a seguiu, puxou-a, fazendo-a voltar seu rosto para

ele, e tentou beijá-la, mas ela agiu passiva e friamente.

- Vamos, Irene - disse ele. - Milhares não desmaiariam se vissem Jesus descendo para todas as pessoas boas?

Ela afastou-se chorando.

- Eu já disse a você e repeti. As pessoas salvas não são pessoa® boas, elas são...

- Apenas perdoadas, sim, eu sei - disse ele, sentindo-se rejeitado e vulnerável em sua própria sala de estar, e voltou para a sua poltrona e seu jornal. - Se isto faz você sentir-se melhor, fico feliz em saber que pode estar tão segura.

- Eu apenas acredito no que a Bíblia diz - respondeu Irene. Rayford encolheu os ombros. Ele queria dizer "Bom para você", mas não quis piorar a situação. Por um lado, invejava a confiança dela, mas, na realidade, não aceitava o fato de ser uma pessoa mais emocional, mais orientada pelos sentimentos. Ele não quis dizer-lhe isto, mas o fato era que se considerava mais brilhante - sim, ele se considerava mais inteligente. Ele acreditava em regras, sistemas, leis, padrões, coisas que podemos ver, sentir, ouvir e tocar.

Se Deus era parte de tudo isso, muito bem. Um poder mais alto, um ser amoroso, uma força por trás das leis da natureza, ótimo. Vamos cantar por isso, orar por isso, sentir-nos bem por nossa capacidade de ser bons para os outros, e cuidar da vida. O maior receio de Rayford era que essa fixação religiosa pudesse evaporar, como certas "ondas" em que ela se envolvera, como as vendas que fazia de porta em porta oferecendo produtos de limpeza ou de beleza, da academia de aeróbica, etc.

Ela poderia sair por aí tocando a campainha das casas e pedindo licença para ler para as pessoas um ou dois versículos bíblicos. Em todo caso, ela sabia muito bem o que estava fazendo.

Irene havia se tornado uma genuína religiosa fanática, e de certo modo isto liberava Rayford para sonhar de olhos abertos e sem culpa com Hattie Durham. Talvez ele diria alguma coisa, sugeriria alguma coisa, daria a entender alguma coisa enquanto ele e Hattie caminhassem pelo aeroporto de Heathrow em direção à fila de táxis. Ou talvez antes. Ousaria declarar-se agora mesmo, horas antes de aterrissar?

Junto a uma janela na primeira classe, um escritor estava curvado sobre um *laptop.* Ele fechou o aparelho, com o propósito de voltar ao seu trabalho mais tarde. Aos trinta anos, Cameron Williams era o mais jovem dos articulistas do prestigioso *Semanário Global.* Era invejado pelos veteranos da equipe de redatores, mas os superava em condições idênticas, ou, então, a chefia de redação lhe atribuía a produção das melhores matérias jornalísticas do mundo. Tanto os admiradores como os seus detratores na revista o chamavam de Buck [potro], porque diziam que ele estava sempre escoiceando a tradição e a autoridade. Buck acreditava que vivia uma vida maravilhosa, tendo sido testemunha ocular de alguns dos eventos mais preponderantes da História.

Um ano e dois meses antes, sua matéria de capa de 1º de janeiro levou-o a Israel para entrevistar Chaim Rosenzweig, o que resultou no mais estranho acontecimento que jamais havia experimentado.

O idoso Rosenzweig tinha sido a escolha unânime como o "Fazedor da Notícia do Ano" na história do *Semanário Global.* A equipe da revista tinha costumeiramente de evitar que alguém notasse que se tratava de uma clara cutucada no "Homem do Ano", da revista *Time.* Mas Rosenzweig era o homem certo. Cameron Williams tinha entrado na reunião da equipe preparado para argumentar em favor de Rosenzweig e contra qualquer outra estrela da mídia que seus colegas indicassem.

Ele ficou surpreso quando o editor-executivo Steve Plank iniciou a conversa desta forma:

- Alguém deseja indicar algum estúpido ou uma pessoa qualquer em lugar do ganhador do Prêmio Nobel de Química?

Os membros da equipe principal trocaram olhares entre si, menearam a cabeça e fingiram que estavam começando a sair.

- Vamos cair fora, a reunião terminou - disse Buck. - Steve, não estou forçando a barra, mas você sabe que eu conheço o *cara,* e ele tem confiança em mim.

- Vamos devagar, caubói - disse um rival, e depois se voltou para Plank. - Você agora está deixando Buck escolher o trabalho que quer?

- Talvez - disse Steve. - E se eu quiser?

- Acho simplesmente que este é um caso técnico, um artigo científico - afirmou o concorrente de Buck. - Eu poria um redator de assuntos científicos nisso.

- E colocaria o leitor a dormir - retrucou Steve Plank.

- Sejamos razoáveis, vocês sabem que o redator de matérias chamativas sai deste grupo. E esta não é uma matéria mais científica do que a primeira que Buck fez sobre ele. Esta deve ser escrita de um modo que leve o leitor a conhecer o homem e compreender o significado de sua façanha.

- Farei a indicação hoje - disse o editor-executivo. - Obrigado por sua disposição, Buck. Penso que todos os outros estão igualmente dispostos.

Expressões de ansiedade encheram a sala, mas Buck também ouviu palpites resmungados de que o loirinho [Buck] receberia o sinal verde, o que realmente aconteceu.

Tal confiança de seu chefe e a competição com seus colegas fizeram-no cada vez mais determinado a superar-se em cada tarefa. Em Israel, Buck ficou numa área militar e encontrou-se com Rosenzweig no mesmo *kibutz,* nos arredores de Haifa, onde o entrevistara um ano antes.

Rosenzweig era fascinante, sem dúvida alguma, mas foi sua descoberta ou invenção - ninguém sabia bem em que categoria enquadrá-lo - que o tornou na realidade o "Fazedor da Notícia do Ano".

O humilde personagem intitulava-se botânico, mas ele era de fato um engenheiro químico, formulador de um fertilizante sintético que transformou as areias do deserto de Israel para produzirem como se fossem uma estufa.

- A irrigação funcionou por várias décadas - disse o homem. - Mas ela só umedecia a areia.

Minha fórmula, acrescentada à *água,* fertiliza a areia.

Buck não era um cientista, mas sabia o suficiente para abanar a cabeça diante daquela simples afirmação. A fórmula de Rosenzweig estava fazendo de Israel rapidamente a nação mais rica do mundo, muito mais lucrativa do que o oneroso petróleo de seus vizinhos. Cada centímetro de terra florescia, dando grãos e flores, incluindo produtos jamais concebidos antes em Israel. A Terra Santa tornou-se uma exportadora em potencial, a inveja do mundo, com desemprego praticamente zero. Todos os seus cidadãos prosperaram.

A prosperidade viabilizada pela fórmula miraculosa mudou o curso da história para Israel. Suprido de capital e recursos técnicos, Israel estabeleceu a paz com seus vizinhos. O livre comércio e o trânsito liberado a todos os países permitiram que todos os que amavam a nação tivessem acesso a ela. Só não houve acesso, porém, à fórmula.

Buck não havia sequer pedido a Rosenzweig que revelasse a fórmula ou o complicado processo de segurança que a protegia de qualquer inimigo potencial. O próprio fato de Buck ter sido hospedado pelos militares evidenciava a importância da segurança. A manutenção desse segredo assegurou o poder e independência do Estado de Israel. Nunca esse país desfrutara tamanha tranqüilidade. A cidade murada, Jerusalém, era agora apenas um símbolo, acolhendo todos aqueles que abraçam a causa da paz. A velha guarda acreditava que Deus havia recompensado a nação após séculos de perseguição.

Chaim Rosenzweig foi homenageado em todo o mundo e reverenciado em seu próprio país. Os líderes mundiais o procuravam, e ele era protegido por sistemas de segurança tão complexos como aqueles que protegiam os chefes de Estado. Por mais forte que Israel se tornasse com a glória recém-alcançada, os líderes da nação não eram tolos. Um Rosenzweig raptado e torturado poderia ser forçado a revelar um segredo que revolucionaria de modo semelhante qualquer país do mundo.

Imagine o que a fórmula poderia fazer se fosse alterada para funcionar nas vastas planícies árticas da Rússia! Poderiam tais regiões florescer, embora fossem cobertas de neve na maior parte do ano? Era esta a chave para ressuscitar aquela enorme nação após o malogro da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas?

A Rússia havia se tornado uma gigantesca nação deprimida, com uma economia devastada e uma tecnologia ultrapassada. Tudo o que a nação ainda possuía era o poder militar, e cada marco poupado destinava-se ao armamento. E a troca dos rublos para marcos não havia sido uma transição pacífica para a belicosa nação. A modernização do mundo financeiro limitada a três principais moedas levou anos para se concretizar, mas, uma vez feita à mudança, a maioria ficou feliz com isso. Toda a Europa e a Rússia negociavam exclusivamente em marcos. A Ásia, a África e o Oriente Médio negociavam em ienes. A América do Norte, a América do Sul e a Austrália transacionavam em dólares. Um movimento visava a unificar mundialmente a moeda, mas as nações que um dia tinham aceitado com relutância a mudança consideraram inviável fazê-lo de novo.

Frustrados por sua incapacidade de tirar proveito da fortuna de Israel e determinados a dominar e ocupar a Terra Santa, os russos tinham lançado um ataque contra Israel no meio da noite. O assalto ficou conhecido como o Pearl Harbor russo, e, por causa de sua entrevista com Rosenzweig, Buck Williams estava em Haifa quando isso aconteceu. Os russos enviaram mísseis intercontinentais e bombardeiros MIG equipados com bombas nucleares à região. O número de aeronaves e ogivas tomou claro que sua missão era o aniquilamento.

Dizer que Israel tinha sido apanhado de surpresa, conforme Cameron Williams havia escrito, foi como dizer que a grande muralha da China era comprida. Quando os radares de Israel localizaram os aviões russos, eles já estavam quase sobre o país. O apelo dramático de Israel por ajuda de seus vizinhos imediatos e dos Estados Unidos foi simultâneo com sua interpelação para saber as intenções dos invasores em seu espaço aéreo. Enquanto Israel e seus aliados tentassem montar qualquer coisa parecida com uma defesa, estava claro que os russos levariam uma vantagem de cem para um.

Eles dispunham apenas de alguns momentos antes que a destruição começasse. Não dava mais para negociar qualquer coisa, nem apelos para uma divisão de riqueza com as hordas do Norte. Se os russos quisessem apenas intimidar e assustar, não teriam enchido o céu de mísseis. Os aviões poderiam retornar, mas os mísseis estavam armados e apontados para alvos.

Portanto, isso não era um espetáculo para a arquibancada, visando a levar Israel a humilhar-se.

Não houve nenhuma mensagem para as vítimas. Não recebendo explicação para as máquinas mortíferas cruzarem suas fronteiras e descerem sobre o país, Israel era forçado a defender-se sozinho, sabendo muito bem que o primeiro ataque de bombas resultaria no seu desaparecimento virtual da face da terra.

Com sirenes estridentes de alerta e as estações de rádio e televisão enviando às possíveis vítimas aviso para se refugiarem nos frágeis abrigos que pudessem encontrar, Israel defendeu-se contra o que seria seguramente seu último momento na História. A primeira bateria de mísseis terra-e-ar de Israel atingiu os alvos, e o céu iluminou-se com bolas de fogo laranja e amarelo, o que certamente faria pouco para aplacar a ofensiva russa, contra a qual não havia defesa.

Aqueles que conheciam as disparidades e o que as telas de radar prenunciavam interpretaram as explosões ensurdecedoras no céu como sendo o massacre perpetrado pela Rússia contra Israel. Cada líder militar sabia o que estava sendo esperado - uma devastação total quando a fuzilaria atingisse o solo e cobrisse a nação.

Daquilo que ouviu e viu na área militar, Buck Williams sabia que o fim estava perto. Não havia como escapar. Mas, enquanto a noite ficava clara como o dia e as terríveis e ensurdecedoras explosões continuavam, nada sobre a terra foi atingido. O edifício tremia e ressoava. No entanto, continuava incólume.

Lá fora, à distância, aviões de guerra espatifavam-se no solo, abrindo crateras e espalhando fragmentos de explosões. Entretanto, as linhas de comunicação permaneciam abertas.

Nenhum dos postos de comando foi atingido. Não havia relatos de baixas. Nada tinha ainda sido destruído.

Era aquilo uma espécie de brincadeira cruel? Seguramente, os primeiros mísseis de Israel alijaram os bombardeiros russos, e os mísseis explodiram numa altitude maior para evitar que o fogo causasse danos em áreas do país. Mas o que aconteceu com o restante da força aérea inimiga? O radar mostrou que a Rússia tinha com certeza enviado todos os seus aviões, deixando talvez muito poucos para a eventualidade de algum ataque contra ela. Milhares de bombardeiros desceram sobre as cidades mais populosas do pequeno país.

O ronco e os ruídos irritantes continuavam, as explosões eram tão aterradoras que os militares veteranos cobriam suas cabeças e davam berros de desespero. Buck sempre tivera o desejo de ficar perto das frentes de combate, mas seu instinto de sobrevivência estava a todo vapor. Ele sabia sem sombra de dúvida que morreria e começou a ter os pensamentos mais estranhos. Por que nunca se casou? Sobrariam restos de seu corpo para que seu pai e seu irmão o identificassem? Havia um Deus? A morte seria o fim?

Ele saiu do abrigo em que estava, surpreendido pelo ímpeto de chorar. Não esperava que a guerra fosse tudo isso. Imaginara-se espreitando as ações bélicas de um local seguro, registrando o drama na mente.

Após vários minutos no holocausto, Buck chegou à conclusão de que morreria quer estivesse fora ou dentro daquele posto. Não se tratava de desafio, mas de singularidade. Ele seria a única pessoa do posto que veria e saberia o que iria

matá-lo. Caminhou em direção à porta na ponta dos pés. Ninguém o notou ou se preocupou em advertilo. Era como se todos tivessem sido condenados à morte.

Buck forçou a porta contra um forno em combustão, tendo de proteger os olhos da intensa claridade das chamas. O céu incendiara-se. Ele ainda ouvia aviões no meio dos estrondos e do ruído do fogo, e a explosão ocasional de um míssil provocara uma nova chuva de chamas no ar. Ele ficava aterrorizado e pasmo quando as grandes máquinas de guerra mergulhavam no solo de toda a cidade, estatelando-se e incendiando-se. Mas caíam entre edifícios, em ruas desertas e nos campos. Uma coisa qualquer atômica e explosiva subia com ímpeto em direção à atmosfera, e Buck ficou ali no calor, seu rosto formando bolhas e o corpo molhado de suor. O que estava acontecendo no mundo?

Em seguida, pedaços de gelo e granizos do tamanho de uma bola de golfe forçaram Buck a cobrir a cabeça com sua jaqueta. A terra tremeu e ressoou, atirando-o ao chão. Com o rosto contra os fragmentos gelados, ele sentiu a chuva caindo aos borbotões. De repente, o único ruído era o fogo no céu, que se enfraquecia à medida que era arrastado para baixo pela nevasca. Passados dez minutos de ruídos trovejantes, o fogo se dissipou, e bolas de fogo espalhadas bruxuleavam sobre o solo. O fogo desapareceu tão depressa como veio. O silêncio pairou sobre a terra.

À medida que nuvens de fumaça flutuavam e se desfaziam sob uma brisa suave, o céu da noite reaparecia com sua escuridão azulada, e as estrelas cintilavam pacificamente, como se nada de errado tivesse acontecido.

Buck retornou ao posto carregando no braço sua jaqueta de couro enlameada. A maçaneta da porta ainda estava quente. Dentro, os líderes militares choravam e tremiam. O rádio noticiava os relatos dos pilotos israelenses. Eles diziam que não conseguiram chegar ao espaço aéreo em tempo para *fazer* qualquer coisa, a não ser ficar olhando toda a ofensiva aérea russa parecendo querer auto-aniquilar-se totalmente.

Milagrosamente, nenhuma morte foi noticiada em todo o Israel. Em outras condições, Buck poderia ter acreditado que algum misterioso desacerto tivesse levado míssil e avião a destruir-se mutuamente. Mas as testemunhas disseram que tinha sido uma tempestade de fogo, acompanhada de chuva, granizo e tremor de terra, que anulara o esforço ofensivo.

Teria sido uma chuva de meteoros determinada divinamente? Talvez. Mas o que dizer de centenas e milhares de fragmentos de aço queimados, retorcidos, derretidos, arremessados contra o solo em Haifa, Jerusalém, Tel-Aviv, Jericó, e até em Belém - demolindo os antigos muros, mas não chegando sequer a arranhar uma criatura viva? A luz do dia revelou o massacre e denunciou a aliança secreta da Rússia com as nações do Oriente Médio, principalmente a Etiópia e a Líbia.

No meio das ruínas, os israelenses encontraram material que poderia servir como combustível e preservar seus recursos naturais por mais de seis anos. Forças especiais competiam com falcões e abutres pela carne dos inimigos mortos, procurando enterrá-los antes que seus ossos fossem descarnados e a doença ameaçasse a nação.

Buck lembrava-se disso vividamente, como se tivesse ocorrido ontem. Se ele não estivesse lá e visto tudo aquilo, não acreditaria. Ele conseguiu mais do que precisava para levar o leitor do *Semanário Global* a comprar a revista. Editores e leitores tinham suas próprias explicações para o fenômeno, mas Buck admitiu que se tornou um crente em Deus naquele dia. Estudiosos judeus indicaram passagens da Bíblia que falavam acerca de atos de Deus destruindo os inimigos de Israel com tempestade de fogo, terremoto, granizo e chuva. Buck ficou estupefato quando leu Ezequiel 38 e 39 a respeito de um grande inimigo do norte que invadiria Israel com a ajuda da Pérsia, Líbia e Etiópia. Mais impressionante ainda era o fato de as Escrituras profetizarem sobre armas de guerra usadas como fogo e soldados inimigos devorados por pássaros ou enterrados numa vala comum.

Amigos cristãos queriam que Buck tomasse a decisão de crer em Cristo, agora que ele estava tão claramente em afinidade espiritual com Deus. Ele não estava preparado para ir mais adiante, porém era certamente uma pessoa diferente e também um jornalista diferente desde então. Para ele, nada havia além da crença.

Com dúvidas sobre se deveria dar seqüência com alguma coisa explícita, o capitão-aviador Rayford Steele sentiu um impulso irresistível de ver Hattie Durham em seguida. Ele se livrou dos apetrechos e apertou o ombro de seu co-piloto ao sair da cabina de comando.

- Estamos ainda no automático, Christopher - disse Rayford, enquanto o jovem piloto se aprestava e ajustava seus fones de ouvido. - Vou fazer o meu passeio da alvorada.

- Para mim, não parece alvorada, capitão - disse Christopher após ter piscado e umedecido os lábios.

- Provavelmente faltam uma ou duas horas. De qualquer maneira, vou ver se alguém está acordando.

- Tudo bem. Se alguém estiver acordado, apresente-lhe minhas saudações.

Rayford suspirou e acenou com a cabeça. Quando abriu a porta da cabina, Hattie Durham quase colidiu com ele.

- Não precisa bater - disse ele. - Estou saindo.

A chefe do serviço de bordo puxou-o para o compartimento da cozinha, mas não havia paixão em seu gesto. Seus dedos pareciam garras na fronte de Rayford, e seu corpo estremecia no escuro.

- Hattie...

Ela o empurrou para trás contra o compartimento da cozinha, seu rosto bem perto do dele. Se ela não estivesse visivelmente aterrorizada, ele poderia desfrutar este gesto e retribuir-lhe com um abraço. Os joelhos de Hattie se dobravam enquanto tentava falar, e sua voz tornou-se um grito agudo e choroso.

- As pessoas sumiram - ela tentava dizer-lhe num sussurro, encostando a cabeça no peito de Rayford.

Ele agarrou seus ombros e tentou empurrá-la, mas ela insistia em permanecer encostada nele.

- O que você diz...?

Ela agora soluçava, seu corpo estava fora de controle.

- Muitas pessoas simplesmente se foram!

- Hattie, este é um avião grande. Eles devem ter ido aos sanitários ou...

Hattie puxou a cabeça de Rayford para baixo a fim de poder falar-lhe diretamente ao ouvido. Apesar do choro, ela claramente se esforçava por fazer-se entender.

- Estive em todos os lugares. Estou lhe dizendo: dezenas de pessoas sumiram.

- Hattie, ainda está escuro. Vamos encontrar...

- Não estou louca! Veja você mesmo! Em todo o avião, pessoas desapareceram.

- É uma brincadeira. Eles estão se escondendo, tentando...

- Ray! Seus sapatos, meias, roupas, tudo foi deixado para trás. Essas pessoas foram embora!

Hattie soltou as mãos que mantinha sobre Rayford e ajoelhou-se choramingando a um canto. Rayford quis confortá-la, ajudá-la a examinar melhor, ou pedir que Chris o acompanhasse em todo o avião. Mais do que qualquer coisa, ele queria acreditar que Hattie estava com a mente perturbada. Ela devia saber disto melhor do que ele. Era evidente que ela de fato acreditava que haviam desaparecido pessoas do avião.

Rayford estivera sonhando de olhos abertos na cabina. Será que ainda estava meio dormindo agora? Ele apertou o lábio contra os dentes e fez uma careta de dor. Estava, portanto, acordado. Ele foi à primeira classe, onde uma senhora idosa

estava sentada com espanto no olhar em direção ao nevoeiro da ante aurora, tendo em suas mãos o suéter e as calças de seu marido.

- O que aconteceu? - perguntou ela. - Harold? Rayford examinou bem o ambiente da primeira classe. A maioria dos passageiros ainda estava meio dormindo, inclusive o jovem senhor junto à janela com seu *laptop* sobre a mesinha porta-bandeja. Mas realmente alguns assentos estavam vazios. Quando os olhos de Rayford se adaptaram à pouca luminosidade, ele caminhou rapidamente para a escada. E começou a descer quando ouviu a mulher chamá-lo.

- Senhor, meu marido...

Rayford pôs o dedo junto aos lábios em sinal de silêncio e sussurrou:

- Já sei. Vou encontrá-lo. Voltarei logo.

Que absurdo! Pensou ele enquanto descia, ciente de que Hattie estava bem atrás dele. *Vou encontrá-lo!...* Hattie apoiava-se em seu ombro, e ele desceu mais lentamente.

- Devo acender as luzes?

- Não - sussurrou ele. - Quanto menos as pessoas perceberem neste momento, melhor.

Rayford queria ser forte, ter respostas, ser um exemplo para sua tripulação, para Hattie. Mas, quando chegou ao compartimento de baixo, percebeu que o restante do vôo seria caótico. Ele ficou assustado como os demais a bordo. À medida que inspecionava os assentos, quase entrou em pânico. Voltou ao cubículo que dividia os dois andares e deu um forte tapa na face.

Aquilo não era brincadeira, nem mágica, nem sonho. Alguma coisa estava terrivelmente errada, e não havia meio de sair correndo. Haveria bastante confusão e terror sem que ele perdesse o controle. Nada o havia preparado para uma situação como aquela, e ele seria a pessoa para quem todos olhariam. Mas para quê? O que ele poderia fazer?

Primeiro um, depois outro gritava ao perceber que seu companheiro de assento tinha sumido e que suas roupas ainda estavam ali. Eles choravam, berravam, pulavam de seus assentos. Hattie agarrou-se a Rayford por trás, envolveu-o com os braços e cruzou as mãos com tanta força em seu peito que ele mal conseguia respirar.

- Rayford, o que é isto? Ele afastou as mãos dela.

- Ouça, Hattie. Tanto quanto você, não sei de coisa alguma. Mas temos de acalmar essas pessoas e ter os pés no chão.

Vou *fazer* alguma espécie de comunicação, e você e seu pessoal mantenham todos em seus assentos, entendido?

Ela assentiu com a cabeça, mas não via que as coisas estavam bem. Quando ele se esgueirou lateralmente por trás dela para subir depressa à cabina de comando, ouviu seu grito. *É demais para acalmar os passageiros,* pensou ele, enquanto se voltava rapidamente para vê-la de joelhos no corredor. Hattie pegou um paletó, uma camisa e uma gravata ainda intactas. As calças estavam aos pés dela. Apavorada, pôs o paletó próximo à fraca luz e leu o nome na etiqueta.

- Tony! - exclamou ela, desesperada. - Tony se foi! Rayford arrebatou as roupas das mãos de

Hattie e as jogou atrás da divisão entre os andares. Ele a ergueu pelos cotovelos e a levou fora da vista dos passageiros.

- Hattie, estamos a horas da aterrissagem. Não temos um plano para atender pessoas histéricas. Vou fazer um pronunciamento, mas você deve fazer o seu trabalho. Você pode?

Ela acenou afirmativamente, com um olhar vago, distante. Ele forçou-a a encará-lo.

- Você pode? - perguntou Rayford. Ela assentiu de novo.

- Rayford, vamos morrer?

- Não - disse ele. - Disto estou certo.

Mas ele não estava certo de coisa alguma. Como poderia saber? Ele preferiria enfrentar um incêndio num motor e até um mergulho incontrolável. Uma queda no oceano certamente seria melhor do que isso. Como poderia acalmar as pessoas no meio desse pesadelo?

A esta altura, manter as luzes da aeronave apagadas causava mais mal do que bem, e ele estava contente de poder dar a Hattie uma atribuição específica.

- Não sei o que vou dizer - afirmou -, mas acenda as luzes para que possamos fazer um levantamento cuidadoso dos que estão aqui e dos que sumiram. Em seguida, pegue mais daqueles formulários para declaração dos visitantes estrangeiros.

- Para quê?

- Apenas faça isso. Avise-os para se prepararem.

Rayford não sabia se tinha agido certo deixando Hattie a cargo dos passageiros e da tripulação. Enquanto subia em disparada os degraus, notou outra aeromoça voltando de um compartimento aos gritos e soluços. Por ora, o pobre Christopher na cabina era o único no avião alheio ao que se passava. Pior, Rayford disse a Hattie que, tanto quanto ela, não sabia nada a respeito daquela ocorrência.

A verdade aterradora era aquela que ele sabia muito bem. Irene estava certa. Ele e a maioria dos passageiros tinham sido deixados para trás.

DOIS

CAMERON Williams havia se levantado quando a senhora idosa sentada à frente dele chamava pelo piloto. Este já a tinha acalmado, o que a levou a olhar furtivamente para Buck. Ele passou os dedos entre os longos cabelos louros dela e forçou um sorriso tímido.

- Algum problema, madame?

- Com meu Harold - disse ela.

Buck tinha ajudado a senhora a guardar a jaqueta de lã com desenho em ziguezague e o chapéu de feltro no porta-bagagem acima do assento quando embarcaram. Harold era um senhor de baixa estatura, garboso, calça marrom, e um suéter bege abotoado sobre a camisa e gravata. Era calvo, e Buck supôs que ele pedisse o chapéu de volta por causa do ar condicionado.

- Ele está precisando de alguma coisa?

- Ele desapareceu!

- O que a senhora disse?

- Ele sumiu!

- Bem, suponho que ele tenha dado uma escapada até o sanitário, enquanto a senhora estava dormindo.

- O senhor se importaria em verificar para mim? E leve um cobertor.

- Como assim, madame?

- Receio de que ele tenha saído por aí nu. Meu marido é uma pessoa muito religiosa e estaria terrivelmente envergonhado.

Buck conteve um sorriso quando notou a expressão aflita da senhora. Para alcançar o corredor, ele teve de passar por cima de um executivo em sono profundo, que devia ter ultrapassado de longe o limite dos drinques grátis, e inclinou-se para pegar o cobertor das mãos da senhora idosa. De fato, as roupas de Harold estavam empilhadas cuidadosamente em seu assento, seus óculos e o aparelho de surdez por cima. As pernas da calça estavam penduradas na beirada do assento e tocavam seus sapatos e meias. *Estranho,* pensou Buck. *Como alguém pode ser tão distraído?* Ele se lembrou de um amigo no curso secundário que tinha uma espécie de epilepsia que de vez em quando o fazia perder a consciência quando parecia perfeitamente consciente. Ele podia tirar os sapatos e meias em público ou sair de um banheiro com as roupas abertas.

- Seu marido sofre de epilepsia? -Não.

- É sonâmbulo? -Não.

- Volto em seguida.

Os sanitários da primeira classe estavam desocupados, mas, quando Buck chegou à escada, encontrou vários outros passageiros no corredor.

- Perdão - disse ele -, estou procurando uma pessoa.

- Quem não está? - afirmou uma mulher.

Buck forçou a passagem por várias pessoas e viu as filas para os sanitários, tanto da classe turística quanto da executiva. O piloto passou raspando por ele sem dizer uma palavra, e Buck foi interpelado pela chefe do serviço de bordo.

- Senhor, devo pedir-lhe que retorne ao seu lugar e aperte o cinto.

- Estou procurando...

- Todo mundo está procurando por alguém - disse ela. -Esperamos ter alguma informação para o senhor em poucos minutos. Agora, por favor, com licença. Ela o conduziu de volta à escada. Em seguida, esgueirou-se, passando à sua frente, e subiu a escada de dois em dois degraus.

A meio caminho da escada, Buck voltou-se e examinou a cena. A noite estava na metade e, quando as luzes se acenderam nos compartimentos dos passageiros, ele estremeceu. Em todo o avião, as pessoas seguravam roupas e gritavam que estava faltando alguém.

De certo modo, ele sabia que não se tratava de um sonho, e sentiu o mesmo terror que havia experimentado quando achou que iria morrer em Israel. O que diria ele à esposa de Harold? A *senhora não é a única? Muitas pessoas deixaram suas roupas em seus assentos?*

Enquanto se dirigia apressado ao seu lugar, sua mente vasculhava alguma lembrança de qualquer coisa que ele tinha lido, visto ou ouvido a respeito de uma tecnologia com poderes de tirar as roupas das pessoas e fazê-las desaparecer de um ambiente totalmente seguro. Quem quer que tenha feito isso, estaria no avião? Pretendia *fazer* alguma exigência? Haveria outra onda de desaparecimentos em seguida? Seria ele uma próxima vítima? Para onde, então, iria?

O medo parecia impregnar o ambiente, enquanto ele subia para voltar a seu lugar passando de novo por cima do seu companheiro de poltrona, que dormia à solta. Buck se pôs em pé e curvou-se sobre o encosto do banco da frente.

- Aparentemente, muitas pessoas estão faltando - disse ele à idosa senhora, enquanto ela o olhava tão confusa e assustada quanto ele mesmo.

Ele sentou-se quando a comunicação interna começou e o comandante falou aos passageiros. Após dar instruções para voltarem aos seus respectivos lugares, ele explicou:

- Estou solicitando ao pessoal do serviço de bordo que verifique os sanitários e se certifiquem de que todos estão acomodados em suas poltronas. Em seguida, pedirei que sejam entregues aos passageiros estrangeiros os formulários de autorização de entrada no país. Se alguma pessoa de seu grupo estiver ausente, apreciaria que preenchessem o formulário no nome dela e relacionassem quaisquer detalhes de que pudessem lembrar, inclusive sua data de nascimento e descrição física. E prosseguiu:

- Estou certo de que todos constataram que estamos numa situação difícil. Os formulários nos indicarão o número de pessoas que estão faltando, e terei alguma coisa a entregar às autoridades. Meu co-piloto, Sr. Smith, fará agora uma contagem dos lugares vazios. Tentarei contatar a Pan-Continental. Devo dizer-lhes, entretanto, que nossa localização no momento torna extremamente difícil a comunicação com a terra sem longas esperas. Mesmo nesta era dos satélites, estamos sobrevoando uma área consideravelmente remota. Assim que tiver alguma informação, transmitirei aos senhores e senhoras. Enquanto isso, gostaria de contar com sua cooperação e calma.

Buck observava enquanto o co-piloto saía apressado da cabina de comando, sem o quepe e agitado. Ele descia rapidamente por um corredor e subia pelo outro, o olhar correndo de poltrona em poltrona, enquanto as aeromoças passavam os formulários.

O companheiro de poltrona de Buck levantou-se, a saliva a escorrer sobre o queixo, quando a aeromoça perguntou se alguém de seu grupo estava faltando.

- Faltando? Não. Não há ninguém neste grupo senão eu mesmo. Ele se prostrou novamente e continuou dormindo, alheio aos fatos.

O co-piloto retornou à cabina poucos minutos depois, quando Rayford ouviu o barulho da chave na porta. Christopher abriu-a nervosamente, atirou-se em sua poltrona sem atar o cinto de segurança e pôs a cabeça entre as mãos. - O que será que está acontecendo, Ray? - perguntou. -

Mais de cem pessoas desapareceram, e suas roupas foram deixadas intactas.

- Tanto assim?

- Sim, que diferença faria se fossem somente 50? Que droga de explicação vamos dar quando aterrissarmos com menos passageiros do que recebemos?

Rayford balançou a cabeça, tentando ainda contato pelo rádio, procurando encontrar alguém, qualquer um, em Greenland ou em outra ilha qualquer no meio do trajeto. Mas estavam muito longe para captar uma estação de rádio a fim de obter notícias. Finalmente, conseguiu contatar um Concorde, da Air France, distante vários quilômetros que voava em outra direção. Rayford acenou a Christopher para que colocasse seus fones de ouvido.

- Você tem combustível suficiente para voltar aos Estados Unidos? - perguntou o piloto do Concorde a Rayford.

Ele olhou para Christopher, que acenou positivamente com a cabeça, e sussurrou:

- Temos meio tanque.

- O suficiente para chegar ao aeroporto Kennedy - disse Rayford.

- Esqueça - veio a resposta. - Ninguém está pousando em Nova York. Há duas pistas ainda abertas em Chicago. É para lá que estamos indo.

- Saímos de Chicago. Não podemos descer em Heathrow?

- Negativo. Fechado.

- Paris?

- Homem, seria melhor você voltar para o lugar de onde veio. Deixamos Paris uma hora atrás. Fomos informados do que aconteceu, e disseram-nos para seguir direto para Chicago.

- O que está acontecendo, Concorde?

- Se não sabe, por que você está assustado com o "primeiro de maio" [notícia de desgraça, na linguagem aeronáutica por rádio]?

- Temos aqui uma situação que não posso comentar.

- Hei, amigo, a notícia já correu o mundo inteiro, você não sabe?

- Positivo, não sei - disse Rayford. O **que houve?**

- Estão faltando passageiros, certo?

- Positivo. Mais de cem.

- Opa! Perdemos perto de 50.

- A que conclusão você chegou, Concorde?

- A primeira coisa que pensei é que tivesse havido uma combustão espontânea, mas, se isso houvesse ocorrido, deixaria fumaça ou resíduo. Essas pessoas desapareceram materialmente. Nunca vi nada igual, a não ser na velha série Jornada nas Estrelas, onde as pessoas se desmaterializavam e rematerializavam.

- Bem que gostaria de dizer a meus passageiros que seus entes queridos vão reaparecer tão depressa e completamente como desapareceram - disse Rayford.

- Isto não é o pior de tudo, Pan-Continental. As pessoas desapareceram em todos os lugares. O aeroporto de Orly perdeu os controladores

de tráfego aéreo e os controladores de terra. Alguns aviões perderam as tripulações de bordo. Onde o dia já clareou, há carros empilhados, numa grande colisão geral, caos por toda parte. Aviões caíram em muitos lugares e nos principais aeroportos.

- Então isto foi uma fatalidade?

- Em toda parte, ao mesmo tempo, um pouco menos de uma hora atrás.

- Cheguei até a pensar que fosse alguma coisa só neste avião. Algum gás, alguma falha técnica do aparelho.

- Que teria sido um fato seletivo, você quer dizer? Rayford percebeu o sarcasmo.

- Entendo o que você quer dizer, Concorde. Tenho de admitir que esta é uma situação que nunca enfrentamos.

- E jamais desejaremos passar por isso novamente. Continuo dizendo a mim mesmo que foi um sonho mal.

- Um pesadelo.

- Positivo, mas não foi, não é mesmo?

- O que você dirá aos seus passageiros, Concorde?

- Não tenho idéia. E você?

- A verdade.

- Não posso magoá-los agora. Mas qual é a verdade? O que sabemos?

- Não tenho a menor idéia.

- Sábias palavras, Pan-Continental. Você sabe o que algumas pessoas estão dizendo?

- Positivo - disse Rayford. - É melhor que as pessoas tenham ido para o céu do que receberam raios destruidores de algum poder aqui da terra.

- O que se diz é que todos os países foram afetados. Espero encontrá-lo em Chicago. Até breve.

- Positivo. Rayford Steele olhou para Christopher, que começou a mudar os controles para virar o enorme aparelho e retornar aos Estados Unidos.

- Senhoras e senhores - disse Rayford pelo intercomunicador -, não temos condições de descer na Europa. Retornaremos a Chicago. Estamos quase na metade do percurso programado; portanto, não teremos problema com o combustível. Espero que isto possa acalmá-los de alguma maneira. Informarei a todos quando estivermos suficientemente perto para começar a usar os telefones. Antes disso, por favor, não tentem *fazer* nenhuma ligação.

Quando o capitão terminou de transmitir a informação sobre o retorno aos Estados Unidos, Buck Williams ficou surpreso ao ouvir aplausos dos passageiros. Todos estavam chocados e aterrorizados. Muitos eram dos Estados Unidos e queriam ao menos voltar para a família e amigos a fim de procurar entender o que havia acontecido. Buck cutucou o executivo à sua direita.

- Sinto muito, amigo, mas você precisa acordar para ouvir isto. O homem olhou para Buck com ar enfastiado e balbuciou:

- Se não vamos cair, não me aborreça.

Quando o Pan-Continental 747 entrou na faixa de comunicações via satélite com os Estados

Unidos, o capitão Rayford Steele sintonizou uma rádio especializada em notícias e ficou sabendo que houve desaparecimento de pessoas em todos os continentes. As linhas de comunicação estavam congestionadas. Entre os desaparecidos, havia pessoas das áreas médica, técnica e de serviços, de todo o mundo. Todas as agências de defesa civil estavam trabalhando em ritmo de emergência, tentando administrar as incontáveis tragédias. Rayford lembrou-se do desastre de trem em Chicago anos antes e de como as unidades de hospitais, bombeiros e polícia puseram todo o seu pessoal a trabalhar. Ele podia imaginar o que estava acontecendo agora multiplicado milhares de vezes. Até mesmo as vozes dos noticiaristas eram cheias de terror, por mais que quisessem ocultá-lo. Todos tentavam apresentar uma explicação *razoável,* porém, dentro do aspecto prático, seria melhor evitar discussões e comentários sobre as perdas. O que as pessoas queriam das notícias eram informações simples sobre como chegar ao seu destino e entrar em contato com seus entes queridos para saber se algo aconteceu a eles. Rayford foi instruído a entrar num sistema de tráfego aéreo multiestatal que lhe permitisse aterrissar em O'Hare num momento preciso. Apenas duas pistas estavam liberadas, e cada aeronave grande do país parecia dirigir-se para lá. Milhares morreram em quedas de avião e colisões de carro. Equipes de emergência estavam procurando desimpedir as vias expressas e as pistas dos aeroportos, ao mesmo tempo em que se afligiam com a perda de pessoas queridas e companheiros de trabalho que desapareceram. Uma nota informou que muitos motoristas de táxi sumiram do estacionamento de carros no aeroporto

O'Hare e que voluntários estavam sendo chamados para movimentar os carros em que foram encontradas apenas as roupas dos motoristas sobre os bancos. Carros dirigidos por pessoas que desapareceram acabaram ficando sem controle e, evidentemente, colidiram. As incumbências mais pesadas para o pessoal de emergência eram determinar quem havia desaparecido, estava morto ou ferido e, em seguida, comunicar o caso aos sobreviventes. Quando Rayford estava suficientemente próximo para se comunicar com a torre do O'Hare, ele perguntou se poderia tentar um contato por telefone com sua família, ao que foi desestimulado a fazê-lo.

- Lamento, capitão, mas as linhas telefônicas estão totalmente congestionadas, e o pessoal da telefônica tão desarticulado que a única esperança é conseguir um sinal de linha e usar o telefone pressionando a tecla de repetição de discagem.

Rayford manteve os passageiros informados sobre a extensão do fenômeno e apelou a todos que se mantivessem calmos.

- Não há nada que possamos *fazer* neste avião para mudar a situação. Meu plano é deixá-los em Chicago tão rapidamente quanto possível, e espero que possam ter acesso a algumas respostas e alguma ajuda.

O telefone ao alcance das mãos, encaixado atrás do banco da frente de Buck Williams, não era programado para *fazer* conexões modulares externas da mesma forma que os telefones domésticos. Desse modo, ninguém podia simplesmente levantar o fone, tirando-o de sua linha de conexão e sair andando com ele. Mas Buck percebeu que dentro do aparelho a conexão era

padronizada e que, se pudesse de algum modo fazer a ligação sem danificar o aparelho, poderia conectar o *modem* de seu *laptop* diretamente à linha. Seu telefone celular não estava funcionando naquela altitude.

Na frente dele, a esposa de Harold chorava, cobrindo o rosto com as mãos. O executivo ao seu lado roncava. Depois de beber até ficar anestesiado logo depois da decolagem, ele tinha dito alguma coisa sobre um importante encontro na Escócia. Ficaria surpreso diante do que veria quando aterrissasse!

Em volta de Buck, pessoas choravam, oravam e conversavam. As comissárias ofereciam lanches e bebidas, mas poucos aceitavam. Tendo de início preferido uma poltrona junto ao corredor para ter mais espaço para as pernas, Buck estava agora satisfeito por ficar parcialmente escondido próximo à janela. Ele tirou do estojo do seu *laptop* um pequeno conjunto de ferramentas que nunca esperou que usaria e passou a trabalhar no telefone.

Desapontado por não encontrar nenhuma conexão modular mesmo dentro da caixa, ele resolveu brincar de eletricista amador. Essas linhas de telefone sempre têm os fios da mesma cor, concluiu ele, e assim abriu seu *laptop e* cortou o fio que leva ao conector-fêmeo. Dentro do telefone, ele cortou o fio e descascou o revestimento plástico protetor. Certamente, os quatro fios internos, tanto do computador como do telefone, pareciam idênticos. Em poucos minutos, ele os havia emendado.

Buck digitou uma rápida mensagem para seu editor-executivo, Steve Plank, em Nova York,

informando seu destino. "Vou escrever tudo o que sei e estou certo de que esta será mais uma entre muitas outras histórias semelhantes. Mas pelo menos esta será fresquinha, feita na hora, pois está acontecendo. Se ela terá alguma utilidade, não sei. Ocorre-me a idéia, Steve, de que você pode estar entre os desaparecidos. Como poderia saber? Você conhece meu endereço eletrônico. Avise-me, se você ainda está entre nós."

Ele salvou a mensagem e preparou seu *modem* para enviá-la a Nova York, enquanto trabalhava em seu próprio artigo. No topo da tela, uma barra de posição acendia a cada vinte segundos, informando que a conexão para o contato expresso estava ocupada. Buck continuou trabalhando.

A chefe do serviço de bordo surpreendeu-o mergulhado em suas reflexões e emoções.

- O que o senhor está fazendo? - perguntou ela, inclinando-se para ver melhor a confusão de fios ligados do *laptop* ao telefone embutido. - Não posso permitir que o senhor faça isso. Ele lançou um olhar no crachá onde constava o nome dela.

- Ouça, bela Hattie, estamos ou não presenciando o fim do mundo como aprendemos?

- Não conte com minha condescendência, senhor. Não posso deixar que o senhor se sente aqui e destrua nossa propriedade.

- Não estou destruindo. Estou fazendo uma adaptação de emergência. Com isto, posso, tendo sorte, fazer uma conexão que ninguém mais conseguirá.

- Não posso permitir que o senhor faça isso.

- Hattie, posso dizer-lhe alguma coisa?

- Só se o senhor disser que irá colocar esse telefone onde ele se encontrava.

- Farei isso.

- Agora.

- Agora não.

- Isso é tudo o que gostaria de ouvir.

- Compreendo, mas, por favor, ouça-me.

O homem perto de Buck fitou-o e depois olhou para Hattie. Ele praguejou e, em seguida, usou um travesseiro para tapar a orelha direita, pressionando a esquerda contra o encosto da poltrona.

Hattie tirou do bolso um impresso de computador e localizou o nome de Buck.

- Sr. Williams, espero que o senhor coopere. Não quero incomodar o piloto com isso. Buck procurou alcançar a mão dela. Ela manteve a postura, mas não retraiu a mão.

- Podemos conversar apenas um minutinho?

- Não vou mudar minha opinião, senhor. Agora, por favor, tenho um avião cheio de pessoas amedrontadas para cuidar.

- Você não é uma delas?- ele perguntou, enquanto ainda segurava sua mão. Ela apertou os lábios e consentiu.

- Você não gostaria de manter contato com alguém? Se isto funcionar, serei *capaz* de contatar pessoas que podem fazer ligações por você, informar à sua família que você está bem, até deixar uma mensagem de retorno. Não destruí coisa alguma e prometo colocar tudo no seu devido lugar.

- O senhor pode?

- Posso.

- E o senhor me ajudaria?

- Em qualquer coisa. Dê-me os nomes e números de telefone. Vou incluí-los na mensagem que estou tentando enviar a Nova York e insistir que alguém ligue para sua família e me dê o retorno. Não posso garantir que serei bem-sucedido ou, se conseguir, me darão qualquer retorno, mas vou tentar.

- Ficarei grata.

- E você pode me proteger de outras aeromoças excessivamente zelosas? Hattie ensaiou um sorriso.

- Todas elas podem querer sua ajuda.

- É uma tentativa. Apenas mantenha todo mundo longe de mim e deixe-me continuar tentando.

- Combinado - disse ela, mas parecia ainda preocupada.

- Hattie, você está fazendo a coisa certa - disse ele. - É bom numa situação como esta pensar um pouco em você mesma.

É o que estou fazendo.

- Mas todos estamos no mesmo barco, senhor. E eu tenho responsabilidades.

- Você tem de admitir que, quando pessoas desaparecem, algumas regras saem pela janela.

Rayford Steele estava sentado na cabina de comando, a face pálida. Faltava uma hora e meia para o pouso em Chicago, e ele tinha dito tudo o que sabia aos passageiros. O desaparecimento simultâneo de milhões em todo o planeta tinha

resultado num caos muito além da imaginação. Ele cumprimentou todos os que ficaram calmos e evitaram histerismos, embora tenha recebido relatos sobre médicos a bordo que estavam distribuindo comprimidos de sedativos como se fossem bombons.

Rayford tinha sido sincero, a única coisa que ele sabia ser. Considerou que tinha dado mais explicações do que daria se tivesse perdido um motor, os freios hidráulicos ou mesmo o trem de aterrissagem. Tinha sido franco com os passageiros ao dizer que aqueles que estivessem viajando sem a família poderiam descobrir, ao voltar para casa, que parte dela poderia ter sido vítima das muitas tragédias que ocorreram.

Rayford pensou, mas não disse, quão grato se sentia por estar no espaço aéreo quando o fenômeno ocorreu. Que confusão devia esperá-los em terra! Aqui, num sentido literal, eles estavam acima de tudo. De alguma forma, foram afetados. Pessoas estavam faltando em toda parte. Mas, com exceção da redução da equipe de serviço causada pelo desaparecimento de três componentes da tripulação, os passageiros não sofreram da forma como poderiam, caso estivessem no trânsito ou se ele e Christopher estivessem entre os que tinham desaparecido.

Ao atingir a distância padrão do aeroporto O'Hare, todo o impacto da tragédia começou a surgir diante de seus olhos. Vôos de todas as partes do país estavam sendo desviados para Chicago. Os pousos dos aviões estavam sendo reorganizados com base nos suprimentos de combustível. Rayford precisava estar em posição prioritária após ter voado sobre o litoral leste e depois sobre o Atlântico

antes de retornar. Não era a prática de Rayford comunicar-se com o controle de terra, a não ser depois do pouso, mas agora a torre de controle do tráfego aéreo estava recomendando isto. Ele foi informado de que a visibilidade era excelente, a despeito de intermitentes fumaças de desastres em terra, mas esse pouso seria arriscado e precário porque as duas pistas abertas estavam abarrotadas de jatos. Eles se alinhavam em ambas as laterais das pistas e em toda a sua extensão. Todos os portões estavam cheios, e ninguém conseguia sair do lugar. Todas as modalidades de transporte estavam em uso, e os passageiros eram levados de ônibus dos extremos das pistas até o terminal.

Mas foi dito a Rayford que seus passageiros - pelo menos a maioria deles - teriam de *fazer* o percurso a pé. Todos os funcionários remanescentes foram convocados para trabalhar, mas estavam ocupados orientando os aviões para seguirem para áreas de segurança. Os poucos ônibus e peruas foram reservados para os deficientes físicos, idosos e as tripulações. Rayford deu instrução para que toda a tripulação fosse a pé.

Os passageiros disseram que não conseguiram usar os telefones de bordo. Hattie Durham contou a Rayford que um passageiro na primeira classe, não se sabe como, conseguiu ligar o telefone ao seu computador. Enquanto ele preparava mensagens, seu computador discava e rediscava automaticamente para Nova York. Se houve um sinal de linha, foi ele que o aproveitou para fazer suas ligações.

Quando o avião começou sua descida em Chicago, Buck conseguiu encontrar uma linha livre, que possibilitou-lhe baixar as mensagens que

estavam prontas para ser enviadas. Isso aconteceu exatamente quando Hattie anunciou que todos os aparelhos eletrônicos deveriam ser desligados.

Com uma sagacidade que nem ele sabia que possuía, Buck num repente digitou as teclas, o que lhe permitiu recuperar e salvar todas as suas mensagens, livrando-se, assim, do corte da comunicação. No exato momento em que sua ligação poderia interferir nas comunicações do vôo com o aeroporto, a linha foi interrompida, e agora ele teria de esperar para abrir os arquivos contendo notícias de amigos, companheiros de trabalho, parentes e qualquer outra pessoa.

Antes de seus últimos minutos de preparação para o pouso, Hattie apressou-se a ir até Buck.

- Alguma coisa?

Ele balançou a cabeça negativamente, desculpando-se.

- Obrigada por tentar - disse ela. E começou a chorar, Ele segurou-lhe o pulso.

- Hattie, todos nós vamos para casa hoje e chorar. Mas tenha calma e perseverança. Ajude os passageiros a descer, e poderá ao menos sentir-se bem fazendo isso.

- Sr. Williams - soluçou ela -, saiba que perdemos várias pessoas idosas, mas não todas. Perdemos várias pessoas de meia-idade, mas não todas. E perdemos várias pessoas de

sua idade e da minha, mas não todas. Perdemos até alguns adolescentes. Ele a fitava com os olhos arregalados. O que ela queria dizer?;

- Senhor, perdemos todas as crianças e bebês neste avião.

- Quantos havia?

- Mais de doze. Todos eles! Não sobrou nenhum.

O homem ao lado de Buck despertou e desviou o olhar do sol forte que entrava pela janela.

- Do que vocês estão falando? - perguntou ele.

- Estamos prestes a descer em Chicago - disse Hattie. -Tenho de me apressar.

- Chicago?

- O senhor não queira saber - disse Buck.

O homem quase sentou no colo de Buck para olhar pela janela, envolvendo-o com seu hálito de embriagado.

- O quê? Estamos em guerra? Rebeliões? O quê?

Tendo atravessado uma massa espessa de nuvens, o avião possibilitou aos passageiros a visão da área de Chicago. Fumaça. Fogo. Carros fora da estrada e colididos uns contra os outros e contra os trilhos de segurança ao longo da estrada. Aviões despedaçados sobre o solo. Veículos de emergência, com luzes piscando, procurando caminho entre os destroços.

Quando apareceu o aeroporto O'Hare, ficou claro que ninguém conseguiria ir a lugar algum. Havia aviões em quantidade até aonde a vista alcançava, alguns destruídos e em chamas, outros parados em fila. Pessoas caminhavam penosamente pela grama e entre veículos em direção ao terminal. As vias expressas que levavam ao aeroporto se assemelhariam às que se viam durante as grandes nevascas de Chicago, só que desta vez sem neve.

Guindastes e máquinas trituradoras de sucata tentavam abrir caminho para a entrada e saída de carros, mas isso levaria horas, senão dias. Uma fila de pessoas procurava seu caminho vagarosamente para sair dos prédios do terminal, entre carros imobilizados, em direção às rampas. Pessoas andando, andando, andando à procura de um táxi ou microônibus. Buck estava planejando como enfrentar a situação. De algum modo, ele teria de se movimentar e cair fora daquela área congestionada. Seu problema era chegar a um lugar pior: Nova York.

- Senhoras e senhores - anunciou Rayford -, quero agradecer-lhes novamente sua cooperação hoje. Fomos autorizados a descer na única pista que permite o pouso de um aparelho deste porte e, em seguida, taxiar numa área aberta que fica a cerca de três quilômetros do terminal. Acredito que vamos ter de pedir que usem nossas rampas deslizadoras de emergência, porque não temos possibilidade de engatar a porta de saída ao portão. Os que não tiverem condições de caminhar até o terminal, por favor, fiquem aguardando que mandaremos alguém buscá-los.

Não houve agradecimentos por terem escolhido voar pela Pan-Continental, nem o clichê: "Esperamos contar com sua preferência na próxima vez que precisarem de um serviço aéreo." Ele recomendou que todos ficassem sentados com os cintos atados até que se apagasse o sinal, porque intimamente sabia que aquele seria o pouso mais difícil em vários anos. Estava consciente de que poderia fazê-lo, mas havia muito tempo que não aterrissava no meio de outras aeronaves.

Rayford invejava aqueles que, na primeira classe, tinham acesso às faixas para comunicação por *modem.* Ele estava desesperado para falar com Irene, Chloe e Ray Jr. Por outro lado, temia não poder falar com eles novamente.

TRÊS

HATTIE Durham e os remanescentes da tripulação incentivaram os passageiros a ler atentamente os folhetos de instruções de segurança que se encontravam nas bolsas das poltronas. A maioria dos passageiros temia ser incapaz de pular e deslizar nas rampas, principalmente se tivessem de carregar suas bagagens de mão. Foram instruídos a tirar os sapatos, pular e deslizar sentados na rampa. Em seguida, os comissários atirariam seus sapatos e as bagagens de mão. Ninguém deveria esperar no terminal para retirar as malas. Foi prometido que elas seriam entregues na residência de cada passageiro. Não se podia garantir quando.

Buck Williams deu a Hattie seu cartão e anotou o número do telefone dela, "caso eu consiga contatar seus familiares antes de você".

- O senhor trabalha no *Semanário Global?* - perguntou ela. - Eu não poderia imaginar.

- E você estava querendo impedir que eu mexesse no telefone. Ela pareceu ensaiar um sorriso.

- Sinto muito - disse Buck -, não foi fácil. Você estava desempenhando a sua função.

Tendo sido sempre um viajante prático, Buck nunca despachara bagagens. Jamais *fizera* isso, mesmo nos vôos internacionais. Quando abriu o compartimento de bagagem para retirar sua maleta de couro, encontrou em cima dela o chapéu é a jaqueta do senhor idoso. A esposa de Harold estava olhando fixamente para Buck, olhos inchados, queixo apoiado na mão.

- Madame - disse ele suavemente -, a senhora deseja estas roupas?

A triste senhora recebeu com gratidão o chapéu e a jaqueta e apertou-os contra o peito como se nunca mais fosse soltá-los. Ela disse alguma coisa que Buck não pôde ouvir. Ele pediu que ela repetisse.

- Não tenho condições de saltar deste avião - disse ela.

- Fique aqui - respondeu ele. - Alguém virá ajudá-la.

- Mas terei de pular e deslizar naquela coisa?

- Não, madame. Estou certo de que eles providenciarão outro meio para a senhora descer.

Buck guardou seu *laptop* e o estojo no meio de suas roupas. Fechou a maleta com o zíper e se apressou para ficar à frente da fila, ansioso por mostrar aos outros como era fácil. Primeiro, atirou seus sapatos, vendo-os saltar e escorregar até a pista. Em seguida, apertou sua maleta contra o peito, deu um rápido passo e saltou com as pernas à frente.

Um tanto entusiasmado, ele escorregou de costas apoiando-se nos ombros, e não nas nádegas. Com isto, suas pernas levantaram-se, fazendo com

que as pontas dos pés tocassem sua cabeça. Ele ganhou velocidade e bateu com as nádegas na rampa por causa do peso deslocado para frente. Em razão da força centrípeta, seus pés bateram com força no chão e seu torso levantou-se, provocando uma cambalhota que evitou que ele batesse com o rosto no concreto. No último lance, ainda agarrado à maleta e querendo salvar a vida, ele enfiou a cabeça entre as pernas e esfolou a parte posterior do crânio em lugar do *nariz.* Apressou-se a dizer "Não foi nada", mas, ao passar a mão pela cabeça, ela estava coberta de sangue. Não era um ferimento grave, apenas uma escoriação. Ele rapidamente recuperou seus sapatos e começou a caminhar aos trotes em direção ao terminal, mais por vergonha do que por necessidade. Sabia que não havia mais pressa, assim que chegasse ao terminal.

Rayford, Christopher e Hattie foram os três últimos a deixar o 747. Antes do desembarque, quiseram certificar-se de que todas as pessoas aptas fisicamente escorregaram pela rampa e que os idosos e deficientes foram transportados de ônibus. O motorista do ônibus insistiu que a tripulação pegasse uma carona com os últimos passageiros, mas Rayford recusou.

- Não devo passar à frente de meus passageiros enquanto caminham para o terminal - disse ele. - Como isto seria visto?

Christopher disse:

- Faça como quiser, capitão. Você se importaria se eu aceitasse o oferecimento? Rayford olhou para ele com olhos penetrantes.

- Você está falando sério?

- Não ganho o suficiente para passar por isto.

- A empresa não é culpada pelo que houve. Chris, você não está falando sério.

- Claro que não. Mas, quando você chegar ao terminal, há de se arrepender por não ter ido de ônibus.

- Vou relatar isto.

- Milhões de pessoas desaparecem na atmosfera, e eu devo ficar preocupado por você relatar que peguei um ônibus, em vez de andar a pé? Até logo, Steele.

Rayford meneou a cabeça e voltou-se para Hattie:

- Vejo você mais tarde. Se puder sair do terminal, não espere por mim.

- Você está brincando? Se você for a pé, eu também irei.

- Você não precisa *fazer* isto.

- Depois daquela repreensão ao Smith? É claro que irei a pé.

- Ele é co-piloto. Devemos ser os últimos a deixar o avião e os primeiros a nos apresentarmos como voluntários numa emergência.

- Bem, faça-me um favor e me considere parte de sua tripulação também. Só porque não posso pilotar essa coisa, não quer dizer que eu não sinta uma certa responsabilidade. E não me trate como uma garota.

- Jamais faria isto. Mexi com seus brios?

Hattie puxava sua mala sobre rodinhas, e Rayford carregava sua maleta de couro. Era uma

longa caminhada, e várias vezes eles acenaram negativamente a ofertas de carona de unidades que se apressavam a apanhar os que desembarcavam. Ao longo da caminhada, passaram por outros passageiros de seu vôo. Muitos agradeceram a Rayford; ele não estava certo do motivo. Talvez por ter evitado o pânico. Mas eles pareciam tão aterrorizados e traumatizados quanto ele.

Tapavam os ouvidos por causa do ruído estridente dos aviões que pousavam. Rayford tentou calcular quanto tempo levaria para aquela pista fechar também. Ele não podia imaginar que a outra faixa aberta também pudesse receber muitos aviões. Teriam alguns de tentar descer em rodovias ou em campos abertos? E a que distância das grandes cidades encontrariam pistas rodoviárias desimpedidas, sem pontes e com extensão suficiente em linha reta? Ele estremecia só de pensar.

Por toda parte viam-se ambulâncias e outros veículos de emergência tentando chegar a locais de desastres fatais.

Finalmente, no terminal, Rayford encontrou multidões em filas diante de cabinas de telefone. Em muitas delas, pessoas irritadas, aguardando a sua vez, esbravejavam por causa da lentidão dos usuários que, sem se importarem, discavam novamente. As lanchonetes e restaurantes do aeroporto estavam desabastecidas ou com pouca comida, e todos os jornais e revistas se esgotaram. Das lojas cujos empregados desapareceram, saqueadores saíam com mercadorias.

Rayford queria, mais do que qualquer coisa, sentar-se e conversar com alguém sobre o que fazer naquela circunstância. Mas todos que ele via -

amigos, conhecidos ou estranhos - estavam ocupados tentando resolver seus problemas. O'Hare assemelhava-se a uma enorme prisão com recursos cada vez mais escassos e o congestionamento aumentando. Ninguém dormia. Todo mundo corria desatinado por todos os lados, procurando achar alguma ligação com o mundo lá fora, contatar seus familiares e sair do aeroporto.

Nos balcões de passagens e em outras dependências, Rayford encontrou a mesma confusão. Hattie disse que iria tentar dar seus telefonemas de uma sala de espera para embarque e que o encontraria mais tarde para ver se poderiam compartilhar de um transporte para os bairros. Ele sabia que seria difícil achar alguma condução para qualquer lugar, não tinha nenhuma disposição de andar 32 quilômetros. Todos os hotéis na região já se encontravam completamente lotados. Que fazer?

Finalmente, um supervisor solicitou a atenção dos pilotos na central do subsolo. "Temos algumas linhas telefônicas funcionando, cerca de cinco", disse ele. "Não podemos garantir que vocês conseguirão completar as ligações, mas esta é sua melhor oportunidade". Essas linha não passam pelo tronco central daqui; portanto, vocês não dependerão dos telefones públicos instalados no terminal. Reduzam ao mínimo necessário seus telefonemas. Por outro lado, há um número limitado de vôos de helicópteros disponíveis para hospitais e postos policiais nos bairros, mas, naturalmente, as emergências médicas terão prioridade. Entrem naquela fila

para ligações telefônicas e conduções para os bairros. Até este momento, não temos informações

de cancelamento de vôos, exceto para os remanescentes de hoje. "É sua responsabilidade retornar aqui para seu próximo vôo ou telefonar, a fim de saber como está a posição."

Rayford entrou na fila, começando a sentir a tensão de ter voado tanto tempo e saber tão pouco. Pior ainda: ele tinha uma idéia melhor do que a maioria sobre o que havia acontecido. Se estava certo, e se fosse verdade, ninguém atenderia quando ele ligasse para sua casa. Enquanto estava ali, um monitor de televisão à sua frente transmitia imagens do caos. De todas as partes do mundo, viam-se mães angustiadas, famílias estéricas, relatos de morte e destruição. Dezenas de histórias incluíam testemunhas que tinham visto seus entes queridos e amigos desaparecerem diante de seus olhos.

Mais chocante para Rayford foi uma mulher em via de dar à luz, a caminho da sala de parto, que se tornou repentinamente estéril. Os médicos retiraram a placenta. Seu marido havia filmado o desaparecimento do feto. Enquanto filmava sua grande barriga e o rosto banhado de suor, ele fazia perguntas. Como ela se sentia? "Como você acha que me sinto, Earl? Desligue isso." O que ela estava esperando? "Que você chegue bem perto para que eu lhe dê um murro." Ela estava consciente de que, não demoraria muito, eles seriam pais? "Assim que eu sair daqui, vou me divorciar."

Então ouviu-se um grito e o ruído da queda da câmera, vozes aterrorizadas, enfermeiras correndo e o médico. A televisão reproduziu as imagens, colocando-as em câmara lenta, mostrando a barriga da mulher murchando até quase voltar ao normal, como se tivesse instantaneamente dado à luz.

"Agora, observem novamente", dizia o locutor, num tom de voz meio cantado, "e mantenham seu olhar no lado esquerdo da tela, onde aparece uma enfermeira lendo um relatório do coração do feto emitido pelo monitor. Ali, estão vendo?" A ação parou quando a barriga da parturiente murchou de vez. "O uniforme da enfermeira parece estar ainda em posição, como se uma pessoa invisível o estivesse vestindo. Ela sumiu. Vejam agora meio segundo depois." A fita rodou mais um pouco e parou. "O uniforme, as meias e outras peças estão empilhados em cima de seus sapatos."

As emissoras de televisão de todas as localidades do mundo informavam ocorrências estranhas, especialmente em áreas de horários diferentes, onde o acontecimento se deu durante o dia ou ao anoitecer. A televisão mostrou via satélite o vídeo de um noivo desaparecendo enquanto colocava a aliança no dedo de sua noiva. Numa cerimônia fúnebre realizada em determinada residência na Austrália, quase todos os presentes desapareceram durante o serviço religioso, incluindo o cadáver, enquanto em outro velório, no mesmo instante, somente uns poucos desapareceram, permanecendo o cadáver. Os necrotérios também relataram o desaparecimento de corpos. Num enterro, três dos seis que carregavam o caixão o largaram, e ele caiu no chão. Os três desapareceram. Quando levantaram o caixão, os circunstantes perceberam que ele estava vazio.

Rayford era o segundo na fila para telefonar, mas o que ele presenciou em seguida na tela convenceu-o de que não veria mais sua esposa. Numa escola secundária cristã, durante um jogo de futebol nas instalações de uma missão, na Indonésia, a maioria dos espectadores e todos -

menos um - dos jogadores desapareceram no meio do jogo, deixando seus sapatos e uniformes no chão. O repórter da televisão anunciou que o único jogador que restou, com remorso, suicidou-se.

Mas Rayford sabia que era mais do que remorso. De todos os demais, aquele jogador, um estudante de uma escola cristã, teria sabido a verdade imediatamente. O Arrebatamento teve lugar. Jesus Cristo tinha retornado para os seus, e aquele jovem não era um deles. Quando Rayford sentou-se para telefonar, lágrimas banhavam suas faces. Alguém disse: "Você tem quatro minutos", e ele sabia que esse tempo era mais do que ele precisava. A secretária eletrônica de sua residência atendeu imediatamente, e ele se comoveu ao ouvir a voz animada de sua esposa. "Sua ligação é importante para nós", dizia ela. "Por favor, deixe seu recado após ouvir o sinal."

Rayford apertou umas teclas para ouvir os recados porventura gravados. Havia três ou quatro gravações sem importância, e ele surpreendeu-se quando ouviu a voz de Chloe. "Mamãe? Papai? Vocês estão aí? Vocês viram o que está acontecendo? Liguem para mim logo que puderem. Perdemos pelo menos dez estudantes e dois professores, e todos os filhos pequenos dos estudantes casados desapareceram. Raymie está bem? Liguem para mim!" Bem, ao menos ele sabia que Chloe ainda estava por aqui. Tudo o que ele queria era abraçá-la.

Rayford voltou a chamar e deixou um recado em sua secretária. "Irene? Ray? Se estiverem aí, atendam. Se receberem este recado, estou no O'Hare tentando chegar aí. Caso eu não consiga um

helicóptero, pode demorar um pouco. Espero que estejam em casa."

- Vamos com isso, capitão - disse alguém. - Todo mundo tem um telefonema a *fazer.*

Rayford balançou a cabeça e rapidamente discou para o dormitório de sua filha em Stanford. Recebeu a irritante mensagem de que sua ligação não poderia ser completada.

Rayford pegou seus pertences e deu uma espiada em sua caixa de correio. Ao lado de uma porção de bobagens, estava um pequeno pacote embrulhado num papel resistente almofadado vindo de sua casa. Recentemente, Irene passara a enviar-lhe pequenas surpresas, inspirada por um livro sobre casamento que ela o incentivava a ler. Ele enfiou o pacote em sua maleta e foi à procura de Hattie Durham. Engraçado, ele não sentia qualquer atração emotiva em relação a Hattie naquele momento. Mas tinha o compromisso de fazê-la chegar ao seu lar.

Quando parou no meio de uma multidão junto ao elevador, ouviu um aviso de que havia um helicóptero com capacidade para oito pilotos que faria um vôo a Monte Prospect, Arlington Heights e Des Plaines. Rayford correu para o heliporto.

- Tem lugar para um com destino a Monte Prospect?

- Sim.

- E para outra pessoa com destino a Des Plaines?

- Talvez, se ele chegar aqui em dois minutos.

- Não é ele. Trata-se de uma comissária de vôo.

- Somente pilotos. Lamento.

- E se tiver lugar?

- Bem, pode ser, mas onde ela está? '

- Vou comunicar-me com ela pelo *pager.*

- Não estão permitindo o envio de *pager* a ninguém.

- Aguarde só um segundo. Não saiam sem mim. O piloto do helicóptero olhou para o relógio.

- Três minutos - disse ele. - Estarei saindo à 1 hora. Rayford deixou sua bagagem no chão, na esperança de retardar a decolagem do helicóptero no caso de um pequeno atraso. Arremeteu escada acima e pelo corredor. Achar Hattie seria impossível. Ele lançou mão de um telefone de cortesia.

- Sinto muito, estamos impossibilitados de enviar *pagers* a quem quer que seja neste momento.

- Esta é uma emergência, e sou capitão-aviador da Pan-Continental.

- Qual é o recado?

- Que Hattie Durham encontre seu parceiro em K-l7.

- Vou tentar.

- Por favor.

Rayford ficou na ponta dos pés para ver se Hattie estava chegando, mas finalmente foi ela que o localizou.

- Eu era a quarta na fila do telefone na sala de espera - disse ela, aparecendo ao seu lado. - Conseguiu alguma coisa?

- Consegui para nós um vôo de helicóptero, se corrermos - respondeu ele. Enquanto desciam a escada rapidamente disse ela:

- Não foi horrível o que aconteceu com Chris?

- O que houve com ele?

- Você não sabe?

Rayford queria parar e dizer a ela que fosse mais objetiva. Esse comportamento era característico de pessoas da idade dela. Os jovens adoram enrolar a conversa. Ele gostava de ir direto ao assunto.

- Diga logo! - exclamou ele, com um tom mais exaltado do que pretendia.

Quando irromperam pela porta afora e chegaram ao piso de macadame, as lâminas do helicóptero chicoteavam e eriçavam seus cabelos e os ensurdeciam. A maleta de Rayford já tinha sido colocada a bordo, e restava apenas um lugar vago. O piloto apontou para Hattie e balançou a cabeça num gesto negativo. Rayford agarrou-a pelos cotovelos e puxou-a para dentro enquanto entrava no aparelho.

- Ela só não seguirá neste vôo se o problema for excesso de peso!

- Quanto você pesa, boneca? - perguntou o piloto.

- 52 quilos.

- Com esse peso, podemos ir! - disse ele a Rayford. - Mas, se ela não usar o cinto, não me responsabilizo!

- Vamos embora! - gritou Rayford.

Ele ajustou o cinto em si mesmo, e Hattie sentou-se em seu colo. Rayford pôs os braços em torno da cintura dela e agarrou seus pulsos juntando-os. Ele pensava quão irônico era o fato de ter sonhado com isto durante semanas, e agora não havia nenhum prazer, nenhuma excitação, nada absolutamente sensual. Ele se sentia miserável. Contente por ser *capaz* de tirá-la de lá, mas miserável.

Hattie parecia embaraçada e desconfortável, e Rayford notou que ela olhava de soslaio e envergonhada para os outros sete pilotos no helicóptero. Nenhum deles parecia interessado em olhar para ela. Essa tragédia estava ainda muito recente e havia muitos cujos paradeiros eram ignorados. Rayford pensou ter ouvido, ou interpretou pelo movimento dos lábios, um deles dizer "Christopher Smith", mas não havia meio de poder ouvir dentro daquele aparelho barulhento. Ele pôs a boca bem perto do ouvido de Hattie.

- Agora, o que houve com Chris? - perguntou. Ela voltou-se e falou ao seu ouvido.

- Eles o levavam numa maca atrás de nós enquanto eu estava saindo da sala de embarque. Sangue por toda parte!

- O que aconteceu?

- Não sei, mas ele parecia não estar bem!

- Como assim?

- Acho que estava morto! Quer dizer, eles estavam procurando reanimá-lo, mas creio que não conseguiram.

Rayford balançou a cabeça. O que mais Hattie contaria?

- Ele foi atingido ou alguma coisa? Aquele ônibus bateu? Isto está parecendo ironia!

- Não sei - disse ela. - O sangue parecia estar saindo de sua mão ou de seu peito ou de ambos.

Rayford tocou o ombro do piloto.

- Você sabe qualquer coisa sobre o co-piloto Christopher Smith?

- Aquele da Pan-Continental? - perguntou o piloto. -Sim!

- O que se suicidou? Rayford tremeu.

- Acho que não! Houve um suicídio?

- Muitos, suponho, mas a maioria entre passageiros. O único membro de tripulação de quem ouvi falar era um tal de Smith, da Pan. Cortou os pulsos.

Rayford espreitou rapidamente os outros no helicóptero para ver se reconhecia algum. Não reconheceu, mas um deles estava balançando a cabeça tristemente, após ter ouvido a resposta em voz alta do piloto. Ele inclinou-se para a frente.

- Chris Smith! Você o conhece?

- Meu co-piloto!

- Sinto muito.

- O que você ouviu?

- Não posso saber até que ponto isto é confiável, mas ouvi comentários de que ele descobriu que seus filhos tinham desaparecido e que sua esposa havia morrido num acidente!

Pela primeira vez, a monstruosidade da situação tocou Rayford pessoalmente. Ele não conhecia bem Smith. Lembrava-se vagamente de

que Chris tinha dois filhos. Parece que estavam no início da adolescência, de idades muito próximas. Ele não chegou a conhecer a esposa de Chris. Mas suicídio! Seria aquela uma opção para Rayford? Não, não com Chloe ainda aqui. Mas, e se ele descobrisse que Irene e o jovem Ray se foram e que Chloe tinha morrido? Que motivo ele teria para viver?

De qualquer maneira, Rayford não estava vivendo para eles, pelo menos nos últimos meses. Ele andou flertando mentalmente com a garota que estava em seu colo, embora nunca tivesse chegado a ponto de tocá-la, mesmo quando ela muitas vezes o tocava. Desejaria ele continuar a viver se Hattie Durham passasse a ser a única pessoa com quem tivesse de preocupar-se? E por que se preocupava com ela? Hattie era bonita, sensual e talentosa, mas jovem demais. Eles tinham pouco em comum. Estaria ele agora amando Irene só por estar convencido de que ela desaparecera?

Não havia afeição ao abraçar Hattie Durham exatamente agora, nem ela sentia emoção. Ambos estavam assustados mortalmente, e flerte era a última coisa em suas mentes. A ironia não abandonara Rayford. Ele se lembrava de que a última coisa com que sonhara acordado - antes da notícia dada por Hattie no avião - era tentar uma intimidade com ela. Como poderia saber que ela estaria em seu colo horas depois e que seu interesse por ela seria o mesmo que por uma estranha?

A primeira parada era no Departamento de Polícia de Des Plaines, onde Hattie desembarcaria. Rayford aconselhou-a a pedir que um carro da polícia a levasse para casa, se houvesse algum

disponível. Muitos tinham sido solicitados para servir em áreas mais congestionadas; portanto, isso era improvável.

- Estou a apenas um quilômetro e meio de casa - gritou Hattie por causa do ronco do motor do helicóptero, enquanto Rayford a ajudou a descer. - Posso andar até lá!

Em seguida, emocionada, Hattie envolveu o pescoço de Rayford com os seus braços, e ele sentiu que ela tiritava de medo.

- Espero que todos de sua família estejam bem! - disse ela. - Ligue para mim dando-me notícias, promete?

Ele meneou a cabeça afirmativamente.

- Promete - insistiu ela.

- Sim, claro!

Quando o helicóptero levantou vôo, ele a viu procurando o estacionamento. Não localizando nenhum carro da polícia, ela saiu apressadamente puxando sua mala com rodinhas. Quando o helicóptero começou a dar a volta em direção a Monte Prospect, Hattie andava a passos rápidos, quase correndo, para o seu condomínio.

Buck Williams foi o primeiro passageiro do vôo a chegar ao terminal em O'Hare. Ele encontrou uma grande confusão. Ninguém que esperava na fila para telefonar iria tolerar sua tentativa de conectar seu *modem* ao telefone. Como seu celular não estava funcionando, ele dirigiu-se ao clube exclusivo da Pan-

Continental. Ali também havia congestionamento, mas, apesar da perda de funcionários, incluindo o desaparecimento de vários

deles enquanto trabalhavam, o local aparentava estar em ordem. Ali também havia pessoas em fila esperando telefonar, mas, quando um aparelho ficava disponível, ele percebia que alguns tentavam passar um *fax* ou conectar diretamente pelo *modem.* Enquanto esperava, Buck se pôs a trabalhar de novo em seu computador, refixando o fio do *modem* interno ao conector-fêmea. Em seguida, localizou as mensagens que havia rapidamente baixado antes da aterrissagem.

A primeira era de Steve Plank, seu editor-executivo, endereçada a todo o pessoal de campo:

Fiquem onde estão. Não tentem vir a Nova York. É impossível. Liguem para cá quando puderem. Chequem seu *voice mail* e seu *e-mail* regularmente. Mantenham contato quando possível. Temos pessoal suficiente para ficar de plantão e queremos relatos pessoais, em cima do fato, tanto quanto possam transmitir. Não estamos certos sobre transporte e linhas de comunicação entre nós e nossas gráficas, nem com seus empregados. Se possível, imprimiremos em tempo.

Apenas um lembrete: Comecem a pensar a respeito das causas. Militar? Cósmica? Científica? Espiritual? Mas, por enquanto, estamos tratando principalmente do que aconteceu.

Tenham cuidado e mantenham contato.

A segunda mensagem era também de Steve e exclusiva para Buck.

Buck, ignore o memorando para o pessoal em geral. Venha a Nova York logo que puder e a qualquer custo. Cuide das questões de família, naturalmente, e arquive qualquer experiência ou reflexão pessoal, como os outros estão fazendo.

Porém, você deve sair na frente para descobrir o que está por trás do fenômeno. As idéias são como egos -todo mundo tem um.

Se chegaremos a algumas conclusões não sei, mas pelo menos vamos catalogar as possibilidades razoáveis. Você pode adivinhar por que preciso de você aqui para fazer isso; tenho, na verdade, um motivo superior. Penso, às vezes, que, devido à posição em que estou, sou o único que pode saber dessas coisas; mas três diferentes chefes do departamento editorial apresentaram idéias de reportagens acerca de um encontro de vários grupos internacionais em Nova York este mês. O editor de política planeja cobrir uma conferência de nacionalistas judeus em Manhattan, que tem alguma coisa a ver com uma nova ordem de governo no mundo. O que eles querem dizer com isto, não sei, e o próprio editor também não sabe. O editor de religião deixou alguma coisa em minha caixa de entrada sobre uma conferência de judeus ortodoxos vindos também para um encontro. Não são somente de Israel, mas, ao que parece, de todos os lugares, e eles não querem mais saber de discutir a respeito dos Rolos do Mar Morto. Estão ainda aturdidos com o desmantelamento da Rússia e seus aliados — que imagino que você ainda pensa ter sido sobrenatural, mas acredite, gosto de você mesmo assim. O editor de religião pensa que eles estão atrás de ajuda para reconstruir o templo. Isto talvez não seja um fato muito importante ou relacionado em outro departamento - a não ser o de religião -, mas fiquei surpreso ao saber de outro encontro de um grupo de judeus no mesmo local e quase na mesma data para tratar de um assunto inteiramente político. A outra conferência religiosa na cidade é entre líderes de todas as principais

religiões, incluindo aqueles do tipo Nova Era, falando também sobre uma ordem religiosa universal. Eles devem também reunir-se com os judeus nacionalistas, não é verdade? Preciso de seu cérebro neste caso. Não sei o que *fazer,* se é que alguma coisa pode ser feita.

Sei que todo mundo se preocupa com os desaparecimentos. Mas precisamos ficar de olho no resto do mundo. Você sabe que a Organização das Nações Unidas pretende realizar uma conferência monetária internacional, tentando avaliar como vamos *fazer* com este negócio de três moedas. Pessoalmente, sou favorável, mas estou um tanto desconfiado da idéia de usar uma moeda que não seja o dólar. Você pode se imaginar negociando em ienes ou marcos aqui? Acho que ainda sou provinciano.

Todo mundo está muito entusiasmado com esse tal de Carpathia, o romeno que impressionou tanto seu amigo Rosenzweig. Ele deixou todo mundo em apuros no senado de seu país por ter sido convidado para falar na ONU dentro das duas próximas semanas. Ninguém sabe como ele conseguiu esse convite, mas sua popularidade internacional me lembra bastante Walesa ou mesmo Gorbachev. Lembra-se deles? Ah!

Hei, amigo, mande notícia, se não desapareceu. Pelo que soube até este momento, perdi uma sobrinha e dois sobrinhos, uma cunhada de quem não gostava e, possivelmente, um casal de parentes distantes. Você acha que eles voltarão? Bem, guarde pra você até que saibamos o que está por trás disso. Se eu tivesse de adivinhar, diria que estou antevendo alguma terrível redenção divina. Ou seja, não é que essas pessoas desaparecidas

estejam mortas. O que vai acontecer no mundo com a indústria do seguro de vida? Não estou disposto a acreditar em tablóides. Saiba apenas que eles estão dizendo que os alienígenas do espaço finalmente nos pegaram.

Venha pra cá, Buck.

QUATRO

BUCK pressionou um lenço ensopado de água fria sobre o lado de trás da cabeça. A ferida tinha parado de sangrar, mas latejava. Ele encontrou outra mensagem em seu *e-mail* e estava se preparando para responder quando recebeu uma batidinha no ombro.

- Sou médico. Deixe-me *fazer* um curativo em seu ferimento.

- Oh! está tudo bem, e eu...

- Permita-me *fazer* isto, companheiro. Estou ficando louco neste lugar, sem nada para fazer, e tenho aqui minha maleta. Estou trabalhando de graça hoje. Chame isto de um Arrebatamento Especial.

- Um o quê?

- Bem, como você chamaria o que aconteceu? - perguntou o médico, tirando um frasco e gaze de sua maleta. - Isto está parecendo bastante rudimentar, mas ficaremos esterilizados. Aids?

- Perdão, não entendi.

- Veja bem, você conhece a rotina - disse o médico enquanto colocava luvas de borracha. -

Você contraiu o vírus HIV ou qualquer doença semelhante?

- Não. E... eu não, estou gostando de ouvir isso. Naquele instante, o médico aspergiu uma boa dose de desinfetante sobre a gaze e a colocou sobre o ferimento na cabeça de Buck.

- Aiii! Calma!

- Seja homem, garotão. Isto dói menos do que a infecção que teria se o ferimento não fosse curado.

O médico raspou asperamente a ferida, limpando-a e fazendo escorrer o sangue novamente.

- Ouça, estou fazendo uma pequena raspagem no cabelo para que o curativo não saia do lugar. Tudo bem?

Os olhos de Buck marejavam.

- Sim, está certo, mas o que foi que o senhor disse a respeito de Arrebatamento?

- Há qualquer outra explicação que faça sentido? - disse o médico, usando um bisturi para raspar o cabelo de Buck. Uma funcionária do clube aproximou-se e pediu que transferissem a pequena cirurgia para um dos sanitários.

- Prometo limpar tudo, minha cara - disse o médico. - Está quase pronto.

- Bem, isto não pode ser higiênico, e temos de pensar nos outros.

- Por que você não serve a eles uns drinques e uns petiscos, hein? Você verá que isto vai deixá-los mais aliviados num dia como este.

- Não aceito que o senhor me fale dessa maneira. O médico suspirou enquanto trabalhava.

- Você está certa. Qual é o seu nome?

- Suzie.

- Ouça, Suzie, fui indelicado e peço desculpa, está bem? Agora deixe-me terminar isto. Prometo que não farei qualquer outra cirurgia aqui em público.

Suzie afastou-se meneando a cabeça.

- Doutor - disse Buck -, deixe seu cartão comigo para que eu lhe agradeça apropriadamente.

- Não precisa - disse o médico, guardando suas coisas.

- Agora me dê sua idéia sobre isto. O que quer dizer Arrebatamento?

- Outra hora. É sua vez de telefonar.

Buck estava sofrendo, mas não podia deixar passar a chance de se comunicar com Nova York. Ele tentou discar diretamente, mas não conseguiu o contato. Então acoplou seu *modem* ao telefone e começou a rediscagem, enquanto dava uma olhada na mensagem da secretária de Steve Plank, a balzaquiana Marge Potter.

Buck, seu maroto! Além de ter muito o que *fazer* e me preocupar com o dia de hoje, ainda tenho de procurar as famílias de suas garotas? Onde você conheceu essa Hattie Durham? Pode dizer a ela que localizei sua mãe no oeste, mas isso foi antes que uma enchente ou tempestade ou alguma outra coisa interrompesse as linhas telefônicas outra vez. Ela está perfeitamente

saudável, mas confusa, e ficou muito agradecida pela notícia de que sua filha não desapareceu. As duas irmãs de Hattie estão bem, conforme disse sua mãe.

Você é bom demais por ajudar pessoas como estas, Buck. Steve disse que você vai tentar chegar aqui. Será bom reencontrá-lo. Isto tudo é tão terrível. Até agora sabemos de vários funcionários desaparecidos. De vários outros, não tivemos notícias, incluindo alguns de Chicago.

Todo o pessoal da equipe principal foi localizado. Só estava faltando você. Esperei e orei para que você estivesse bem. Observou que isso parece ter atingido os inocentes? Todos aqueles que conhecemos e que se foram eram crianças ou pessoas muito bondosas. Por outro lado, algumas pessoas maravilhosas ainda estão aqui. Steve e eu estamos contentes de você estar entre elas. Entre em contato.

Ela não mencionou se pôde contatar o pai viúvo de Buck ou seu irmão casado. Buck ficou intrigado, sem saber se ela omitiu a informação de propósito ou simplesmente ainda não tinha notícia deles. Sua sobrinha e sobrinho deviam ter sumido, se fosse verdade que nenhuma criança sobreviveu. Buck desistiu de tentar contato direto com o escritório, mas novamente foi bem-sucedido fazendo a conexão pelo computador. Ele enviou seus arquivos e, num piscar de olhos, a informação de seu paradeiro. Desse modo, quando o sistema telefônico voltasse a funcionar normalmente, o *Semanário Global já* poderia começar a trabalhar em cima do material enviado.

Ele pôs o fone no gancho e desconectou, recebendo o olhar de agradecimento do próximo na

fila, e em seguida foi procurar o médico. Não teve sorte. Marge tinha se referido aos inocentes. O doutor admitia que tinha sido o Arrebatamento. Steve tinha ridicularizado os alienígenas do espaço. Mas como se poderia excluir qualquer coisa a esta altura? Sua mente já estava ruminando idéias para a história que haveria atrás dos desaparecimentos. Seria o trabalho pelo qual ele aguardara a vida inteira!

Buck entrou na fila para tentar comprar uma passagem para Nova York, sabendo que suas possibilidades pelos meios convencionais eram escassas. Enquanto esperava, procurava lembrar o que Chaim Rosenzweig, o "Fazedor da Notícia do Ano", havia falado com ele sobre o jovem Nicolae Carpathia, da Romênia. Buck tinha conversado sobre isso ligeiramente com Steve Plank, cuja opinião era que não valia a pena enxertá-lo numa reportagem já condensada. Rosenzweig ficou impressionado com Carpathia, isto era verdade. Mas por quê?

Buck sentou-se no chão e só se movia quando a fila andava. Recorreu aos seus arquivos no computador sobre a entrevista com Rosenzweig e chamou a palavra "Carpathia". Ele se recordava de ter ficado sem jeito ao admitir a Rosenzweig que nunca tinha ouvido falar do homem. À medida que as transcrições da entrevista se desenrolavam na tela, ele digitou a tecla "pare" e leu. Quando notou que o sinal de bateria esgotada acendeu, tirou um fio de extensão de sua maleta e ligou o computador numa das tomadas ao longo da parede do balcão. "Cuidado com o fio", gritava toda vez que alguém passava. Uma mulher atrás do balcão ordenou que ele desligasse o fio da tomada.

Ele sorriu para ela.

- E se eu não desligar, você vai me expulsar daqui? Vou ser preso? Seja tolerante comigo, pelo menos hoje!

Dificilmente as pessoas tinham sua atenção atraída por um maníaco sentado no chão gritando com a mulher atrás do balcão. Isso raramente acontecia no Clube Pan-Continental, • mas naquele dia ninguém se surpreendia com nada.

Rayford Steele desembarcou no heliporto do Hospital da Comunidade Noroeste, em Arlington Heights, onde os pilotos tiveram de descer para dar lugar a um paciente que deveria ser levado para Milwaukee. Os outros pilotos se amontoaram junto à entrada do hospital, na esperança de conseguir um táxi, mas Rayford tinha uma idéia melhor. Resolveu ir a pé. *

Ele estava cerca de oito quilômetros distante de casa e apostava que poderia pegar uma carona mais facilmente do que encontrar um táxi. Esperava que seu uniforme de capitão-aviador e sua boa aparência fizessem com que alguém se importasse com ele oferecendo-lhe uma carona.

Enquanto fazia a penosa caminhada, a capa impermeável num braço e carregando a maleta na outra mão, ele tinha uma sensação *vazia* e desesperançada. Àquela altura, Hattie devia ter chegado ao seu condomínio, checando suas mensagens, tentando contato com sua família. Se ele estava certo de que Irene e Ray Jr. tinham desaparecido, onde estariam quando isso aconteceu? Encontraria alguma evidência de que tinham sumido, em vez de encontrarem a morte em

algum acidente relacionado com os desaparecimentos?

Rayford calculava que os desaparecimentos teriam ocorrido à noite, talvez por volta de 11 horas, no fuso horário da área central do país. Será que qualquer coisa os tirou de casa àquela hora da noite? Ele não poderia imaginar o que teria acontecido e tinha dúvida quanto a isso.

Uma mulher de uns 40 anos parou para dar uma carona a Rayford na estrada de Algonquin. Quando ele agradeceu-lhe e disse onde morava, ela afirmou que conhecia o bairro.

- Uma amiga minha mora lá. Melhor, morava. Conhece Li Ng, a garota asiática do noticiário do Canal *71*

- Conheço ambos, ela e o marido - disse Rayford. - Eles moram em nossa rua.

- Não mais. O noticiário de meio-dia de hoje foi dedicado a ela. A família inteira sumiu. Rayford deu um forte suspiro de desabafo.

- Isto é inacreditável. A senhora perdeu alguém? :

- Infelizmente, sim - respondeu ela com a voz embargada. -Cerca de uma dúzia de sobrinhas e sobrinhos.

-Uau!

- E o senhor?

- Ainda não sei. Acabo de chegar de um vôo e não consegui localizar ninguém.

- Quer que eu o espere?

- Não. Tenho um carro. Se eu precisar ir a algum lugar, não tenho problema.

- O'Hare está fechado, o senhor sabe - disse ela.

- É verdade? Desde quando?

- Eles acabam de avisar pelo rádio. As pistas estão lotadas de aviões, os terminais cheios de gente, as estradas abarrotadas de carros.

Enquanto a mulher entrava em Monte Prospect, choramingando, Rayford sentiu um esgotamento como nunca havia tido antes. As poucas casas da quadra tinham as entradas repletas de carros, e pessoas se ajuntavam em grupos. Parecia que todo mundo, em toda parte, tinha perdido alguém. Ele sabia que logo seria mais um entre eles.

- Posso servi-la em alguma coisa? - disse ele à mulher, enquanto ela entrava com o carro na rampa de sua casa.

Ela meneou a cabeça.

- Estou apenas contente de ter podido ajudar. Ore por mim, se lembrar. Não sei se vou suportar esta situação.

- Não sou muito chegado à oração - admitiu Rayford.

- O senhor vai ser - disse ela. - Eu também nunca fui, mas agora sou.

- Então a senhora pode orar por mim - disse ele.

- Vou orar. Esteja certo disso.

Rayford ficou em pé na entrada da casa e acenou para a mulher até perdê-la de vista. O jardim e os corredores externos estavam impecáveis, como sempre, e a enorme casa, sua casa-troféu, estava sepulcral. Ele abriu a porta da

frente. O jornal no patamar, as cortinas cerradas na janela panorâmica e o cheiro forte de café queimado que ele sentiu indicavam o que ele temia.

Irene era uma dona-de-casa metódica. Sua rotina matutina incluía a cafeteira cronometrada para as seis horas, coando sua mistura especial de café descafeinado com um ovo. O rádio estava programado para despertá-la às seis e meia, sintonizado na estação cristã local. A primeira coisa que Irene fazia quando descia a escada era abrir as cortinas da frente e de trás.

Com um nó na garganta, Rayford atirou o jornal na cozinha e tratou de acomodar suas coisas. Pendurou a capa e colocou a maleta no cubículo. Lembrou-se de pegar o pacotinho que Irene havia enviado ao O'Hare para ele e colocou-o no bolso largo de seu uniforme, carregando-o consigo enquanto procurava por evidência de que ela havia desaparecido. Se isso fosse verdade, ele sinceramente esperava que estivesse certa. Ele queria, acima de qualquer coisa, que ela visse seu sonho realizado, que tivesse sido levada por Jesus num piscar de olhos - uma jornada empolgante e indolor para o seu cantinho no céu, como ela sempre gostava de dizer. Irene merecia isto.

E Raymie. Onde estaria? Com ela? Certamente. Ele ia com a mãe à igreja, mesmo quando Rayford não a acompanhava. Parecia gostar daquilo, de pertencer à comunidade. Lia sua Bíblia e a estudava.

Rayford puxou o fio da tomada da cafeteira que tinha se desligado e ligado automaticamente durante 7 horas, queimando o café. Jogou fora aquela massa meio empedrada e deixou a cafeteira na pia. Desligou o rádio, que estava sintonizado na

estação cristã transmitindo notícias em cadeia, num tom enfadonho, sobre a tragédia e a destruição resultante dos desaparecimentos.

Ele deu uma olhada na sala de estar, na sala de jantar e na cozinha, na expectativa de ver a costumeira limpeza do lar de Irene. Seus olhos encheram-se de lágrimas; abriu as cortinas, como ela teria feito. Seria possível que ela tivesse ido a algum lugar? Visitado alguém? Deixado um recado para ele? Mas, se ela estivesse em algum lugar e ele a encontrasse, o que dizer da fé que ela professava? Seria uma prova de que este não era o Arrebatamento em que ela acreditava? Ou significaria que ela estava perdida tanto quanto ele? Se houve realmente o Arrebatamento, ele esperava que Irene tivesse sido levada, para o bem dela. Mas a dor e o vazio já o estavam dominando completamente.

Rayford ligou a secretária eletrônica e ouviu as mesmas mensagens que tinha ouvido do O'Hare, mais a mensagem que ele mesmo tinha deixado. Sua própria voz pareceu-lhe estranha. Ele detectou nela um tom fatalista, como se soubesse que sua esposa e filho não a receberiam.

Ele estava com medo de subir a escada para os dormitórios. Inspecionou todo o pavimento inferior da casa até a saída da garagem. Se pelo menos um dos carros estivesse faltando... E um estava! Quem sabe ela teria ido a algum lugar! Mas tão logo pensou nisso, Rayford desceu o degrau para a garagem e notou de perto que era o seu BMW que estava faltando. Aquele que ele levou ao O'Hare no dia anterior. O carro estava esperando por ele quando o tráfego voltasse ao normal.

Os outros dois carros se encontravam lá, o de Irene e o que Chloe usava quando estava em casa. E todas as lembranças de Raymie também estavam lá. Seu carrinho de quatro rodas, seu trenó para deslizar na neve, sua bicicleta. Rayford teve ódio de si mesmo por haver quebrado sua promessa de passar mais tempo com Raymie. Ele teria muito tempo ainda para lamentar isso.

Rayford deu uns passos e ouviu o ruído do pequeno pacote em seu bolso. Era hora de subir as escadas.

Estava quase chegando a vez de Buck Williams ser atendido no balcão do Clube Pan-Continental quando ele encontrou a matéria que estava procurando em seu gravador. A certa altura, durante os vários dias de gravação, Buck inquiriu o Dr. Rosenzweig acerca dos vários países que tentavam assediá-lo na esperança de ter acesso à sua fórmula e tirar proveito dela.

- Este tem sido um aspecto interessante - afirmou Rosenzweig com os olhos brilhando.

- Fiquei muito lisonjeado com a visita do próprio vice-presidente dos Estados Unidos.

Ele quis homenagear-me, levar-me ao presidente, fazer-me alvo de um desfile, conferir-me uma comenda, tudo isso. Diplomaticamente, ele nada falou sobre receber em troca qualquer coisa, mas eu teria uma dívida para com ele, não é verdade? Muito foi dito sobre o que, como país amigo de Israel, os Estados Unidos têm feito durante décadas. E isso é verdade, não é? Como poderia eu contestar? Rosenzweig continuou:

- Mas eu procurava ver os prêmios e amabilidades como sendo todos para meu benefício

e, humildemente, os recusava. Como você vê, jovem, sou muito humilde, não sou?

Rosenzweig riu ruidosamente de si mesmo e contou várias outras histórias de dignitários que procuraram agradá-lo.

- Foram todos sinceros? - Buck perguntou. - Algum o impressionou?

- Sim! - disse Rosenzweig sem hesitação. - Vindo do mais desconcertante e surpreendente canto do mundo - Romênia. Não sei se ele foi enviado ou veio por conta própria, mas suspeito que foi a segunda hipótese, porque era o oficial de menor graduação que me visitou após eu ter recebido o prêmio. Esta é uma das razões por que quis vê-lo. Ele mesmo pediu a audiência. Não procurou os canais tipicamente políticos ou protocolares.

- E ele era...?

- Nicolae Carpathia.

- Carpathia como os...?

- Sim, como os montes cárpatos. Um nome melodioso, você deve admitir. Achei-o fascinante e humilde. Semelhante a mim!

De novo, ele deu uma gargalhada.

- Não ouvi falar dele.

- Você ouvirá! Você ouvirá.

- Porque ele é... - disse Buck tentando conduzir a conversa.

- Carismático, impressivo, é tudo o que posso dizer.

- E ele é algum tipo de diplomata em fase de ascensão a esta altura?

- Ele é um dos componentes da assembléia do governo romeno.

- No senado?

- Não, o senado está acima da assembléia.

- Certamente.

- Não se sinta mal por não saber estas coisas, embora seja um jornalista internacional. Isto é algo que somente os romenos e os cientistas políticos amadores como eu sabem. É o que gosto de estudar.

- Em suas horas de descanso.

- Precisamente. Mas eu não conhecia esse homem. Quero dizer, conheci um da Câmara dos Deputados - é como eles chamam a assembléia na Romênia - que era um pacificador e liderava um movimento em prol do desarmamento.

Mas eu não sabia seu nome. Creio que sua meta é o desarmamento global, do qual nós, israelenses, suspeitamos. Mas naturalmente ele deve primeiro efetuar o desarmamento em seu próprio país, o que nem mesmo você verá até o fim de sua vida. Esse homem, por acaso, é mais ou menos da sua idade. Loiro e de olhos azuis, como os romenos originais, que vieram de Roma, antes que os mongóis se mesclassem com sua raça.

- O que o senhor mais apreciou nele?

- Vou contar-lhe - disse Rosenzweig. - Ele conhece minha língua tão bem como a sua própria. E fala um inglês fluente. Vários outros idiomas também, é o que dizem. Bem-instruído, mas

também amplamente autodidata. Sinceramente, gosto dele como pessoa. Muito brilhante. Muito honesto. Muito aberto.

- O que ele queria do senhor?

- Isto foi o que mais me agradou. Por tê-lo achado tão aberto e honesto, fiz-lhe esta pergunta. Ele insistiu que o chamasse de Nicolae, e então eu disse "Nicolae" (isto depois de uma hora de amabilidades recíprocas), "o que você deseja de mim?" Você sabe o que ele me disse, jovem? "Dr. Rosenzweig, busco apenas sua benevolência." Que podia eu dizer? Respondi-lhe: "Nicolae, você a tem." Sou pessoalmente um pouco pacifista, você sabe. Não irrealisticamente. Eu não mencionei isto a ele. Disse-lhe simplesmente que podia contar com minha benevolência, algo que estendo também a você.

- Suponho que não é uma coisa que o senhor concede facilmente.

- Porque o aprecio é que você tem minha benevolência. Um dia você deverá conhecer Carpathia. Vocês se apreciarão mutuamente. As metas e sonhos dele jamais poderão ser concretizados, mesmo em seu país, mas ele é um homem de altos ideais. Se ele se destacar, você ouvirá falar dele.

E como você está se destacando em sua própria esfera, ele provavelmente ouvirá falar de você ou o ouvirá, estou certo?

- Espero que sim.

De repente, chegou a vez de Buck ser atendido no balcão. Ele recolheu o fio de extensão e agradeceu à jovem senhora por agüentá-lo.

- Queira desculpar-me por isso - disse ele, esperando pelo perdão que não aconteceu.

- O dia de hoje foi terrível, o pior de todos, a senhora deve compreender.

Aparentemente, ela não compreendeu. Tinha tido também um dia agitado. Ela o fitou tolerantemente e perguntou:

- 0 que *não* posso *fazer* por você?

- Oh! a senhora diz isso porque não fiz o que me pediu?

- Não - respondeu ela. - Estou fazendo à mesma pergunta a todos. É uma pequena brincadeira, porque, na realidade, não posso fazer nada por ninguém. Não há vôos programados para hoje. O aeroporto fechará a qualquer momento. Quem sabe dizer quanto tempo levará para acabar toda esta confusão e conseguir algum jeito de fazer o tráfego se restabelecer? Posso apenas anotar seu pedido, mas não posso receber sua bagagem, vender passagem, reservar lugar, permitir uso de telefone, reservar apartamento em hotel, enfim todas as coisas que adoramos fazer para nossos sócios. Você é sócio, não é?

- Sou sócio!

- Ouro ou platina?

- Senhora, sou... digamos... um sócio criptônio [um gás nobre da atmosfera].

Ele exibiu seu cartão, indicando que estava entre os 3 % de viajantes do mundo que mais usavam avião. Se qualquer vôo tivesse um lugar desde a classe mais econômica até a primeira classe, tinha de ser dado a ele, sem nenhuma despesa.

- Oh! Meu Deus - disse ela -, não me diga que você é o Cameron Williams daquela revista.

-Sou.

- Time? Não é isso?

- Não brinque. Não trabalho para o concorrente.

- Oh! Eu sabia. Sabia por que eu queria ingressar no jornalismo. Fiz faculdade de jornalismo. Ouvi falar de você. O mais jovem vencedor do prêmio ou o que apresentou mais reportagens de capa com menos de 12 anos de profissão?

- Foi divertido.

- Ou coisa parecida.

- Não posso acreditar que estamos brincando num dia como este - disse Buck. De repente, a fisionomia dela assumiu um ar sério.

- Não quero nem pensar nisso. Então, o que posso *fazer* por você, se é que posso *fazer* alguma coisa?

- O negócio é o seguinte - disse Buck. - Tenho de chegar a Nova York. Por favor, não me olhe desse jeito. Sei que é o pior lugar aonde se pode ir neste momento. Mas a senhora conhece muitas pessoas. A senhora conhece pilotos que fazem vôos fretados. Sabe de que aeroportos eles decolam. Digamos que eu tenha recursos ilimitados e condições de pagar qualquer preço para o que eu preciso. Quem a senhora me indicaria? Ela olhou firme e pensativa para ele.

- Não posso acreditar que você tenha me pedido isso.

- Por quê?

- Porque conheço alguém. Ele voa com esses pequenos jatos partindo de lugares como os aeroportos Waukegan e Palwaukee. Ele é do tipo que cobra o dobro numa emergência, especialmente se souber quem você é e o tamanho do seu desespero.

- Não vou esconder nada dele. Dê-me a informação.

Ouvir o rádio ou ver a televisão era uma coisa. Encontrar-se diante do fato era outra bem diferente. Rayford Steele não tinha a menor idéia de como se sentiria se encontrasse algo que evidenciasse que sua esposa e seu filho tinham desaparecido da face da terra.

No alto da escada, na saleta que dá acesso aos quartos, ele parou junto às fotos penduradas. Irene, sempre seguindo a ordem cronológica, tinha pendurado os quadros começando pelos bisavós dele e dela. Antigos retratos em preto e branco, já um tanto descorados e trincados pelo tempo, de homens ossudos e mulheres do meio-oeste. Vinham em seguida as fotos coloridas já um pouco esmaecidas de seus avós em suas bodas de ouro. Depois seus pais, irmãos e eles mesmos. Quanto tempo passara desde que ele olhou detidamente a foto de seu casamento: ela usando um estilo de cabelo moderno na época, e ele com o cabelo cobrindo as orelhas e costeletas longas?

E aquelas fotografias de Chloe com oito anos segurando nos braços o irmãozinho bebê! Como era confortador saber que Chloe estava viva e que a qualquer momento ele teria um contato com ela! Mas o que dizer dos outros dois? Eles

desapareceram. Rayford não sabia o que esperar e pelo que orar. Imaginar que Irene e Raymie ainda estivessem aqui e que aquilo que ele via não passava de um sonho?

Ele não podia esperar mais. A porta do quarto de Raymie estava um pouquinho aberta. Seu despertador estava tocando. Rayford o desligou. Sobre a cama, estava um livro que Raymie vinha lendo. Rayford, vagarosa e nervosamente, levantou os cobertores e encontrou o pijama de Raymie com o símbolo do Bulls no peito - seu time favorito de basquete - a cueca e as meias. Ele sentou-se na cama e chorou, lembrando que Irene insistia em que Raymie calçasse meias ao deitar.

Rayford colocou as roupas numa pilha bem-arrumada e observou uma fotografia dele mesmo no criado-mudo. Na foto, Rayford aparecia sorridente dentro do terminal do aeroporto, o quepe embaixo do braço, e ao fundo um 747 do outro lado da parede envidraçada. A foto estava assinada: "Ao Raymie, com amor, papai." Embaixo desta dedicatória, ele escreveu "Rayford Steele, capitão-aviador, Linhas Aéreas Pan-Continental, O'Hare." Ele meneou a cabeça. Que tipo de pai autografa uma foto para seu filho?

O corpo de Rayford parecia de chumbo. Ele teve de se esforçar para ficar em pé. Em seguida, teve uma tontura, lembrando-se de que não tinha comido nada havia muitas horas. Ele saiu devagar do quarto de Raymie, sem olhar para trás, e fechou a porta.

No fim da saleta, ele parou diante da porta com painéis em relevo que dava acesso ao quarto do casal. Que lugar bonito e bem-ornamentado Irene fez, com que gosto ela decorava todos os cantos da

casa! Tinha ele alguma vez dito a ela que apreciava isso? Tinha ele alguma vez apreciado isso?

Não havia nenhum despertador a desligar ali. O cheiro de café é que sempre acordava Irene. Outra fotografia de ambos, ele olhando confiantemente para a câmera, ela olhando para ele. Ele não a merecia. Ele merecia isto, reconheceu - ser escarnecido por seu egocentrismo e despojado da pessoa mais importante de sua vida.

Rayford aproximou-se da cama, sabendo o que ia encontrar. O travesseiro afundado no lugar da cabeça, os cobertores enrugados. Ele podia sentir o cheiro dela, embora soubesse que a cama devia estar fria. Puxou cuidadosamente os cobertores e lençóis e encontrou o medalhão de Irene, que tinha uma foto dele. Sua camisola de flanela, aquela que ele criticava brincando e que ela usava somente quando ele não estava em casa, o que evidenciava sua partida.

Com um nó na garganta, os olhos absortos, ele notou sua aliança perto do travesseiro, onde ela sempre apoiava a face com a mão. Era demasiado para suportar, e ele sucumbiu. Pegou a aliança e a colocou na palma da mão, sentando-se na beirada da cama, o corpo torturado pela fadiga e pela dor. Pôs a aliança no bolso de sua jaqueta e percebeu o pequeno pacote que ela havia mandado pelo correio. Abrindo-o, encontrou dois de seus doces favoritos feitos em casa encimados por um coração de chocolate.

Que encanto de mulher! Pensou ele. *Nunca a mereci, nunca a amei o suficiente!* Ele pôs os doces em cima do criado-mudo; o cheiro familiar deles enchia o ar. Com os dedos enrijecidos, tirou suas roupas e deixou-as cair ao chão. Deitou-se de

bruços na cama, apanhou a camisola de Irene entre os braços para poder cheirá-la e imaginá-la a seu lado.

E Rayford chorou até adormecer.

CINCO

BUCK Williams entrou numa das cabinas do lavatório dos homens no Clube Pan-Continental para *fazer* uma verificação minuciosa de seus pertences. Dentro de um bolso interno de sua calça rancheira, ele carregava milhares de dólares em cheques de viagem resgatáveis em dólares, marcos ou ienes. Sua única maleta de couro continha duas mudas de roupas, seu *laptop,* telefone celular, gravador de fitas, acessórios, estojo de toalete, além de algumas peças de roupa para o inverno.

Ele estava equipado para passar dez dias na Grã-Bretanha quando deixou Nova York três dias antes dos desaparecimentos apocalípticos. Era seu costume nessas viagens intercontinentais cuidar de sua roupa, lavando-a numa pia de hotel, deixando-a secar o dia todo, enquanto usava outro conjunto do vestuário, tendo ainda um de reserva. Deste modo, ele nunca ficava sobrecarregado com muita bagagem.

Buck havia desviado seu trajeto fazendo uma parada em Chicago especificamente para resolver uma pendência com a chefe da sucursal do *Semanário Global* de lá, uma mulher negra de seus 50 anos chamada Lucinda Washington.

Ele teve um desentendimento com ela por ter passado por cima de sua equipe com um furo de reportagem sobre uma matéria que estava debaixo

do *nariz* de todos. Um ás legendário da equipe dos Bears encontrara um número suficiente de sócios para ajudá-lo a comprar um time de futebol profissional. Buck farejou o assunto, foi atrás, localizou o homem, fez a reportagem e publicou-a.

- Admiro você, Cameron - tinha dito Lucinda Washington, recusando-se intencionalmente a usar seu apelido. - Mas o mínimo que você devia ter feito era me pôr a par disso.

- E deixar que você escalasse alguém que deveria ter tomado a iniciativa?

- O esporte nem mesmo é da sua pauta de matérias, Cameron. Depois de descobrir o "Fazedor da Notícia do Ano" e *fazer a* cobertura da derrota da Rússia por Israel, como o próprio Deus diria, como pode você ter interesse em ninharia como esta? Vocês, do tipo almofadinha, só costumam gostar de hóquei e rúgbi.

- Isto era mais do que uma reportagem sobre esporte, Lucy, e...

- EU

- Desculpe-me, *Lucinda.* E esse não é um linguajar por demais surrado? Rúgbi e hóquei?

Eles gargalharam ao mesmo tempo.

- Não estou nem mesmo dizendo que você deveria avisar-me que está na cidade -continuou ela. - Tudo o que peço é que ao menos me informe antes de publicar a matéria no *Semanário.* Meu pessoal e eu ficamos muito constrangidos em ser passados para trás desse modo, especialmente pelo famoso Cameron Williams, mas para que isso seja...

- É por isso que você está zangada comigo? Lucinda soltou uma gargalhada outra vez.

- Foi por isso que disse ao Plank que precisava de uma conversa frente a frente para continuarmos amigos.

- E o que fez você pensar que eu me preocuparia com isso?

- Porque você me ama - disse Lucinda. - Você não pode esconder isto. Buck sorriu, e Lucinda acrescentou:

- Mas, Cameron, se eu pegá-lo nesta cidade outra vez, em meu setor, sem previamente avisar-me, vou lhe dar umas boas palmadas.

- Bem, ouça, Lucinda. Deixe-me dar-lhe uma pista que não vou ter tempo de desenvolver. Fiquei sabendo que o direito de compra do time acabou indo por água abaixo. O dinheiro estava curto, e a liga rejeitará a oferta. O glorioso time de sua cidade vai se complicar.

Lucinda começou a rabiscar algo furiosamente.

- Você não está falando sério - disse-lhe ela, tirando o fone do gancho.

- Não, não estou, mas será muito divertido ver você entrar em ação correndo como barata tonta.

- Seu desprezível - berrou ela. - Outro qualquer que me dissesse isso seria jogado daqui pra fora aos pontapés.

- Mas você me ama. Você não faria isso.

- Esta não é uma atitude cristã - retrucou ela.

- Não me venha com essa conversa de novo.

- Vamos lá, Cameron. Você sabe que mudou de idéia quando viu o que Deus fez em Israel.

- Admito, mas não comece a me chamar de cristão. Deísta é o máximo que posso ser.

- Fique na cidade uns dias mais e venha comigo à minha igreja, e Deus vai convencê-lo.

- Ele já me influenciou, Lucinda. Mas Jesus é outra coisa. Os israelitas odeiam Jesus, mas reconhecem o que Deus fez por eles.

- O Senhor trabalha de...

- ...forma misteriosa, sim, eu sei. A propósito, viajo para Londres segunda-feira. Vou trabalhar numa dica quente fornecida por um amigo de lá.

- O que é?

- Esqueça. Ainda não nos conhecemos muito bem. Ela riu ruidosamente, e se separaram com um abraço amigável. Isto tinha se passado três dias antes.

Buck tinha embarcado no infortunado vôo para Londres preparado para qualquer coisa. Ele estava atrás de uma dica de um ex-colega de classe em Princeton, um galés que tinha passado um tempo trabalhando no centro financeiro de Londres desde sua graduação. Dirk Burton tinha sido uma fonte confiável no passado, alertando-o a respeito de encontros secretos de financistas internacionais de alto nível. Durante anos, Buck havia se deleitado um pouco com a tendência de Dirk entreter-se com teorias conspirativas.

- Deixe-me entender isso direito - Buck tinha perguntado a ele uma vez -, você acha que esses caras são de fato os líderes mundiais?

- Eu não iria tão longe, Cameron - respondeu-lhe Dirk. -Tudo o que sei é que eles são importantes, pertencem ao setor privado, e depois que se reúnem acontecem grandes negócios.

- Você acha que eles elegem os líderes mundiais, escolhem a dedo os ditadores, esse tipo de coisa?

- Não pertenço ao rol do clube dos conspiradores, se é isso que você quer dizer.

- Então de onde você tirou essa idéia, Dirk? Vamos lá, você é um cara relativamente experiente. Corretores poderosos estão por trás das cenas? Investidores e agitadores são os que controlam o dinheiro?

- Tudo o que sei é que a Bolsa de Londres, a Bolsa de Tóquio, a Bolsa de Nova York -todos nós basicamente navegamos em águas calmas até que esses caras se reúnam. Aí então as coisas acontecem.

- Você quer dizer que, quando os índices da Bolsa de Valores de Nova York oscilam forte e repentinamente por causa de uma decisão presidencial ou algum voto do Congresso, isso se deve na verdade ao seu grupo secreto?

- Não, mas este é um exemplo perfeito. Se há uma oscilação no mercado por causa da saúde do presidente, imagine o que acontece nos mercados mundiais quando o verdadeiro grupo do dinheiro se reúne.

- Mas como o mercado sabe que eles vão se reunir? Pensei que você era o único que sabia.

- Cameron, falemos sério. Muitas pessoas não concordam comigo, e por isso

simplesmente não digo nada a ninguém. Um dos nossos grandalhões faz parte desse grupo. Quando eles têm um encontro, nada acontece imediatamente. Mas alguns dias depois, uma semana, as mudanças ocorrem.

- Por exemplo?

- Você vai me chamar de louco, mas um amigo meu se relaciona com uma garota que trabalha para a secretária do cara desse grupo, e...

- Epa! Pare! Aonde você quer chegar?

- Bem, talvez a conexão seja um pouco remota, mas você sabe que a secretária do cara não vai dizer nada. De qualquer modo, o boato que corre é que esse cara é ardoroso defensor da moeda única para o mundo inteiro. Você sabe que a metade do nosso tempo é gasto em manipular taxas de câmbio e tudo mais. Os computadores estão ligados ininterruptamente para reajustar as taxas, dia e noite, o ano inteiro, com base nos caprichos dos mercados.

Buck não estava convencido.

- Uma moeda global? Nunca vai acontecer - conjeturou.

- Como você pode dizer isso categoricamente?

- Muito estranho. Impraticável. Veja o que aconteceu nos Estados Unidos quando tentaram introduzir o sistema métrico.

- Devia ter acontecido. Vocês ianques são uns jecas.

- O sistema métrico era necessário somente para o comércio internacional. Não para medir a área externa do Yankee Stadium ou

quantos quilômetros há entre Indianápolis e Atlanta.

- Eu sei, Cameron. Seu povo pensava que, se vocês fizessem mapas e marcos de distância fáceis de ler, estariam abrindo caminho para os comunistas dominarem. E agora onde estão os seus comunistas?

Buck não levou a sério a maioria das idéias de Dirk Burton, senão poucos anos depois, quando Dirk o chamou no meio da noite.

- Cameron - disse ele, não se lembrando do apelido dado por seus colegas e amigos -, não posso falar muito. Você pode ir atrás do que vou dizer-lhe ou esperar que aconteça e arrepender-se mais tarde de não ter aproveitado a matéria para fazer uma reportagem. Mas você está lembrado daquele negócio que eu estava dizendo sobre uma moeda universal?

- Sim. Ainda estou em dúvida.

- Ótimo, mas estou lhe dizendo que a notícia que corre aqui é que o cara jogou a idéia na mesa na última reunião desses financistas secretos e alguma coisa está fermentando.

- O que está fermentando?

- Bem, haverá uma importante Conferência Monetária das Nações Unidas, e o tema será a adequação e aprimoramento da moeda.

- Grande negociata.

- *É* grande, Cameron. O cara conseguiu bater o martelo. Ele, naturalmente, estava tentando *fazer* com que a moeda fosse à libra esterlina.

- Que surpresa haverá quando isso não acontecer. Olhe para a economia de seu país.

- Mas ouça. A grande notícia, vazada de uma reunião secreta, é que eles concordaram com três moedas para o mundo todo, esperando chegar a uma única dentro de uma década.

- De modo algum. Não vai acontecer.

- Cameron, se minha informação é correta, o estágio inicial é um acordo selado. A conferência das Nações Unidas servirá apenas como uma fachada.

- E a decisão já foi tomada por seus manipuladores de fantoches secretos.

- É isso mesmo.

- Não sei, Dirk. Você é um amigo, mas deveria estar fazendo o que eu faço.

- Quem não faria?

- Bem, é verdade. Certamente eu não queria *fazer* o que você está fazendo.

- Mas não estou errado, Cameron. Teste minha informação.

- Como?

- Minha previsão é que a ONU vai se manifestar dentro de duas semanas, e, se eu estiver certo, comece a me tratar com um pouco de deferência, um pouco de respeito.

Buck lembrou-se de que ele e Dirk, como os demais colegas, andavam se esmurrando em Princeton durante a pizza e cerveja nos fins de semana nos dormitórios.

- Dirk, ouça. Isso parece interessante, e estou prestando atenção. Mas você sabe muito bem, não sabe? Brincadeira à parte, eu não desmereceria nem um tiquinho você, mesmo que estivéssemos há muito tempo afastados.

- Obrigado, Cameron. Realmente isto significa muito para mim. E, afora este pequeno petisco, vou lhe dar uma dica extra. Não vou apenas dizer que a resolução da ONU vai ser pelo dólar, marco e iene dentro de cinco anos, mas também vou dizer que o verdadeiro poder por trás disso é o do americano.

- O que você quer dizer com isso?

- O mais poderoso dos grupos internacionais secretos de homens do dinheiro.

- Este cara dirige o grupo, em outras palavras?

- É ele quem descartou a libra esterlina como uma das moedas e tem o dólar em mente como mercadoria única no final.

- Quem é ele?

- Jonathan Stonagal.

Buck estava esperando que Dirk citasse alguém ridículo, para que explodisse em gargalhada. Mas teve de admitir, ainda

que somente para si mesmo, que, se havia alguma coisa a respeito deste assunto, Stonagal seria uma escolha lógica. Stonagal, um dos homens mais ricos do mundo e de longa data muito conhecido como um poderoso corretor americano, tinha de estar envolvido, se um tema financeiro global sério estivesse em discussão. Embora já tivesse mais de 80 anos e aparentasse fragilidade em suas últimas fotos, ele não somente possuía os maiores bancos e instituições financeiras dos

Estados Unidos, mas também possuía ou tinha grande participação em outras instituições financeiras espalhadas pelo mundo.

Embora Dirk fosse um amigo, Buck sentia a necessidade de manter com ele um pouco de jogo do faz-de-conta, para torná-lo ávido de prover informações.

- Dirk, preciso voltar para a cama. Gostei de tudo isto e achei muito interessante. Vou ver o que resultará desse acordo da ONU. Tentarei também acompanhar os passos de Jonathan Stonagal. Se acontecer do modo que você imagina, você será meu melhor informante. Enquanto isso, veja se descobre para mim quantos fazem parte desse grupo secreto e onde se reúnem.

- Isto é fácil - disse Dirk. - Há pelo menos dez, embora outros mais às vezes compareçam às reuniões, inclusive alguns chefes de Estado.

- Presidentes dos Estados Unidos?

- Ocasionalmente, acredite ou não. E eles costumeiramente se reúnem na França. Não sei por quê. Numa espécie de chalé particular ou coisa parecida que dá a eles uma sensação de segurança.

- Seu amigo não perde nenhuma notícia, seja ela procedente de um amigo, de um parente, de um subordinado de secretária ou de qualquer outra pessoa.

- Ria quanto quiser, Cameron. Nosso cara no grupo, Joshua Todd-Cothran, pode não ser precisamente tão reservado como os demais.

- Todd-Cothran? Ele não é o presidente da Bolsa de Londres?

- Ele mesmo.

- Não ser reservado? Como pode ele ter uma tamanha posição e não ser reservado? E mais, quem já ouviu falar de um britânico que não fosse reservado?

- Acontece.

- Boa-noite, Dirk.

Naturalmente, tudo acabou se confirmando. A ONU tomou sua resolução. Buck descobriu que Jonathan Stonagal esteve hospedado no Hotel Plaza, em Nova York, durante os dez dias da conferência. O Sr. Todd-Cothran, de Londres, tinha sido um dos oradores mais eloqüentes, demonstrando tal ansiedade de ver a questão resolvida que se dispôs a passar a tocha ao primeiro-ministro com vistas à mudança da libra para o marco.

Muitos países do Terceiro Mundo lutaram contra a mudança, mas em poucos anos as três moedas espalharam-se pelo mundo. Buck tinha conversado somente com Steve Plank sobre esta dica das reuniões da ONU, mas não disse qual foi a fonte da informação. Nem ele nem Plank sentiram que valesse a pena um artigo especulativo sobre o assunto.

- Muito arriscado - dissera Steve. Logo ambos desejaram que tivessem tomado a iniciativa de publicar a matéria com antecedência. - Você teria se tornado mais do que uma lenda, Buck.

Dirk e Buck tinham ficado mais amigos do que nunca, e agora era raro Buck visitar Londres sem avisá-lo com antecedência. Se Dirk tivesse um fato sério, Buck pegava sua maleta e viajava. Suas viagens tinham geralmente se transformado em

excursões a países e climas que o surpreendiam, por isso tinha de levar roupas adequadas a várias estações. Agora, parecia, isso tudo era supérfluo. Ele se sentia preso em Chicago depois do mais desnorteante fenômeno na história mundial, tentando

chegar a Nova York.

Apesar da incrível praticidade e potencialidade de seu *laptop,* não havia ainda substituto para a sua agenda de bolso. Buck rabiscou uma lista de coisas a fazer antes de viajar outra vez:

Chamar Ken Ritos, piloto freteiro

Chamar papai e Jeff

Chamar Hattie Durham para dar notícias da família

Chamar Lucinda Washington sobre hotel local

Chamar Dirk Burton

Rayford Steele acordou com o som do telefone. Ele tinha ficado imóvel várias horas. Era um fim de tarde, e o céu estava começando a escurecer.

- Alô - disse ele, não conseguindo disfarçar o tom rouquenho e sonolento da voz.

- Capitão Steele? - Era a voz ansiosa e nervosa de Hattie Durham.

- Sim, Hattie. Você está bem?

- Estive tentando contatá-lo durante horas! Meu telefone ficou mudo por muito tempo e, depois, só deu sinal de ocupado. Consegui chamar seu telefone e ouvia o sinal dos toques, mas você nunca respondia. Nada soube de minha mãe e minhas irmãs. E quanto a você?

Rayford sentou-se na cama, atordoado e desorientado.

- Recebi um recado de Chloe - respondeu ele.

- Eu já sabia - disse Hattie. - Você me contou em O'Hare. Sua esposa e seu filho estão bem?

-Não.

- Não?

Rayford ficou em silêncio. Que outra coisa havia para dizer?

- Você tem certeza de alguma coisa? - perguntou ela.

- Acho que sim - respondeu. - Suas roupas de dormir estão aqui.

- Oh! não! Rayford, sinto muito! Posso fazer alguma coisa por você?

- Não, obrigado.

- Você precisa de companhia?

- Não, obrigado.

- Estou com muito medo.

- Eu também, Hattie.

- O que você vai fazer?

- Continuar tentando localizar Chloe. Espero que ela possa vir para casa ou eu possa ir até ela.

- Onde ela está?

- Stanford. Paio Alto.

- Minha gente está na Califórnia também - disse Hattie. -Eles tiveram todo tipo de problemas lá, até pior do que aqui.

- Imagino que sim, por causa da diferença de horário -Rayford respondeu. - Mais pessoas nas estradas, este tipo de coisa.

-\ Estou morrendo de medo de que tenha acontecido alguma coisa ruim com minha família.

- Dê-me notícia quando descobrir, Hattie, certo?

- Sim, mas espero que você me ligue. Meu telefone está mudo, por isso não poderei contatá-lo.

- Quero dizer a você que tentei chamá-la, Hattie, mas não pude. Isto é muito difícil para mim.

- Se precisar de mim, avise-me, Rayford. Talvez você precise de alguém com quem falar ou que esteja a seu lado.

- Farei isso. E você me informe o que souber de sua família. Ele quase desejou não ter acrescentado isto. A perda de sua esposa e filho o fez perceber quão inapropriada era a relação que ele tinha estado buscando com uma mulher de 27 anos. Ele mal a conhecia e, na verdade, não se importava com o que acontecera à família dela. A sensação era a mesma de ter lido no jornal a notícia de uma tragédia em algum lugar remoto. Ele sabia que Hattie não era má pessoa. Na realidade, ela era encantadora e amiga. Mas não era por isso que estava interessado nela. Tinha sido meramente uma atração física, alguma coisa em que ele foi suficientemente esperto, feliz ou ingênuo por não ter agido precipitadamente. Ele se sentia culpado por ter considerado tal possibilidade. Agora, sua angústia apagaria tudo, menos a cortesia de simplesmente se importar com uma colega de trabalho.

- Há um telefonema para mim - disse ela. - Pode esperar?

- Não, vá atender. Chamo você mais tarde.

- Vou ligar de volta, Rayford.

- Ah! Sim, está bem.

Buck Williams voltou para a fila e teve acesso a um telefone público. Desta vez, não estava tentando ligar seu computador a ele. Queria simplesmente saber quantas ligações pessoais podia *fazer.* Conseguiu primeiro ligar para Ken Ritz. A secretária eletrônica atendeu:

"Serviço de Frete Ritz. Este é o esquema em razão da crise: Tenho Learjets tanto em Palwaukee como em Waukegan, mas perdi meu outro piloto. Posso ir a qualquer aeroporto, mas neste momento não estão permitindo pousos em nenhuma das principais pistas. Não posso ir a Milwaukee, 0'Hare, Kennedy, Logan, National, Dulles, Dallas, Atlanta. Posso descer em alguns dos aeroportos menores mais afastados, mas isto precisa ser negociado. Desculpe-me por ser tão oportunista, mas estou pedindo US$ 1,25 por quilômetro, pagamento no ato. Se houver alguém que queira voltar no mesmo vôo, posso dar-lhe um pequeno desconto. Vou checar esta gravação à noite e amanhã cedo acertaremos o embarque. Interessa-nos fazer viagens mais longas com garantia de pagamento no ato. Se sua parada for no meio da viagem, tentarei encaixá-lo no vôo. Deixe-me uma mensagem, e eu retornarei."

Aquilo era uma piada. Como Ken Ritz iria localizar Buck? Sem poder contar com seu telefone celular, a única coisa em que ele poderia pensar era deixar seu número do *voice mail* de Nova York. "Sr.

Ritz, meu nome é Buck Williams. Estou necessitado de chegar o mais perto possível da cidade de Nova York. Pagarei o preço da passagem informado com cheque de viagem, resgatável em qualquer moeda que deseje." Às vezes, este era um atrativo para contratantes particulares, porque eles tinham a possibilidade de beneficiar-se de uma diferença da moeda escolhida e poderiam, assim, conseguir um pequeno lucro no câmbio. "Estou em O'Hare e tentarei encontrar um lugar para ficar num dos bairros. Para poupar seu tempo, vou escolher algum lugar entre O'Hare e Waukegan. Se eu conseguir um novo número de telefone neste intervalo, lhe informarei. Enquanto isto, queira deixar uma mensagem para mim no seguinte número em Nova York."

Buck ainda estava impossibilitado de contatar seu escritório diretamente, mas seu número do *voice mail* funcionou. Ele tomou conhecimento de novas mensagens, a maioria delas de seus colegas de trabalho procurando obter informações sobre o ocorrido e informando a perda de amigos comuns. Havia também a mensagem de saudação de Marge Potter, que foi genial ao pensar em deixar uma para ele. "Buck, se você receber este recado, telefone para seu pai em Tucson. Ele e seu irmão estão juntos, e eu detesto ter de dizer isto a você, mas eles estão tendo dificuldade de localizar a esposa e os filhos de Jeff. Eles devem ter notícia quando você telefonar para lá. Seu pai ficou muito contente e agradecido quando informei que você estava bem."

O *voice mail* de Buck indicava também que ele tinha uma outra mensagem. Era aquela de Dirk Burton que, em primeiro lugar, incentivava sua viagem. Ele precisaria ouvi-la novamente quando tivesse tempo. Enquanto isso, deixou uma

mensagem para Marge dizendo-lhe que, se tivesse tempo e uma linha disponível, era preciso informar a Dirk que o vôo dele nunca chegou a Heathrow. Naturalmente, a esta altura Dirk devia estar sabendo, mas era importante que ele fosse informado de que Buck não estava entre os desaparecidos e que estaria lá no devido tempo.

Buck desligou e, em seguida, telefonou para seu pai. A linha estava ocupada, mas não era o mesmo tipo de ruído indicador de queda de linhas ou de defeito em todo o sistema. Nem se tratava daquela enervante gravação que ele estava acostumado a ouvir. Ele sabia que era somente uma questão de tempo conseguir completar a ligação. Jeff devia estar desnorteado sem notícia de sua esposa, Sharon, e das crianças. Eles tiveram suas diferenças e chegaram até a se separar antes do nascimento dos filhos, mas por vários anos o casamento vinha sendo preservado. A esposa de Jeff tinha demonstrado espírito de perdão e conciliação. O próprio Jeff admitiu que ficou perplexo quando ela o aceitou de volta. "Chame-me de indigno, mas agradecido", disse ele uma vez a Buck. O filho e a filha do casal, ambos parecidos com Jeff, eram preciosos.

Buck localizou o número que a bela aeromoça loira lhe tinha dado e arrependeu-se de não ter procurado contatá-la antes. Demorou um pouco para ela atender.

- Hattie Durham, aqui fala Buck Williams.

- Quem?

- Cameron Williams, do *Semanário...*

- Oh! Sim! Alguma notícia?

- Sim, senhorita, boas notícias.

- Oh! Graças a Deus! Conte-me.

- Alguém do meu escritório me disse que encontraram sua mãe e que ela e suas irmãs estão ótimas.

- Oh! Obrigada, obrigada, muito obrigada! Não sei por que elas não me telefonaram. Talvez tenham tentado. Meu telefone enguiça a todo o momento.

- Há outros problemas na Califórnia, senhorita. As linhas caem freqüentemente. Talvez leve algum tempo para poder falar com elas.

- Eu sei. Ouvi dizer. Bem, fico muito grata por sua atenção. E você? Conseguiu contato com sua família?

- Soube que meu pai e meu irmão estão bem. Ainda não temos notícia de minha cunhada e seus filhos.

- Oh! Qual é a idade dos filhos?

- Não consigo me lembrar. Os dois têm menos de dez, mas não sei exatamente.

- Oh! - A voz de Hattie parecia triste, mas reservada.

- Por quê? - perguntou Buck.

- Por nada. É apenas que...

- O quê?

- Você não pode se basear no que eu vou dizer.

- Diga-me, Srta. Durham.

- Bem, você está lembrado do que lhe disse no avião. De acordo com as notícias, parece que todas as crianças desapareceram, inclusive as que estavam para nascer.

- Si... sim... sei.

- Não estou dizendo que os filhos de seu irmão estão...

- Eu sei.

- Lamento ter falado nisso.

- Não se preocupe. Isto é muito estranho, não lhe parece?

- Sim. Eu acabo de falar por telefone com o capitão que pilotou o avião em que você estava. Ele perdeu a esposa e o filho, mas sua filha está bem. Ela também está na Califórnia.

- Qual é a idade dela?

- Uns vinte, imagino. Ela está em Stanford. - Oh!

- Sr. Williams, por que nome é mais conhecido?

- Buck. É um apelido.

- Bem, Buck, posso estar errada quanto ao que eu disse a respeito de sua sobrinha e de seu sobrinho. Espero que haja exceções e que eles estejam bem.

Hattie começou a chorar.

- Srta. Durham, não se preocupe. Devemos admitir que ninguém está pensando direito neste momento.

- Pode me chamar de Hattie.

Isto lhe soou um tanto irônico diante das circunstâncias. Ela estava se desculpando por ter sido inconveniente e, por outro lado, não queria ser muito formal. Se ele era Buck, ela era Hattie.

- Acho que não devo ficar ocupando sua linha - disse ele. - Apenas queria passar-lhe as notícias. Pensei que talvez, a esta altura, já soubesse.

- Não, e obrigada mais uma vez. Você se importaria de me telefonar outra vez quando puder ou se lembrar? Você parece ser uma pessoa gentil, e estou muito grata pelo que fez por mim. Apreciaria ouvi-lo novamente. Este é um momento assustador e solitário.

Ele não podia tirar uma dedução dessa insinuação. Foi estranho. Seu pedido parecia qualquer coisa como "Venha me ver". Ela parecia absolutamente sincera, e ele estava acreditando. Uma mulher bonita, assustada, solitária, cujo mundo tinha sido abalado, tanto quanto o seu e dos que ele conhecia.

Quando desligou o telefone, Buck viu a jovem no balcão acenando para ele.

- Escute - disse ela em voz baixa -, eles não querem que eu faça uma comunicação pelo alto-falante, para evitar um corre-corre, mas acabamos de ouvir algo interessante. As empresas fretadoras de vôo se associaram e mudaram seu centro de comunicação para uma meia pista perto do cruzamento da estrada Mannheim.

- Onde é?

- Nos arredores do aeroporto. Não há tráfego para acesso aos terminais, por causa do congestionamento total. Mas, se você puder caminhar até o cruzamento, provavelmente encontrará todos aqueles caras com receptores portáteis tentando conseguir limusine ou microônibus chegando e saindo.

- Posso imaginar os preços.

- Não, provavelmente não pode.

- Posso imaginar o tempo de espera.

- O mesmo que ficar na fila para pegar um carro alugado em Orlando - disse ela.

Buck nunca tinha feito isso, mas também podia imaginar o que significava. E ela estava certa. Depois de pegar uma carona, com um grupo, até o cruzamento da Mannheim, ele encontrou uma porção de gente cercando os intermediadores. Avisos intermitentes chamavam a atenção de todos.

- Estamos lotando cada carro. Cem dólares por cabeça para qualquer subúrbio. Somente a vista. Nenhum deles está indo para Chicago.

- Aceita cartões? - alguém gritou.

- Vou repetir - disse o intermediador. - Só dinheiro vivo. Se vocês tiverem de pegar o dinheiro ou talão de cheques ao chegar em casa, acertem isso com o motorista, na base da confiança.

Ele anunciou uma lista de quais empresas estavam saindo e seus destinos. Os passageiros correram para lotar os carros, permanecendo em fila no acostamento da via expressa.

Buck entregou um cheque de viagem de 100 dólares ao intermediador para os subúrbios da região norte. Uma hora e meia depois, ele se juntou a vários outros numa limusine. Depois de tentar usar seu telefone celular inutilmente de novo, ele ofereceu ao motorista 50 dólares para usar o telefone dele.

- Não garanto nada - disse o motorista. - Algumas vezes, funciona, outras vezes, não.

Ele procurou o número da casa de Lucinda Washington na agenda de endereços em seu *laptop* e discou. Um jovem adolescente respondeu:

- Residência da família Washington.

- Cameron Williams, do *Semanário Global,* para falar com Lucinda.

- Minha mãe não está - disse o jovem.

- Ela está no escritório? Preciso de uma recomendação sobre onde me hospedar perto de Waukegan.

- Ela não está em nenhum lugar - disse o jovem. -Sou o único que ficou. Mamãe, papai, todos se foram. Desapareceram.

- Tem certeza?

- Suas roupas estão aqui, bem no lugar onde eles estavam sentados. As lentes de contato de meu pai ainda estão em cima de seu roupão de banho.

- Oh! Rapaz! Sinto muito.

- Está tudo bem. Eu sei onde eles estão, nem posso dizer que estou surpreso.

- Você sabe onde eles estão?

- Se você conheceu minha mãe, também sabe onde ela está. Ela está no céu.

- Sim, hã, você está bem? Há alguém para cuidar de você?

- Meu tio está aqui. E um membro de nossa igreja. Provavelmente, o único que sobrou.

- Então você está bem?

- Estou bem.

Cameron fechou o aparelho e devolveu-o ao motorista.

- Tem alguma idéia de onde devo ficar, uma vez que estou tentando um vôo partindo de Waukegan de manhã?

- A cadeia de hotéis provavelmente está lotada, mas há uns dois hotelecos ou pensões baratas onde você pode se enfiar. Ficam perto do aeroporto. Você será o último passageiro a descer.

- Bem, que fazer? Eles têm telefone nessas espeluncas?

- É mais provável que tenham telefone e televisão do que água corrente.

SEIS

FAZIA muito tempo que Rayford Steele não se embriagava. Irene nunca foi muito chegada a bebidas e tinha se tornado abstêmia nos últimos anos. Ela insistia com ele para que escondesse qualquer bebida forte que tivesse em casa. Não queria que Raymie sequer soubesse que seu pai ainda bebia.

-Isto é desonesto - contra-atacava Rayford.

- É prudente - dizia ela. Ele ainda não sabe de muita coisa, nem precisa saber.

- O que dizer daquela sua sarcástica insistência para que sejamos inteiramente sinceros?

- Dizer toda a verdade nem sempre significa dizer tudo o que fazemos. Você diz à sua tripulação que vai *fazer* uma pausa para ir ao banheiro, mas

não entra em detalhes sobre o que vai fazer lá, não é mesmo?

- Irene!

- Estou apenas dizendo que você não deve tornar óbvio para seu filho pré-adolescente que você usa bebida alcoólica.

Ele achou que não devia contrariá-la e resolveu guardar seu *bourbon* num lugar alto, escondido. Se alguma vez houve um momento propício para um drinque forte, seria este. Ele esticou o braço, passou a mão atrás de uma tampa de bolo

na prateleira mais alta acima da pia e puxou uma garrafa contendo quase um litro de uísque. Seu desejo era virar toda a bebida pura garganta abaixo e embriagar-se totalmente. Porém, mesmo num momento como aquele, havia tradições e bons costumes. Embriagar-se, bebendo diretamente da garrafa, não era seu estilo.

Rayford despejou cerca de quatro dedos de uísque num copo reto e de boca larga e bebeu tudo num único gole, como um alcoólatra. A necessidade de embriagar-se era grande demais, porém não condizia com seu caráter. A bebida desceu pela garganta queimando tudo pelo trajeto, causando-lhe um arrepio de frio que o fez tremer e gemer. Que *tolo!,* pensou ele. *E acima de tudo com o estômago vazio.*

Ele já estava sentindo tontura quando recolocou a garrafa na mesa. Depois pensou melhor e a colocou na lata de lixo embaixo da pia. Seria isto uma homenagem a Irene, abandonando, mesmo ocasionalmente, uma bebida forte? Não haveria nenhum benefício para Raymie agora, mas, de qualquer modo, ele não achava correto beber

sozinho. Seria ele *capaz* de tornar-se um embriagado secreto? *Quem não é?,* perguntou a si mesmo. Apesar de tudo, ele não ia morrer por causa do que tinha acontecido.

O sono de Rayford havia sido profundo, mas não muito longo. Ele tinha umas poucas tarefas imediatas. Primeiro, precisava ligar para Chloe. Segundo, precisava saber o que a Pan-Continental desejava dele na próxima semana. Pelos regulamentos normais ele teria de permanecer em terra após um vôo demasiado longo e por ter feito um pouso de emergência reordenado. Mas quem sabia o que estava acontecendo agora?

Quantos pilotos eles tinham perdido? Quando as pistas seriam desobstruídas? E quanto aos vôos programados? Ele sabia muito bem que a preocupação das empresas aéreas girava em torno de resultados financeiros. Assim que suas aeronaves pudessem voar novamente, elas voltariam a ser lucrativas. Bem, a Pan-Continental tinha sido boa para ele. Ele permaneceria lá e faria a sua parte. Mas o que poderia *fazer* acerca desta angústia, deste desespero, desta dor corrosiva?

Finalmente, ele passou a compreender por que as famílias enlutadas se queixavam quando o corpo de um parente estava mutilado demais para ser reconhecido ou tinha sido completamente destruído. Elas costumavam dizer que não fazia sentido alguém lacrar o caixão, sem permitir que o corpo fosse visto, e que o sofrimento se tornava maior porque era difícil aceitarem a idéia de que a pessoa tinha morrido.

Isto sempre pareceu estranho para ele. Que motivos teria alguém para desejar ver o corpo da esposa ou do filho estendido num caixão à espera

do funeral? Não seria melhor recordar deles vivos e felizes como eram? Mas ele agora compreendia melhor. Não havia dúvida de que sua esposa e filho desapareceram como se tivessem morrido, conforme aconteceu com os pais dele anos antes. Irene e Ray não voltariam, e Rayford não tinha certeza se os veria novamente um dia, por não saber se haveria uma segunda oportunidade para chegar a esse lugar chamado céu.

Ele queria pelo menos ter tido a possibilidade de encontrar seus corpos - na cama, num caixão, em qualquer lugar. Daria o que pudesse em troca de ver, num relance que fosse, seus corpos, seus rostos. É claro que isto não os traria de volta, mas talvez não se sentisse agora tão abandonado, tão vazio.

Rayford sabia que as comunicações telefônicas entre Illinois e a Califórnia só voltariam ao normal depois de muitas horas, talvez dias. Apesar disso, precisaria tentar. Ele discou para Stanford, chamando o número principal da administração, e não ouviu sequer o sinal de ocupado ou uma mensagem gravada. Ligou então para o dormitório de Chloe. Também não teve sucesso. A cada meia hora, ele apertava a tecla de rediscagem. Não alimentava a esperança de que ela atendesse; se o fizesse, seria uma surpresa maravilhosa.

Rayford estava faminto e reconhecia que teria sido melhor não ingerir aquela quantidade de bebida com o estômago *vazio.* Subiu de novo as escadas, entrando no quarto de . Raymie para pegar a pequena pilha de roupas, a fim de guardá-las como recordação do garoto. Colocou-as numa caixa de papelão para presentes que encontrou no guarda-roupa de Irene. Depois colocou em outra caixa a

camisola de Irene; o medalhão e a aliança foram guardados numa caixa menor.

Ele levou as caixas para a sala, com os dois doces que ela havia despachado pelo correio para ele. O resto da fornada dos doces devia estar em algum lugar da cozinha ou da copa. Ele os encontrou numa tigela no guarda-louça. O aroma e o paladar dos doces o fariam com que se lembrasse dela até que terminassem.

Rayford pegou dois doces da tigela, colocou-os num pratinho de papelão ao lado dos que já havia recebido, e despejou leite num copo. Sentado à mesa da cozinha, perto do telefone, ele sentiu que teria de *fazer* esforço para alimentar-se. Parecia paralisado. Precisando manter-se ocupado, apagou da secretária eletrônica as mensagens recebidas e regravou a sua. "Aqui fala Rayford Steele. Por favor, deixe um recado curto. Estou tentando manter esta linha livre para minha filha. Chloe, se for você, estarei dormindo ou em algum outro cômodo da casa, por isso insista até eu atender. Se não for possível conversarmos por algum motivo, faça o que puder e venha para casa. Qualquer companhia de aviação debitará a passagem em minha conta. Amo você." Em seguida, comeu os doces, cujo cheiro e gosto lhe traziam imagens de Irene na cozinha, e o leite fazia-o sentir saudade do filho. A situação estava se tornando muito penosa, insuportável.

Rayford estava exausto, e, além disso, não queria subir as escadas outra vez. Sabia que teria de fazer força para dormir em sua cama naquela noite. Por ora, ficaria estendido num diva da sala de estar esperando a ligação de Chloe. Como um autômato, apertou novamente a tecla de

rediscagem. Desta vez, ouviu o sinal de ocupado, o que já significava alguma coisa. Naquele momento, as linhas estavam se restabelecendo. Era um bom sinal. Ele sabia que Chloe estava pensando nele, enquanto ele pensava nela. Mas Chloe não tinha nenhuma idéia do que podia ter acontecido à sua mãe e ao seu irmão. Teria ele de dizer isto à filha por telefone? Receava que sim. Ela certamente perguntaria.

Rayford foi se arrastando até o diva e deitou-se, com soluços na garganta, mas não acompanhados de lágrimas. Elas pareciam ter secado. Se Chloe ouvisse apenas a mensagem e resolvesse vir para casa, ele poderia pelo menos dizer isto a ela frente a frente.

Continuou angustiado, sabendo que a televisão estaria reproduzindo, incessantemente, imagens que ele não queria ver de tragédia e destruição no mundo todo. De repente, sentiu-se fortalecido. Sentou-se fitando estático a escuridão através da vidraça. Era seu dever não falhar com Chloe. Ele a amava, e ela era tudo o que lhe restara. Os dois teriam de descobrir por que desprezaram o que Irene tentou dizer-lhes, por que resistiram tanto a aceitar e crer. Acima de tudo, ele unha de estudar, aprender, estar preparado para o que viesse a acontecer dali em diante.

Se os desaparecimentos foram um ato de Deus, seria aquilo o fim de tudo? Os cristãos, os crentes verdadeiros, foram levados, e os restantes foram deixados para afligir-se, lamentar e reconhecer seu erro? Talvez sim. Talvez fosse esse o preço. *Mas,*

então, o que acontece quando morremos?, pensou. Se o céu é uma realidade, se o

Arrebatamento foi um fato, o que isto queria dizer quanto ao inferno e ao Juízo? É este o nosso destino? Viveremos este inferno de tristeza e arrependimento e, depois, iremos também literalmente para o inferno?

Irene sempre falava de um Deus amoroso, porém até mesmo o amor e a misericórdia de Deus haviam de ter limites. Todos os que não aceitaram a verdade fizeram com que Deus chegasse ao seu limite? Não havia mais misericórdia, nenhuma nova oportunidade? Talvez não houvesse, e, se não houvesse, . que assim fosse.

Mas, se houvesse opções, se houvesse ainda um meio de encontrar a verdade e crer ou aceitar, ou tudo mais que Irene disse, Rayford estava disposto a descobrir. Estaria ele, então, admitindo que não sabia essas coisas? Que tinha confiado em si mesmo e que agora se considerava estúpido, fraco e imprestável? Talvez. Após toda uma vida de realizações, de superações, de ser melhor do que a maioria e o máximo em muitos círculos, ele foi tão humilhado quanto era possível por um único golpe.

Havia tanta coisa que ele não conhecia, tanta coisa que não compreendia. Mas, se ainda houvesse respostas, ele as encontraria. Não sabia a quem perguntar ou por onde começar, mas isto era algo que ele e Chloe poderiam fazer juntos. Eles sempre se entenderam bem. Ela se tornara independente, um comportamento típico da adolescência, mas nunca *fizera* qualquer coisa estúpida ou irreparável, até onde ele sabia. Na verdade, sempre foram muito amigos; ela se parecia muito com ele.

Foi tão-somente a idade e a inocência de Raymie que haviam permitido que sua mãe o influenciasse daquele modo. Ele não tinha aquela

intrepidez, aquela determinação que Rayford considerava necessária para vencer no mundo real. Raymie não era efeminado, mas Rayford se preocupava com a possibilidade de ele se tornar o filhinho da mamãe — muito compassivo, sensível e ansioso. Raymie estava sempre querendo assemelhar-se a outrem, ao passo que Rayford achava que o filho devia ser o número um.

Quão agradecido estava ele agora pelo fato de Raymie se parecer mais com a mãe do que com o pai. E como desejou naquele momento que Chloe tivesse recebido um pouco dessa influência materna. Chloe tinha o espírito competitivo, auto-suficiente, alguém que precisava ser convencida e persuadida. Podia ser bondosa e generosa quando a coisa era condizente com seu propósito, mas agia como o pai, com independência.

Belo trabalho, manda-chuva, disse Rayford a si mesmo. A garota de quem estava tão orgulhoso por ser parecida com você está na mesma situação.

Isto, ele decidiu, teria de mudar. Tão logo conversassem, a situação *mudaria.* Eles estariam numa missão - a busca da verdade. Se ele estava muito atrasado, teria de aceitar e conviver com isso. Ele sempre fora uma pessoa que perseguia um alvo e aceitava as conseqüências. Só que desta vez as conseqüências eram eternas. Acima de tudo, ele esperava que houvesse outra chance para conhecer a verdade. O único problema era que os que conheciam a verdade se foram.

O hotel na Rua Washington, a poucos quilômetros do pequenino aeroporto Waukegan, era muito ordinário para ter uma lista de espera. Buck Williams ficou agradavelmente j surpreso por não terem aumentado a diária em *razão* dos recentes

acontecimentos. Quando viu o quarto, entendeu o porquê e ficou se perguntando como podia uma espelunca daquela sobreviver. Pelo menos, tinha telefone, chuveiro, uma cama e televisão. Exausto como estava, aquilo era suportável. A primeira coisa que Buck fez foi chamar seu *voice mail* em Nova York. Não havia nada de novo, por isso chamou a mensagem arquivada de Dirk Burton, que lembrava a Buck como considerava importante sua viagem a Londres. Buck a digitou em seu *laptop* enquanto ouvia:

Cameron, você sempre me diz que esse centro de mensagem é confidencial. Espero que esteja certo. Não vou nem me identificar, mas você sabe quem sou. Permita-me dizer-lhe algo importante que o faça vir aqui o mais depressa possível. O figurão, o maior, seu compatriota, que eu chamo de poder supremo da corretagem internacional, encontrou-se outro dia com aquele que chamo de grandalhão. Você sabe de quem estou falando. Havia um terceiro no encontro. Tudo o que sei é que ele é da Europa, provavelmente da Europa Oriental. Não sei quais são os planos dos dois para ele, mas aparentemente deve ser alguma coisa muito importante.

Minhas fontes dizem que seu amigo se encontrou com cada um de seu pessoal-chave e com esse tal europeu em lugares diferentes. Ele o apresentou ao pessoal da China, Vaticano, Israel, França, Alemanha, daqui e dos Estados Unidos. Algo está sendo engendrado, que não quero nem mesmo insinuar, a não ser pessoalmente. Venha verme o mais rápido que puder. Caso não seja possível, deixe-me apenas mencionar isto: Dê uma olhada nas notícias sobre a ascensão ao poder de um novo líder na Europa. Se você achar, como eu acho, que

não há eleições programadas nem mudanças iminentes de poder, vai ter uma surpresa. Venha logo, amigo.

Buck telefonou para Ken Ritz e deixou um recado na secretária eletrônica dizendo onde estava. Depois tentou ligar para o oeste mais uma vez e finalmente conseguiu. Buck ficou surpreso e aliviado ao ouvir a voz de seu pai, embora ele aparentasse estar cansado, desanimado, mas nem um pouco apavorado.

- Estão todos bem aí, papai?

- Nem todos. Jeff estava aqui comigo, mas resolveu pegar o carro para ver se pode chegar ao lugar do acidente em que Sharon foi vista pela última vez.

- Acidente?

- Ela estava levando os filhos a um retiro ou coisa parecida, alguma coisa a ver com a igreja que ela freqüentava. A verdade é que ela nunca chegou lá. O carro capotou. Não havia sinais dela, a não ser as roupas, e você sabe o que , isto significa.

- Ela sumiu?

- É o que parece. Jeff não aceita isso. Ele está totalmente confuso. Quer ver com os próprios olhos. O problema é que as crianças também sumiram, todas elas. Todos os seus amigos, todos os que se encontravam nesse retiro nas montanhas. A polícia encontrou todas as roupas das crianças, cerca de cem mudas, e alguma espécie de lanche para a noite queimando no fogão.

- Puxa! Diga a Jeff que estou pesaroso. Se ele quiser conversar comigo, estou aqui.

- Não creio que ele queira conversar, Cameron, a menos que você tenha respostas para este acontecimento.

- Isto é uma coisa que ainda não entendi, papai. Não conheço ninguém que tenha uma explicação. Meu pressentimento é que os que teriam as respostas se foram.

- Isto é terrível, Cam. Gostaria que você estivesse aqui conosco.

- Aposto que sim.

- Você está sendo sarcástico?

- Apenas dizendo a verdade, papai. É a primeira vez que o senhor me convida para ir até aí.

- Este é o tipo de momento em que talvez tenhamos de mudar nosso modo de pensar.

- No meu caso? Duvido.

- Cameron, não vamos entrar nesta questão, certo? Pense só uma vez em outra pessoa que não em você mesmo. Você perdeu uma cunhada, uma sobrinha e um sobrinho ontem, e seu irmão nunca conseguirá superar isso.

Buck arrependeu-se do que disse. Por que ele sempre falava o que não devia, especialmente agora? Seu pai estava certo. Se Buck ao menos pudesse admitir isso, talvez eles conseguissem se entender. Ele ficou ressentido com a família desde que foi para a faculdade, depois de sua façanha de conseguir estudar numa universidade famosa. No lugar de onde ele veio, os filhos deviam seguir o negócio dos pais. O trabalho de seu pai era transportar petróleo para o Estado onde morava, principalmente de Oklahoma e Texas. Era um trabalho espinhoso, porque os moradores dali

achavam que os recursos tinham de vir do próprio Estado. Jeff começou a trabalhar com o pai, de início no escritório, depois dirigindo caminhão, e agora administrando as operações do dia-a-dia.

Os ânimos acirraram, principalmente quando a mãe de Cameron adoeceu na época em que ele estava estudando fora. Ela insistiu que o filho permanecesse na faculdade, mas, quando ele não visitou a família no Natal por motivos financeiros, o pai e o irmão nunca o perdoaram. Sua mãe morreu enquanto ele estava fora, e seu pai e irmão o trataram com frieza no funeral.

Houve alguma melhora nos relacionamentos com o correr do tempo, principalmente porque sua família gostava de exaltá-lo e sentir-se orgulhosa, uma vez que ele se tornou conhecido como um fenômeno no ramo jornalístico. Ele achava que o passado estava enterrado, mas ressentia-se do fato de passar a ser bem-vindo só porque se tornara famoso. Por isso, raramente os visitava. Havia muitos ressentimentos para superar e chegar a uma reconciliação completa, mas ele ainda sentia ódio de si mesmo por abrir velhas feridas quando sua família estava sofrendo.

- Se houver algum tipo de culto ou cerimônia *in memoriam,* vou tentar chegar até aí, papai. Está bem assim?

- Você vai *tentar?*

- Isto é tudo o que posso prometer. O senhor pode imaginar como estão as coisas no *Semanário* neste momento. É desnecessário dizer que esta é a reportagem do século.

- Você escreverá a reportagem da capa?

- Vou ter muita coisa para escrever, sim.

- Mas e a capa?

Buck suspirou, repentinamente cansado. Não era para menos, uma vez que ficou acordado quase 24 horas.

- Não sei, papai. Reuni um grande número de fatos. Meu palpite é que na próxima edição haverá muita coisa a dizer sobre o que aconteceu no mundo inteiro. É improvável que a minha reportagem seja a única a cobrir o assunto. Talvez eu seja designado para um trabalho muito importante daqui a duas semanas.

Ele esperava ter satisfeito seu pai. Queria desligar o telefone e dormir um pouco, mas não desligou.

- O que quer dizer isso? Qual é a reportagem?

- Oh! Vou reunir material de várias fontes sobre as teorias acerca dos desaparecimentos.

- Será um grande trabalho. Todos aqueles com quem converso têm uma idéia diferente. Você sabe que seu irmão está receoso de que isto tenha sido o Juízo Final de Deus ou alguma coisa parecida?

- Ele acha?

- Sim. Mas eu não penso assim.

- Por que não, papai? - realmente Buck não queria entrar numa longa discussão, mas isto o surpreendeu.

- Porque perguntei ao nosso pastor. Ele disse que, se Jesus Cristo levou as pessoas para o céu, ele, eu, você e Jeff também teríamos ido. Faz sentido.

- Faz? Nunca fui chegado a religião.

- Para o inferno você não vai. Você está sempre envolvido nessa bobagem liberal da Costa Leste. Você sabe muito bem que o levamos à igreja e à Escola Dominical desde quando era um bebê. Você é tão cristão como qualquer um de nós.

Cameron quis dizer: "É exatamente isso que me intriga." Mas não disse. Foi a falta de sintonia entre a participação de sua família na igreja e o modo de vida de cada um que o levou a deixar a igreja definitivamente no dia em que fez sua escolha.

- Sim, bem, diga ao Jeff que estou pensando nele, ta? Caso consiga acomodar as coisas aqui, irei até aí para ajudá-lo a decidir o que *fazer* sobre Sharon e as crianças.

Buck estava satisfeito porque aquele hoteleco tinha pelo menos bastante água quente para um demorado banho. Ele só se lembrou do incômodo latejar atrás da cabeça quando a água quente escorreu sobre ela e removeu a atadura. Ele não dispunha de nada para repor o curativo, por isso deixou escorrer um pouco de sangue e, em seguida, conseguiu um pouco de gelo. Pela manhã, procuraria uma atadura, somente para esconder a ferida. Por ora, deixaria como estava. Doíam-lhe os ossos de cansaço.

O televisor não dispunha de controle remoto, e ele não queria levantar-se depois de estar acomodado. Ligou a televisão num som baixo, de modo que não interrompesse seu sono, e teve uma visão geral dos fatos antes de adormecer. As imagens do mundo inteiro estavam além do que ele podia suportar, mas notícia era seu negócio. Ele se

lembrava dos muitos terremotos e guerras da última década e das coberturas noturnas que eram tão comoventes. Agora presenciava um acontecimento milhares de vezes maior, e tudo no mesmo dia. Nunca na História tantas pessoas morreram num único dia como aquelas que simplesmente desapareceram de repente. Foram mortas? Estavam mortas? Voltariam?

Buck não podia afastar os olhos da tela, pesados como estavam, enquanto uma seqüência de imagens exibia os desaparecimentos filmados em casa. De alguns países, vinham tomadas profissionais de *shows* de televisão ao vivo; num deles, o microfone do apresentador caiu em cima de suas roupas vazias e escorregou sobre os sapatos, produzindo um ruído ao rolar no chão. A platéia gritava. Uma das câmeras tomou uma cena panorâmica da multidão, que estava ocupando toda a capacidade do auditório momentos antes. Agora vários lugares estavam vazios, as roupas soltas ao acaso sobre o assento e no chão.

Ninguém poderia produzir uma cena como esta, Buck pensou, fechando vagarosamente os olhos carregados de sono. Se alguém tentasse vender um roteiro sobre milhões de pessoas desaparecendo, deixando tudo para trás, menos seus corpos, seria ridicularizado.

Buck só percebeu que estava dormindo quando um telefone barato tocou tão estrepitosamente como um chocalho, quase caindo do criado-mudo. Ele tateou no escuro para erguer o fone.

- Queira desculpar o incômodo, Sr. Williams, mas enquanto o senhor estava usando o telefone, ligou uma pessoa chamada Ritz. Ele disse que o

senhor pode chamá-lo ou simplesmente esperar por ele lá fora às seis da manhã.

- Está bem, obrigado.

- O que o senhor vai *fazer?* Telefonar para ele ou encontrá-lo à entrada do prédio? j - Por que você precisa saber?

- Oh! Não estou querendo ser intrometido. É que o senhor vai sair daqui às seis horas e preciso do pagamento adiantado. O senhor fez uma ligação interurbana. E eu não me levanto antes das sete.

- Vou lhe dizer o que... Ah! Qual é o seu nome?

- Mack.

- Vou lhe dizer o que *fazer,* Mack. Deixei com você o número de meu cartão de crédito, por isso você sabe que não vou sair sorrateiramente daqui. Amanhã cedo, deixarei um cheque de viagem no quarto para você, cobrindo o preço da diária e um tanto mais do que o necessário para a ligação interurbana. Você entendeu?

- Uma gorjeta?

- Sim, senhor.

- Beleza.

- Preciso que você me faça o seguinte: ponha por baixo da porta uma atadura.

- Tenho uma. Precisa dela agora? O senhor está bem?

- Estou bem. Não preciso dela agora. Quando você for dormir. Por favor, desligue meu telefone, a título de precaução, ta? Se tenho de acordar tão cedo, preciso de um bom sono a partir de agora. Você pode cuidar disso para mim, Mack?

- Claro que posso. Vou desligar o telefone agora. O senhor quer que alguém o chame de manhã?

- Não, obrigado - disse Buck, sorrindo quando percebeu que o telefone estava mudo em sua mão. Mack era tão bom quanto sua palavra. Se encontrasse a atadura de manhã, poderia deixar para Mack uma boa gorjeta. Buck fez um esforço para levantar-se, desligou a televisão e apagou a luz. Ele era do tipo que olhava para o relógio antes de pôr a cabeça no travesseiro e despertava na hora exata que havia programado. Era quase meia-noite. Ele estaria em pé às cinco e meia.

Foi só acomodar-se e desmaiar de sono. Até cinco horas e trinta minutos mais tarde, ele não havia movido um músculo sequer.

Rayford sentia-se como um sonâmbulo, enquanto se arrastava pesadamente sobre o piso da cozinha em direção à escada. Ele não podia acreditar que estivesse ainda tão cansado depois de seu longo sono e de seu cochilo providencial no diva. O jornal ainda estava enrolado e envolto por um elástico no assento de uma cadeira, onde foi jogado. Se ele tivesse qualquer problema para dormir no pavimento superior, talvez desse uma olhada no jornal. Seria interessante ler as notícias sem sentido de um mundo que não sabia que sofreria o pior trauma de sua história apenas umas poucas horas depois de o jornal ter sido impresso.

Rayford apertou o botão da rediscagem e afastou-se lentamente em direção à escada, escutando mal daquela distância. O que era aquilo? O ruído de discar tinha sido interrompido, e o telefone do dormitório de Chloe estava chamando.

Ele pegou rapidamente o telefone, e uma voz de mulher atendeu.

- Chloe? - perguntou Rayford.

- Não. Sr. Steele? -Sim!

- Aqui fala Amy. Chloe está tentando encontrar um meio de ir para casa. Ela tentará ligar para o senhor durante a viagem, a qualquer momento amanhã. Se não conseguir, ligará quando chegar aí ou tomará um táxi até sua casa.

- Ela já saiu daí?

- Sim. Não quis esperar. Ela tentou ligar várias vezes, mas...

- Sim, eu sei. Obrigado, Amy. Você está bem?

- Morrendo de medo, como todo mundo.

- Posso imaginar. Você perdeu alguém?

- Não, e sinto uma espécie de culpa a este respeito. Parece que cada pessoa que conheço perdeu alguém. Bem, perdi alguns poucos amigos, mas ninguém muito próximo, nenhum familiar.

Rayford não sabia se devia congratular-se com ela ou demonstrar tristeza. Se isto fosse o que ele agora acreditava, esta pobre criatura mal conhecia alguém que tivesse sido levado para o céu.

- Bem - disse ele -, estou contente em saber que você está bem.

- E o senhor? - perguntou ela. - E a mãe e o irmão de Chloe?

- Receio que tenham ido, Amy.

- Oh! Não!

- Mas gostaria que você nada dissesse a Chloe, se ela se encontrar com você antes de chegar aqui ou me telefonar.

- Não se preocupe. Acho que não diria nada, mesmo que o senhor me pedisse.

Rayford ficou deitado vários minutos, depois, lentamente, foi virando as páginas do primeiro caderno do jornal. Hum. Uma surpresa na Romênia.

Eleições democráticas tornaram-se obsoletas quando, com o aparente consenso unânime do povo, da assembléia e do senado, um jovem homem de negócios e político popular assumiu o posto de presidente do país. Nicolae Carpathia, de 33 anos, nascido em Cluj, provocou nos últimos meses uma reviravolta na nação com seu discurso popular e persuasivo, encantando a população, os amigos e também os inimigos. As reformas que ele propôs para o país foram a causa de sua proeminência e poder.

Rayford olhou a fotografia do jovem Carpathia, um loiro surpreendentemente charmoso que se parecia com Robert Redford quando jovem. *Será que ele teria desejado o posto, se soubesse o que estava para acontecer?* Pensou Rayford. *Seja o que for que ele tenha a oferecer, não valerá nada agora.*

SETE

KEN Ritz chegou ao hotel precisamente às seis horas, baixou o vidro da porta e perguntou:

- Você é Williams?

- Sim - respondeu Buck, entrando em seguida numa *van* com tração nas quatro rodas, último

modelo, com sua única bagagem. Ajeitando com os dedos a atadura em sua cabeça, Buck sorriu imaginando Mack se deleitando com seus vinte dólares extras.

Ritz era alto e magro, tinha o rosto marcado pelo tempo e um topete grisalho.

- Vamos ao trabalho - disse ele. - São 1.190 km entre O'Hare e Kennedy e 1.200 km de Milwaukee a Kennedy. Vou levá-lo o mais perto possível do aeroporto Kennedy, e estamos no meio do caminho entre O'Hare e Milwaukee, portanto vamos usar a média de 1.195 km. Multiplicamos isto por US$ 1,25 e chegamos a 1.494 dólares. Arredondamos para 1.500 pelo serviço de táxi, e negócio fechado.

- De acordo - disse Buck, puxando seu talão de cheques e começando a assinar. - Que corrida de táxi cara!

Ritz deu uma risada.

- Especialmente para alguém que dormiu neste lugar.

- Foi agradável.

Ritz parou diante de um barracão metálico pré-fabricado no aeroporto Waukegan e puxou conversa enquanto trabalhava na preparação do vôo.

- Nunca houve desastre neste aeroporto - disse ele. -Aconteceram dois em Palwaukee. Mas perdemos aqui duas pessoas da equipe. Mais do que fatídico, não acha?

Buck e Ritz relataram casos de perda de parentes, onde estavam quando o fato aconteceu, e os nome dos desaparecidos.

- Nunca transportei um jornalista - disse Ken. - Em vôo fretado, quero dizer. Devo ter levado muitos de seus colegas quando eu pilotava vôos comerciais.

- Ganha mais trabalhando por conta própria?

- Sim, mas não sabia quando mudei do comercial para o fretado. Não foi minha escolha.

Começaram a subir a bordo do jatinho. Buck encarou-o.

- Foi afastado da profissão?

- Não se preocupe, sócio - disse Ken. - Vou levá-lo até lá.

- O senhor tem a obrigação de me dizer se foi afastado.

- Fui despedido. Há uma diferença.

- Depende do motivo por que foi despedido, não acha?

- Tem razão. Mas o motivo deve fazer você sentir-se bem. Fui despedido por ser muito cuidadoso. E essa agora?

- Conte-me como foi - atalhou Buck.

- Lembra-se de um bom tempo atrás quando havia aquele bate-boca sobre aviões muito velhos que caíam quando fazia muito frio?

- Sim, até que fizeram alguns acertos ou coisa parecida.

- Certo. Lembra-se de um piloto que se recusou a voar, mesmo depois de ter sido forçado a fazê-lo, e o público foi tranqüilizado com a conversa de que aquele fato era explicável ou um mero acaso?

- Hã-hã.

- E lembra-se de que houve outro acidente logo depois, que provava que o piloto tinha razão?

- Vagamente.

- Bem, lembro-me perfeitamente como se fosse hoje, porque você está olhando para o próprio.

- Sinto-me melhor.

- Você sabe quantos daqueles modelos antigos de avião estão operando hoje? Nenhum. Quando alguém está certo, está certo. Mas fui readmitido? Não. Uma vez encrenqueiro, sempre encrenqueiro. Muitos de meus colegas, porém, ficaram agradecidos. E algumas viúvas de pilotos ficaram revoltadas por eu ter sido relegado. Foi tarde para seus maridos.

- Que pena!

Enquanto o jatinho zumbia em direção ao leste, Ritz quis saber o que Buck pensava dos desaparecimentos.

- É singular sua pergunta - disse Buck. - Vou começar a trabalhar seriamente no assunto hoje. O que o senhor leu sobre isso? E se importaria se eu ligasse um gravador?

- Tudo bem - disse Ritz. - A coisa mais terrível que vi. Certamente não sou o único que pensa assim. Devo dizer que sempre acreditei em discos voadores.

- O senhor está brincando! Um piloto dotado de bom senso, cônscio da segurança? Ritz meneou a cabeça.

- Não estou falando de pequenos homens verdes ou dos alienígenas do espaço que raptam pessoas. Estou falando de coisas mais documentadas, vistas por astronautas e também por alguns pilotos.

- Chegou a ver alguma coisa?

- Não. Bem, um par de coisas inexplicáveis. Algumas luzes ou miragens. Uma vez achei que estivesse voando muito perto de uma esquadrilha de helicópteros. Não muito distante daqui. Posto Aeronaval Glenview. Mandei um aviso de alerta pelo rádio, e em seguida sumiram de vista. Suponho que isto é explicável. Talvez eu estivesse voando mais rápido do que devia e não estivesse tão perto deles como pensava. Mas nunca tive uma resposta, nenhuma confirmação, nem mesmo de que eles estivessem no espaço aéreo. Glenview não confirmou isso. Esqueci o caso, mas algumas semanas depois, perto do mesmo lugar, meus instrumentos ficaram malucos. Os ponteiros dos mostradores girando desordenadamente, os medidores paralisados, esse tipo de coisa.

- O que achou disso?

- Campo magnético ou alguma força semelhante, o que também seria explicável. Você sabe que não faz sentido relatar ocorrências estranhas ou visões perto de uma base militar, porque eles rejeitam isso de imediato. Eles nem mesmo levam a sério qualquer coisa estranha num raio de muitos quilômetros de distância de um aeroporto comercial. É por isso que você nunca ouve relatos de discos voadores perto de O'Hare. Nem tomam conhecimento.

- É por isso que o senhor não engole esse negócio de raptos feitos por alienígenas do espaço, porém relaciona os desaparecimentos aos discos voadores?

- Não estou falando de ETs ou de outras criaturas. Penso que nossas idéias sobre a aparência física dos seres do espaço são muito simples e rudimentares. Se é que existe vida inteligente fora daqui, e eu acho que deve existir, por causa dos fatos extraordinários evidentes...

- O que o senhor quer dizer?

- A vastidão do espaço.

- Ah! sim, tantas estrelas e tanto espaço sugerindo que . alguma coisa existe em algum lugar.

- Exatamente. Concordo com as pessoas que pensam que aqueles seres são mais inteligentes do que nós. De outro modo, não teriam conseguido nada aqui, se é que de fato estiveram aqui. E, se estiveram aqui, fico achando que eles são sofisticados e avançados demais para fazer coisas com as quais nunca sonhamos.

- Como fazer pessoas desaparecerem instantaneamente de dentro de suas roupas.

- Isto parecia ser uma idéia ridícula até aquela noite, não é mesmo? Buck balançou a cabeça em sinal de concordância.

- Eu sempre ridicularizei as pessoas que admitiam que esses seres podiam ler nossos pensamentos ou penetrar em nossas mentes, e outras bobagens - continuou Ritz. -Mas quem está faltando? Todas as pessoas que eu conheci ou de

quem ouvi falar tinham menos de 12 anos ou eram muito especiais.

- O senhor acha que todas as pessoas que desapareceram e esses seres, digamos assim, tinham alguma coisa em comum?

- Bem, eles têm alguma coisa em comum agora, você não diria?

- Mas eles foram desintegrados com mais facilidade? - perguntou Buck.

- É o que penso.

- Por isso, estamos ainda aqui porque fomos bastante fortes para resistir, ou talvez porque não valíamos o transtorno.

Ritz assentiu.

- Algo assim. É quase igual a uma força ou poder *capaz* de conhecer o nível de resistência ou fraqueza, e, uma vez que essa força penetrasse nas pessoas, seria *capaz* de retirá-las da terra. Elas desapareceram num instante, portanto tiveram de ser desmaterializadas. Pergunto se foram destruídas no processo ou poderiam ser reconstituídas.

- O que acha, Sr. Ritz?

- A princípio diria não. Mas uma semana antes eu teria dito a você que milhões de pessoas do mundo inteiro desaparecendo no ar, desfazendo-se, sumindo, seria como um filme de ficção. Quando admito que o fato realmente aconteceu, tenho de admitir a lógica que vem depois. Talvez eles estejam em algum lugar específico, adquiriram um novo corpo e talvez possam retornar.

- Esta idéia é confortadora - disse Buck. - Mas isto é mais do que desejar que aconteça?

- De modo nenhum. Essa idéia somada a 50 *cents é* igual

a meio dólar. Eu trabalho por dinheiro. Não tenho a chave do mistério. Estou ainda tão chocado quanto a próxima pessoa que vou encontrar, e não me importo de lhe dizer que estou morrendo de medo.

- De quê?

- De que possa acontecer outra vez. Se foi alguma coisa como penso que foi, talvez tudo o que essa força precisa fazer agora é procurar infiltrar o poder de algum modo nas pessoas e, assim, levar os velhos, os mais experientes, pessoas com mais resistência que ficaram por aqui.

Buck levantou os ombros em sinal de dúvida e permaneceu em silêncio por alguns minutos. Finalmente, disse:

- Há um pequeno furo em seu argumento. Sei de pessoas que estão faltando e que aparentemente eram muito fortes.

- Não estava falando de força física.

- Nem eu - Buck pensou em Lucinda Washington. - Perdi uma amiga e colega que era brilhante, saudável, determinada e de personalidade forte.

- Bem, não estou dizendo que sei todas as coisas ou mesmo alguma coisa. Você queria minha opinião. Aqui está ela.

Rayford Steele deitou-se de costas, olhando para o teto. O sono era agitado e intermitente.

Desagradava-lhe aquela sensação de torpor. Ele não queria inteirar-se das notícias, mesmo sabendo que haveria um novo jornal na varanda antes do alvorecer. Tudo o que queria era que Chloe chegasse para que pudessem chorar juntos. Não havia nada, concluiu, mais desolador do que o sofrimento pela perda de alguém.

Ele e sua filha tinham também trabalho para fazer. Ele queria investigar, aprender, saber, agir. Começou pela procura da Bíblia, não a Bíblia da família que ficou acumulando poeira na prateleira por muito tempo, mas a de Irene. A dela continha anotações, talvez algo que lhe apontasse a direção certa.

Não seria difícil encontrá-la. Estava costumeiramente ao alcance do braço, do lado em que ela dormia. Ele a encontrou no chão, junto a seu leito. Teria ela alguma orientação? Um índice? Alguma coisa que se referisse ao Arrebatamento, ao Juízo ou a alguma coisa do gênero? Se não, talvez fosse melhor começar pelo fim. Se *Gênesis* significava "começo", talvez *Apocalipse* [que significa revelação] tivesse alguma coisa a ver com o fim, muito embora a palavra não dissesse isto. O único versículo da Bíblia que Rayford podia citar de memória era Gênesis 1.1: "No princípio, criou Deus os céus e a terra." Ele esperava que houvesse algum versículo correspondente no fim da Bíblia que dissesse algo como: "No fim Deus levou todo o seu povo para o céu e deu a todos os demais uma nova oportunidade."

Mas frustrou-se. O último versículo da Bíblia não significava nada para ele. Dizia: "A graça do Senhor Jesus seja com todos." E isto lembrou-lhe as palavras do ritual religioso que ouviu na igreja. Ele

saltou para o versículo anterior e leu: "Aquele que dá testemunho destas coisas diz: 'Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus."

Agora ele estava chegando a algum lugar. Quem teria testemunhado essas coisas, e o que significavam? As palavras citadas estavam em vermelho. O que isso queria dizer? Ele procurou por todos os lados da Bíblia e então notou na lombada os dizeres: "Palavras de Cristo em vermelho." Então Jesus disse que viria sem demora. Será que Ele tinha vindo? E se a Bíblia era tão antiga, como parecia, o que ela queria dizer com "sem demora"? Talvez essa expressão não significasse *logo,* a menos que fosse interpretada por alguém com uma longa visão da História. Talvez Jesus tenha sugerido que, quando chegasse o momento de vir, viria sem demora. Teria sido isto o que aconteceu? Rayford leu o último capítulo inteiro. Três outros versículos estavam em letras vermelhas, e dois deles repetiam a questão sobre a vinda sem demora.

Rayford não entendeu bem o contexto do capítulo. Pareceu-lhe velho e formal. Porém, perto do fim, havia um versículo que terminava com palavras que exerceram um estranho impacto sobre ele. Sem nenhuma indicação de seu sentido, ele leu: "Aquele que tem sede venha, e quem quiser receba de graça a água da vida."

Não teria sido Jesus aquele que estava sedento. Não teria sido Ele quem desejava receber a água da vida. Isso, Rayford admitiu, referia-se ao leitor. As palavras mexeram com ele, que estava sedento, com a alma sedenta. Mas o que era a água da vida? Ele já havia pago um preço muito alto por não ter entendido seu significado. O que quer que fosse, estava naquele livro por centenas de anos.

Rayford folheou a Bíblia ao acaso procurando outras passagens. Nenhuma delas fazia sentido para ele. Ficou desanimado, porque as passagens não fluíam paralelamente, e não havia relação entre uma e outra para servir de orientação. A linguagem e os conceitos não o ajudavam porque lhe eram estranhos.

Aqui e ali, ele via anotações nas margens com a letra delicada de Irene. Às vezes, ela escrevia: "Precioso." Ele estava determinado a estudar e encontrar alguém que pudesse explicar-lhe aquelas passagens. Sentia-se tentado a escrever "precioso" ao lado daquele versículo de Apocalipse sobre beber de graça a água da vida. O versículo soava-lhe precioso, embora ainda não pudesse avaliá-lo com mais clareza.

O pior de tudo é que ele temia estar lendo a Bíblia tarde demais. Era também tarde demais para ter ido para o céu com sua esposa e seu filho. Mas era realmente tarde demais e ponto final?

Junto à capa da frente estava o boletim da igreja do último domingo. Mas que dia era hoje? Manhã de quarta-feira. Onde ele estava três dias antes? Na garagem. Raymie pedira-lhe que fosse com eles à igreja. Ele prometeu que iria no domingo seguinte. "Você disse a mesma coisa na semana passada", Raymie retrucara.

"Você quer que eu conserte seu carrinho ou não? Não tenho todo o tempo do mundo."

Raymie não era do tipo que costumava forçar situações. Ele apenas confirmou: "No próximo domingo?"

"Certamente", tinha dito Rayford. E agora desejava que . no próximo domingo ele estivesse

aqui. Desejava mais do que nunca que Raymie estivesse aqui porque *iria* com ele.

Iria? Será que estaria *fora* naquele dia? E haveria culto no domingo? Alguém da congregação ficou? Ele puxou o boletim de Irene dentro da Bíblia e fez um círculo em torno do número do telefone. Mais tarde, depois de confirmar junto à Pan-Continental, ele telefonaria para o escritório da igreja para obter informações.

Rayford estava para colocar a Bíblia sobre o criado-mudo quando ficou curioso e abriu a primeira página em branco para ler a dedicatória. Ele tinha dado aquela Bíblia a Irene em seu primeiro aniversário de casamento. Como podia ter esquecido isso, e o que ele tinha em mente quando lhe deu aquela Bíblia? Ela não era mais devotada do que ele naquela época, mas manifestava o desejo sério de freqüentar a igreja antes que os filhos viessem. Ele tinha encontrado um motivo para impressioná-la. Talvez tivesse pensado que ela o julgaria um homem espiritual por ter-lhe dado um presente como aquele. Talvez tivesse esperança de que ela o liberasse e fosse à igreja sozinha, se provasse, por meio do presente, que tinha sensibilidade espiritual.

Durante anos, ele tolerou a igreja. Eles freqüentavam uma que exigia pouco e oferecia muito. Fizeram muitos amigos e ali descobriram seu médico, dentista, agente de seguro, e até adquiriram título de sócio do clube de campo daquela igreja. Rayford era prestigiado, apresentado com orgulho como capitão-aviador de um 747 aos crentes novos e visitantes, e chegou a atuar no conselho da igreja durante vários anos.

Quando Irene descobriu a estação de rádio cristã, que ela chamava de "pregação e ensino verdadeiros", acabou se desencantando com aquela igreja e começou a procurar outra. Isto deu a Rayford a oportunidade de deixar a igreja de vez, dizendo a Irene que, quando encontrasse uma de que realmente gostasse, começaria a freqüentar novamente. Ela encontrou uma, e ele tentou freqüentá-la ocasionalmente, mas a igreja era uma muito literal, pessoal e desafiadora para ele. Ele não era paparicado. Sentiu-se deslocado e se afastou.

Rayford observou outra anotação com a letra de Irene.

Tratava-se de uma lista de orações, e o nome dele estava em primeiro lugar. Ela escreveu: "Rafe - orar por sua salvação e para que eu seja uma esposa amorosa para ele. Chloe -para que ela aceite a Cristo e viva com pureza. Ray Jr. - que nunca se desvie de sua forte fé como criança." Em seguida, ela mencionava o pastor da igreja, líderes políticos, missionários, conflito mundial, vários amigos e parentes.

"Por sua salvação", sussurrou Rayford. "Salvação." Palavra-chave repetida em outras igrejas pequenas mas que nunca o impressionara. Ele sabia que a nova igreja de Irene estava interessada na salvação de almas, algo que ele jamais tinha ouvido nas igrejas anteriores. Porém, quanto mais ele assimilava o conceito, mais indigno se sentia. A salvação não tinha alguma coisa a ver com confirmação, batismo, testemunho, religiosidade, santidade? Ele nunca teve vontade de se envolver nisso, fosse o que fosse. E agora estava desesperado para saber exatamente o que ela significava.

Ken Ritz comunicou-se por rádio com os aeroportos nos arredores de Nova York e conseguiu permissão para pousar em Easton, Pensilvânia.

- Se você tiver sorte, poderá cruzar com Larry Holmes -disse Ritz. - Aqui é território dele.

- O velho lutador de boxe? Ele continua lutando? Ritz encolheu os ombros.

- Não sei qual é sua idade, mas você pode apostar que ele não desapareceu. Quem estivesse levando as pessoas poderia receber um golpe do velho Larry na cara.

O piloto perguntou ao pessoal de Easton se alguém podia conseguir uma condução até a cidade de Nova York para seu passageiro.

- Você está brincando, não está?

- Não tive a intenção, câmbio.

- Temos uma pessoa que pode deixá-lo uns três quilômetros do metrô. Carros não estão entrando nem saindo da cidade por enquanto, e mesmo os trens estão fazendo um trajeto confuso e passam por lugares complicados.

- Lugares complicados? - aparteou Buck.

- Repita, por favor - pediu Ritz por rádio.

- Você não leu os jornais? Alguns dos piores desastres na cidade foram causados pelo desaparecimento de maquinistas e fiscais. Seis trens foram envolvidos em colisões frontais com numerosas mortes. Vários bateram na traseira de outros. Levará tempo para desimpedir todas as linhas e substituir os vagões. Você está certo de que seu passageiro quer chegar ao centro da cidade?

- Positivo. Parece o tipo de pessoa que sabe se virar.

- Espero que tenha um bom par de botinas para caminhar. Buck teve de desembolsar mais dinheiro com uma condução

que deveria deixá-lo a uma distância razoável da estação e caminhar a pé até lá. O motorista nunca tinha trabalhado na praça, nem o veículo era táxi. Seria bem melhor que fosse. O carro era velho demais e estava em péssimas condições. Após uma caminhada de mais de três quilômetros, ele chegou à plataforma da estação por volta de meio-dia. Depois de esperar mais de 40 minutos no meio de uma multidão compacta, ficou sabendo que estava entre os passageiros que teriam de aguardar mais meia hora pelo próximo trem. A viagem em ziguezague levou duas horas para chegar a Manhattan. Durante todo o percurso, Buck digitava em seu *laptop* ou olhava para fora da janela o congestionamento que se estendia por vários quilômetros. Ele imaginava que muitos colegas de Nova York já teriam apresentado reportagens semelhantes, portanto sua única esperança de marcar pontos com Steve Plank e ver sua matéria publicada seria se a escrevesse com mais determinação e eloqüência. Estava muito aterrorizado com as cenas que via, e talvez nunca as esquecesse. Na melhor das hipóteses, estaria acrescentando mais dramaticidade às suas recordações. Nova York estava paralisada, e a maior surpresa era que as autoridades permitiam a entrada de mais pessoas na cidade. Sem dúvida, muita gente, como ele, morava ali e precisava voltar para suas casas e apartamentos.

O trem foi obrigado a parar um pouco antes do local onde Buck deveria desembarcar. O aviso confuso, o melhor que puderam transmitir diante das circunstâncias, informou aos passageiros que aquela parada seria a última. Se o trem prosseguisse, os passageiros teriam de desembarcar no meio de guindastes que estavam retirando os carros que obstruíam os trilhos. Buck calculou uma caminhada de quase 25 quilômetros até o escritório e mais oito para chegar a seu apartamento.

Felizmente, Buck estava em grande forma. Ele colocou tudo na sacola e encurtou as alças, de modo que pudesse carregá-la mais junto ao corpo, sem balançar. Acertou suas passadas no ritmo de mais ou menos seis quilômetros e meio por hora, e três horas depois sentia-se todo dolorido. Estava certo de ter várias bolhas nos pés, e seu pescoço e ombros doíam por causa da alça e do peso da sacola. Suas roupas estavam molhadas de suor, mas ele não queria ir direto para seu apartamento antes de passar pelo escritório.

Ó, Deus, ajuda-me. Buck tomava fôlego penosamente, mais exasperado do que orando. Mas, se havia um Deus, Ele tinha senso de humor, concluiu. Apoiada num muro de tijolos numa passagem, à vista de todos, estava uma bicicleta amarela com um *cartaz* preso a ela. Lia-se: "Pegue esta bicicleta. Leve-a aonde quiser. Deixe-a para outra pessoa necessitada. É grátis."

Só mesmo em Nova York, pensou ele. Ninguém rouba uma coisa que é grátis.

Ele pensou em murmurar uma prece de gratidão, mas o mundo que ele contemplava não lhe mostrou nenhuma evidência de um Criador

benevolente. Ele se ajeitou na bicicleta, considerou o longo tempo decorrido desde a última vez que pedalou e começou a cambalear quase caindo até conseguir equilibrar-se. Pouco tempo depois, já estava chegando ao centro da cidade, atravessando um emaranhado de destroços e máquinas demolidoras. Poucas pessoas possuíam uma condução tão eficiente quanto a dele. Só havia carteiros em bicicleta, duas pessoas com bicicletas amarelas iguais à dele e policiais a cavalo.

A segurança era rigorosa no edifício do *Semanário Global,* o que, de certo modo, não o surpreendia. Após identificar-se a um novo porteiro no térreo, subiu ao 27° andar, parou no banheiro público para arrumar-se e finalmente entrou nas principais dependências da revista. A recepcionista imediatamente ligou para o escritório de Steve Plank dando a notícia. Plank e Marge Potter correram para abraçá-lo e dar-lhe as boas-vindas.

Buck Williams foi tocado por uma estranha e nova emoção. Ele quase chorou. Notou que, como a maioria das pessoas, estava suportando um terrível trauma e não tinha dúvida de que sua adrenalina estava alterada. Mas, de qualquer modo, a volta ao seu território familiar - após tantas despesas e esforço - deu-lhe a sensação de estar em casa, ao lado de pessoas que se importavam com ele. Esta era a sua família. Estava muito, realmente muito contente de revê-los, e parecia que o sentimento era mútuo.

Ele mordeu os lábios tentando disfarçar sua emoção, e quando seguia Steve e Marge pelo corredor, passando diante da porta de sua pequena e atravancada sala a caminho do local de reuniões,

perguntou-lhes se já sabiam a respeito de Lucinda Washington.

Marge parou no corredor colocando as mãos no rosto.

- Sim - disse ela, expressando tristeza e horror. - Perdemos várias pessoas. Onde este sofrimento começa e onde termina?

Após ter ouvido isto, Buck descontrolou-se. Não conseguia mais disfarçar, apesar de estar surpreso diante de sua sensibilidade.

Steve passou o braço ao redor dos ombros de sua secretária em direção à sala de reunião, onde os outros membros da equipe principal estavam esperando.

Eles deram vivas quando Buck entrou na sala. As mesmas pessoas que trabalhavam com ele, que o criticavam e combatiam, que o hostilizavam e irritavam, que estavam sempre querendo passá-lo para trás, agora pareciam sinceramente felizes ao vê-lo. Eles não tinham a mínima idéia de como Buck se sentia.

- Rapazes, é bom estar de volta aqui - disse ele. Em seguida, sentou-se e enterrou a cabeça entre as mãos. Seu corpo começou a tremer, e ele não pôde segurar as lágrimas. Começou a soluçar, bem à frente de seus colegas e competidores.

Procurou enxugar as lágrimas e se controlar, mas, quando levantou a cabeça, forçando um sorriso embaraçado, notou que todos os outros também estavam emocionados.

- Está tudo bem, Buck - disse um deles. - Se esta é a primeira vez que você chora, vai descobrir

que não será a última. Todos nós estamos tão assustados, atordoados, angustiados e pesarosos quanto você.

- Sim - disse outro -, mas seu relato pessoal será sem dúvida mais excitante. - Isto fez com que todos misturassem risos com lágrimas.

Rayford lembrou-se de chamar o Centro de Vôos da Pan-Continental no começo da tarde e ficou sabendo que deveria apresentar-se dois dias depois para um vôo na sexta-feira.

- Está confirmado? - perguntou ele.

- Ainda não temos absoluta certeza - disseram-lhe. - Somente uns poucos aviões vão decolar naquele dia. Certamente não haverá nenhum vôo até amanhã à noite e, talvez, nem mesmo na própria sexta-feira.

- Há uma chance de eu receber um aviso antes de sair de casa?

- Claro que sim; porém esta é a sua tarefa por enquanto.

- Qual é a rota?

- ORD para BOS para JFK.

- Hum. Chicago, Boston, Nova York. Quando volto?

- Sábado à noite.

- Ótimo.

- Por quê? Tem um encontro?

- Nada disso. <

- Oh! meu Deus, sinto muito, capitão. Esqueci com **quem** estava falando.

- Você soube o que aconteceu com minha família?

- Todos aqui sabem, senhor. Lamentamos. Soubemos disso por intermédio da chefe do serviço de bordo no vôo que não pôde descer em Heathrow. O senhor soube o que houve com seu primeiro co-piloto daquele vôo?

- Ouvi alguma coisa, mas até agora não recebi um comunicado oficial.

- O que o senhor ouviu?

- Suicídio.

- Certo. Terrível.

- Você pode checar uma informação para mim?

- Se estiver ao meu alcance, capitão.

- Minha filha está tentando voltar da Califórnia por avião.

- Improvável.

- Eu sei, mas ela já está a caminho, tentando de qualquer forma. É mais do que provável que ela preferirá voar com a Pan-Continental. Você pode verificar se o nome dela figura em qualquer das listas de passageiros para o leste?

- Não deve ser muito difícil. Há poucos vôos, e o senhor sabe que nenhum avião vai pousar aqui.

- E quanto a Milwaukee?

- Acho que não - disse, enquanto verificava no computador. - De onde ela vai sair?

- De algum lugar perto de Paio Alto.

- Não vai dar.

- Por quê?

- Dificilmente haverá algum vôo vindo de lá. Deixe-me checar.

Rayford podia ouvir o homem falando para si mesmo, tentando coisas, sugerindo opções.

- Aviação Califórnia para Utah. Ei! Encontrei! Chama-se Chloe e tem seu sobrenome?

- É ela!

- Ela se apresentou em Paio Alto. A Pan levou-a num ônibus até alguma pista externa. Colocou-a num vôo da Aviação Califórnia para Salt Lake City. Aposto que é a primeira vez que eles voam fora do estado. Ela embarcou num avião da Pan-Continental; oh! eles a levaram a, hum, oh! irmão, Enid, Oklahoma.

- Enid? Isso nunca esteve em nossas rotas.

- Não estou brincando. As rotas foram desviadas por causa do congestionamento em Dallas. Está voando de Ozark para Springfield, Illinois.

- Ozark!

- Eu apenas trabalho aqui, capitão.

- Bem, alguém está tentando *fazer* essa coisa funcionar, não está?

- Sim, a boa notícia é que conseguimos por lá um turbopropulsor ou dois que podem trazê-la para esta área, mas não se sabe onde ela poderá descer. O sinal nem entrou na tela, porque eles só saberão quando o avião estiver bem perto.

- Como saberei onde apanhá-la?

- O senhor não pode. Estou certo de que ela irá telefonar-lhe quando chegar. Quem sabe? Pode ser que ela simplesmente apareça aí.

- Isto seria fantástico.

- Bem, sinto muito pelo que o senhor está passando, mas pode dar graças a Deus por ela não ter viajado com a Pan-Continental diretamente de Paio Alto. O último que saiu de lá caiu na noite passada. Não há sobreviventes.

- E isso foi depois dos desaparecimentos?

- Exatamente ontem à noite. Não tem nada a ver com o fenômeno.

- Se isso acontecesse com ela, não teria sido desgraça demais? - comentou Rayford.

- Sem dúvida.

OITO

QUANDO os outros repórteres e editores retornaram a suas salas, Steve Plank insistiu com Buck Williams para que fosse para casa descansar antes da reunião que teriam naquela noite, às oito horas.

- Prefiro que a reunião seja agora e eu possa ir para casa à noite.

- Eu sei - disse o editor-executivo -, mas temos um acúmulo de coisas a fazer e quero você aqui bem disposto.

Mesmo assim, Buck estava relutante.

- Quando posso ir a Londres?

- O que você vai *fazer lá?*

Buck adiantou a Steve a informação sobre uma importante reunião de financistas dos Estados

Unidos com jornalistas do mundo inteiro para apresentar um político europeu em ascensão.

- Oh! *rapaz* - disse Steve -, estamos por dentro disso tudo. Você está falando de Carpathia.

Buck ficou atônito.

- Eu falei?

- Ele é a pessoa que impressionou Rosenzweig.

- Sim, mas você acha que é ele a pessoa que meu informante...

- Rapaz, você está por fora - disse Steve. - O caso não é mais um grande furo de reportagem. O financista-chave deve ser Jonathan Stonagal, que parece ser o patrocinador dele. Eu não disse a você que Carpathia estava vindo *fazer* um pronunciamento na ONU?

- Então ele é o novo embaixador da Romênia na ONU? -questionou Buck.

- Negativo.

- O que ele é então?

- Presidente do país.

- Para este cargo não tinha sido eleito um líder havia apenas 18 meses? - retrucou Buck, lembrando-se da deixa que Dirk lhe dera a respeito de um novo líder que parecia estar fora da posição e do tempo.

- Grande reviravolta por lá - disse Steve. - É melhor confirmar.

- Vou *fazer* isso.

- Não quero mandar você. Na verdade, não acho que tenha sobrado muita coisa para uma reportagem de impacto. O cara é jovem e

impetuoso, fascinante e persuasivo, como pude deduzir. Tinha sido uma estrela meteórica nos negócios, alcançando um grande sucesso financeiro quando o mercado romeno se abriu para o Ocidente faz alguns anos. Mas até a semana passada, ele nem mesmo estava no senado. Ele estava somente na câmara baixa.

- A Câmara dos Deputados - disse Buck.

- Como você sabia isso? Buck sorriu ironicamente.

- Rosenzweig me falou.

- Por um momento, pensei que você realmente soubesse de todas as coisas. É disso que eles o acusam aqui, você sabe.

- Que grande crime cometi.

- Mas você se comportou com muita humildade.

- É isto que eu sou, humilde. Então, Steve, você não considera importante o fato de um cara como Carpathia, que veio do nada, derrubar o presidente da Romênia?

- Ele não veio exatamente do nada. Seus negócios foram construídos com o apoio financeiro de Stonagal. E Carpathia tem sido um defensor do desarmamento, muito popular junto a seus colegas e perante o povo.

- Mas o desarmamento não condiz com Stonagal. Ele não é um armamentista secreto? Plank assentiu.

- Então aqui há mistério.

- Alguns, mas, Buck, o que poderia ser mais importante a esta altura do que a reportagem que

está fazendo? Você não vai perder seu tempo com um sujeito que se tornou presidente de um país não-estratégico.

- No meio disso tudo há alguma coisa, Steve. Meu contato em Londres soprou-me. Carpathia está ligado aos não-políticos mais influentes do mundo. Ele passou de deputado a presidente sem uma eleição popular.

-E...

- É preciso mais? Ele por acaso assumiu o lugar de um presidente assassinado ou coisa parecida?

- É interessante que você tenha dito isso, porque o único senão na história de Carpathia é este: correm alguns rumores de que ele foi desumano com seus concorrentes nos negócios há alguns anos.

- Como desumano?

- As pessoas foram "apagadas".

- Oh! Steve, você fala exatamente como membro de uma gangue.

- Ouça esta: o presidente anterior renunciou em favor de Carpathia. E insistiu para que ele assumisse o poder.

- E você diz que não há assunto para uma reportagem neste caso?

- Isto se assemelha aos velhos golpes na América do Sul, Buck. Um novo dirigente a cada semana. Grandes lances. Assim, Carpathia passa a ser devedor a Stonagal. Tudo isto indica que Stonagal terá o controle no mundo financeiro de urn país da Europa Oriental que imagina que a melhor

coisa que aconteceu em sua história foi a queda da Rússia.

- Mas, Steve, é como se um estreante do nosso congresso se tornasse presidente dos Estados Unidos num ano sem eleição marcada, sem voto. O presidente atual renuncia, e todo mundo fica feliz.

- Não, não, não, há uma grande diferença. Estamos falando da Romênia, Buck. *Romênia.* País não-estratégico, com um parco produto interno bruto, nenhum aliado estratégico. Não há nada lá, a não ser uma política interna de baixo nível.

- Isto ainda me cheira algo mais importante - disse Buck. - Rosenzweig tinha esse cara em alto conceito, e ele é um observador astuto. Agora Carpathia está vindo para falar na ONU. O que vai acontecer depois?

- Você se esquece de que ele foi convidado *antes* de se tornar presidente da Romênia.

- Este é outro enigma. Ele era um ilustre desconhecido.

- Ele é um novo nome em prol do desarmamento. Vai ter seu momento de glória, seus quinze minutos de fama. Confie em mim; você nunca mais vai ouvir falar dele.

- Stonagal tinha de estar também por trás dessa jogada da ONU - disse Buck. - Você sabe que o "João Diamante" é um amigo pessoal do nosso embaixador.

- Stonagal é amigo pessoal de cada figura eleita, desde o presidente até os prefeitos da maioria das cidades de tamanho médio, Buck. E daí? Ele sabe fazer o seu jogo. Ele me lembra o

velho Joe Kennedy ou um dos Rockefellers, está bem? Qual é a sua preocupação?

- Apenas que Carpathia vai falar na ONU com a influência de Stonagal.

- Provavelmente. E daí?

- Ele está visando a alguma coisa.

- Stonagal está sempre visando a alguma coisa, mantendo seus motores ligados para um de seus projetos. Muito bem, então ele promove a ascensão de um homem de negócios a político na Romênia, com possibilidades de fazê-lo chegar à presidência. Talvez tenha até conseguido uma entrevista entre esse homem e Rosenzweig, que nunca deu em nada. Agora ele coloca Carpathia numa posição de destaque internacional. Isto acontece o tempo todo por causa de pessoas como Stonagal. Você prefere correr atrás de uma anti-reportagem a costurar uma matéria de capa que procura dar sentido ao fenômeno mais monumental e trágico na história mundial?

- Hum, deixe-me pensar sobre isto - disse Buck, sorrindo, enquanto Plank lhe dava uns leves socos amistosos no peito.

- Rapaz, você é *capaz* de dar nó em fumaça - disse o editor-executivo.

- Você costumava gostar de meu faro profissional.

- E ainda gosto, mas você está precisando dormir imediatamente.

- Estou definitivamente impedido de ir a Londres? Então tenho de avisar meu contato lá.

- Marge tentou localizar a pessoa que ia esperar você no aeroporto. Ela pode lhe contar a ginástica que tivemos de fazer no meio de toda aquela situação. Esteja de volta às oito. Estou convocando todos os editores de departamentos interessados em várias reuniões internacionais que vão acontecer aqui neste mês. Você vai coordenar essa cobertura, portanto...

- Portanto, todos eles vão me odiar na reunião que teremos? - perguntou Buck.

- Eles vão sentir que é importante.

- Mas isso é importante? Você quer que eu esqueça Carpathia, mas vai complicar minha vida com - o que era mesmo? - uma convenção religiosa ecumênica e uma confabulação sobre a moeda internacional única?

- Você está precisando dormir, não está, Buck? É por isso que ainda sou seu chefe. Você não consegue entender isto?

Sim, quero uma matéria coordenada e bem escrita. Mas pense um pouco. Isto lhe dará trânsito livre a todos esses dignitários. Estamos falando de líderes judeus nacionalistas interessados num governo mundial único...

- Improvável e extremamente constrangedor.

- ...judeus ortodoxos do mundo inteiro que procuram reconstruir o templo, ou alguns desses...

- Estou sendo injuriado pelos judeus.

- ...monetaristas internacionais que preparam o palco **para** a moeda mundial...

- Também improvável.

- Mas isto vai permitir que você fique de olho em seu corretor favorito e poderoso...

- Stonagal.

- Certo, e líderes de vários grupos religiosos procurando cooperar internacionalmente.

- Você quer me torturar, é isso? Essas pessoas estão discutindo coisas impossíveis. Desde quando os grupos religiosos foram capazes de se entender?

- Você ainda não compreendeu, Buck. Você vai ter acesso a todas essas pessoas -religiosos, monetaristas, políticos -enquanto tenta escrever um artigo sobre o que aconteceu e por que aconteceu. Você pode colher a opinião de muitas pessoas inteligentes e reunir os mais diversos pontos de vista.

Buck encolheu os ombros em sinal de rendição.

- Você ganhou. Ainda acho que os editores de nosso departamento vão ficar ressentidos comigo.

- Alguma coisa será dita para dar consistência ao trabalho.

- Ainda quero tentar chegar a Carpathia.

- Isto não vai ser difícil. Ele já é o dodói da mídia na Europa. Está ansioso para ser ouvido.

- E Stonagal.

- Você sabe que ele nunca fala à imprensa, Buck.

- Gosto de um desafio

- Vá pra casa e relaxe. Vejo você às oito.

Marge Potter estava se preparando para sair quando Buck se aproximou.

- Oh! sim - disse ela, arrumando suas coisas e folheando a agenda. - Tentei Dirk Burton várias vezes. Consegui ligar uma vez para seu *voice mail* e deixei uma mensagem. O recebimento não foi confirmado.

- Obrigado.

Buck não estava seguro de poder descansar em casa com todas as coisas rodando em seu cérebro. Quando chegou à rua, ficou agradavelmente surpreso ao ver que os representantes de várias empresas de táxi estavam postados à frente do prédio, dirigindo as pessoas para os carros que podiam alcançar determinadas áreas por meio de vias secundárias. Com tarifas acima do normal, naturalmente. Por 30 dólares, divididos com outros passageiros, Buck foi deixado a duas quadras de seu apartamento. Em três horas ele deveria estar de volta ao escritório, por isso pediu ao motorista que o apanhasse no mesmo lugar às 7h45. Isto, reconheceu, seria um milagre. Com todos os táxis que havia em Nova York, ele jamais pôde antes fazer tal acerto, e, pelo que se lembrava, nunca conseguiu ver o mesmo taxista duas vezes.

Rayford caminhava de um lado para o outro, sentindo-se angustiado. Chegou à dolorosa constatação de que aquela era a pior fase de sua vida. Ele nunca tinha passado por isso antes. Seus pais eram mais velhos do que os de seus colegas. Quando ambos morreram, num espaço de dois anos um do outro, Rayford sentiu-se aliviado. Eles não estavam bem, haviam perdido a lucidez. Ele os amava, e seus pais não lhe eram um fardo, mas, anos antes, passaram a ter uma vida vegetativa em *razão* de derrame cerebral e outras doenças. Quando faleceram, Rayford chorou, em grande

parte por causa do amor que lhes dedicava e das boas recordações que eles lhe deixaram. Apreciou a bondade e a simpatia que recebeu em seus funerais e retomou sua vida. As lágrimas que derramou não foram de remorso ou mágoa. Foram de nostalgia e melancolia.

O resto de sua vida tinha sido sem complicação ou sofrimento. Tornar-se piloto era o mesmo que galgar qualquer outro nível profissional regiamente pago. Tinha de ser inteligente, disciplinado, talentoso, perfeito. Ele passou pelas posições da forma usual — deveres de militar da reserva, pequenos aviões, depois aviões maiores, depois jatos e bombardeiros. Finalmente, alcançou o posto máximo.

Ele tinha conhecido Irene no Corpo de Treinamento de Oficiais da Reserva, na faculdade. Ela, filha de um militar, era uma soldadinha que nunca se rebelou. Muitos de seus colegas voltaram as costas para a vida militar e não quiseram nem mesmo confessar ter vivido essa experiência. Seu pai perdeu a vida no Vietnã, e sua mãe se casou com outro militar, por isso Irene tinha vivido em várias bases militares nos Estados Unidos.

Eles se casaram quando Rayford estava prestes a doutorar-se e Irene uma secundarista. Ela desistiu de estudar quando o marido ingressou na carreira militar, e tudo se acomodou desde então. Eles tiveram Chloe durante o primeiro ano de casamento, mas, devido a complicações, esperaram outros oito anos para Ray nascer. Rayford amava os dois filhos, mas tinha de admitir que sempre desejara ter um menino com seu nome.

Infelizmente, Raymie nasceu durante um período sombrio da vida de Rayford. Ele tinha 30

anos e já se considerava velho, e sentia-se constrangido por ter uma esposa grávida. Seus cabelos prematuramente grisalhos, porém atraentes, davam-lhe o aspecto de um homem de mais idade, e ele teve de suportar brincadeiras por ser um pai velho. Foi uma gravidez particularmente difícil para Irene; Raymie chegou duas semanas além do tempo normal. Chloe era uma garotinha geniosa de oito anos, e Rayford distanciou-se da família o mais possível.

Irene, ele acreditava, entrou num período de depressão durante aquela fase e mostrou um temperamento agressivo para com ele, chorando freqüentemente. No trabalho, Rayford prosperava, era ouvido e admirado. Foi escalado para os maiores, mais novos e mais sofisticados aviões da Pan-Continental. Sua vida de trabalho estava indo muito bem; ele não sentia prazer em voltar para casa.

Ele tinha ingerido mais álcool durante aquele período do que costumava, e o casamento passou por sua fase mais difícil. Voltava para casa cada vez mais tarde e, às vezes, inventava histórias sobre seu programa de trabalho, de modo que pudesse sair logo cedo e voltar o mais tarde possível. Irene o acusava injustamente de estar tendo casos. Ele a desmentia com veemência e sentia-se justificado pela ira que demonstrava.

A verdade é que ele estava esperando por uma chance para *fazer* exatamente aquilo de que ela o acusava. O que mais o frustrava era sentir-se incapaz de traí-la, apesar de sua boa aparência e postura. Ele não tinha o jeito, o desembaraço, o estilo. Uma comissária o havia certa vez chamado de gostosão, mas ele se sentiu um palhaço, um

estúpido. Certamente, ele tinha acesso a qualquer mulher por um preço, mas isto era indigno para ele. Enquanto brincava de sonhar com um caso no velho estilo, comportado, e esperava por isso, não suportava a idéia de entregar-se a alguma coisa tão mesquinha como pagar para ter sexo.

Tivesse Irene sabido quão decidido ele estava de tentar ser infiel, ela o teria deixado. Quando as coisas estavam nesse pé, ele se achou no direito de envolver-se numa aventura amorosa na noite da véspera de Natal, antes do nascimento de Raymie, mas estava tão embriagado que mal conseguia se lembrar.

O sentimento de culpa e a possibilidade de manchar sua imagem serviram-lhe de alerta, fazendo com que ele reduzisse drasticamente a bebida. Ver Raymie nascer contribuiu ainda mais para a sua sobriedade. Era tempo de melhorar e assumir tanto a responsabilidade como marido e pai quanto a que ele assumira como piloto.

Agora, porém, quando Rayford permitia que aquelas lembranças desfilassem em sua mente conturbada, sentia a mais profunda tristeza e o mais agudo remorso que um ser humano pode sentir. Ele se considerava um fracasso. Era tão indigno de Irene. De qualquer modo, sabia agora, embora nunca tivesse admitido antes, que ela de nenhuma forma tinha sido ingênua ou tola como ele esperava e imaginava. Ela devia ter sabido quão insípido ele era, quão superficial e, sim, desprezível. No entanto, ela permaneceu a seu lado, amou-o, lutou para preservar o casamento.

Ele não pôde perceber se ela se tomou uma pessoa diferente após ter mudado de igreja e se apegado mais à fé. Logo de início, ela procurou

convencê-lo, sem dúvida. Estava empolgada e queria que o marido também descobrisse o que ela havia encontrado. Ele tirou o corpo. Finalmente, ela desistiu ou resignou-se diante do fato de que ele não se rendia a seus apelos ou persuasão. Agora ele sabia, vendo a lista de orações de Irene, que ela nunca desistiu. Limitou-se apenas a orar por ele, em primeiro lugar.

Não era de admirar agora que nunca tivesse chegado ao ponto de manchar seu casamento por causa de Hattie Durham. Hattie! Quão envergonhado estava por causa daquele propósito imbecil! Pelo que ele sabia, Hattie era inocente. Ela nunca depreciara sua esposa nem *fizera* comentários sobre seu casamento. Jamais insinuara qualquer coisa imprópria. Os jovens eram mais sensíveis e coquetes, e ela não invocava códigos de moral e religião. O fato de Rayford estar obcecado com a possibilidade de ter Hattie, embora ela provavelmente nem desconfiasse disso, fazia-o sentir-se mais leviano ainda.

De onde vinha esta culpa? Ele tinha trocado olhares com Hattie inúmeras vezes, passaram horas a sós jantando em várias cidades. Mas ela nunca o convidara para entrar em seu quarto no hotel ou tentara beijá-lo ou mesmo segurar suas mãos. Talvez ela correspondesse, se ele tomasse a iniciativa, talvez não. Ela poderia facilmente sentir-se ofendida, insultada, desapontada.

Rayford balançou a cabeça. Além de sentir-se culpado por cobiçar uma mulher a cujo acesso ele não tinha nenhum direito, era também um desajeitado que nunca soube como cortejá-la.

E agora ele enfrentava as horas mais sombrias da sua vida. Estava nervoso acerca de Chloe.

Apesar das circunstâncias do momento, desejava que ela chegasse sã e salva, e esperava que a presença de sua filha em casa pudesse amenizar um pouco sua aflição e sofrimento. Ele se sentia esfomeado outra vez, mas nada lhe apetecia. Até mesmo o aroma dos deliciosos doces, que poderiam enganar seu estômago, havia se tomado em lembrança dolorosa de Irene. Talvez amanhã.

Rayford ligou a televisão, não por interesse de ver mais desgraças, mas com a esperança de notícias sobre a ordem no país, o restabelecimento do tráfego, a comunicação. Após um minuto ou dois de cenas repetidas, ele a desligou. Afastou a idéia de ligar para O'Hare sobre a probabilidade de entrar no aeroporto e pegar seu carro, porque não queria tirar o fone do gancho nem mesmo por um minuto, pois poderia acontecer de Chloe tentar uma ligação para casa. Havia horas desde que ela saíra de Paio Alto. Quanto tempo levaria para *fazer* todas aquelas conexões malucas e finalmente voar de Ozark, partindo de Springfield em direção aos arredores de Chicago? Ele se recordou da antiga brincadeira na indústria aeronáutica: Ozark lido ao contrário é Krazo [craze = loucura]. Mas agora ele não achava graça nenhuma.

Ele deu um salto quando o telefone tocou, mas não era Chloe.

- Sinto muito, capitão - disse Hattie. - Prometi chamá-lo, mas caí no sono depois da ligação que recebi e só acordei agora.

- Está tudo bem, Hattie. Na verdade, preciso...

- Eu não queria importuná-lo de modo algum num momento como este.

- Não, está tudo bem, eu apenas...

- Falou com Chloe?

- Estou esperando que ela me telefone a qualquer momento, por isso vou ter de desligar!

Rayford tinha sido mais brusco do que pretendia, e Hattie ficou, a princípio, calada.

- Então, tudo bem. Sinto muito.

- Depois ligo pra você, Hattie. Está bem? -Está bem.

Ela pareceu chocada. Ele lamentou por isto, mas não por ter se livrado dela naquele momento. Sabia que ela estava apenas querendo ajudar e ser atenciosa, mas aparentemente não entendera a ansiedade dele. Hattie estava sozinha e assustada, tanto quanto ele, e sem dúvida já recebera notícias de sua família. Oh! não! Ele nem sequer perguntou sobre a família dela! Ela iria odiá-lo, e por que não? *Quão egoísta pude ser?,* pensou ele.

Por mais ansioso que estivesse para ouvir Chloe, ele bem que poderia arriscar-se a falar mais uns dois minutos ao telefone. Discou para Hattie, mas sua linha estava ocupada.

Logo que chegou ao apartamento, Buck tentou um telefonema para Dirk Burton em Londres, não querendo esperar mais tempo por causa da diferença de horário. Ele teve uma resposta desnorteante. A secretária eletrônica particular de Dirk atendeu com a mensagem particular, mas, tão logo o sinal para "deixar um recado" soou, um outro mais demorado indicou que não havia mais espaço na fita. Estranho. Ou Dirk esteve dormindo esse tempo todo ou... Buck não havia levado em conta que Dirk podia ter desaparecido. Além de deixar Buck com um milhão de dúvidas sobre Stonagal, Carpathia, Todd-Cothran e todo aquele fenômeno,

Dirk era um de seus melhores amigos desde Princeton. *Oh, por favor, que isto seja apenas uma coincidência,* pensou ele. *Que ele esteja viajando...*

Tão logo Buck pôs o fone no gancho, seu telefone tocou. Era Hattie Durham. Ela estava chorando.

- Sinto aborrecê-lo, Sr. Williams, eu tinha prometido a mim mesma nunca ligar para sua casa...

- Tudo bem, Hattie. O que está havendo?

- Bem, na verdade é uma bobagem, mas estou preocupada e não tenho com quem conversar. Não pude localizar minha mãe e minhas irmãs e, bem, apenas pensei que talvez o senhor pudesse me entender.

- Esteja à vontade.

Ela contou a Buck que telefonara para o capitão-aviador Steele, quando chegaram a Chicago, e soube que ele havia perdido sua esposa e filho. Quando voltou a telefonar-lhe para saber notícias, ele interrompeu bruscamente a conversa, dizendo que estava esperando uma ligação de sua filha.

- Posso entender isso - disse Buck, revirando os olhos. Desde quando ele fazia parte do clube de corações solitários? Ela não teria uma amiga com quem pudesse compartilhar seus problemas?

- Eu também posso - disse ela. - Não há o que *fazer.* Sei que ele está sofrendo porque sua esposa e filho desapareceram. É como se tivessem morrido. Mas ele sabia que eu estava apreensiva com minha família e nem sequer perguntou.

- Bem, estou certo de que tudo isso faz parte da tensão do momento, da angústia, como você diz, e...

- Oh! eu sei. Eu apenas queria falar com alguém, e pensei no senhor.

- Ora, ligue quando quiser - disse ele da boca para fora. *Oh! rapaz,* pensou ele. O *número do meu telefone particular vai ter de ser eliminado dos próximos cartões de visita.* - Ouça, gostaria de continuar, mas tenho um encontro esta noite, e...

- Bem, obrigada por me ouvir.

- Compreendo - disse ele, embora duvidasse que ela compreenderia. Talvez Hattie mostrasse mais perspicácia e sensibilidade quando não estivesse estressada. Ele esperava que sim.

Rayford ficou contente por encontrar ocupada a linha de Hattie, porque poderia dizer-lhe mais tarde que tentou retornar a ligação. Porém, ele não conseguiu manter a linha desocupada por muito tempo. Um minuto depois, seu telefone tocou de novo.

- Capitão, sou eu outra vez. Sinto muito, não vou tomar seu tempo, mas imaginei que você tivesse tentado falar comigo enquanto estive usando o telefone...

- Na realidade, tentei, Hattie. O que você ficou sabendo de seus familiares?

- Eles estão bem - respondeu com voz de choro.

- Oh! graças a Deus - disse ele.

Rayford pôs-se a pensar no que teria havido com ele. Disse que estava contente por ela, mas

chegara à conclusão de que aqueles que não desapareceram haviam perdido o maior dos eventos da história cósmica. Mas que poderia ele dizer: "Oh! sinto muito que seus familiares também tenham sido deixados para trás"?

Quando desligou, Rayford sentou-se perto do telefone com a sensação desagradável de que, com certeza, desta vez tinha perdido a ligação de Chloe. Isto o deixou furioso. Seu estômago estava dando sinais de fome, e ele sabia que precisava comer, mas resolveu esperar mais algum tempo, na esperança de poder comer na companhia de Chloe logo que ela chegasse. Conhecendo-a, imaginava que ela também estivesse sem comer.

NOVE

O SISTEMA de alarme subconsciente de Buck, que sempre **o** fazia despertar na hora desejada, falhou naquele começo de noite. Ao chegar ao escritório de Steve Plank por volta de 8h45, com o cabelo despenteado e desculpando-se pelo atraso, suas suposições foram confirmadas. Sentiu a indignação **dos** editores veteranos. Juan Ortiz, chefe da seção de política internacional, estava furioso. Ele não aceitava que Buck participasse dos assuntos relacionados à conferência de cúpula que planejava cobrir em duas semanas.

- Os judeus nacionalistas estão discutindo um tema que , tenho acompanhado durante anos. Quem teria acreditado que eles manifestariam interesse em um governo mundial?

O simples fato de aceitarem discutir já é um grande passo. Eles estão se reunindo aqui, e não

em Jerusalém ou Tel-Aviv, porque suas idéias são revolucionárias. Muitos dos nacionalistas israelenses acham que a Terra Santa já foi longe demais com tanta generosidade. Isto é histórico.

- Então qual é o seu problema - disse Plank - com minha indicação de nosso principal repórter para a cobertura?

- Porque *eu* sou seu principal repórter nessa área.

- Estou tentando entender o significado geral de todas essas reuniões - disse Plank. Jimmy Borland, o editor de religião, argumentou:

- Compreendo as objeções de Juan, mas tenho duas reuniões para cobrir ao mesmo tempo. Agradeço qualquer ajuda.

- Agora estamos começando a nos entender - disse Plank.

- Mas vou ser franco com você, Buck, acrescentou Borland. - Quero dar a última palavra no texto final.

- Certamente - disse Plank.

- Não seja apressado - disse Buck. - Não quero ser tratado como um repórter de equipe a quem se distribui aleatoriamente o trabalho de campo. Vou tirar minhas conclusões sobre essas reuniões e não quero me intrometer nos territórios de seus *experts.* Não quero *fazer* nem mesmo as coberturas de reuniões isoladas. Quero *fazer a* coordenação, saber o que significam essas reuniões, quais são seus pontos em comum. Jimmy, os seus dois grupos religiosos - os judeus que querem reconstruir o templo e os ecumênicos que desejam uma espécie de ordem religiosa

universal - vão disputar um com o outro? Haverá judeus religiosos...

- Ortodoxos.

- Está bem, haverá judeus ortodoxos na conferência ecumênica? Porque os ecumênicos são contrários à reconstrução do templo.

- Bem, ao menos você está pensando como um editor de religião - disse Jimmy. - Isto é alentador.

- Mas qual é a sua idéia?

- Não sei. Há um fato curioso. As reuniões deles serão realizadas no mesmo horário e na mesma cidade, o que é bom demais para ser verdade.

A editora de finanças, Barbara Donahue, pôs fim à discussão.

- Tenho tratado com você sobre vários assuntos desta natureza, Steve - disse ela. - E aprecio seu modo de agir quando permite que todos se manifestem sem ameaça. Mas sabemos sua decisão a respeito do envolvimento de Buck, portanto vamos passar por cima disto e ir adiante com este projeto. Se cada um de nós dedicar-se de corpo e alma às reportagens de nossos respectivos departamentos e der alguma contribuição ao texto geral, que seja do agrado de todos, vamos em frente.

Até Ortiz meneou a cabeça afirmativamente, embora para Buck ele estivesse ainda relutante.

- Buck é o nosso jogador-chave - disse Plank - , por isso mantenham contato com ele. Ele se reportará a mim. Você quer dizer alguma coisa, Buck?

- Apenas agradecer muito - disse ele pesarosamente, provocando risos dos colegas. - Barbara, seus monetaristas estão se reunindo na ONU, como fizeram quando decidiram sobre a questão das três moedas?

- No mesmo lugar e as mesmas pessoas.

- Até que ponto Jonathan Stonagal está envolvido?

- Publicamente, você quer dizer? - perguntou ela.

- Bem, todo mundo sabe que ele é discreto. Mas há uma; influência de Stonagal?

- Você já viu pato falar? Buck sorriu e fez uma rápida anotação.

- Vou tomar isso como um sim. Gostaria de me aproximar dele e, quem sabe, tentar falar com o "João Diamante".

- Boa sorte. Ele provavelmente não vai mostrar a cara lá.

- Mas ele está na cidade, não está, Barbara? Ele não se hospedou no Plaza na última vez?

- Você vai estar por perto, não vai? - arriscou ela.

- Bem, ele só recebia um figurão por dia em sua suíte. Juan Ortiz levantou a mão.

- Vou concordar com isso, e nada tenho de pessoal contra você, Buck. Mas não creio que haja um meio de coordenar esta reportagem sem estabelecermos um vínculo.

Quero dizer, se você quiser dar início a uma reportagem de destaque dizendo que houve quatro importantes conferências internacionais na cidade,

quase todas ao mesmo tempo, muito bem. Mas relacionar uma com a outra seria ir longe demais.

- Se eu achar que elas não têm relação entre si, não haverá uma reportagem geral consistente - disse Buck. - De acordo?

Rayford Steele não se continha de tanta ansiedade, agravada por sua angústia. Onde estaria Chloe? Ele ficou em casa o dia todo, andando de um lado para o outro, em prantos, pensando. Sentia-se envelhecido e claustrófobo. Telefonou para a Pan-Continental e lhe foi dito que seu carro poderia ser liberado quando ele retornasse da viagem do próximo fim de semana. As notícias da televisão mostravam o surpreendente progresso na remoção de veículos das estradas e o restabelecimento do transporte em geral. Mas a paisagem ainda ficaria com aquela aparência de destruição durante meses. Guindastes e máquinas trituradoras de sucata continuavam trabalhando, e os destroços permaneciam empilhados perigosamente nos acostamentos das estradas e vias expressas.

Rayford levou horas para decidir telefonar para a igreja de sua esposa e sentiu-se grato de não ter de conversar com ninguém. Como ele esperava, havia uma nova mensagem gravada na secretária eletrônica da igreja, transmitida por uma voz de homem que soava um tanto emotiva e pausada.

"Você ligou para a Igreja Nova Esperança. Estamos planejando um estudo bíblico semanal, mas por enquanto vamos nos reunir apenas aos domingos, às dez horas da manhã. Todo o conselho da igreja, menos eu, e a maioria de nossos congregados foram levados. Eu e os que ficaram estamos cuidando do templo e distribuindo um teipe que nosso pastor titular deixou preparado para esta

ocasião. Você pode vir ao escritório da igreja a qualquer hora para apanhar uma cópia grátis do teipe, e contamos com sua presença no culto matinal de domingo."

Bem, certamente, pensou Rayford, *esse pastor falava freqüentemente do Arrebatamento da igreja.* Era esta a razão por que Irene se sentia tão fascinada com isso. Que idéia criativa, a de gravar uma mensagem para aqueles que foram deixados para trás! Ele e Chloe teriam de buscar uma cópia no dia seguinte. Seria muito bom se ela estivesse tão interessada como ele em descobrir a verdade.

Rayford espiou através da vidraça a noite escura, exatamente no momento em que Chloe, com uma grande mala ao lado, pagava o motorista. Ele saiu correndo de casa, os pés calçados somente com meias, e abraçou-a com força.

- Oh! papai! - ela exclamou chorando. - Como estão todos? Ele sacudiu a cabeça, o rosto espelhando desalento.

- Não quero ouvir - disse ela, largando-o e olhando para a casa, como se estivesse esperando que sua mãe ou seu irmão aparecesse na porta.

- Sobramos só nós dois, Chloe - disse Rayford, abraçando a filha e chorando com ela na escuridão.

Buck Williams só conseguiu uma informação a respeito de Dirk Burton na sexta-feira por meio do supervisor da área em que Dirk atuava na Bolsa de Londres.

- O senhor deve me dizer precisamente quem é e qual é o seu grau de relacionamento com o Sr. Burton antes que eu possa fornecer-lhe alguma informação - disse Nigel Leonard. - Sou também

obrigado a informar-lhe que esta conversa será gravada a partir deste momento.

- Como assim?

- Estou gravando nossa conversa. Se o senhor não concordar, desligue.

- Não estou pescando nada.

- 0 que o senhor quer dizer com "pescando"? O **senhor sabe** o que é um gravador, não sabe?

- Claro, também estou usando o meu, se o senhor não se importar.

- Bem, eu me *importo,* Sr. Williams. Por que raios o senhor está gravando?

- E por que o senhor está?

- Estamos diante de uma situação complicada, e precisamos investigar todos os contatos.

- Que situação? Dirk também desapareceu?

- Não foi bem assim, suponho.

- Então me conte o que houve.

- Conte o senhor primeiro o motivo de seu telefonema. - Sou um velho amigo dele. Fomos colegas de classe na faculdade.

- Onde?

- Princeton.

- Muito bem. Quando? Buck lhe contou.

- Muito bem. A última vez que falou com ele?

- Não me lembro. Trocamos mensagens pelo *voice mail.*

- Sua atividade? Buck hesitou.

- Articulista sênior, *Semanário Global,* Nova York.

- Seu interesse é de natureza jornalística?

- Não vou esconder-lhe isto - disse Buck, tentando evitar que sua raiva extravasasse -, mas não posso imaginar que meu amigo, importante como é para mim, seja de interesse para meus leitores.

- Sr. Williams - disse Nigel cautelosamente -, apesar de nossos gravadores estarem ligados, permita-me afirmar categoricamente que o que vou dizer é estritamente confidencial e não deve ser gravado. Está me entendendo?

- Eu...

- Porque estou ciente de que, tanto em seu país como na Comunidade Britânica, qualquer coisa que se diga, depois da afirmação de que se trata de assunto confidencial, não pode ser gravada e deve ser protegida.

- Concordo - disse Buck.

- Perdão, o que disse?

- O senhor me ouviu. Concordo. A conversa não está sendo gravada. Agora, onde está Dirk?

- O corpo do Sr. Burton foi encontrado em seu apartamento esta manhã. Ele tinha uma perfuração de bala na cabeça. Sinto muito, já que o senhor era um amigo dele, mas foi confirmado.

O Suicídio.

Buck quase perdeu a fala.

- Por quem? - indagou.

- Pelas autoridades.

- Que autoridades?

- Scotland Yard e o pessoal de segurança da Bolsa. *Scotland Yardl,* pensou Buck. *Vamos descobrir isso.*

- Por que a Bolsa está envolvida?

- Costumamos proteger nossas informações e nosso pessoal, senhor.

- Suicídio é impossível, o senhor sabe - retrucou Buck.

- Eu sei?

- Se o senhor é o supervisor dele, sabe.

- Houve um número muito grande de suicídios aqui desde os desaparecimentos, senhor.

Buck balançou a cabeça como se Nigel pudesse vê-lo do outro lado do Atlântico.

- Dirk não se matou, e o senhor sabe disso.

- Entendo seus sentimentos, mas não sei mais do que o senhor o que se passava na mente do Sr. Burton. Eu gostava dele, mas não estou em condições de questionar a conclusão da perícia médica.

Buck bateu o telefone e se dirigiu ao escritório de Steve Plank. Ele contou a seu chefe o que acabava de ouvir.

- Que coisa terrível - disse Steve.

- Tenho um contato na Scotland Yard que conhece Dirk, mas não me atrevo a falar com ele sobre este assunto por telefone. Marge pode me *fazer* uma reserva no próximo vôo para Londres? Estarei de volta em tempo para essas conferências, mas tenho de ir.

- Se houver vôos para lá. Não estou certo de que o aeroporto Kennedy já tenha voltado a funcionar.

- E quanto ao aeroporto La Guardiã?

- Pergunte a Marge. Você sabe que Carpathia estará aqui amanhã.

- Você mesmo disse que ele era peixe miúdo. Talvez ele ainda esteja aqui quando eu voltar.

Em razão do sofrimento da filha, Rayford Steele não foi capaz de convencê-la a sair de casa para espairecer um pouco. Chloe passara horas no quarto de seu irmão e, depois, no quarto do casal, escolhendo algumas lembranças pessoais para acrescentar às que seu pai tinha colocado nas caixas. Rayford estava sofrendo por ela. Intimamente, ele havia esperado que ela o consolasse. Talvez mais tarde. Por ora, ela precisava de tempo para assimilar as perdas da mãe e do irmão. Assim que extravasou seu sofrimento, Chloe já estava pronta para conversar. Depois de recordar fatos relacionados à família que provocaram mais angústia ainda no coração sofrido de Rayford, ela finalmente mudou o assunto para o fenômeno dos desaparecimentos.

- Papai, na Califórnia eles estão admitindo a teoria de invasão vinda do espaço.

- Você está brincando.

- Não. Talvez seja porque você sempre foi tão prático e descrente a respeito de tudo o que os tablóides publicam, mas simplesmente não posso atinar com o que aconteceu. Quero dizer, deve ter sido alguma coisa sobrenatural ou do outro mundo, mas...

- Mas o quê?

- Parece que, se a força de uma vida do além fosse capaz de *fazer* isto, também seria *capaz* de se comunicar conosco. Será que eles queriam tomar conta deste mundo ou exigir algum resgate ou que fizéssemos alguma coisa para eles?

- Quem? Os marcianos?

- Papai! Não estou dizendo que acredito nisso. Estou dizendo que não acredito. Mas você não acha que meu raciocínio faz sentido?

- Você não tem de me convencer. Admito que não teria sonhado que nenhuma dessas coisas fosse possível há apenas uma semana, mas minha lógica já foi longe demais.

Rayford esperava que Chloe perguntasse sua teoria. Ele não queria começar justamente pelo tema religioso. Ela foi sempre avessa a este respeito, tendo deixado de ir à igreja durante o curso secundário. Naquela ocasião, ele e Irene desistiram de insistir com ela. Chloe era uma boa filha, jamais se envolveu em problemas. Conseguiu notas boas o suficiente para ganhar uma bolsa de estudos parcial. Embora ocasionalmente ficasse fora até tarde da noite e fizesse parte daquele período louco da juventude do secundário, os pais nunca precisaram pagar uma fiança para tirá-la da prisão, e não havia a mínima evidência de uso de droga. Ela não se deixava envolver levianamente por essas coisas.

Rayford e Irene sabiam que Chloe havia chegado a casa várias vezes embriagada após uma festa, a ponto de passar a noite vomitando. Na primeira vez, ele e Irene preferiram não intervir, agindo como se nada tivesse acontecido.

Acreditavam que ela era suficientemente ajuizada para saber melhor quais seriam os resultados numa próxima vez. Quando aconteceu de novo, Rayford teve uma séria conversa com ela.

- Eu sei, eu sei, eu sei, está bem, papai? Você não precisa começar a pegar no meu pé.

- Não estou começando a pegar no seu pé. Quero apenas tornar claro que você deve saber que não pode dirigir se beber além da conta.

- É evidente que sei.

- E você sabe quão nocivo e perigoso é beber em demasia.

- Pensei que você não estivesse pegando no meu pé.

- Apenas me diga que você sabe o que está fazendo.

- Acho que já disse.

Ele havia balançado a cabeça sem querer dizer mais nada.

- Papai, pode continuar. Fale dos dois barris que bebi.

- Não brinque comigo - disse Rayford. - Algum dia você vai ter um filho e não saberá o que dizer a ele. Quando você ama alguém de todo o coração e se preocupa com seu bem-estar...

Rayford não conseguira prosseguir. Pela primeira vez, em sua vida adulta, fora dominado pela emoção. Isso nunca acontecera em suas brigas com Irene. Ele tinha sido sempre muito defensivo, muito preocupado em compreender as razões dela, evitando um impasse ou desenlace. Mas, no caso de Chloe, ele queria realmente dizer a coisa certa,

queria protegê-la. Desejara que ela soubesse que ele a amava, mas estava parecendo o contrário. Era como se ele estivesse punindo, fazendo sermão, repreendendo. Foi isso que o levara a interromper a discussão.

Embora ele não tivesse planejado, aquela involuntária demonstração emotiva afetara Chloe. Durante meses, ela permanecera arredia em relação aos pais. Tornara-se mal-humorada, fria, independente, sarcástica, desafiadora. Ele sabia que isso tudo fazia parte do seu desenvolvimento no sentido de tornar-se adulta, mas aquela foi uma fase dolorosa e assustadora.

Enquanto ele mordia os lábios e respirava profundamente, esperando recompor-se e não ficar embaraçado, Chloe aproximara-se dele e o abraçara envolvendo-o com os braços entrelaçados em seu pescoço, exatamente como fazia quando garotinha.

- Oh! papai, não chore - dissera ela. - Sei que você me ama. Sei que você se importa comigo. Não se preocupe. Aprendi a lição e não vou ser estúpida outra vez, prometo.

Ele se desmanchara em lágrimas, e ela também. Dali em diante, tornaram-se muito unidos. Rayford não se recordava de ter voltado a discipliná-la e, embora ela não tivesse retornado à igreja, ele tinha começado a se afastar também. Tornaram-se unha e carne, e ela cresceu e se desenvolveu cada vez mais parecida com ele. Irene brincava dizendo que cada um dos filhos tinha seu progenitor favorito.

Agora, apenas poucos dias depois do desaparecimento de Irene e Raymie, Rayford esperava que o relacionamento que começara em

um momento de emoção, quando Chloe estava na escola secundária, reflorescesse para que pudessem conversar. O que era mais importante do que aquilo que tinha acontecido? Ele já sabia em que os amigos amalucados da faculdade e os californianos acreditavam. O que havia de novidade? Ele sempre disse, generalizando, que as pessoas da Costa Oeste atribuíam aos tablóides o mesmo peso que os habitantes do Meio-Oeste davam ao *Chicago Tribune* ou mesmo ao *New York Times.*

Já no final do dia, sexta-feira, Rayford e Chloe concordaram, embora com relutância, que deviam comer. Ambos trabalharam na cozinha, preparando rapidamente a refeição com o que encontraram, o que resultou numa saudável mistura de frutas e vegetais. Havia algo ameno e benéfico no trabalho que *faziam* em silêncio. Era pungente, por outro lado, porque qualquer atividade doméstica fazia Rayford lembrar-se de Irene. E, quando se sentaram para comer, ocuparam automaticamente os mesmos lugares na mesa aos quais tinham se habituado - o que tornava os outros dois lugares vazios ainda mais evidentes.

Rayford notou que o rosto de Chloe começou a anuviar-se

de novo e sabia que ela estava sentindo o mesmo que ele. Passaram-se muitos anos desde que faziam três ou quatro refeições por semana juntos, como família. Irene sentava-se sempre à sua esquerda, Raymie, à sua direita, e Chloe, na frente dele. O vazio e o silêncio eram dissonantes.

Rayford estava faminto e logo devorou uma enorme salada. Chloe parou de comer logo depois de ter começado e chorou silenciosamente, a cabeça inclinada, lágrimas caindo em seu colo. O

pai tomou sua mão, e ela se levantou sentando-se em seu joelho, escondendo o rosto e soluçando. Com o coração despedaçado ao vê-la assim, Rayford pôs-se a acalentá-la até que ela silenciou.

- Onde estão eles? - perguntou Chloe soluçando.

- Você quer saber onde eu penso que estão? - perguntou ele. - Você quer mesmo saber?

- Claro que sim.

- Creio que estão no céu.

- Oh! papai! Havia alguns caras religiosos na escola que viviam dizendo isso, mas, se sabiam tanto sobre religião, por que ficaram?

- Talvez eles tenham concluído que não foram bons o suficiente e perderam sua oportunidade.

- Você acha que é o que fizemos? - perguntou Chloe, voltando à sua cadeira.

- Acho que sim. Sua mãe não lhe disse que acreditava na volta de Jesus algum dia para levar seus seguidores diretamente para o céu antes de morrerem?

- Certo, mas ela foi sempre mais religiosa do que nós. Eu achava que ela estava simplesmente sendo arrebatada.

- Boa escolha de palavras.

- O quê?

- Ela foi arrebatada, Chloe. Raymie também.

- Você realmente acredita nisso?

- Acredito.

- Isso é tão estúpido quanto a teoria da invasão dos marcianos. Rayford ficou na defensiva.

- Então qual é *sua* teoria?

Chloe começou a tirar os pratos da mesa e falou de costas para ele.

- Sou bastante honesta para admitir que não sei.

- Então não estou sendo honesto?

Chloe voltou-se para ele, olhando-o com simpatia.

- Você não vê, papai? Você está gravitando em torno da possibilidade menos dolorosa. Se houvesse uma votação, eu diria que minha mãe e meu irmãozinho estão no céu com Deus, sentados nas nuvens, dedilhando suas harpas.

- Então estou enganando a mim mesmo, é o que você está dizendo?

- Papai, não estou culpando-o. Mas tem de admitir que isto é muito artificial. Agora Rayford enfureceu-se.

- O que é mais artificial do que pessoas desaparecerem saindo de suas roupas? Quem mais poderia ter feito isso? Há alguns anos, acusamos os soviéticos, dizendo que eles tinham desenvolvido alguma tecnologia supermoderna, algum raio da morte que afetava somente a carne e os ossos humanos. Porém não há mais ameaça soviética, e os russos perderam pessoas também. E como este... este seja lá o que for... escolheu quem levar e quem deixar?

- Você está dizendo que a única explicação lógica é Deus, que Ele levou o que era dele e nos deixou para trás?

- É o que estou dizendo.

- Eu não quero ouvir isso.

- Chloe, nossa família é uma perfeita imagem do que aconteceu. Se o que estou dizendo estiver correto, as duas pessoas lógicas se foram e as duas pessoas lógicas foram deixadas.

- Você acha que sou uma grande pecadora?

- Chloe, ouça. Se você é, eu não sei, mas eu sou pecador. Não estou julgando você. Se estou certo sobre isso, perdemos alguma coisa. Eu sempre me considerei cristão, principalmente por ter sido criado num lar cristão e não ser judeu.

- Agora você não se considera mais cristão?

- Chloe, penso que os cristãos se foram.

- Então eu também não sou cristã?

- Você é minha filha e o único membro de minha família que ainda está aqui; amo você mais do que qualquer coisa na terra. Mas, se os cristãos se foram e todos os demais ficaram, acho que não existe mais nenhum cristão.

- Não existe mais nenhum supercristão, você quer dizer.

- Sim, um verdadeiro cristão. Aparentemente, aqueles que foram reconhecidos por Deus como verdadeiramente seus. De quem mais posso estar falando?

- Papai, o que isso prova quem é Deus? Algum ditador doentio, sádico?

- Cuidado, doçura. Você acha que estou errado, mas, e se eu estiver certo?

- Então Deus é rancoroso, abominável, mesquinho. Quem deseja ir para o céu com um Deus como esse?

- Se é lá que sua mãe e Raymie estão, é lá que eu quero estar.

- Eu também quero estar com eles, papai! Mas diga-me como isto se harmoniza com um Deus amoroso e misericordioso. Quando freqüentei a igreja, fiquei cansada de ouvir como Deus é amoroso. Ele nunca respondeu às *minhas* orações e nunca senti que Ele me conhecia ou se preocupava comigo. Agora você diz que é isso mesmo. Ele não se preocupava comigo. Não fui qualificada, por isso fui deixada para trás? Seria melhor que você não estivesse certo.

- Mas, se não estiver certo, quem está, Chloe? Onde estão eles? Onde está todo mundo?

- Está vendo? Você se interessou por essa coisa de céu porque isso faz você sentir-se melhor. Mas me faz sentir pior. Não acredito. Não quero nem mesmo considerar essa idéia.

Rayford desistiu do assunto e foi ver televisão. A programação regular tinha voltado, mas as notícias prosseguiam. Ele ficou intrigado com o nome incomum do novo presidente da Romênia, sobre o qual tinha lido recentemente. Carpathia. Ele deveria chegar ao aeroporto La Guardiã, em Nova York, no sábado e dar uma entrevista à imprensa no domingo de manhã, antes de falar na ONU.

Portanto, La Guardiã estava aberto. Era para lá que Rayford devia pilotar um vôo lotado no início

daquela noite. Ele telefonou para a Pan-Continental em O'Hare.

- Estou contente por ter telefonado - disse um supervisor. -Estava para chamá-lo. Sua avaliação para o 757 está atualizada?

- Não. Já pilotei esse tipo de aeronave muitas vezes, mas prefiro o 747, e não fui avaliado este ano para pilotar o 757.

- Estamos somente operando com 757 neste fim de semana para o leste. Vamos ter de chamar outro piloto. E você precisa ser avaliado logo para termos flexibilidade.

- Vou providenciar. Qual é o próximo vôo para mim?

- Você quer voar para Atlanta na segunda-feira e retornar no mesmo dia?

- Num...? **-747.**

- Tudo bem. Você sabe se há lugar para um passageiro nesse vôo?

- Para quem?

- Um membro da família.

- Deixe-me checar.

Rayford ouviu o ruído do teclado do computador e som de vozes ao fundo.

- Ah! enquanto eu estava checando, recebemos um pedido de uma integrante da tripulação para ser escalada para o seu próximo vôo. Ela estava imaginando que esta noite você faria a rota Logan-Kennedy e retorno.

- Quem? Hattie Durham?

- Deixe-me ver. Certo.

- Então, ela está escalada para Boston e Nova York?

- Hã-hã.

- E eu não estou, portanto esta é uma questão que pode ser discutida mais tarde, entendido?

- Suponho que sim. Você poderia me adiantar se vai concordar ou não?

- Como assim?

- Ela vai perguntar novamente, suponho. Você tem alguma objeção caso ela seja escalada para um de seus próximos vôos?

- Bem, de qualquer forma não será para meu vôo até Atlanta, certo? **-Certo.**

Rayford suspirou.

- Nenhuma objeção. Não, espere. Simplesmente deixe que aconteça, se é que vai acontecer.

- Não estou entendendo, capitão.

- Estou apenas dizendo que, se ela for escalada normalmente, não tenho nenhuma objeção. Mas não vamos *fazer* qualquer ginástica para que isso aconteça.

- Entendi. E seu vôo para Atlanta parece que vai levar um passageiro grátis. Nome?

- Chloe Steele.

- Vou tentar colocá-la na primeira classe, mas, se estiver lotada, saiba que ela vai sentar lá no fundo do avião.

Assim que Rayford desligou o telefone, Chloe apareceu na sala.

- Não vou voar esta noite - disse ele.

- A notícia é boa ou ruim?

- Estou aliviado. Quero passar mais tempo com você.

- Depois do modo como lhe falei? Imaginei que você quisesse me ver pelas costas.

- Chloe, podemos falar francamente um com o outro. Você é minha família. Odeio a idéia de estar longe de você. Vou fazer um vôo de ida e volta para Atlanta na segunda-feira e reservei um lugar na primeira classe, se você quiser me acompanhar.

- Certamente.

- Eu gostaria apenas que você não tivesse dito uma coisa. -Qual?

- Que você não quer nem mesmo considerar minha teoria. Você sempre gostou das minhas teorias. Não me importo se você disser que não a aceita. Não sei o suficiente para articulá-la de uma forma que faça sentido. Mas sua mãe falou sobre isso. Uma vez ela até me advertiu que, se eu não tivesse certeza de que iria para o céu, quando Cristo retornasse para buscar seu povo, eu não deveria ser irreverente a este respeito.

- E você foi?

- Certamente fui. Mas nunca mais serei.

- Bem, papai, não vou ser irreverente a este respeito. Simplesmente não posso aceitar. Só isso.

- É compreensível. Mas não diga que não vai nem mesmo considerar minha teoria.

- Bem, você considerou a teoria dos invasores do espaço?

- Na realidade, considerei.

- Você está brincando.

- Considerei tudo. O que aconteceu estava muito acima da experiência humana; em que poderíamos pensar?

- Está bem, então, se eu voltar atrás e disser que vou considerar sua teoria, o que isso vai significar? Vamos nos tornar religiosos fanáticos de repente, começar a ir à igreja, e o que mais? Quem sabe se agora já não é muito tarde?

Se você estiver certo, talvez tenhamos perdido nossa chance para sempre.

- É o que temos de investigar, você não acha? Vamos examinar o assunto, ver se existe alguma coisa relacionada a ele. Se houver, devemos saber se ainda existe uma oportunidade de um dia voltarmos a estar com mamãe e Raymie.

Chloe sentou-se meneando a cabeça.

- Ih!, papai. Não sei não.

- Ouça, telefonei para a igreja que sua mãe estava freqüentando.

- Oh! não.

Rayford lhe contou sobre a gravação e o oferecimento do teipe.

- Papai! Um teipe para aqueles que ficaram para trás? Por favor!

- Isto lhe parece ridículo porque você está sendo cética. Não conheço outra explicação lógica, por isso não vejo a hora de ouvir o teipe.

- Você está desesperado.

- Claro que estou! Você não está?

- Estou aflita e assustada, mas não tão desesperada a ponto de perder o juízo. Oh! papai, sinto muito. Não olhe para mim assim. Não o estou censurando por investigar isso. Continue, e não se preocupe comigo.

- Você irá comigo?

- Prefiro não ir. Mas se você quiser...

- Você pode esperar no carro.

- A questão não é essa. Não estou com medo de encontrar alguém com quem não concordo.

- Vamos lá amanhã - disse Rayford, desapontado com a reação de Chloe, mas determinado a prosseguir, por causa dela e dele. Se estivesse certo, não desistiria de convencer a própria filha.

DEZ

CAMERON Williams convenceu-se de que não deveria telefonar para o amigo comum dele e de Dirk Burton na Scotland Yard antes de deixar Nova York. Por causa da dificuldade de comunicação que perdurava havia vários dias, e em virtude da estranha conversa que teve com o supervisor de Dirk, Buck não queria correr o risco de ter sua ligação interceptada por alguém. Tudo o que ele queria era preservar a integridade de seu contato com a Scotland Yard.

Munido de seus dois passaportes, o verdadeiro e o falso, e do visto de entrada - uma precaução habitual de segurança -, Buck pegou um vôo para Londres, saindo de La Guardiã no final da noite de sexta-feira, chegando a Heathrow no sábado pela

manhã. Instalou-se no Hotel Tavistock e dormiu até a metade da tarde. Em seguida, se pôs a buscar a verdade sobre a morte de Dirk.

Sua primeira providência foi telefonar para a Scotland Yard e perguntar por seu amigo Alan Tompkins, um detetive de nível médio. Eles tinham aproximadamente a mesma idade, e Tompkins era um investigador alto, de cabelos escuros e aparência meio desleixada que Buck entrevistara para uma reportagem sobre o terrorismo britânico.

Eles se deram bem e, certa noite, chegaram a passar algumas horas numa taverna com Dirk. Os três se tornaram amigos. Toda vez que Buck visitava Londres, os três se reuniam. Agora, por telefone, ele tentava comunicar-se com Tompkins de tal modo que o amigo percebesse seu intuito de imediato, sem mencionar que se conheciam - no caso de o telefone estar grampeado.

- Sr. Tompkins, o senhor não me conhece, sou Cameron Williams, do *Semanário Global.* - Antes que Alan tivesse tempo de rir e saudar seu amigo, Buck continuou ininterruptamente: - Estou aqui em Londres para escrever um artigo preliminar para a conferência monetária internacional na ONU.

Alan ficou repentinamente sério.

- Como posso ajudá-lo, senhor? O que isso tem a ver com a Scotland Yard?

- Estou tendo dificuldade de localizar uma pessoa para uma entrevista e suspeito que houve algum problema com ela.

- Como se chama essa pessoa?

- Burton. Dirk Burton. Ele trabalha na Bolsa.

- Vou verificar e em seguida lhe telefonarei. Poucos minutos depois, o telefone de Buck tocou.

- Tompkins da Yard. Gostaria que o senhor tivesse a gentileza de vir até aqui para conversarmos.

Na manhã de sábado em Monte Prospect, Illinois, Rayford telefonou novamente para a Igreja Nova Esperança. Desta vez, um homem atendeu. Rayford apresentou-se como marido de uma ex-congregada.

- Conheço o senhor - disse o homem. - Já nos encontramos. Sou Bruce Barnes, o pastor auxiliar.

- Oh! sim, como vai?

- O senhor disse ex-congregada? Então Irene não está mais conosco?

- Exatamente, e nosso filho também.

- Ray Jr., não era esse o seu nome?

- Certo.

- O senhor também tem uma filha mais **velha, que não** freqüenta a igreja, não tem? -Chloe.

- E ela...

- Está aqui comigo. Eu queria saber como o senhor está coordenando tudo isso -quantas pessoas desapareceram, se estão se reunindo, esse tipo de coisa. Sei que o senhor tem um culto aos domingos e que está oferecendo um teipe.

- Bem, o senhor então já sabe tudo o que aconteceu, Sr. Steele. Quase todos os membros e freqüentadores habituais desta igreja se foram. Sou a única pessoa que restou do conselho. Pedi a algumas senhoras que ajudassem no escritório da igreja. Não tenho nenhuma idéia de quantos

aparecerão no domingo, mas será um privilégio revê-lo.

- Estou muito interessado nesse teipe.

- Ficarei feliz em oferecer-lhe um. Vamos falar sobre isto na manhã de domingo.

- Não sei como perguntar-lhe, Sr. Barnes.

- Bruce.

- Bruce. Você vai ensinar, pregar, ou o quê?

- Discutir. Vamos rodar a gravação para aqueles que **não a** ouviram e depois discutiremos o assunto.

- Mas o senhor... Quero dizer, como você pode explicar **o** fato de ainda estar aqui?

- Sr. Steele, há somente uma explicação para isso, e eu prefiro conversar com o senhor pessoalmente. Se o senhor me disser quando virá pegar o teipe, estarei aqui aguardando.

Rayford disse-lhe que iria naquela tarde. Talvez Chloe o acompanhasse.

Alan Tompkins estava aguardando logo na entrada do prédio da Scotland Yard. Quando Buck chegou, Alan apertou sua mão formalmente e levou-o a um pequeno calhambeque, que dirigiu velozmente até uma taverna escura a alguns quilômetros de distância.

- Não vamos falar até chegarmos lá - disse Alan, sempre olhando a retaguarda pelos espelhos retrovisores. - Preciso me concentrar.

Buck nunca vira seu amigo tão agitado e, até mesmo, assustado.

Foi servido a cada um meio litro de cerveja preta num canto escondido da taverna, mas Alan nem tocou na caneca. Buck, que não comera nada desde a chegada, trocou sua caneca *vazia* pela cheia de Alan e bebeu todo o conteúdo de uma só vez. Quando a garçonete apareceu para pegar as canecas, Buck pediu um sanduíche. Alan recusou, e Buck, conhecendo seus limites, pediu uma soda.

- Sei que isto vai ser como jogar gasolina numa chama -começou Alan -, mas preciso lhe dizer que este é um negócio sórdido e que você deve ficar o mais longe dele que puder.

- A verdade é que você está soprando minha chama - disse Buck. - O que está acontecendo?

- Bem, dizem que foi suicídio, mas...

- Mas nós dois sabemos que é um absurdo. Qual é a evidência? Você esteve no local?

- Estive. Tiro na têmpora, revólver em sua mão. Nenhum bilhete.

- Estava faltando alguma coisa?

- Acho que não, mas, Cameron, você sabe o que isso quer dizer. -Eu não!

- Vamos, vamos, homem. Dirk era um conspirador teórico, sempre farejando em torno do envolvimento de Todd-Cothran com homens internacionais do dinheiro, de seu papel na conferência das três moedas e de seu relacionamento com Stonagal.

- Alan, há livros sobre esse negócio. Pelo amor de Deus! As pessoas fazem disso um passatempo, atribuindo toda forma de maquinação à Comissão Trilateral, aos iluminados, até mesmo aos maçons. Dirk pensava que Todd-Cothran e

Stonagal faziam parte de um grupo que ele chamava de Conselho dos Dez ou Conselho dos Sábios. E daí? Isto é inofensivo.

- Mas quando alguém tem um subordinado, reconhecidamente vários níveis abaixo do dirigente da Bolsa, tentando ligar seu chefe a teorias conspiradoras, esse alguém tem um problema.

Buck suspirou.

- Ele deve receber uma repreensão, talvez ser demitido. Mas me explique por que ele foi morto ou cometeu suicídio.

- Vou dizer-lhe uma coisa, Cameron - continuou Alan. - Sei que ele foi assassinado.

- Sim, estou bastante convencido de que foi, porque acho que, se ele fosse um suicida, eu teria um indício.

- Estão tentando atribuir o suicídio ao remorso que ele devia estar sentindo por ter perdido parentes no grande fenômeno dos desaparecimentos, mas isso não convence ninguém. Que eu saiba, ele não perdeu nenhuma pessoa íntima.

- Mas você *sabe* que ele foi assassinado? Palavras muito fortes para um investigador.

- Sei porque o conhecia, não porque sou investigador.

- Isso não ajuda - disse Buck. - Eu também posso dizer que o conhecia e que ele não seria *capaz* de cometer suicídio, mas estou sendo parcial nessa história.

- Cameron, isto seria muito mais simples se Dirk não fosse nosso amigo. Por que motivos nós sempre caçoávamos dele?

- Por muitos motivos. Por quê?

- Nós o criticávamos por ele ser um desajeitado.

- Sim. E daí?

- Se ele estivesse conosco neste momento, onde estaria sentado?

De repente, Buck começou a compreender aonde Alan estava querendo chegar.

- Ele estaria sentado à esquerda de um de nós, e era desajeitado por ser canhoto.

- O tiro foi na têmpora direita, e a suposta arma do suicida estava na mão direita.

- E qual foi a reação dos chefes quando você lhes disse que ele era canhoto e, portanto, devia ter sido assassinado?

- Você é a primeira pessoa a quem falei sobre isso.

- Alan! O que você está dizendo?

- Estou dizendo que amo minha família. Meus pais ainda estão vivos e tenho um irmão e uma irmã mais velhos. Tenho também uma ex-esposa de quem ainda gosto muito. Eu não me importaria de acabar com a vida dela, mas não desejaria que alguém a maltratasse.

- Do que você tem medo?

- Tenho medo de qualquer um que esteja por trás da morte de Dirk, naturalmente.

Mas você tem toda a Scotland Yard em sua retaguarda, homem! Você se considera um funcionário que aplica a lei e vai deixar isto escapar?

- Sim, e você também vai fazer o mesmo!

- Eu não. Não conseguiria viver em paz comigo mesmo.

- Se você tomar alguma atitude, vai morrer.

Buck acenou para a garçonete e pediu batata palha. Ela trouxe uma porção generosa, frita com bastante óleo. Era exatamente o que ele queria. A cerveja já começara a fazer efeito, e o sanduíche tinha sido insuficiente para equilibrar. Ele sentia a cabeça zonza e achava que seu estômago ficaria satisfeito por um bom tempo.

- Estou escutando - sussurrou ele. - O que você está tentando me dizer? Quem o está ameaçando?

- Se você acredita em mim, não vai gostar.

- Nao tenho motivo para não acreditar em você e não estou gostando disso. Desembuche.

- A morte de Dirk foi caracterizada oficialmente como suicídio, e ponto final. O local foi limpo, o corpo, cremado. Pedi uma autópsia, e eles nem quiseram me ouvir. Meu oficial superior, Capitão Sullivan, perguntou-me o que uma autópsia revelaria. Falei-lhe das escoriações, arranhões, sinais de luta. Ele me perguntou se eu achava que fazia sentido um sujeito lutar consigo mesmo antes de se matar. Guardei comigo minhas conclusões.

- Por quê?

- Farejei alguma coisa.

- Que tal eu publicar numa revista internacional uma reportagem apontando essas discrepâncias? Alguma coisa teria de acontecer.

- Fui instruído a dizer-lhe que volte para casa e esqueça que ouviu qualquer coisa sobre este suicídio.

Buck franziu a testa e semicerrou os olhos demonstrando descrença.

- Ninguém sabia que eu viria para cá.

- Talvez seja verdade, mas alguém admitiu que você poderia aparecer. Eu não me surpreendi com sua vinda.

- Por que você deveria? Meu amigo está morto, pretensamente por sua própria mão. Eu não ignoraria isso.

- Você vai ignorar daqui em diante.

- Você acha que vou me acovardar só porque você se acovardou?

- Cameron, você me conhece bem.

- Eu me pergunto se o conheço realmente! Pensei que tivéssemos o mesmo modo de pensar. Fomos paladinos da justiça, Alan. Defensores da verdade. Sou jornalista, você é investigador. Somos céticos por natureza. Como podemos fugir da verdade, especialmente quando se trata de nosso amigo?

- Você me ouviu? Fui alertado para denunciá-lo, se e quando você aparecesse.

- Então por que você permitiu que eu viesse até a Yard?

- Eu estaria em dificuldade se o tivesse avisado antes.

- Com quem?

- Pensei que você nunca perguntaria. Fui visitado por um capanga, conforme vocês costumam dizer nos Estados Unidos.

- Um pistoleiro?

- Precisamente.

- Ele o ameaçou?

- Sim. Ele disse que, se eu não quisesse que acontecesse comigo ou com minha família o mesmo que aconteceu com meu amigo, teria de fazer o que ele dissesse. Acredito que seja o mesmo cara que matou Dirk.

- Foi ele, provavelmente. Então por que você não denunciou a ameaça?

- Eu ia fazer isso. Comecei tentando resolver tudo sozinho. Disse a ele que não se preocupasse comigo. No dia seguinte, fui à Bolsa e solicitei uma entrevista com o Sr. Todd-Cothran.

- O chefão?

- Em carne e osso. Não tinha uma entrevista agendada, naturalmente, mas insisti que se tratava de um assunto da Scotland Yard, e ele consentiu em receber-me. Seu escritório é intimidador. Móveis de mogno e cortinas verde-musgo. Bem, fui direto ao assunto. Disse-lhe: "Senhor, creio que um de seus funcionários foi assassinado." E, com a voz mais calma do mundo, ele disse: "Preste atenção, governador" - um termo que os moradores do extremo leste de Londres usam entre si, mas que não é usado por alguém da posição dele em relação

a pessoas com eu -, "na próxima vez que alguém o visitar em seu apartamento às dez horas da noite, como fez um certo cavalheiro na noite passada, cumprimente-o por mim, entendeu?"

- O que você disse?

- O que podia eu dizer? Perdi a voz, tão estupefato fiquei! Apenas olhei para ele e fiz um gesto afirmativo com a cabeça. "E deixe-me dizer uma coisa mais", continuou ele, "diga a seu amigo Williams para ficar fora disso." Perguntei: "Williams?", como se não soubesse de quem ele estava falando. Ele não deu atenção ao que eu disse, certamente por saber que eu conhecia você.

- Alguém escutou o *voice mail* de Dirk.

- Sem dúvida. E ele disse ainda: "Se aquele sujeito precisar ser convencido, diga-lhe que gosto de seu pai e de Jeff tanto quanto ele." Jeff é seu irmão?

Buck afirmou com a cabeça.

- E então você desmoronou?

- O que poderia fazer? Tentei bancar o herói destemido e disse-lhe: "Posso estar gravando nossa conversa." Frio como, só ele pode ser, disse-me: "Os detectores de metais já o teriam apanhado." "Posso ter uma boa memória e, então, desmascará-lo", disse-lhe eu. Ele retrucou: "O risco é seu, governador. Quem vai acreditar em você, e não em mim? Nem mesmo Marianne acreditaria em você - ela poderá não estar em condições de compreender."

- Marianne?

- Minha irmã. Mas ainda não cheguei nem à metade da história. Como se precisasse provar seu

poder, ele chamou meu capitão pelo telefone viva-voz e lhe perguntou: "Sullivan, se um de seus homens viesse ao meu escritório e me aborrecesse por qualquer coisa, o que eu deveria fazer?"

E Sullivan, um de meus ídolos, respondeu, parecendo um bebezinho: "Sr. Todd-Cothran, faça o que deve ser feito." Todd-Cothran insistiu: "E se eu o matasse onde ele está sentado?" Sullivan respondeu: "Senhor, estou certo de que seria um homicídio justificável." Agora pense um pouco. Em uma conversa telefônica com alguém da Scotland Yard, onde todas as ligações recebidas são gravadas, e sabendo disso muito bem, Todd-Cothran disse o seguinte: "Mesmo se o nome dele fosse Alan Tompkins?" Ele disse exatamente isto, tão claro como o sol. E Sullivan respondeu: "Eu iria aí e trataria de retirar o corpo." Entendi o recado.

- Em resumo, você não tem a quem recorrer.

- Ninguém que eu possa lembrar. - E eu tenho de virar as costas e fugir daqui. Alan concordou com a cabeça.

- Tenho de informar a Todd-Cothran que transmiti o recado. Ele espera que você retorne no primeiro vôo.

- E se eu não quiser?

- Não há nenhuma garantia, mas eu não tentaria ficar aqui. Buck afastou os pratos de lado e empurrou a cadeira para trás.

- Alan, você não me conhece bem, mas fique sabendo que não sou do tipo que ouve essas coisas sem sair do lugar.

- É isto que me preocupa. Eu também não sou, mas a quem posso recorrer? O que fazer? Talvez

você imagine que exista alguém confiável, mas o que essa pessoa poderia *fazer?* Se isto provar que Dirk estava certo, que ele chegou muito próximo de alguma coisa clandestina em que Todd-Cothran estava metido, onde essa história vai parar? Stonagal também teve participação? E quanto aos outros do grupo internacional de financistas que se encontram com eles? Você considerou que eles podem ter o mundo inteiro nas mãos? Eu cresci lendo histórias sobre os mafiosos de Chicago, que tinham nas mãos policiais, juizes e até mesmo políticos. Ninguém podia tocar neles.

Buck assentiu.

- Ninguém podia tocá-los, exceto aqueles que não podiam ser comprados.

- Os Intocáveis?

- Eles eram os meus heróis - disse Buck.

- E meus também - acrescentou Alan. - Foi por isso que me tornei investigador. Mas se a Yard é suja, a quem devo me dirigir?

Buck descansou o queixo na mão.

- Você acha que está sendo vigiado? Seguido?

- Estou procurando saber. Até agora, não.

- Alguém sabe que estamos aqui?

- Observei o tempo todo e não vi ninguém nos seguindo Em minha opinião profissional, estamos aqui despercebidos que você pretende *fazer,* Cameron?

- Aparentemente, há pouca coisa a se *fazer* aqui. Talvez retorne a meu país com um nome diferente. Quem estivei preocupado comigo vai pensar que estou teimando em permanecer aqui.

- Qual a vantagem disso?

- Posso estar atemorizado, Alan, mas vejo as coisas por outro ângulo. E, de uma forma ou de outra, vou encontrara pessoa certa para ajudar. Não conheço seu país o suficiente para saber em quem confiar. Evidentemente, confio em você mas você está incapacitado.

- Você está me chamando de fraco, Cameron? Existe alguma saída para mim? Buck sacudiu a cabeça.

- Sinto por você - disse ele. - Não sei o que faria em seu lugar.

A garçonete estava passando de mesa em mesa, perguntando alguma coisa aos clientes. Quando ela se aproximou deles, Buck e Alan fizeram silêncio para ouvir.

- Alguém tem um carro sedã verde-claro? Uma pessoa avisou que a luz interna está acesa.

- É o meu - disse Alan. - Não me lembro de ter acendido a luz interna.

- Nem eu - disse Buck -, mas parece que a luz estava apagada quando chegamos aqui. Talvez eu esteja enganado

- Vou ver. Provavelmente, não houve nenhum problema mas aquela velha bateria não pode agüentar muito tempo

- Cuidado - recomendou Buck. - Alguém pode ter mexido nele.

- É improvável. Estacionamos bem em frente, você se lembra?

Buck endireitou-se na cadeira e acompanhou Alan com os olhos enquanto o investigador saía da

taverna. Dali, dava para ver que a luz interna do carro estava acesa. Alan circundou o carro, abriu a porta do lado do motorista desligou a luz. Quando retornou à mesa, disse:

- Estou começando a caducar com minha idade. Logo vou esquecer os faróis acesos.

Buck estava triste, pensando nos apuros de seu amigo. Que problema! Trabalhar em algo que ambicionou a vida inteira para depois descobrir que seus superiores eram devedores e submissos a um assassino internacional.

- Vou telefonar para o aeroporto e ver se consigo um vôo para esta noite.

- Não há nenhum vôo para sua terra a esta hora da noite - informou Alan.

- Vou pegar um vôo até Frankfurt e saio de lá de manhã. Acho que não devo abusar de minha sorte aqui.

- Há um telefone junto à porta. Vou pagar a conta.

- Faço questão de pagar - disse Buck, passando uma nota de 50 marcos por cima da mesa.

Buck ligou para Heathrow enquanto Alan contava o troco entregue pela garçonete. Buck conseguiu um lugar num vôo para Frankfurt dali a 45 minutos mais tarde, o que lhe permitia pegar um vôo no domingo de manhã para o aeroporto Kennedy.

- Oh! Kennedy está aberto? - perguntou.

- Abriu uma hora atrás - disse uma voz feminina. - Vôos limitados, mas o da Pan-

Continental que sai da Alemanha vai chegar lá de manhã. Quantos passageiros?

-Um.

- Nome?

Buck vasculhou sua carteira para lembrar o nome de seu passaporte britânico falso.

- Desculpe-me - disse ele simulando não ter ouvido, enquanto Alan se aproximava.

- O nome, senhor.

- Oh! perdão, Oreskovich, George Oreskovich.

Alan avisou que aguardaria no carro. Buck fez um sinal afirmativo com a cabeça.

- Tudo certo, senhor - disse a atendente. - Seu nome está anotado para um vôo a Frankfurt esta noite, continuando amanhã até Kennedy, Nova York. Mais alguma coisa?

- Não, obrigado.

Quando Buck pôs o fone no gancho, a porta da taverna abriu-se violentamente para dentro do recinto e um clarão ofuscante, seguido de um estrondo ensurdecedor, atirou os clientes ao chão, que gritavam assustados. Quando o barulho cessou, as pessoas se dirigiram cautelosamente até a porta para ver o que tinha acontecido. Buck viu horrorizado a estrutura retorcida e os pneus derretidos do carro seda de Alan, da Scotland Yard. Os vidros estouraram, e os cacos se espalharam pela rua. A sirene de um carro já se fazia soar. Uma perna e parte do torso estavam sobre a calçada - o que sobrou de Alan Tompkins.

Enquanto os fregueses saíam para ver os destroços em chamas, Buck foi se acotovelando

para abrir caminho e tirou da carteira seu passaporte e identidade verdadeiros. Aproveitando-se da confusão, ele colocou os documentos perto do que restara do Carro e esperou que eles não fossem atingidos pelo fogo a ponto de ficarem ilegíveis. Quem quer que o desejasse morto, poderia admitir sua morte. Em seguida, abriu caminho na multidão e entrou na taverna *vazia,* correndo em direção aos fundos. Mas não encontrou nenhuma porta, somente uma janela. Ele a levantou e saltou por ela, esgueirando-se junto à parede numa passagem de apenas 60 centímetros entre dois edifícios. Raspando suas roupas em ambos os lados enquanto corria em direção a uma rua paralela, passou por duas quadras e chamou um táxi.

- Hotel Tavistock - disse.

Poucos minutos depois, quando o táxi estava a três quadras do hotel, Buck viu um pelotão policial e carros em frente do local, bloqueando o tráfego.

- Leve-me, por favor, diretamente a Heathrow - pediu ele ao taxista, lembrando-se de que tinha deixado o *laptop* entre suas coisas, mas agora não havia escolha. Ele já havia transferido para o computador a melhor parte da matéria, mas como saber quem teria acesso a ela a partir de agora?

- O senhor não precisa de nada do hotel? - perguntou o motorista.

- Não. Estava apenas indo ver uma pessoa.

- Às ordens, senhor.

Heathrow também estava sendo vasculhado pelas -autoridades.

- Você sabe onde alguém poderia comprar um quepe como o seu? - perguntou Buck ao taxista, enquanto pagava a corrida.

- Esta coisa velha? Posso ser convencido a me desfazer dele. Tenho outro exatamente igual. Quer levar uma lembrança, hein?

- Isto é suficiente? - perguntou Buck, enfiando uma quantia *razoável* de dinheiro na mão dele.

- É mais do que suficiente, senhor, e muito obrigado por sua bondade.

O motorista removeu o emblema oficial dos taxistas de Londres e entregou-lhe o quepe.

Buck enterrou o quepe largo, estilo marinheiro, até as orelhas e correu para o terminal. Pagou em dinheiro suas passagens em nome de George Oreskovich, um polonês naturalizado inglês a caminho de férias nos Estados Unidos, via Frankfurt. Antes que as autoridades descobrissem que ele havia partido, o avião já estava no ar.

ONZE

RAYFORD estava contente de poder levar Chloe a um passeio de carro no sábado, depois de permanecerem confinados em casa remoendo suas angústias. Também ficou contente por ela ter concordado em acompanhá-lo à igreja.

Chloe passara o dia inteiro sonolenta e calada. Havia mencionado a idéia de deixar a universidade por um semestre e assistir a algumas aulas numa faculdade local. Rayford gostou da idéia, pensando no bem-estar da filha. De repente, se deu conta de

que ela estava pensando no bem-estar dele e ficou emocionado.

Enquanto conversavam no curto passeio, ele lembrou-lhe que, depois da viagem de um dia a Atlanta, na segunda-feira, deveriam voltar separados de O'Hare para casa. Rayford teria de pegar o carro dele que ficara no aeroporto. Ela sorriu para ele.

- Acho que posso dirigir um carro sozinha, agora que tenho vinte anos.

- Às vezes, trato você como uma garotinha, não é? - disse ele.

- Daqui em diante, não vai ser assim - disse ela. -Entretanto, você pode compensar o tempo que me tratou como garotinha.

- Sei o que você está querendo dizer.

- Não, não sabe - disse ela. - Adivinhe.

- Você vai dizer que posso compensar o tempo que a tratei como uma garotinha deixando que tenha idéias próprias, evitando impor-lhe as minhas.

- Isto é lógico, espero. Mas você está errado, espertinho. Eu estava querendo dizer que só vou ficar convencida de que você me vê como adulta responsável se deixar que eu dirija seu carro do aeroporto até nossa casa na segunda-feira.

- Vai ser fácil - disse Rayford, repentinamente mudando para uma entonação de voz infantil. - Isto faria você sentir-se uma garota adulta? Muito bem, papai vai *fazer* o que você quer.

Ela deu um soco amistoso nele e sorriu. Logo a seguir, ficou séria.

- É surpreendente que eu esteja encontrando motivo para me divertir nestes dias -disse Chloe. - Meu Deus, sinto-me uma pessoa horrorosa.

Rayford deixou este comentário suspenso no ar enquanto dobrava uma esquina e avistava a bela e pequenina igreja.

- Não leve muito em conta o meu desabafo - disse ela. -Não preciso entrar, preciso?

- Não, mas eu gostaria.

Ela comprimiu os lábios e meneou a cabeça, um tanto contrafeita, mas, quando ele estacionou e saiu do carro, ela o acompanhou.

Bruce Barnes era baixo e levemente atarracado, cabelos encaracolados e óculos de aros metálicos. Ele se vestia com simplicidade, mas com classe, e Rayford avaliou sua idade em torno de 30 anos. Bruce surgiu de trás do púlpito com um pequeno aspirador de pó nas mãos.

- Desculpem-me - disse ele -, vocês devem ser os Steeles. Sou o único que restou do conselho da igreja. Estou contando apenas com a ajuda de Loretta.

- Olá - disse uma senhora idosa por trás de Rayford e Chloe. Ela estava em pé na porta de entrada que dava acesso ao escritório da igreja, olhos fundos e despenteada, como se estivesse vindo de uma guerra. Após cumprimentá-los, ela se dirigiu a uma escrivaninha na ante-sala do escritório.

- Ela está organizando um pequeno programa para amanhã - disse Barnes. - A dificuldade é que não temos idéia de quantos virão. O senhor estará aqui?

- Ainda não estou certo - disse Rayford. - Provavelmente, estarei. Ambos se voltaram para Chloe. Ela sorriu educadamente.

- Eu, provavelmente, não virei - disse ela.

- Bem, reservei um teipe para vocês - disse Barnes. - Mas gostaria de pedir mais alguns minutos de seu tempo.

- Eu tenho tempo - disse Rayford.

- E eu vim com ele - disse Chloe resignada. Barnes levou-os ao gabinete do pastor titular.

- Não estou ocupando a mesa dele nem usando sua biblioteca - disse o jovem pastor auxiliar -, mas trabalho aqui em sua mesa de reunião. Não sei o que vai acontecer comigo ou com a igreja e, certamente, não quero ser arrogante. Não creio que Deus me chame para assumir este trabalho, mas, se Ele o fizer, quero estar preparado.

- E como Ele o chamará? - perguntou Chloe, ensaiando um leve sorriso. - Por telefone? Barnes não levou em consideração o insulto dela.

- Para dizer-lhes a verdade, isso não me surpreenderia. Não sei a respeito de vocês, mas Ele chamou minha atenção na última semana. Uma ligação telefônica do céu teria sido menos traumática.

Chloe levantou as sobrancelhas, aparentemente disposta a ouvir a explanação de Barnes.

- Amigos, Loretta sentiu o mesmo que eu senti. Ficamos abalados e devastados, porque sabemos exatamente o que aconteceu.

- Ou o senhor pensa que sabe - interferiu Chloe. Rayford tentou cruzar o olhar com o dela para induzi-la a calar-se e aguardar a explicação do pastor, mas ela parecia relutante em olhar para ele. - Há toda espécie de teoria que o senhor quiser em cada noticiário de televisão no país.

- Eu sei disso - confirmou Barnes.

- E cada um deles atende aos próprios interesses -acrescentou ela. - Os tablóides dizem que foi uma invasão de seres do espaço, o que provaria as histórias estúpidas de que eles estão no controle por anos. O governo diz que foi obra de algum tipo de inimigo, por isso podemos gastar mais com a alta tecnologia para a nossa defesa. O senhor vai dizer que foi Deus, e assim poderá começar a restabelecer sua igreja.

Bruce Barnes aprumou-se na cadeira e olhou para Chloe e em seguida para seu pai.

- Vou pedir-lhes uma coisa - disse ele, voltando a olhar para ela novamente. - Vocês permitem que eu apresente meu relato rapidamente, sem interrupções ou interferências, a menos que haja algum ponto que não entendam?

Chloe fixou o olhar nele, sem esboçar nenhuma reação.

- Não quero ser rude, mas não quero que vocês também o sejam. Pedi alguns minutos de seu tempo. Se eu ainda tiver esse tempo, permitam-me fazer uso dele. Depois eu os deixarei à vontade. Vocês podem *fazer* o que quiserem com aquilo que eu lhes disser. Podem dizer que estou louco, que estou distorcendo a verdade em proveito próprio. Podem sair e nunca mais voltar. Façam a sua

opção. Mas posso contar com sua atenção por alguns minutos?

Rayford achou que Barnes foi brilhante. Ele colocou Chloe em seu devido lugar, não lhe deixando espaço para nenhuma observação mordaz. Ela apenas moveu a cabeça em sinal de aquiescência. Barnes agradeceu e continuou.

- Posso chamá-los pelo primeiro nome? Rayford assentiu. Chloe não se moveu nem falou.

- Vou chamá-los de Ray e Chloe, está bem? Sento-me aqui diante de vocês como um homem arrasado. E quanto a Loretta? Se há alguém que tem o direito de sentir-se tão mal quanto eu, esse alguém é Loretta. Ela é a única pessoa de toda sua família que ainda está aqui. Tinha seis irmãs

e irmãos vivos, não sei quantas tias, tios, primos, sobrinhos e sobrinhas. A família realizou um casamento aqui no ano passado, e ela calcula que havia cem parentes na cerimônia. Todos se foram, todos eles.

- Que tristeza! - disse Chloe. - Perdemos minha mãe e meu irmão, o senhor sabe. Oh! desculpe-me. Eu não queria interrompê-lo.

- Está bem - disse Barnes. - Minha situação é muito parecida com a de Loretta, só que em escala menor. É claro que meu sofrimento não foi menor. Permitam-me contar minha história. - Logo que ele começou a falar de detalhes aparentemente inócuos, sua voz engrossou e abrandou. - Eu estava na cama com minha esposa. Ela estava dormindo. Eu estava lendo. As crianças tinham ficado um pouco mais de tempo na sala, embaixo, antes de serem mandadas para a cama. Nossa filha mais velha tinha cinco anos. Os outros dois eram

meninos, com idades de três e um ano. Aquela situação era normal para nós - eu lendo enquanto minha esposa dormia. Além do trabalho que as crianças lhe davam, ela ainda tinha um emprego de meio expediente, e por volta das nove horas da noite o sono a dominava.

- Eu estava lendo uma revista de esportes, tentando virar as páginas sem nenhum ruído, e de vez em quando ela dava um suspiro mais profundo. Em certo momento, ela perguntou quanto tempo eu ia demorar lendo. Eu sabia que deveria ler no outro quarto ou simplesmente apagar a luz e tentar dormir também. Mas disse a ela: "Não vou demorar", esperando que ela caísse no sono e eu pudesse terminar de ler a revista. Eu sabia que, quando ela começava a respirar profundamente, a luz acesa não a incomodava mais. E, após alguns minutos, ouvi que ela estava ressonando.

- Fiquei contente. Meu plano era ler até meia-noite. Eu estava apoiado num cotovelo, de costas para ela e usando um travesseiro para protegê-la da claridade da luz. Não sei quanto tempo fiquei lendo quando senti um movimento na cama. Imaginei que ela havia se levantado para ir ao banheiro. Esperava apenas que ela não tivesse se levantado para demonstrar seu aborrecimento por eu estar ainda com a luz acesa e que, ao voltar, não me recriminasse. Ela era miúda e leve, de modo que não estranhei o fato de não ouvir seus passos até o banheiro. Continuei absorto em minha leitura.

- Passados alguns minutos que me pareceram um tanto demorados, chamei-a: "Querida, você está bem?" Não ouvi nenhum ruído. Comecei a me inquietar. Seria apenas minha imaginação que ela tivesse se levantado?

Apalpei o lugar dela e constatei que não estava ali, por isso chamei-a de novo. Talvez ela estivesse verificando se as crianças estavam bem, mas geralmente ela dormia um sono tão pesado que não acordava no meio da noite, a menos que um deles a chamasse.

- Bem, provavelmente mais um minuto ou dois se passaram, antes que eu me voltasse e constatasse que ela não estava mais ali e havia puxado a colcha e o cobertor sobre o travesseiro. Agora vocês podem imaginar o que pensei. Achei que ela ficou tão frustrada comigo, por ainda estar lendo, que se cansou de esperar que eu desligasse a luz e resolveu dormir no sofá da sala. Eu era um marido razoavelmente criterioso, por isso fui até lá desculpar-me e trazê-la de volta à cama.

- Vocês sabem o que aconteceu. Ela não estava no sofá. Nem no banheiro. Olhei pelo vão da porta de cada dormitório das crianças e sussurrei seu nome, pensando que talvez ela estivesse acalentando alguma delas ou sentada ao lado da cama de outra. Nada. As luzes estavam apagadas em toda a casa, exceto a lâmpada à minha cabeceira. Não quis acordar as crianças gritando por ela, por isso simplesmente acendi a luz do *hall* e voltei a inspecionar cada quarto.

- Sinto-me envergonhado em dizer que não tinha ainda uma explicação, até que notei que meus filhos mais velhos não estavam em suas camas. Meu primeiro pensamento foi que teriam ido ao quarto do bebê, como faziam às vezes, para dormir no chão. Supus, então, que minha esposa tinha levado ambos à cozinha para comerem alguma coisa. Francamente, fiquei um tanto

perturbado por não saber o que estava acontecendo no meio da noite.

- Quando constatei que o bebê não estava em seu berço, acendi a luz, coloquei a cabeça fora da porta e chamei minha esposa. Nenhuma resposta. Foi então que reparei no pequenino pijama do bebê e, assim, fiquei sabendo exatamente o que tinha acontecido. Aquilo me atingiu como um raio. Corri por toda a casa, levantando os cobertores de cada cama e encontrando apenas os pijamas das crianças. Eu tive medo de *fazer* isso, mas puxei o cobertor do lado que minha esposa dormia, e lá estavam sua camisola, seus anéis e até os grampos do cabelo sobre o travesseiro.

Rayford esforçava-se para não chorar, lembrando-se da própria experiência semelhante àquela. Barnes deu um profundo suspiro e desabafou, enxugando os olhos.

- Bem, comecei a telefonar para todo mundo - disse ele. - Liguei primeiro para o pastor, mas quem atendeu foi a secretária eletrônica. Mais dois outros telefonemas, e ouvi a secretária eletrônica também. Então peguei a lista de telefones da igreja e comecei a procurar pelos irmãos mais velhos, pessoas que julgava que não tinham secretárias eletrônicas, e não consegui falar com ninguém. Os telefones tocavam, tocavam, e ninguém atendia.

- Eu sabia que seria improvável encontrar qualquer um deles. Por alguma razão, saí correndo e pulei dentro do carro, dirigindo tresloucadamente até esta igreja. Aqui estava Loretta, sentada em seu carro, com seu roupão de dormir, o cabelo cheio de rolinhos, chorando angustiada. Chegamos ao vestíbulo e nos sentamos ao lado dos vasos de plantas, chorando e amparando um ao outro,

sabendo exatamente o que havia sucedido. Após mais ou menos meia hora, alguns membros da igreja também apareceram. Ficamos ali consternados e perguntando-nos em voz alta o que faríamos em seguida. Então alguém se lembrou do teipe do pastor sobre o Arrebatamento.

- O quê? - perguntou Chloe.

- Nosso pastor titular gostava de pregar sobre a vinda de Cristo para arrebatar sua Igreja e levar com Ele os crentes, mortos e vivos, ao céu antes de um período de tribulação na terra. Ele começou a dedicar-se a esse assunto há cerca de dois anos.

Rayford voltou-se para Chloe.

- Você está lembrada de sua mãe ter falado sobre isso. Ela estava muito entusiasmada a esse respeito.

- Oh! sim, me lembro.

- Bem - disse Barnes -, o pastor usou aquele sermão e gravou um videoteipe em seu gabinete dirigindo-se diretamente às pessoas que foram deixadas para trás. Ele guardou o videoteipe na biblioteca da igreja com instruções para ser retirado, visto e ouvido por todos os que não desapareceram. Todos nós o vimos duas vezes na noite seguinte. Poucas pessoas quiseram argumentar com Deus, tentando dizer-nos que tinham sido realmente crentes e deveriam ter sido arrebatadas com os outros, mas todos estávamos convencidos da verdade. Éramos pseudocristãos. Não havia um único entre nós que não soubesse o que significa ser um verdadeiro cristão. Sabíamos que não o éramos e que tínhamos sido deixados para trás.

Rayford teve dificuldade para falar, mas não pôde deixar de fazer uma observação.

- Sr. Barnes, o senhor era um membro do conselho da igreja. - Correto.

- Como o senhor foi deixado para trás?

- Vou dizer-lhe, Ray, porque não tenho mais nada a esconder. Sinto vergonha de mim mesmo, e, se antes nunca tive realmente vontade ou motivação para falar aos outros sobre Cristo, eu a tenho agora com certeza. Considero-me um ser deplorável por ter entendido tarde demais o maior evento cataclísmico da História. Fui criado na igreja. Meus pais, irmãos e irmãs eram todos cristãos.

- Eu amava a igreja. Ela era minha vida, minha cultura. Eu pensava que acreditava em tudo o que havia na Bíblia. A Bíblia diz que, se você crer em Cristo, terá a vida eterna, por isso julguei que estava salvo.

- Eu gostava especialmente das partes que falavam do perdão de Deus. Era um pecador incorrigível. Apenas me considerava perdoado porque Deus tinha feito essa promessa. Ele tinha de cumpri-la. O versículo diz que, se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar e purificar. Eu conhecia outros versículos que falavam em crer e receber, confiar e permanecer, mas nunca levei estas palavras ao pé da letra. Eu queria seguir o caminho mais fácil, o mais simples. Eu também conhecia outros versículos, segundo os quais eu não devia continuar no pecado simplesmente porque Deus nos mostrou sua graça.

- Eu julgava ter uma vida maravilhosa. Cheguei até a estudar em faculdade bíblica. Na igreja e na

escola, eu dizia as coisas certas, orava em público e até incentivava aí' pessoas em sua vida cristã. Mas era ainda um pecador. Eu reconhecia isso. Dizia às pessoas que não era perfeito; era apenas perdoado.

- Minha esposa dizia a mesma coisa - afirmou Rayford.

- A diferença - disse Bruce - é que ela era sincera. Eu mentia. Dizia à minha esposa que dava o dízimo à igreja, que contribuíamos com 10% de nossa renda. Minha contribuição era mínima. Quando a salva era passada, eu depositava ali algum dinheiro só para impressionar os outros. Toda semana, eu confessava a Deus, prometendo ser mais liberal na próxima vez.

- Estimulei pessoas a proclamar sua fé e dizer a outras como se tornarem cristãs. Mas eu mesmo nunca fiz isso. Meu trabalho era visitar pessoas em seus lares, casas de repouso e hospitais todos os dias. Eu era bom nisso. Incentivava os enfermos, sorria para eles, conversava com eles, orava com eles, e até lia a Bíblia para eles. Mas nunca fiz isso de coração e reservadamente.

- Eu era preguiçoso. *Fazia* o mínimo necessário. Quando as pessoas pensavam que eu estava visitando, talvez estivesse num cinema em outra cidade. Também era lascivo. Lia coisas que não devia, folheava revistas que aguçavam meus desejos carnais.

Rayford tremeu ligeiramente. Esta última confissão mexeu com ele.

- Eu tinha uma vida irregular - Barnes continuou - e persisti nela. Cada vez me afundava mais. Sabia que os verdadeiros cristãos eram conhecidos pelo que suas vidas produziam, e eu

nada produzia. Mas sentia-me confortado pelo fato de haver pessoas muito piores por aí, as quais se intitulavam cristãs.

- Não fui um estuprador, nem molestei crianças, nem cometi adultério, embora muitas vezes me sentisse infiel à minha esposa por causa da minha lascívia. Mas sempre orava e confessava meus pecados, sentindo-me como se estivesse purificado. Isso deveria ter sido óbvio para mim. Quando as pessoa ficavam cientes de que eu fazia parte da equipe ministerial da Nova Esperança, eu conversava com elas sobre a serenidade do pastor e a pureza da igreja, mas tinha vergonha de falar de Cristo. Se me desafiassem e perguntassem se a Nova Esperança era uma daquelas igrejas que diziam que Jesus era o único caminho para Deus, eu fazia de tudo, menos negar isso. Queria que pensassem que eu me sentia bem, que; estava de acordo com tudo que se passava ali. Posso ser um cristão e mesmo um pastor, mas nunca me confundam com os excêntricos.

- Vejo agora, com certeza, que Deus é um Deus perdoador, porque somos humanos e temos necessidade do perdão. Mas temos de receber seu dom, viver em Cristo e permitir que Ele viva em nós. Eu imaginava que tinha liberdade de *fazer* o que desejasse. Podia viver em pecado e fingir ser uma pessoa piedosa. Tinha uma bela família e ótimo ambiente de trabalho. E, por mais feliz que me sentisse a maior parte do tempo, acreditava realmente que iria para o céu quando morresse.

- Raramente lia a Bíblia, exceto quando preparava uma preleção ou aula. Não tinha a "mente de Cristo". Eu sabia vagamente que a palavra *cristão* significa "com Cristo" ou "como

Cristo". Com certeza eu não era um cristão, e descobri isso da pior forma possível.

- Permitam-me dizer-lhes simplesmente - a decisão é de vocês. A vida é de vocês. Mas eu, Loretta e outros membros da igreja que estão desnorteados sabemos exatamente o que aconteceu há algumas noites. Jesus voltou para buscar sua verdadeira família, e fomos deixados para trás.

Bruce olhou nos olhos de Chloe.

- Não há nenhuma dúvida em minha mente de que testemunhamos o Arrebatamento. Meu maior medo, uma vez constatada a verdade, foi que não havia mais esperança para mim. Perdi a oportunidade única. Tinha sido um falso cristão, estabelecendo meu próprio modelo de cristianismo, que foi feito para uma vida de liberdade, mas que me custou a alma. Eu tinha ouvido dizer que, quando a Igreja fosse arrebatada, o Espírito de Deus se ausentaria da terra. A lógica era que, quando Jesus fosse para o céu após sua ressurreição, o Espírito Santo que Deus enviou à Igreja seria incorporado nos crentes. Portanto, quando eles fossem levados, o Espírito deixaria este mundo, e não haveria mais nenhuma esperança para os que ficassem. Vocês não podem saber o alívio que tive quando o teipe do pastor mostrou-me o contrário.

- Reconhecemos quão estúpidos fomos, mas nós nesta igreja - pelo menos os que se sentiram atraídos a este templo na noite em que todos os demais desapareceram -estamos sendo fervorosos tanto quanto possível. Ninguém que venha até aqui sairá sem conhecer exatamente em que cremos e o que pensamos ser necessário para termos uma relação com Deus.

Chloe levantou-se e deu alguns passos, os braços cruzados sobre o peito.

- É uma história muito interessante - disse ela. - O que aconteceu com Loretta? Como ela perdeu a oportunidade, se toda sua enorme família era constituída de verdadeiros cristãos?

- Você deve ouvir ela mesma dizer oportunamente -disse Bruce. - Mas ela me disse que foi o orgulho e o constrangimento que a afastaram de Cristo. Ela nasceu num lar muito religioso. Disse que estava no fim da adolescência quando pensou seriamente a respeito de sua fé pessoal. Então decidiu acompanhar a família e freqüentar a igreja, participando de suas atividades normais. Com o tempo, casou-se, tornou-se mãe e avó, e simplesmente aparentou ser uma gigante espiritual. Era respeitada por aqui. Entretanto, nunca creu em Cristo e nunca o recebeu como seu Salvador.

- Então - disse Chloe -, essa história de acreditar em Cristo, recebê-lo como Salvador, viver para Ele e deixá-lo viver em você, era isso o que minha mãe queria dizer quando falava sobre salvação, ser salvo?

Bruce balançou a cabeça concordando.

- Do pecado, do inferno e do Juízo.

- Entrementes, não estamos salvos de tudo isso.

- É verdade.

- O senhor realmente acredita nisso.

- Acredito.

- É um negócio esquisito, o senhor deve admitir.

- Não para mim. Não neste momento.

Rayford, sempre objetivando precisão e ordem, **perguntou;**

- Então, o que o senhor fez? O que minha esposa fez? O **que** a fez ser mais cristã, ou, ah... o que, hã...

- A salvou? - Bruce completou.

- Sim - disse Rayford. - É exatamente o que desejo saber. Se o senhor estiver certo, e eu já disse a Chloe que acho que estou percebendo isto agora, precisamos saber como conduzir esta situação daqui em diante. De que forma uma pessoa pode passar de uma condição para outra? Obviamente, não estamos salvos, porque fomos deixados para trás, e estamos aqui para enfrentar a vida sem nossos entes queridos que viveram como verdadeiros cristãos. Sendo assim, o que devemos fazer para nos tomar cristãos verdadeiros?

- Vou orientá-los - disse Bruce. - E vou entregar-lhes este teipe para que vocês o levem para casa. Vou também entrar em detalhes em minha pregação no culto matinal de amanhã, às dez horas, para quem comparecer. Provavelmente, vou repetir a mesma mensagem nos próximos domingos, até sentir que a necessidade de conhecer a verdade tenha sido satisfeita. De uma coisa estou certo: por mais importantes que sejam outros sermões e lições, nada supera este assunto.

Enquanto Chloe continuava encostada à parede, braços ainda cruzados, observando e escutando, Bruce voltou-se para Rayford. •

- É realmente muito simples. Deus tornou isto fácil, o que não significa um processo de transição sobrenatural ou que possamos decidir e escolher as partes boas - como já tentei fazer. Porém, se depararmos com a verdade e agirmos em sua direção, Deus não impedirá nossa salvação.

- Primeiro, temos de ver-nos como Deus nos vê. A Bíblia diz que todos pecaram, que não há ninguém justo, nem sequer um. Ela também diz que não podemos ser salvos por nós mesmos. Inúmeras pessoas pensaram que estavam no caminho para Deus ou para o céu por praticar boas obras, mas essa foi provavelmente a concepção mais equivocada que já houve. Perguntem a qualquer pessoa na rua o que ela pensa que a Bíblia ou a igreja diz a respeito de ganhar o céu, e nove entre dez dirão que, para ir para o céu, é preciso *fazer* o bem e viver uma vida reta.

- É o que todos devemos *fazer,* certamente, mas esta não é a chave para obtermos nossa salvação. Devemos fazer isso como *conseqüência* da nossa salvação. A Bíblia diz que somos salvos não pelas boas obras que praticamos, mas, sim, pela misericórdia de Deus. Isso quer dizer que somos salvos pela graça mediante Jesus Cristo, não por nós mesmos, de sorte que não devemos vangloriar-nos de nossa bondade.

- Jesus tomou sobre si nossos pecados e pagou o preço de que éramos devedores perante Deus. O pagamento é a morte, e Ele morreu em nosso lugar, porque nos amou. Quando reconhecemos perante Cristo que somos pecadores perdidos e recebemos dele a dádiva da salvação, Ele nos salva. Realiza-se assim um processo de transição. Saímos das trevas para a

luz, da condição de perdidos para a de buscados e achados, tornamo-nos salvos. Diz a Palavra de Deus que àqueles que o receberem Ele dará o poder de se tornarem filhos de Deus. Exatamente o que Jesus é - Filho de Deus. Quando passamos a ser filhos de Deus, temos o que Jesus tem: um relacionamento direto com o Pai e a vida eterna. E, pelo fato de Jesus ter pago pelo castigo que merecíamos, recebemos por meio dele o perdão de nossos pecados.

Rayford estava atordoado. Ele buscou furtivamente os olhos de Chloe. Ela parecia indiferente, mas sem aquele ar antagônico. Rayford encontrou exatamente o que estava procurando. Era o que ele tinha suspeitado e ouvido aqui e ali durante anos, mas nunca foi capaz de absorver e praticar.

Apesar de tudo, ele trazia dentro de si suficientes reservas para ponderar sobre isso, ver e ouvir o teipe e trocar idéias com Chloe.

- Tenho de perguntar-lhes - disse Bruce - algo que nunca quis perguntar antes a ninguém. Quero saber se estão prontos para receber Cristo em seus corações neste momento. Eu me sentiria feliz em orar com vocês e mostrar-lhes como conversar com Deus.

- Não - interveio Chloe abruptamente, olhando para seu pai como se estivesse temerosa de que ele fizesse uma tolice.

- Não? - foi a reação de surpresa de Bruce. - Precisam de mais tempo?

- No mínimo - disse Chloe. - Naturalmente, não é uma decisão que se possa tomar precipitadamente.

- Bem, permitam-me dizer-lhes - continuou Bruce. - É uma decisão que gostaria fosse imediata. Creio que Deus me perdoou e que tenho um trabalho a *realizar* aqui. Mas não sei o que vai acontecer daqui em diante, uma vez que todos os verdadeiros cristãos foram arrebatados. Eu gostaria de ter assumido esta postura há vários anos, e não depois do , acontecido. Vocês podem acreditar que eu teria preferido mil vezes estar no céu com minha família neste exato momento.

- Mas, então, quem nos falaria a este respeito? - perguntou Rayford.

- Oh, eu me sinto grato por essa oportunidade - atalhou Bruce. - Mas tive de pagar um alto preço para chegar a este ponto.

- Compreendo - disse Rayford, podendo ver nos olhos de Bruce uma expectativa ardente de alguém que espera ansiosamente por uma decisão, um compromisso, uma conversão. Ele sentia que Rayford estava preparado para dar esse passo. Mas Rayford nunca tinha sofrido tal pressão em sua vida. E, enquanto não colocasse a questão numa balança, como se estivesse tratando com um vendedor, precisaria de tempo para pensar, um tempo para esfriar a cabeça e refletir. Ele tinha uma mente analítica. Quando deparou com um novo sentido de vida, embora não duvidasse de tudo o que Bruce expôs sobre os desaparecimentos, não se sentiu em condições de resolver imediatamente. - Agradeço o teipe e posso garantir que estarei aqui amanhã. Bruce olhou para Chloe.

- Não conte comigo - disse ela -, mas agradeço sua atenção e vou ver o teipe.

- É tudo o que posso pedir - acrescentou Bruce.

- Mas permitam-me fazer-lhes uma pequena advertência. Vocês devem ter ouvido estas palavras de vez em quando durante a vida, como também sucedeu comigo. Talvez não saibam, mas preciso dizer-lhes que não estão munidos de quaisquer garantias de salvação. É muito tarde para vocês desaparecerem, como aconteceu com seus queridos há poucos dias. Mas pessoas morrem diariamente em acidentes de carro, quedas de avião - oh! perdão, estou certo de que o senhor é um bom piloto -, todos os tipos de tragédias. Não vou absolutamente pressioná-los a tomar uma decisão para a qual não estão preparados. Mas permitam-me que os incentive, no caso de Deus colocar em seus corações sua verdade, a não adiarem sua decisão. O que haveria de pior do que, tendo finalmente encontrado a Deus, morrer sem Ele por ter esperado um longo tempo para tomar uma decisão?

DOZE

BUCK hospedou-se no hotel Frankfurt Hilton, no aeroporto, com seu nome falso, sabendo que tinha de telefonar para os Estados Unidos antes que sua família e seus colegas ouvissem a notícia de que ele estava morto. Encontrou um telefone público na sala de espera e discou para seu pai, no Arizona. Com a diferença de fuso horário, lá deveria ser um pouco antes do meio-dia de sábado.

- Estou realmente aborrecido com tudo isto, papai, mas você vai ouvir a notícia de que morri dentro de um carro dinamitado, um ataque terrorista, ou coisa parecida.

- Que diabo está acontecendo, Cameron?

- Não posso me explicar agora, papai. Quero apenas que saiba que estou bem. Estou ligando do outro lado do oceano, mas não posso dizer de onde. Estarei de volta amanhã, mas por enquanto tenho de ficar escondido.

- O culto em memória de sua cunhada e seus sobrinhos será amanhã à noite -informou o Sr. Williams.

- Oh! não. Papai, ficaria muito ostensivo se eu aparecesse. Sinto muito. Diga ao Jeff o quanto eu lamento.

- Bem, vamos ter de fazer de conta que aconteceu? Quero dizer, devemos fazer um culto em sua memória também?

- Não, eu não seria *capaz* de me fingir de morto por muito tempo. Logo que o pessoal do *Semanário* souber que estou bem, o segredo não vai durar muito.

- Você vai estar em perigo quando alguém descobrir a mentira?

- Provavelmente, mas, papai, não posso aparecer por enquanto. Diga isso ao Jeff por mim, tá?

- Está bem. Tenha cuidado.

Buck mudou para outra cabina telefônica e chamou o *Semanário.* Disfarçando a voz, pediu que a recepcionista ligasse com o *voice mail* de plantão de Steve Plank.

- Steve, você sabe quem está falando. Não importa o que você vai ouvir nas próximas 24 horas, estou bem. Ligo amanhã e podemos nos encontrar. Por enquanto, deixe que os outros acreditem no que ouvirem. Tenho de ficar incógnito

até achar alguém que realmente possa ajudar. Steve, ligo para você logo que puder.

Chloe ficou calada no carro. Rayford sentia um impulso incontrolável de falar. Isso não condizia com sua natureza, mas sentia a mesma urgência que tinha percebido em Bruce Barnes. Ele queria ser racional e analítico. Queria estudar, orar, ter a certeza. Mas o que ele ouvira não era exatamente um atestado de segurança? Poderia estar mais seguro?

O que tinha ele feito de errado ao criar e educar Chloe que a tornou tão prevenida, tão cautelosa, tão resistente, para que pudesse olhar a ponto de não enxergar o que parecia tão óbvio para ele? Ele havia encontrado a verdade, e Bruce estava certo. Precisavam agir nesse sentido, antes que lhes acontecesse qualquer coisa.

O noticiário estava cheio de crimes, saques, indivíduos tirando vantagem do caos. Pessoas eram alvejadas por armas de fogo, mutiladas, estupradas, assassinadas. As estradas e ruas estavam mais perigosas do que nunca. Os serviços de emergência tinham falta de funcionários, poucos controladores de tráfego e de vôos atendiam nos aeroportos; pilotos e tripulações pouco qualificados eram utilizados nos aviões.

As pessoas conferiam os túmulos de seus antepassados : ou mortos recentes para saber se seus cadáveres tinham desaparecido, e tipos inescrupulosos fingiam *fazer o* mesmo enquanto procuravam objetos de valor que tivessem sido enterrados com os ricos. O mundo se tornara hediondo de um dia para o outro, e Rayford se preocupava com sua segurança e a de Chloe. Ele

queria exibir logo o teipe e confirmar a decisão que tomara.

- Podemos ver juntos? - sugeriu ele.

- Na verdade, eu preferiria não ver, papai. Posso perceber aonde você quer chegar e não me sinto ainda confortável a tal respeito. É uma coisa muito pessoal. Não é ser visto em grupo ou com a família.

- Não estou tão certo disso.

- Não insista comigo. Veja o teipe quando quiser, e eu farei o mesmo depois.

- Você sabe que estou muito preocupado, que a amo e me importo com você, não sabe?

- Claro que sim.

- Você pretende ver o teipe antes da reunião da igreja amanhã?

- Papai, por favor. Você está me forçando a me afastar, se continuar a me pressionar com esse assunto. Nem sei se quero ir lá amanhã. Ouvi o pastor vender sua mercadoria hoje, e ele mesmo disse que vai repetir tudo amanhã.

- Bem, o que aconteceria se eu decidisse tornar-me um cristão amanhã? Gostaria que você estivesse lá.

Chloe olhou bem para ele.

- Não sei, papai. Não é igual a uma cerimônia de **formatura** ou coisa parecida.

- Talvez seja. Tenho a impressão de que sua mãe **e seu** irmão foram promovidos, e eu não.

- Credo.

- Estou falando sério. Eles estavam qualificados **para** o céu. Eu não.

- Não quero falar sobre isto agora.

- Muito bem, mas deixe-me apenas dizer mais uma coisa. Se você não for amanhã, quero que veja o teipe enquanto eu estiver lá.

- Oh! eu...

- Porque realmente gostaria que você se decidisse antes de nosso vôo na segunda-feira. A viagem aérea está ficando mais perigosa, e nunca se sabe o que pode acontecer.

- Papai, veja bem! Em toda a minha vida, sempre ouvi você falar com convição a respeito da segurança dos vôos. Cada vez que ocorria um desastre, alguém perguntava se você não tinha medo ou se já tinha sofrido alguma pane. Você recitava suas estatísticas que demonstravam que a segurança do vôo é muitas vezes mais confiável do que uma viagem de carro. Portanto, não venha com essa história.

Rayford desistiu. Ele cuidaria da própria alma e oraria por sua filha, mas decididamente não insistiria mais com ela sobre a fé.

Chloe foi para a cama mais cedo sábado à noite, enquanto Rayford plantou-se diante da televisão e acionou o controle remoto para assistir ao vídeo. "Alô", soou a voz agradável e confiante do pastor que ele tinha encontrado várias vezes. Enquanto falava, o pastor sentou-se à beira da mesa no mesmo escritório que Rayford tinha acabado de visitar. "Meu nome é Vernon Billings, e sou pastor da Igreja Nova Esperança, de Monte Prospect, Illinois. Enquanto você vê este vídeo, posso apenas imaginar o medo e o desespero

em seu rosto, porque isto está sendo gravado para ser visto somente após o desaparecimento do povo de Deus da face da terra.

"O fato de você estar me vendo e ouvindo indica que foi deixado para trás. Certamente você está assombrado, chocado, temeroso e com remorso. Gostaria que você considerasse o que tenho a dizer aqui como instruções para a vida que continuará na terra após o Arrebatamento da Igreja de Cristo. Foi o que aconteceu. Qualquer um de vocês sabe ou sabia que os que depositaram sua confiança somente em Cristo para salvação foram levados para o céu por Ele.

"Permita-me mostrar-lhe com base na Bíblia exatamente o que aconteceu. Você não vai precisar mais dessa prova, porque já terá experimentado o evento mais chocante da história. Mas, como este vídeo foi feito com antecedência e estou confiante de que serei levado, pergunte a si mesmo: Como ele sabia? Aqui está a resposta, com base em 1 Coríntios 15.51-57."

A tela começou a mostrar este trecho da Escritura. Rayford parou a cena e correu a buscar a Bíblia de Irene. Levou algum tempo para localizar 1 Coríntios, e, embora as palavras fossem ligeiramente diferentes da tradução da Bíblia dela, o sentido era o mesmo.

O pastor disse: "Vou ler para você o que o grande missionário e evangelista, apóstolo Paulo, escreveu aos cristãos da igreja da cidade de Corinto:

Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos, num momento, num abrir e fechar d'olhos, ao

ressoar da última trombeta. A trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que o corpo mortal se revista da imortalidade. E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão? O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo."

Rayford estava confuso. Pôde acompanhar alguma coisa daquilo, mas o resto era ininteligível para ele. Ele fez o teipe rodar. O pastor Billings continuou: "Permita-me parafrasear algumas palavras para que você as compreenda claramente. Quando Paulo diz que nem todos dormiremos, ele quer dizer que nem todos vamos morrer. E ele está dizendo que este ser corruptível deve revestir-se de um corpo incorruptível, que vai durar por toda a eternidade. Quando estas coisas tiverem acontecido, quando os cristãos que já morreram e aqueles que ainda estarão vivos receberem seus corpos imortais, o Arrebatamento da Igreja terá acontecido.

"Todas as pessoas que creram e aceitaram a morte sacrificial, o sepultamento e a ressurreição de Jesus Cristo previram sua segunda vinda. Enquanto você vê este vídeo, todas aquelas pessoas já terão visto o cumprimento da promessa de Cristo, quando disse: ...voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também' (João 14.3).

"Creio que todas essas pessoas foram literalmente levadas da terra, deixando para trás todas as coisas materiais. Se você constatou que milhões de pessoas estão faltando e que bebês e crianças sumiram, sabe que o que estou dizendo é a verdade. Até uma certa idade, que é provavelmente diferente para cada indivíduo, acreditamos que Deus não responsabilizará uma criança por uma decisão que deve ser tomada com o coração e a mente, com plena consciência de suas conseqüências. Você poderá também constatar que crianças ainda não nascidas desapareceram do útero de suas mães. Posso apenas imaginar o sofrimento e inquietação de um mundo sem suas preciosas crianças e o profundo desespero dos pais que as perderam desse modo.

"A carta profética de Paulo aos coríntios disse que isso aconteceria num piscar de olhos. Você poderá ter visto um ser amado diante de você desaparecer de repente. Não invejo você por causa desse trauma.

"A Bíblia diz que os corações dos homens paralisarão de medo. Isto para mim significa que poderá haver ataques cardíacos devido ao abalo emocional, pessoas que se matarão por desespero, e você sabe melhor do que eu o caos que resultará do desaparecimento de cristãos arrebatados de vários meios de transportes, e da perda de bombeiros, policiais e trabalhadores em serviços de emergência de toda sorte.

"Dependendo de quando você estiver vendo este vídeo, talvez já esteja ciente de uma lei marcial que deve entrar em vigor em muitos lugares, medidas de emergência para tentar impedir elementos de má índole de promoverem pilhagens e

disputarem os bens que foram deixados. Governos cairão, e haverá desordens internacionais.

"Você desejará saber a *razão* por que isso aconteceu. Alguns crêem que é o julgamento de Deus para um mundo cheio de impiedade. Na realidade, isto virá mais tarde. Por mais estranho que lhe pareça, este é o esforço final de Deus para alertar cada pessoa que o tem ignorado ou rejeitado. Ele está permitindo a partir deste evento que um longo período de provações e tribulações tenha início para você e todos os que ficaram. Ele transladou sua Igreja de um mundo corrupto que procura seguir seu próprio caminho, seus próprios prazeres, seus próprios fins.

"Creio que o propósito de Deus com isso é permitir àqueles que ficaram que façam uma avaliação de si mesmos e abandonem sua busca alucinada por prazer e auto-realização, voltando-se para a Bíblia, a fim de conhecerem a verdade e se entregarem a Cristo para se salvarem.

"Quero tranqüilizar você sobre os desaparecimentos de seus amados, seus filhinhos e bebês, amigos e conhecidos. Eles não foram levados por alguma força maldosa ou por invasores do espaço. Esta poderá ser uma explicação comum. O que antes lhe parecia ridículo e fantasioso pode ser agora lógico e possível, mas não é.

"A Escritura também nos previne de que haverá uma grande mentira, anunciada com a ajuda da mídia e perpetrada por um líder mundial autodeclarado. O próprio Jesus profetizou sobre essa pessoa. Disse Ele: 'Vim em nome de meu Pai, e não me recebestes; se um outro vier em seu próprio nome, vós o recebereis.'

"Quero também exortá-lo a precaver-se de tal líder da humanidade, que pode surgir na Europa. Ele se tornará um grande enganador. Mostrará sinais e maravilhas tão convincentes que muitos crerão que ele terá vindo da parte de Deus. Ele conseguirá um grande número de seguidores entre os que foram deixados, e muitos acreditarão que ele será um operador de milagres.

"O enganador prometerá força, paz e segurança, mas a Bíblia diz que ele falará contra o Altíssimo e derrotará os santos do Altíssimo. Eis por que estou alertando-o para ter cuidado com esse novo líder de grande carisma, tentando assumir o controle do mundo durante o terrível período de caos e confusão. Essa pessoa é conhecida na Bíblia como o anticristo. Ele vai fazer muitas promessas, mas não as cumprirá. Você deve confiar nas promessas do Deus Todo-poderoso, por meio de seu Filho, Jesus Cristo.

"Creio que a Bíblia ensina que o Arrebatamento da Igreja é o prenuncio de um período de sete anos de provação e tribulação, durante o qual coisas terríveis vão acontecer. Se você não tiver recebido Cristo como seu Salvador, sua alma estará em perigo. E, por causa dos eventos cataclísmicos que terão lugar durante esse período, sua vida estará em risco. Se você se voltar para Cristo, talvez morra como mártir."

Rayford interrompeu o vídeo. Ele tinha se preparado para ouvir o pastor falar de salvação. Mas tribulação e provação? Perder seus entes queridos, enfrentar o orgulho e o egocentrismo que o impediram de ir para o céu - isto já não era o suficiente? Ainda haveria *mais?*

E quanto a esse "grande enganador" a que o pastor se referiu? Talvez ele tivesse levado esse assunto de profecia muito longe. Mas ele não era um vendedor de panacéias. Era um homem sincero, honesto, digno de confiança - um homem de Deus. Se o que o pastor disse sobre os desaparecimentos era verdade - e Rayford sabia em seu íntimo que era -, então o homem devia merecer sua atenção, seu respeito.

Chegara o momento de deixar de ser um crítico, um analista sempre insatisfeito com a evidência. A prova estava diante de seus olhos: as cadeiras vazias, a cama solitária, o abismo em seu coração. Havia somente um modo de agir. Ele apertou novamente o botão para rodar o teipe.

"Não faz qualquer diferença, a esta altura, saber o porquê de você ainda estar na terra. Você pode ter sido muito egoísta, orgulhoso ou ocupado, ou talvez simplesmente não reservou tempo para examinar as palavras de Cristo dirigidas a você. A questão agora é que você tem outra oportunidade. Não a deixe escapar.

"O desaparecimento dos santos e dos pequeninos, o caos que ficou para trás e a desventura dos corações partidos são a evidência de que o que estou dizendo é verdadeiro. Ore para que Deus o ajude. Receba a dádiva da salvação agora mesmo. E resista às mentiras e propósitos do anticristo, que certamente logo aparecerá. Lembre-se: ele vai enganar muitos. Que você não seja incluído entre eles.

"Cerca de 800 anos antes de Jesus vir a este mundo pela primeira vez, Isaías, no Velho Testamento, profetizou que os reinos das nações entrariam em grande conflito e seus rostos seriam

como chamas de fogo. Para mim, tais palavras anunciam a Terceira Guerra Mundial, uma guerra termonuclear que varrerá milhões de pessoas da face da terra.

"A profecia bíblica é a história escrita antecipadamente. Insisto em que você procure livros sobre este assunto ou pessoas especialistas nesta área, mas que por alguma razão não receberam Cristo em seus corações em tempo e foram deixadas para trás. Estude e examine tudo, para saber o que virá, a fim de estar preparado.

"Você vai notar que o governo e a religião vão mudar, a guerra e a inflação explodirão, haverá uma hecatombe que reduzirá terrivelmente a população do globo, acompanhada de grande destruição, martírios de santos, e até mesmo um terremoto devastador. Esteja preparado.

"Deus quer perdoar os seus pecados e reservar-lhe um lugar seguro no céu. Ouça Ezequiel 33.11: '...não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva.'

"Se você aceitar a mensagem da salvação de Deus, o Espírito Santo de Deus entrará em sua vida e fará com que você renasça espiritualmente. Você não precisa ter uma compreensão teológica de tudo isso. Você pode tornar-se um filho de Deus orando a Ele agora mesmo enquanto eu o conduzo nesta oração..."

Rayford interrompeu novamente o teipe, congelando a imagem na tela, e viu a preocupação estampada no rosto do pastor, a compaixão que havia em seu olhar. Rayford tinha amigos e conhecidos que o tomariam por louco, talvez até

mesmo sua filha. Mas isto tudo soava-lhe verdadeiro e límpido como cristal. Ele não havia entendido o significado dos sete anos de tribulação nem do novo líder, o mentiroso que deveria surgir. Mas sabia que precisava de Cristo em sua vida.

Precisava do perdão de seus pecados e da segurança de que um dia se reuniria com sua esposa e seu filho no céu.

Rayford sentou-se com a cabeça entre as mãos, o coração martelando. Não se ouvia nenhum ruído vindo de cima, onde Chloe descansava. Ele estava a sós com seus pensamentos, a sós com Deus, cuja presença sentiu naquele instante. Levantou-se da poltrona e dobrou os joelhos sobre o carpete. Ele jamais dobrara os joelhos para orar ou adorar, mas sentia naquele momento um sopro de santidade e reverência. Pressionou de novo a tecla para *fazer* rodar o teipe e colocou de lado o controle remoto. Juntou as mãos em atitude de prece, erguidas à altura do peito, e apoiou nelas a cabeça, rosto voltado para o chão. "Repita as palavras desta oração", disse o pastor, e Rayford o seguiu: "Querido Pai, admito que sou um pecador. Estou arrependido dos meus pecados. Perdoa-me e salva-me. Peço-te em nome de Jesus, que morreu por mim. Confio nele agora. Creio que seu sangue sem mácula é suficiente para pagar o preço de minha salvação. Obrigado por me ouvires e me aceitares. Graças te dou por salvares minha alma."

Enquanto o pastor continuava com palavras de ânimo e conforto, citando versículos que prometiam que todo aquele que invocasse o nome do Senhor seria salvo, e que Deus não rejeitaria aqueles que o buscassem com sinceridade, Rayford permaneceu onde estava. Ao terminar sua mensagem, o pastor

disse: "Se você foi sincero em sua confissão, está salvo, nasceu de novo, é filho de Deus." Rayford queria falar mais com Deus. Queria ser específico sobre seus pecados. Sabia que estava perdoado, mas, de uma forma que lhe pareceu infantil, queria que Deus soubesse que tipo de pessoa ele tinha sido.

Ele confessou seu orgulho. Orgulho de sua inteligência. Orgulho de seu modo de olhar. Orgulho de sua capacidade. Confessou sua lascívia, a forma como negligenciou o relacionamento com sua esposa, como tinha procurado o próprio prazer. Como adorou o dinheiro e as coisas fúteis. Ao terminar seu desfile de erros cometidos, sentiu-se limpo, purificado. O teipe o havia apavorado com aquelas palavras sobre os terríveis anos vindouros, mas sabia que poderia enfrentá-los como um verdadeiro crente, não nas condições em que vivera antes.

Sua primeira oração depois daquele momento foi em favor de Chloe. Ele se preocupava com ela e oraria em seu favor constantemente, até que estivesse seguro de que a filha teria uma nova vida a seu lado.

Buck chegou ao aeroporto Kennedy, em Nova York, e ligou para Steve Plank imediatamente.

- Fique aí onde está, Buck, seu renegado. Sabe quem deseja falar com você?

- Nem imagino.

- Nicolae Carpathia, em pessoa.

- Ah! sei.

- Estou falando sério, cara. Ele está aqui em companhia de seu velho amigo Chaim Rosenzweig.

Pelo jeito, Chaim elogiou você para ele, e, apesar de ter toda a mídia atrás de si, o homem está procurando por você. Por isso, estou indo apanhá-lo aí, e você vai me dizer em que andou metido por esse mundo afora. Para nós, você está vivo e pode *fazer* aquela grande entrevista que pretendia.

Buck desligou e deu um soco na palma da mão de contentamento. Isto é bom demais para ser verdade, pensou. Se há um cara que está acima dos terroristas e vigaristas internacionais e acima da sujeira da Bolsa de Londres e da Scotland Yard, é esse Carpathia. Se Rosenzweig gosta dele, é porque ele deve ser o máximo.

Rayford aguardava com ansiedade o momento de ir à Igreja Nova Esperança na manhã seguinte. Começou a ler o Novo Testamento e vasculhou cada canto da casa para encontrar livros ou guias de estudo bíblico que Irene tinha colecionado. Embora muita coisa ainda fosse difícil de entender, ele se sentia tão faminto e sedento por histórias da vida de Cristo que leu de uma só vez os quatro Evangelhos até quase atravessar a noite e cair de sono.

Tudo o que Rayford pôde apreender por meio da leitura era que agora pertencia à família que incluía sua esposa e seu filho. Embora assustado com as predições do pastor no videoteipe sobre as coisas terríveis que ocorreriam no mundo após o Arrebatamento da Igreja, ele estava, por outro lado, eufórico e esperançoso acerca de sua nova fé. Sabia que um dia estaria com Deus e com Cristo e, mais do que nunca, desejava o mesmo para Chloe.

Rayford evitou aborrecê-la. Ele estava determinado a não lhe dizer nada a respeito do que tinha decidido, a menos que ela perguntasse. E ela

nada perguntou antes de ele sair para a igreja naquela manhã, mas desculpou-se por não acompanhá-lo. "Irei com você em outra oportunidade", disse ela. "Prometo. Não estou contra. Apenas não me considero preparada."

Rayford lutou contra o impulso de admoestá-la a não protelar sua decisão. Ele queria também apelar para que ela visse o videoteipe; Chloe sabia que ele tinha visto, mas se manteve calada a esse respeito. Rayford havia rebobinado o teipe e deixou-o no videocassete, esperando e orando para que ela visse a gravação enquanto ele estivesse fora.

Rayford chegou à igreja um pouco antes das dez horas e ficou surpreso ao ter de estacionar a três quadras do templo. O lugar estava lotado. Poucos levavam Bíblias, e raramente se via alguém bem vestido. Pessoas assustadas, desesperadas ocupavam todos os bancos, incluindo a galeria. Rayford teve de se contentar em ficar em pé na parte de trás por não ter encontrado um único lugar.

Às dez horas em ponto, Bruce começou a falar. Pediu a Loretta que ficasse à porta e cuidasse para que cada retardatário fosse bem recebido. Apesar da multidão, ele não acendeu as luzes da plataforma nem utilizou o púlpito. Apenas colocou um único microfone logo à frente da primeira fila de bancos, falando ao público sem qualquer formalidade.

Bruce apresentou-se e disse:

- Não vou ocupar o púlpito, porque aquele é um lugar para pessoas preparadas e chamadas por Deus para essa missão. Estou liderando esta reunião e lhes dirigindo a palavra por ter sido

negligente. Normalmente, nós, nesta igreja, estaríamos entusiasmados ao ver um público tão numeroso como este. Mas não estou aqui para dizer-lhes o quanto nos alegramos de vê-los. Sei que estão aqui procurando saber o que aconteceu a seus filhos pequenos e a outros entes queridos. Creio ter a resposta. Na realidade, eu não tinha essa resposta antes, porque, se a tivesse, também não estaria aqui. Não vamos cantar hinos nem fazer avisos sobre a programação da igreja, a não ser comunicar-lhes que teremos um estudo bíblico na próxima quarta-feira, às sete da noite. Não faremos levantamentos de ofertas, embora tenhamos de recomeçar a recolhê-las na próxima semana, a fim de *fazer* frente às nossas despesas. A igreja dispõe de algum dinheiro no banco, mas temos uma hipoteca a liquidar e despesas com meu sustento.

Em seguida, Bruce contou a mesma história que tinha contado a Rayford e Chloe no dia anterior, e sua voz era o único som que se ouvia no templo. Muitos choravam. Ele exibiu o videoteipe, e mais de uma centena de pessoas acompanhou-o na oração feita no final da exibição. Bruce recomendou-lhes que começassem a freqüentar assiduamente a Igreja Nova Esperança.

Ele acrescentou:

- Sei que muitos de vocês ainda estão céticos. Talvez acreditem que o que aconteceu foi obra de Deus, mas continuam insatisfeitos e ressentidos. Se quiserem voltar à noite para desabafar e fazer perguntas, estarei aqui. Resolvi não fazer uma sessão de perguntas e respostas nesta manhã, porque muitos que se encontram aqui são recém-convertidos, e não quero misturar assuntos. Estaremos abertos a qualquer pergunta honesta.

- Quero dar oportunidade a qualquer pessoa que tenha recebido Cristo nesta manhã e queira professar sua decisão diante de nós. A Bíblia diz que devemos fazer isso -tornar pública nossa decisão e nossa condição. Sintam-se à vontade para vir ao microfone.

Rayford foi o primeiro a se manifestar, mas, ao caminhar pelo corredor, notou que muitos o acompanhavam com o mesmo propósito. Todos queriam contar suas histórias, dizer onde se encontravam em sua jornada espiritual. A situação de muitos era igual à dele. Estiveram perto da verdade por intermédio de uma pessoa da família ou de algum amigo, mas nunca aceitaram plenamente a verdade sobre Cristo.

As histórias eram comoventes, e ninguém abandonou o recinto, mesmo quando o relógio marcava mais de meio-dia e havia ainda 40 ou 50 pessoas na fila. Todos pareciam necessitados de falar dos seus que haviam partido. Às duas horas, quando todos estavam famintos e cansados, Bruce disse:

- Vejo-me impelido a terminar. Hoje, eu não pretendia realizar uma cerimônia semelhante a um culto, nem mesmo cantar hinos. Mas sinto que precisamos louvar a Deus pelo que aconteceu aqui neste dia. Permitam-me ensinar-lhes um simples cântico de adoração.

Bruce entoou um breve cântico extraído da Escritura, dando glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Quando o povo acompanhou, calmo, reverente e sincero, Rayford ficou muito emocionado e não conseguiu cantar. Uns após outros foram parando de cantar e apenas diziam baixinho as palavras ou as sussurravam com os

lábios cerrados, com um nó na garganta, tomados pela emoção. Rayford acreditava que aquele tinha sido o momento mais forte e comovente de sua vida. Como ele desejaria ter podido compartilhá-lo com Irene, Raymie e Chloe.

O público parecia relutante em sair, mesmo depois que Bruce encerrou com uma oração. Muitos permaneceram para estabelecer relacionamentos, e parecia evidente que uma nova congregação estava começando. O nome da igreja nunca fora tão apropriado. Nova Esperança. Bruce apertava a mão de cada pessoa que saía. Ninguém se esquivava nem se apressava. Quando Rayford apertou-lhe a mão, Bruce perguntou:

- Você vai estar ocupado esta tarde? Poderíamos tomar um lanche juntos?

- Gostaria de ligar primeiro para minha filha, mas será um prazer.

Rayford disse a Chloe onde ele estaria. Ela nada perguntou sobre a reunião na igreja, dizendo apenas: "Demorou, hein? Havia muita gente?" E ele simplesmente respondeu sim a ambas observações. Havia decidido a não dizer mais nada, a menos que ela perguntasse. Esperava e orava para que a curiosidade de Chloe a levasse finalmente a se interessar pelo assunto, e, se mais tarde ele pudesse contar-lhe o que realmente havia acontecido naquele dia, talvez ela manifestasse o desejo de tomar uma atitude. No mínimo, ela teria de reconhecer o quanto aquilo o afetou.

Num pequeno restaurante perto de Arlington Heights, Bruce parecia exausto, mas feliz. Ele disse a Rayford que sentiu uma tal carga de emoções que dificilmente saberia o que fazer delas.

- Minha aflição pela perda de minha família continua tão viva que mal consigo agir normalmente. Sinto ainda vergonha de minha hipocrisia. E, no entanto, desde que me arrependi de meus pecados e recebi verdadeiramente Cristo, em apenas uns poucos dias Ele me tem abençoado mais do que eu poderia imaginar. Minha casa está solitária, fria e cheia de lembranças dolorosas. Mas, apesar disso, veja o que aconteceu hoje. Foi-me dado um rebanho para pastorear, uma *razão* para viver.

Rayford apenas sinalizava afirmativamente com a cabeça. Ele percebeu que Bruce precisava de alguém com quem desabafar.

- Ray - disse Bruce -, as igrejas são geralmente formadas por pastores diplomados em seminários e presbíteros que têm sido cristãos na maior parte de suas vidas. Nós não tivemos esse privilégio. Não sei que modelo de liderança vou implantar. Não faz sentido ter presbíteros quando o pastor interino, que é tudo o que posso dizer de mim mesmo, é um cristão recém-convertido como todos os demais. Mas vamos precisar de um grupo de pessoas que se comprometam umas com as outras e sejam dedicadas aos crentes. Loretta e algumas pessoas que conheci na noite do Arrebatamento já fazem parte desse grupo, além de dois senhores idosos que freqüentaram a igreja durante anos, mas por alguma *razão* também perderam a chance de ser arrebatados.

- Sei que isto é novidade para você, mas sinto que devo pedir-lhe que faça parte de nosso pequeno grupo. Estaremos juntos na igreja no culto matutino de domingo, na reunião ocasional no domingo à noite, no estudo bíblico na quarta-feira à noite e nos

reuniremos em minha casa uma ou duas noites por semana. Oraremos uns pelos outros, estabeleceremos a responsabilidade de cada um e estudaremos com um pouco mais de profundidade como estar à frente da nova congregação. Você está disposto?

Rayford aprumou-se na cadeira.

- Uau - disse ele. - Não sei. Sou muito novo nisto.

- Todos somos.

- Sim, mas você foi criado nesse meio, Bruce. Você conhece o assunto.

- Só que perdi o mais importante de tudo.

- Bem, vou dizer-lhe o que me atrai nisso. Estou faminto de conhecer a Bíblia. E preciso de um amigo.

- Eu também - disse Bruce. - Este é o risco. Com o tempo, poderemos nos desentender.

- Estou disposto a assumir o risco, se você estiver -disse Rayford. - Desde que eu não exerça nenhum papel de liderança.

- Combinado - disse Barnes, estendendo-lhe a mão. Rayford a apertou com força. Nenhum deles sorriu. Rayford tinha a sensação de que este era o começo de um relacionamento nascido da tragédia e da necessidade. Ele apenas esperava que desse certo. Quando Rayford finalmente chegou ao lar, encontrou Chloe ansiosa por saber tudo a respeito do que se passara. Ela ficou assombrada diante do que o pai lhe contou e sentiu-se embaraçada ao dizer que ainda não tinha visto o videoteipe. - Mas vou vê-lo agora, papai, antes de irmos a Atlanta.

Você está realmente envolvido nisto, certo? Parece-me que se trata de algo que preciso investigar, mesmo que não tome nenhuma decisão favorável.

Rayford tinha chegado a casa havia uns vinte minutos e vestira um pijama e um roupão, para relaxar o resto da noite, quando Chloe lhe deu um recado.

- Papai, quase me esqueci. Uma tal de Hattie Durham telefonou várias vezes. Ela parecia muito agitada. Disse que trabalha com você.

- Sim - disse Rayford. - Ela queria ser escalada para o meu próximo vôo, e eu não quis. Ela provavelmente descobriu e quer saber por quê.

- Por que você não quis?

- Esta é uma longa história. Contarei a você qualquer dia. Rayford dirigia-se ao telefone, quando ele tocou. Era Bruce.

- Esqueci-me de confirmar - disse ele. - Já que você concordou em participar do grupo, a primeira responsabilidade é a reunião de hoje à noite com os desalentados e os céticos.

- Você está sendo um capataz muito severo, não está?

- Posso compreender. Talvez essa reunião não estivesse em seus planos.

- Bruce - disse Rayford -, além do céu, não há outro lugar ao qual preferiria ir. Não posso perder essa reunião. Talvez eu leve Chloe.

- Que reunião é essa? - perguntou ela quando ele desligou.

- Espere um minuto - disse ele. - Deixe-me falar com Hattie e acalmar a situação.

Rayford ficou surpreso por Hattie não mencionar o fato de não ter sido escalada para seu vôo.

- Ouvi uma notícia desconcertante - disse ela. - Lembra-se do redator do *Semanário Global* que estava em nosso vôo, aquele que tinha um computador ligado ao telefone interno do avião?

- Vagamente.

- Seu nome era Cameron Williams, e conversei com ele umas duas vezes depois do vôo. Tentei ligar para ele do aeroporto em Nova York na noite passada, mas não consegui.

- Hã-hã.

- Acabo de ouvir pelo noticiário da televisão que ele foi morto na Inglaterra na explosão de uma bomba dentro de um carro.

- Você não está falando sério!

- Estou. Você não acha isso muito estranho? Rayford, às vezes não sei o quanto essas coisas me afetam. Eu mal conhecia essa pessoa, mas fiquei tão chocada que me senti arrasada quando ouvi a notícia. Sinto ter incomodado você, mas pensei que se lembrasse dele.

- Não, não, você fez bem, Hattie. E imagino o quanto isso a abateu, porque aconteceu comigo também. Na verdade, tenho muita coisa a lhe contar.

- É mesmo?

- Poderíamos nos encontrar proximamente?

- Eu me inscrevi para ser escalada num de seus vôos - disse ela. - Talvez dê certo.

- Talvez - disse ele. - E, se não der certo, talvez você possa vir jantar conosco, Chloe e eu.

- Eu gostaria, Rayford. Gostaria mesmo.

TREZE

BUCK Williams sentou-se perto de uma das saídas do aeroporto Kennedy e leu seu próprio necrológio. "Redator de Revista Supostamente Assassinado", dizia a manchete.

Cameron Williams, 30 anos, o mais jovem e importante redator no círculo das mais prestigiosas revistas semanais, morreu tragicamente após a explosão de uma bomba dentro de um carro, diante de um bar-restaurante de Londres no último sábado à noite, morrendo no acidente também um investigador da Scotland Yard.

Williams, contratado há cinco anos pelo *Semanário Global,* recebeu o Prêmio Pulitzer como repórter da *Boston Globe* antes de ingressar na equipe atual de repórteres do *Semanário* aos 25 anos. Ele chegou rapidamente à primeira linha de redatores e, desde então, escreveu mais de três dúzias de reportagens de capa, tendo conquistado por quatro vezes no *Semanário* o prêmio pela reportagem "O Fazedor da Notícia do Ano".

O jornalista ganhou o honroso Prêmio Ernest Hemingway como correspondente de guerra, quando escreveu uma crônica a respeito da destruição da força aérea russa sobre o território de Israel há 14 meses. De acordo com Steve Plank, editor-executivo do *Semanário Global,* a administração da revista se recusa a confirmar a

notícia da morte de Williams "até que obtenha sólida evidência do acontecido".

O pai de Williams e seu irmão casado vivem em Tucson, onde Williams perdeu sua cunhada, uma sobrinha e um sobrinho nos desaparecimentos da última semana.

A Scotland Yard informa que a bomba que explodiu em Londres aparenta ter sido um ato cometido por terroristas da Irlanda do Norte, podendo significar um caso de retaliação. O capitão Howard Sullivan considerou a vítima Alan Tompkins, seu subordinado de 29 anos, "um dos homens mais eminentes e brilhantes entre os investigadores que teve o privilégio de comandar".

Sullivan acrescentou que Williams e Tompkins tornaram-se amigos depois que o repórter entrevistou o investigador há vários anos para um artigo sobre o terrorismo na Inglaterra. Os dois tinham acabado de sair da taverna Armitage Arms, em Londres, quando uma bomba explodiu no veículo da Scotland Yard, que estava sendo dirigido por Tompkins.

Os restos mortais de Tompkins foram identificados, ao passo que somente documentos pessoais de Williams foram recuperados no local.

Rayford Steele tinha um plano. Resolveu ser honesto com Chloe a respeito de sua atração por Hattie Durham e o quanto se sentia culpado. Ele sabia que iria desapontar Chloe, mesmo que o fato não a chocasse. Pretendia compartilhar sua fé com Hattie, na esperança de conseguir algum progresso em relação a Chloe, sem que ela se sentisse forçada. Chloe tinha ido com ele à igreja domingo à noite para o encontro com descrentes, como havia

prometido. Mas retirou-se por volta da metade da reunião. Ela também cumpriu a promessa de ver o teipe que o pastor anterior havia gravado. Eles não conversaram nem sobre o encontro na igreja nem sobre o videoteipe.

Eles não teriam muito tempo juntos até chegar a O'Hare, por isso Rayford tocou no assunto no trajeto de carro até o aeroporto, enquanto olharam pasmos para a devastação e os escombros ao longo do caminho. No caminho até o aeroporto, viram mais de uma dúzia de casas consumidas pelo fogo. A suposição de Rayford era que as famílias desaparecidas deixaram alguma coisa no fogão.

- E você acha que foi obra de Deus? - perguntou-lhe Chloe, não em sinal de desrespeito.

- Acho.

- Eu pensava que Ele deveria ser um Deus de amor e ordem

- observou ela.

- Eu creio que Ele é. Este foi seu plano.

- Houve inúmeras tragédias e mortes absurdas antes disso.

- Eu também não compreendo tudo isso - disse Rayford.

- Mas, como Bruce mencionou ontem à noite, vivemos num mundo decaído. Deus permitiu que Satanás assumisse quase todo o controle do mundo.

- Oh! papai - disse ela. - Você pode imaginar por que saí na metade da reunião?

- Suponho que foi porque as perguntas e respostas estavam atingindo você muito intimamente.

- Talvez, mas toda essa história sobre Satanás, a Queda, o pecado e não sei o que mais... - Ela parou e meneou a cabeça.

- Não posso afirmar que compreendo melhor do que você, querida, mas sei que sou um pecador e que este mundo está cheio de pecadores.

- E você me considera um deles?

- Se você faz parte do mundo, então é, e eu sou. Você não é?

- Não propositadamente.

- Você nunca é egoísta, gananciosa, ciumenta, mesquinha, rancorosa?

- Procuro não ser, evitando magoar ou prejudicar qualquer pessoa.

- Mas você pensa que está isenta do que a Bíblia diz sobre cada um de nós ser um pecador, sobre não haver uma pessoa justa em qualquer parte deste mundo, "nenhuma sequer"?

- Não sei, papai. Simplesmente não tenho nenhuma idéia.

- Você sabe, com certeza, o que me preocupa.

- Sim, eu sei. Você acha que o tempo é curto, que neste novo mundo perigoso vou demorar muito tempo para decidir o que fazer, e então poderá ser muito tarde.

- Eu não saberia dizer melhor o que você disse, Chloe. Espero apenas que você saiba que estou pensando somente em você, nada mais.

- Você não tem de se preocupar comigo, papai.

- O que você achou do videoteipe? Ele fez sentido para você?

- Ele faz muito sentido, se alguém aceitar tudo aquilo sem questionar. Quero dizer, a pessoa tem de começar com isso como um alicerce. Então tudo passa a ficar mais claro. Mas, se ela não está segura a respeito de Deus, da Bíblia, do pecado, do céu e do inferno, continua se perguntando o que aconteceu e por quê.

- E é neste ponto que você está?

- Não sei onde estou, papai.

Rayford procurou evitar insistir com ela. Se tivessem tempo bastante em Atlanta durante o almoço, ele tentaria abordar o assunto referente a Hattie. O avião permaneceria apenas 45 minutos em Atlanta antes de retornar a Chicago. Rayford perguntou a si mesmo se seria correto orar para que houvesse um atraso.

- Belo boné - disse Steve Plank entrando rapidamente no aeroporto Kennedy e dando uma palmada no ombro de Buck.

- O que é isso? Barba de dois dias?

- Nunca fui muito bom em disfarces - disse Buck.

- Você não é tão famoso a ponto de precisar se esconder

- disse Steve. - Você pode ficar fora de seu apartamento por algum tempo?

- Sim, e provavelmente no seu. Tem certeza de que não foi seguido?

- Você está ficando um tanto paranóico, não está, Buck?

- Tenho motivos - disse Buck enquanto entravam num táxi.

- Central Park - indicou ele ao motorista. Em seguida, contou a Steve toda a história.

- O que faz você pensar que Carpathia vai ajudar? -perguntou Plank mais tarde, quando caminhavam dentro do parque. - Se a Yard e a Bolsa estiverem por trás disso, e se você considerar que Carpathia está ligado a Todd-Cothran e Stonagal, talvez esteja se perguntando por que Carpathia se voltou contra seus anjos da guarda.

Eles caminhavam sob uma ponte para evitar o sol quente da primavera.

- Tenho um pressentimento sobre esse cara - disse Buck, ecoando sua voz nas paredes de pedra. - Não seria surpresa para mim se viesse a saber que ele se encontrou com Stonagal e Todd-Cothran em Londres há alguns dias. Mas tenho de acreditar que ele é um fantoche.

Steve mostrou um banco em que se sentaram.

- Bem, encontrei Carpathia hoje de manhã em sua entrevista à imprensa - disse Steve - e só espero que você esteja certo.

- Rosenzweig ficou impressionado com ele, e estamos falando de um velho cientista de grande intuição.

- Carpathia é uma pessoa que impressiona - admitiu Steve. - É um tipo atraente como um Robert Redford jovem, e nesta manhã falou em nove línguas, tão fluentemente como se cada uma

delas fosse sua língua nativa. A mídia está entusiasmada com ele.

- Você diz isso como se não fizesse parte da mídia -observou Buck. Steve encolheu os ombros.

- Estou manifestando minha opinião. Aprendi a ser cético, deixando que a revista *People* e os tablóides corram atrás das celebridades. Mas aqui está urn cara com substância, com cérebro, com alguma coisa a dizer. Gostei dele. Isto é, vi o homem apenas na audiência com a imprensa, mas ele parece ter um plano. Você vai gostar dele, apesar de ser muito mais cético do que eu. E, além do mais, ele quer vê-lo.

- Fale-me sobre isso.

- Eu disse a você. Ele tem uma pequena comitiva de joões-ninguém, com uma exceção.

- Rosenzweig.

- Correto.

- Qual é a conexão com Chaim Rosenzweig?

- Ninguém sabe até agora, mas Carpathia parece atrair especialistas e consultores que o mantenham atualizado para acelerar a tecnologia, a política, as finanças e tudo mais. E você sabe, Buck, ele não é tão mais velho que você. Ouvi dizer hoje de manhã que ele tem 33 anos.

- E fala nove línguas? Plank assentiu com a cabeça.

- Lembra-se de quais eram?

- Por que você quer saber?

- Por curiosidade.

Steve puxou uma agenda de seu bolso lateral.

- Você quer em ordem alfabética?

- Sim.

- Alemão, árabe, chinês, espanhol, francês, **húngaro, inglês,** romeno e russo.

- Diga de novo - pediu Buck, pensativo. Steve repetiu.

- O que você tem em mente?

- Esse cara é o político perfeito.

- Não é. Confie em mim, não houve nenhuma tramóia. Ele conhecia bem essas línguas e as usou com eficácia.

- Você não vê nenhuma ligação entre essas línguas, Steve? Pense um pouco.

- Poupe-me o esforço.

- São as seis línguas da Organização das Nações Unidas, mais as três línguas do país dele.

- Você está brincando? Buck disse que não.

- Então, vou me encontrar com ele logo?

O vôo para Atlanta estava lotado e tumultuado, e Rayford teve de mudar continuamente de altitude para evitar variações atmosféricas. Conseguiu ver Chloe somente por alguns segundos, enquanto seu co-piloto estava no comando e o avião ligado no piloto automático. Ele passou rapidamente pelos corredores, mas não teve tempo de conversar com ninguém.

Rayford teve seu desejo satisfeito em Atlanta. Outro 747 teria de voar de volta a Chicago na metade da tarde, e o único piloto disponível teve de retornar mais cedo. Chicago fez a coordenação com Atlanta, trocou os escalonamentos, e também

reservou uma poltrona para Chloe. Com isso, eles teriam mais de duas horas para almoçar, tempo suficiente para saírem do aeroporto.

A taxista, uma jovem com voz cadenciada, perguntou se gostariam de contemplar "uma cena verdadeiramente incrível".

- Se não ficar muito fora de mão.

- Fica apenas a umas duas quadras do lugar aonde vocês estão indo - disse ela.

Ela manobrou contornando vários desvios e cavaletes, passando, em seguida, por duas ruas controladas por guardas de trânsito.

- Olhem lá adiante - disse ela, apontando e entrando num estacionamento de areia rodeado de muros de concreto de quase um metro de altura. - Estão vendo aquele estacionamento do outro lado da rua?

- O que é aquilo? - perguntou Chloe.

- Estranho, não acham? - comentou a motorista.

- O que aconteceu? - perguntou Rayford.

- Isto aconteceu no momento dos desaparecimentos -explicou.

Eles olharam para o estacionamento de seis andares cheio de carros que colidiram de todos os lados, formando um amontoado confuso de veículos tão amassados que os guindastes tinham de levantá-los e retirá-los através das brechas abertas nas paredes laterais do edifício.

- O pessoal chegou ao estacionamento após uma competição que terminou tarde da noite - explicou ela. - A polícia diz que foi horrível. Longas

filas de carro tentando deixar o estacionamento, uns passando à frente dos outros enquanto alguns não saíam do lugar, atravancando a passagem. Alguém, que se cansou de esperar, se enfiou no meio da fila, o que levou outros a fazerem o mesmo, vocês compreendem.

- Sim, compreendemos.

Disseram que, de repente, num piscar de olhos, mais de um terço dos carros ficaram sem motoristas. Os carros começaram a se movimentar sozinhos nos vãos livres e bateram em outros ou na parede. Em lugares onde não havia espaço, eles subiram nos que estavam à frente. Os motoristas que não desapareceram não tinham como ir para a frente nem para trás. A confusão foi tamanha que eles deixaram seus carros e passaram por cima dos outros carros para poderem sair do estacionamento em busca de ajuda. De madrugada, dois guinchos transportaram os carros para o andar térreo. Os guindastes chegaram por volta do meio-dia e estão aí até agora.

Rayford e Chloe ficaram fora do carro observando, meneando a cabeça. Guindastes normalmente usados para levantar vigas de ferro para o alto das construções estavam passando cabos de aço em torno dos carros para erguê-los, arrastá-los, empurrá-los um após outro, passando-os pelos rombos feitos na parede de concreto para esvaziar o estacionamento. Pelo jeito, deveria levar mais alguns dias para terminar a remoção dos veículos.

- E quanto a você? - perguntou Rayford à motorista. -Perdeu alguém?

- Sim, senhor. Minha mãe, minha avó, duas irmãzinhas. Mas sei onde elas estão. Estão no céu, exatamente como minha mãe sempre dizia.

- Creio que você está certa - confortou-a Rayford. - Minha esposa e meu filho também se foram.

- E o senhor está salvo agora? - perguntou a jovem. Rayford ficou chocado pela franqueza, mas sabia exatamente o que ela queria dizer.

- Eu estou - disse ele.

- Eu também. A pessoa tem de ser cega ou coisa parecida para não ver a luz agora.

Rayford queria dar uma olhada para Chloe, mas preferiu evitar. Ele deu uma boa gorjeta à jovem motorista quando ela os deixou no restaurante. Durante o almoço, ele contou a Chloe sua história com Hattie, tal como aconteceu.

Chloe ficou em silêncio por um longo tempo. Quando falou, sua voz era fraca.

- Então você realmente não teve um caso com ela? -perguntou-lhe.

- Felizmente, não. Nunca seria capaz de me perdoar.

- Isso teria partido o coração de mamãe, com toda certeza. Ele assentiu pesarosamente.

- Às vezes, sinto-me tão vil como se tivesse sido infiel a ela. Mas procurei comportar-me dignamente pelo fato de sua mãe estar tão obcecada pela religião.

- Eu sei, embora tudo me pareça estranho. Isso ajudou-me a comportar-me mais corretamente na escola. Quero dizer, estou certa de que mamãe

ficaria desapontada ao ter conhecimento de uma porção de coisas que eu disse e fiz enquanto estive fora - não me pergunte o quê. Mas, sabendo o quanto ela era sincera e consagrada, e por ter grandes esperanças e expectativas a meu respeito, tive forças para não cometer alguma coisa realmente estúpida. Sabia que ela estava orando por mim. Ela me dizia isso toda vez que me escrevia.

- Ela escrevia a você também sobre o final dos tempos, Chloe?

- Sim, sempre.

- E, mesmo assim, você ainda não quer aceitar?

- Quero, papai. Realmente quero. Mas tenho de ser intelectualmente honesta comigo mesma.

Rayford não podia fazer outra coisa, a não ser acalmar-se. Será que ele havia sido um pseudo-intelectual naquela idade? Certamente. Ele provara todas as coisas ligadas àquela intelectualidade irritante - até recentemente, quando o acontecimento sobrenatural destruiu sua pretensão acadêmica. Mas, como a motorista de táxi disse, é preciso ser cego para não ver a luz agora, não importa o grau de instrução que imaginamos ter.

- Vou convidar Hattie para jantar conosco esta semana -disse ele. Chloe semicerrou as pálpebras.

- O quê? Você acha que está disponível agora? Rayford ficou pasmo com sua reação. Ele teve de se controlar para não dar um tapa em sua filha, algo que nunca tinha feito. Ele comprimiu fortemente os dentes.

- Como você pode falar assim comigo depois de tudo o que acabei de lhe contar? - reagiu ele. - Isto é um insulto.

- Então era o que você esperava dessa Hattie Durham, papai. Você acha que ela não estava consciente do que se passava? Como você imagina que ela vai interpretar isso? Ela pode chegar aqui em pé de guerra.

- Vou deixar bem claro quais são minhas intenções, e elas são totalmente honestas, mais honestas do que nunca, porque não tenho nada de valor para oferecer a ela.

- Então agora você vai deixar de cortejá-la para pregar o evangelho a ela. Ele tinha vontade de discutir, mas não podia.

- Eu me preocupo com Hattie como pessoa e desejo que ela conheça a verdade e seja capaz de viver de acordo com essa verdade.

- E o que acontecerá se ela não aceitar?

- A escolha é dela. Posso apenas fazer a minha parte.

- É assim que você sente a meu respeito também? Se eu não agir da forma como você quer, ficará conformado por ter feito a sua parte?

- Deveria, mas evidentemente me preocupo muito mais com você do que com Hattie.

- Você deveria ter pensado nisso antes de arriscar tudo para ir atrás dela.

Rayford estava sendo novamente ofendido, mas absorveu a agressão por sentir que merecia.

- Talvez seja por esse motivo que nunca tomei qualquer iniciativa nesse sentido - disse ele. - Pensar no quê?

- Este assunto é totalmente novo para mim - disse Chloe.

- Espero que você tenha refreado seus impulsos por causa de sua esposa e de seus filhos.

- Quase não consegui.

- Imagino. O que aconteceria se esta estratégia com Hattie tornasse você mais atraente para ela? E o que pode impedir que você sinta atração por ela também? Você não é mais um homem casado, se é que está convencido de que mamãe está no céu.

Rayford pediu a conta e pôs o guardanapo sobre a mesa.

- Talvez esteja sendo ingênuo, mas o fato de sua mãe estar no céu é exatamente como perdê-la numa morte súbita. A última coisa que se passa em minha mente é outra mulher, e certamente não seria Hattie. Ela é muito jovem e imatura, e me sinto desgostoso comigo mesmo por ter sido atraído por ela logo no início. Quero questioná-la e ver o que ela diz. Será importante saber se toda esta história estava apenas em minha mente.

- Você está pensando num caso para o futuro?

- Chloe, amo você, mas está se portando de modo intolerável.

- Eu sei. Sinto muito. Acho que me excedi. Mas, falando sério, como você vai saber se ela está sendo sincera? Se você disser que estava interessado nela por motivos equivocados, e que já não está mais interessado, por que ela deveria ser tão vulnerável a ponto de admitir que pensou que

havia possibilidades para vocês dois? Rayford encolheu os ombros.

- Você pode estar certa. Mas tenho de ser honesto com ela, mesmo que ela não seja honesta comigo. Devo a ela esta satisfação. Quero que Hattie me leve a sério quando eu lhe disser qual é a necessidade dela agora.

- Não sei, papai. Penso que é muito cedo para procurar levá-la a Deus.

- O que é muito cedo, Chloe? Não há nenhuma garantia, não agora.

Steve tirou do bolso interno do paletó dois conjuntos de credenciais para a imprensa, que permitiam a seus portadores assistir ao discurso de Nicolae Carpathia na Assembléia Geral da ONU, naquela mesma tarde. As credenciais de Buck estavam em nome de George Oreskovich.

- Devo cuidar de você, ou fazer qualquer outra coisa?

- Nem pensar - disse Buck. - Quanto tempo temos?

- Pouco mais de uma hora - informou Steve, acenando com o braço para chamar um táxi. - E como eu disse, ele quer se encontrar com você.

- Ele deve ler os jornais, você não acha? Está pensando que estou morto.

- Suponho que sim. Mas ele vai se lembrar do que lhe disse esta manhã, e terei meios de assegurar a ele que tanto faz ser entrevistado por George Oreskovich como pelo famoso Cameron Williams.

- Sim, Steve, mas, se ele for como outros políticos de envergadura que conheço, preocupa-se com sua imagem, prefere jornalista de alto nível. Quer você goste ou não, é o que eu sou. Como você vai marcar um encontro dele com um desconhecido?

- Não sei. Talvez eu lhe diga que é realmente você mesmo. E, enquanto você estiver com ele, vou soltar a notícia de que sua morte foi um engano e que, neste mesmo instante, você está fazendo uma entrevista com Carpathia para uma reportagem de capa.

- Uma reportagem de capa? Sua opinião mudou muito depois de ter considerado esse homem um burocrata de baixo nível de um país não-estratégico.

- Eu estive na entrevista com a imprensa, Buck. Falei com ele. E posso ao menos avaliar os competidores. Se não o apresentarmos como alguém proeminente, seremos a única revista de âmbito nacional a não fazê-lo.

- Como já disse, se ele for o político típico que conheço...

- Pode tirar isso da sua mente, Buck. Você vai achar esse cara exatamente o oposto de um político típico. Você vai me agradecer por proporcionar-lhe uma entrevista exclusiva com ele.

- Pensei que a idéia fosse dele por causa de meu nome famoso - disse Buck em tom de brincadeira.

- E daí? Eu poderia diminuir seu cartaz.

- Sim, e ser o editor-executivo da única revista nacional que falhou na cobertura da mais empolgante cara nova a visitar os Estados Unidos.

- Creia-me, Buck - acrescentou Steve durante a corrida de táxi até o edifício da ONU -, esta vai ser uma mudança reanimadora após a ruína e o desalento sobre os quais escrevemos e lemos nos últimos dias.

Os dois usaram suas credenciais para entrar, mas Buck procurou esquivar-se e esconder-se da vista de seus colegas e dos concorrentes, até que se sentassem na Assembléia Geral. Steve reservou um lugar para ele bem atrás, onde não chamaria a atenção quando entrasse sorrateiramente no último minuto. Enquanto isso, Steve usaria seu telefone celular para providenciar a notícia do reaparecimento de Buck, com tempo de alcançar os jornais de circulação vespertina.

Carpathia entrou na assembléia de uma forma digna mas sem brilho, embora estivesse cercado de meia dúzia de personalidades, incluindo Chaim Rosenzweig e um perito das finanças do governo francês. Carpathia aparentava ter cerca de l,85m de altura, ombros largos, troncudo, alinhado, atlético, bronzeado e loiro. A cabeleira espessa estava bem aparada em torno das orelhas, costeletas e pescoço, e seu terno cinza-azulado com riscas brancas combinando com a gravata era perfeitamente conservador.

Mesmo à distância, o homem parecia demonstrar um aspecto de humildade e determinação. Sua presença dominava o ambiente, embora ele não parecesse preocupado com sua aparência. Tinha o queixo e o nariz tipicamente

romanos, e seus penetrantes olhos azuis eram profundos e encimados por espessas sobrancelhas.

Buck ficou admirado de Carpathia não portar um caderno de anotações e imaginou que o homem deveria ter suas notas para o discurso em seu bolso interno. Ou, então, algum de seus assessores estaria com as notas. Buck estava enganado a respeito das duas possibilidades.

O secretário-geral Mwangati Ngumo, de Botsuana (África), anunciou que a assembléia tinha o privilégio de ouvir um breve pronunciamento do novo presidente da Romênia e que a apresentação formal do convidado seria feita pelo honorável Dr. Chaim Rosenzweig, com quem estavam todos familiarizados.

Rosenzweig apressou-se em direção à tribuna com um vigor incompatível com sua idade, e inicialmente recebeu uma ovação mais entusiástica do que o próprio Carpathia. O popular estadista e erudito israelense disse simplesmente que tinha o imenso prazer de apresentar "a esta digna e augusta assembléia um jovem estadista que respeito e admiro como uma das personalidades mais brilhantes que conheci. Queiram, senhores, receber Sua Excelência, presidente Nicolae Carpathia, da Romênia".

Carpathia ergueu-se, voltou-se para a assembléia, curvou-se humildemente, e apertou efusivamente a mão de Rosenzweig.

Com maneiras corteses, ele permaneceu ao lado da tribuna até que o idoso apresentador tomasse assento. Em seguida, procurou relaxar e sorrir antes de falar de improviso. Além de não fazer uso de notas, não hesitou em nenhum

momento, não cometeu nenhum erro de pronúncia nem tirou os olhos de sua audiência.

Ele falou com seriedade, paixão e freqüentes sorrisos, além de humor ocasional e apropriado. Mencionou respeitosamente que estava consciente e preocupado com a ocorrência do desaparecimento de milhões de pessoas em todo o mundo, fenômeno que não tinha ainda completado uma semana, incluindo muitos que tinham estado "neste mesmo lugar". Carpathia falou num inglês perfeito, somente com um indício -de sotaque romeno. Não usou contrações e pronunciou as -I sílabas de todas as palavras. Uma vez mais, ele empregou todas as nove línguas em que era fluente, e cada vez traduzindo ele mesmo para o inglês.

Em uma das cenas mais comoventes que Buck já tinha testemunhado, Carpathia começou por anunciar que era com humildade e emoção que visitava "pela primeira vez este lugar histórico, para o qual todas as nações voltam seus olhares. Uma após outra têm vindo de todas as partes do globo em peregrinação tão sagrada como as das Terras Santas, expondo suas faces ao calor do sol nascente. Aqui elas têm tomado sua posição para a paz num compromisso duradouro e firmado em rocha sólida, objetivando espantar a insanidade da guerra e do derramamento de sangue. Estas nações, grandes e pequenas, tiveram sua cota de morte e mutilação de seus mais promissores cidadãos no apogeu de sua mocidade.

"Nossos antepassados já pensavam na globalização muito antes de eu nascer", disse Carpathia. "Em 1944, ano em que o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial foram estabelecidos, este grande país anfitrião, os Estados

Unidos da América do Norte, com a União das Nações Britânicas e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, se reuniram na famosa Conferência de Dumbarton Oaks para propor o nascimento desta organização."

Exibindo sua compreensão da História e sua memória de datas e lugares, Carpathia prosseguiu: "Desde seu nascimento oficial em 24 de outubro de 1945, e daquela primeira sessão de vossa Assembléia Geral em Londres, em 10 de janeiro de 1946, até este dia, tribos e nações se associaram para comprometer-se com todo empenho e sinceridade a lutar pela paz, fraternidade e a comunidade global."

Ele começou quase com um sussurro: "De terras distantes e próximas, elas vieram: do Afeganistão, Albânia, Argélia..." Ele continuou, sua voz alteando-se e baixando dramaticamente com a pronunciação cuidadosa do nome de cada país membro da ONU. Buck sentia nele uma paixão, um amor por esses países e pelos ideais da ONU. Carpathia estava visivelmente comovido à medida que apelava à memória, citando país por país, num ritmo de voz audível e modulada.

A cada nome mencionado de países, observava-se que seus respectivos representantes se levantavam, ficavam em posição ereta e solene, como se estivessem renovando seus votos pela paz entre as nações. Carpathia sorria e cumprimentava à distância cada representante, e quase todos os países estavam ali representados. Em razão do trauma cósmico que o mundo acabara de sofrer, eles vieram em busca de respostas, ajuda e apoio. Agora tinham novamente a oportunidade de reafirmar sua posição.

Buck estava cansado e sentindo-se sujo por usar as mesmas roupas nos últimos dois dias. Mas suas preocupações eram para ele uma distante lembrança enquanto Carpathia continuava. Quando chegou à letra S em sua lista alfabética, os que ali estavam continuavam aplaudindo cada país mencionado. Era algo dignificante e forte essa demonstração de respeito, acolhimento e admiração, essa consolidação de boas-vindas à comunhão global. Os aplausos só não eram mais efusivos para não abafar a voz de Carpathia, mas eram tão espontâneos, sinceros e tocantes que Buck não podia evitar o nó na garganta. De repente, ele notou algo peculiar. Os representantes da imprensa internacional formavam um único bloco com os embaixadores e as delegações. Mesmo a objetividade da imprensa mundial tinha temporariamente se retraído da posição que sustentava em seus artigos contra o . jacobinismo, o excesso de patriotismo e a hipocrisia.

Buck estava também ansioso para levantar-se, entusiasmado pelo fato de o nome de seu país estar perto de ser mencionado, sentindo o orgulho e a euforia aumentando em seu peito. À medida que mais países eram citados e seus representantes se erguiam orgulhosamente, o aplauso crescia, simplesmente por causa do considerável número de nações. Carpathia aproximava-se do fim da relação de membros da ONU, e em sua voz percebia-se uma crescente emoção e ênfase em cada nome de país pronunciado.

Ele se empolgava cada vez que as pessoas se levantavam e aplaudiam. "Síria, Somália, Sri Lanka, Suazilândia, Sudão, Suécia, Suriname!"

Mais de cinco minutos citando nomes de países, e Carpathia não omitiu um sequer. Não havia hesitado um só momento, gaguejado ou falhado na pronúncia de qualquer um dos nomes. Buck estava sentado na beira da poltrona quando o orador terminou os nomes iniciados por T, e continuou "Ucrânia! Uganda! United States of America!" Buck ficou em pé ao lado de Steve e dezenas de outros membros da imprensa.

Alguma coisa tinha acontecido com o desaparecimento de pessoas amadas em toda a superfície do planeta. O jornalismo não podia ser mais o mesmo. Oh! haveria os céticos e aqueles que adoravam a objetividade. Mas o que tinha sucedido com o amor fraternal? O que tinha havido com a dependência uns dos outros? O que tinha acontecido com a fraternidade de homens e nações?

A situação mudou. Embora ninguém esperasse que a imprensa pudesse transformar-se na agência de relações públicas para uma nova estrela política, Carpathia certamente os havia encurralado num canto do ringue naquela tarde. No final de seu rol de quase duzentas nações, o jovem Nicolae estava no ápice do seu ardor e emoção. Com tal força e dinamismo na simples relação de nomes de todos os países que ansiavam manter-se unidos uns com os outros, Carpathia tinha trazido toda a multidão a seus pés, com sua palavra e com os aplausos, bem como os representantes e a imprensa internacionais. Até os céticos Steve Plank e Buck Williams continuaram a bater palmas e a ovacionar, em nenhum momento aparentando embaraço diante da perda de sua objetividade.

E havia mais. Na meia hora seguinte, Carpathia demonstrou tal conhecimento das Nações Unidas,

como se ele mesmo tivesse criado e desenvolvido a organização. Para alguém que nunca tinha posto os pés no solo norte-americano e, muito menos, visitado a ONU, ele revelou espantosa compreensão de seus trabalhos internos.

Durante seu pronunciamento, ele mencionou os nomes de todos os secretários-gerais, começando por Trygve Lie, da Noruega, até Ngumo, indicando seus períodos de atividade não apenas por anos, mas especificando as datas de posse e término de mandato. Ele exibiu conhecimento e compreensão de cada um dos seis órgãos principais da ONU, suas funções, seus ocupantes atuais e seus desafios peculiares.

Em seguida, Carpathia citou as 18 agências da ONU, dizendo o nome de cada uma, seus atuais diretores, e a localização de seus centros de operação. Foi uma espantosa demonstração. De repente, percebeu-se que não foi sem razão que esse homem cresceu tão rapidamente em sua nação, não foi à toa que o líder anterior sucumbiu diante dele e foi posto de lado. Não era de admirar que Nova York já havia se rendido a ele.

Depois disso, Buck sabia, Nicolae Carpathia seria reconhecido por toda a América. E depois pelo mundo.

QUATORZE

O AVIÃO de Rayford desceu na pista de O'Hare, em Chicago, durante a hora de pico, segunda-feira à tarde. Ele e Chloe teriam de seguir em dois carros. Assim, não tiveram oportunidade de continuar a conversa.

- Lembre-se, você prometeu que eu dirigiria seu carro para casa - disse Chloe.

- É importante para você? - perguntou ele.

- Realmente não. Eu simplesmente gosto dele. Posso?

- Claro. Deixe-me apenas tirar o telefone. Quero saber quando Hattie pode jantar conosco. Você concorda, certo?

- Desde que você não espere que eu cozinhe ou faça algo tipicamente doméstico.

- Nem sequer pensei nisso. Ela adora comida chinesa. Vamos fazer o pedido por telefone.

- Ela adora comida chinesa? - repetiu Chloe. - Você está bem familiarizado com essa mulher, não acha? Rayford meneou a cabeça.

- Não se trata disso. Ou melhor, sim, provavelmente sei mais sobre ela do que deveria. Mas posso dizer a você as preferências culinárias de uma dúzia de membros da tripulação, e raramente sei alguma coisa mais sobre eles. Rayford apanhou o telefone do BMW e ligou a ignição apenas para verificar a marcação do combustível.

- Você pegou o carro certo - disse ele. - Está quase cheio. Você vai chegar antes de mim. O tanque do carro de sua mãe está quase vazio. Você não vai ter problemas de ficar sozinha em casa por alguns minutos? Tenho de fazer algumas compras no caminho.

Chloe hesitou por um instante.

- É um tanto esquisito e melancólico ficar sozinha lá, não é? - disse ela.

- Um pouco. Mas temos de nos acostumar.

- Você tem razão - concordou ela rapidamente. - Eles se foram, e eu não acredito em fantasmas. Estarei bem. Mas não demore.

Na sala da imprensa da ONU para a entrevista com Nicolae Carpathia, da Romênia, Buck tornou-se de repente o centro das atenções. Alguém o reconheceu e expressou surpresa e prazer por ele estar vivo. Buck tentou tranqüilizar a todos, dizendo-lhes que tudo não passara de um equívoco, mas a agitação continuou quando Chaim Rosenzweig o avistou e se apressou em cumprimentá-lo, segurando a mão de Buck e agitando-a vigorosamente.

- Oh! estou muito contente de encontrá-lo vivo e bem -disse ele. - Ouvi a terrível notícia de sua morte. O presidente Carpathia ficou também desapontado com a notícia. Ele queria encontrá-lo e havia concordado em conceder-lhe uma entrevista exclusiva.

- É possível ainda manter essa entrevista? - sussurrou Buck, ante as vaias e assobios dos concorrentes.

- Você é capaz de qualquer coisa para conseguir um furo de reportagem - alguém se queixou. - Até mesmo providenciar uma "auto-explosão".

- Talvez não seja possível, a não ser lá pelo final da noite - disse Rosenzweig. Com a mão, ele apontou para todo o ambiente, congestionado pelas câmeras de televisão, luzes, microfones e a imprensa. - Sua agenda está ocupada o dia todo, e ele terá de posar para uma foto da revista *People* no começo da noite.

Talvez depois dessa foto. Vou conversar com ele.

- Qual é sua ligação com ele? - perguntou Buck, mas o idoso senhor pôs o dedo indicador nos lábios e retornou ao seu lugar perto de Carpathia, quando a entrevista coletiva à imprensa teve início.

O jovem romeno não era menos imponente e persuasivo de perto. Começou a sessão fazendo uma declaração antes da bateria de perguntas. Conduziu-se como um profissional experiente, embora Buck soubesse que o relacionamento daquele homem com a imprensa da Romênia e de outros países da Europa que ele havia visitado não lhe proporcionara a mesma receptividade.

Em vários momentos, Buck observou que Carpathia olhava para cada pessoa na sala, ao menos de relance. Nunca olhou para baixo, nunca olhou à distância e nunca olhou para cima. Comportava-se como quem nada tem a esconder nem a temer. Estava seguro de si e aparentemente não se deixava influenciar pela agitação e pela atenção que lhe dirigiam.

Ele parecia ter uma visão fora do comum; ficou claro que podia ler os nomes nos crachás, mesmo dos que estavam mais distantes na sala. Toda vez que falava a um representante da imprensa, referia-se a ele pelo nome — Senhor X, Senhorita Y. Deu-lhes a liberdade de chamá-lo pelo nome que lhes fosse mais confortável. "Até mesmo Nick", disse sorrindo. Mas ninguém ousou fazê-lo, e continuaram a chamá-lo de "Sr. Presidente" ou "Sr. Carpathia".

Carpathia falava com a mesma desenvoltura, precisão e ênfase que havia usado em seu discurso.

Buck gostaria de saber se ele era sempre assim, em público e em particular. Em todos os assuntos abordados, ele demonstrava ser um mestre na arte da comunicação oral, como raramente se via.

- Permitam-me iniciar dizendo que é uma honra para mim estar neste país e neste lugar histórico. Meu sonho, desde quando era menino em Cluj, sempre foi poder conhecer este lugar.

Terminadas as amenidades, Carpathia iniciou sua fala com outro minidiscurso, mostrando novamente um incrível conhecimento da ONU e de sua missão.

- Os senhores devem recordar-se - disse ele - que nas duas últimas décadas a ONU parecia estar em declínio. O presidente Ronald Reagan agravou as controvérsias Leste-Oeste, e a ONU parecia coisa do passado com sua ênfase sobre os conflitos Norte-Sul. Esta organização passou por dificuldades financeiras, com poucos países dispostos a contribuir com sua parcela. Entretanto, com o fim da Guerra Fria nos anos 90, seu sucessor na presidência dos Estados Unidos da América, Sr. Bush, reconheceu o que classificou de "nova ordem mundial", que ressoou fundo em meu jovem coração. A base original para a carta da ONU prometia a cooperação entre os primeiros 51 membros, incluindo as grandes potências.

Carpathia continuou a discorrer sobre várias ações militares da ONU visando a manter a paz, o que vinha ocorrendo desde a guerra da Coréia nos anos 50.

- Como os senhores sabem - disse ele, falando ainda sobre fatos ocorridos antes de ter nascido -, a ONU mantém sua legacia junto à Liga das Nações,

que acredito seja a primeira instituição internacional mantenedora da paz no mundo. Ela foi instalada após o término da Primeira Guerra Mundial, mas, ao falhar em evitar a segunda, tornou-se anacrônica. Como resultado desse fracasso, surgiu a ONU, que deve permanecer forte para evitar uma Terceira Guerra Mundial, que acabaria em ampla, senão total, extinção da vida, como sabemos.

Depois de sublinhar sua intenção de apoiar os esforços da ONU de qualquer modo possível, Carpathia foi interrompido por uma pergunta sobre os desaparecimentos de pessoas na semana anterior. Ele ficou repentinamente sério e solene, falando compassivamente e com grande pesar.

- Muitos em meu país perderam pessoas de suas relações nesse horrível fenômeno. Estou certo de que muitos dos remanescentes no mundo inteiro têm suas teorias. Não desejo desconsiderar nenhuma delas, nem as pessoas que as defendem. Pedi ao Dr. Chaim Rosenzweig, de Israel, que trabalhasse com um grupo para tentar encontrar o sentido dessa grande tragédia, permitindo-nos assim tomar medidas para evitar que algo semelhante ocorra novamente.

- Quando chegar o momento propício, pedirei ao Dr. Rosenzweig que fale por si mesmo, mas, por ora, posso dizer-lhes que a teoria que faz mais sentido para mim é, em resumo, a seguinte: O mundo vem acumulando arsenais de armas nucleares por muitos anos. Desde que os Estados Unidos lançaram as bombas atômicas sobre o Japão em 1945, e a União Soviética detonou seus próprios artefatos em 23 de setembro de 1949, a humanidade vem enfrentando o risco de um holocausto nuclear. O Dr. Rosenzweig e sua equipe

de renomados estudiosos estão próximos de descobrir um fenômeno atmosférico que pode ter causado o desaparecimento instantâneo de tantas pessoas.

- Que espécie de fenômeno? - perguntou Buck. Carpathia lançou um rápido olhar em seu crachá e respondeu fixando os olhos nos dele.

- Não quero precipitar-me, Sr. Oreskovich - disse ele. Vários representantes da imprensa riram furtivamente, mas Carpathia não perdeu o ritmo nem se perturbou. - Ou, devo dizer,

Sr. Cameron Williams, do *Semanário Global.* Esse comentário propiciou entusiásticos aplausos por toda a sala. Buck ficou estupefato.

- O Dr. Rosenzweig acredita que alguma confluência de eletromagnetismo na atmosfera, combinada com uma provável mas desconhecida ou inexplicável ionização atômica de um poder nuclear e de armamentos nucleares estocados em todo o mundo, possa ter sido induzida ou acionada - talvez por uma causa natural, como um raio, ou mesmo por uma forma inteligente de vida que descobriu tal possibilidade antes de nós -causando esta ação instantânea por toda parte de nosso mundo.

- Algo semelhante ao ato de alguém riscar um fósforo num ambiente cheio de vapores de gasolina? -sugeriu um jornalista.

Carpathia assentiu pensativamente.

- Como isso é diferente da idéia de alienígenas do espaço exterior raptar todas essas pessoas? - complementou o jornalista.

- Não é inteiramente diferente - admitiu Carpathia -, mas estou mais inclinado a crer na

teoria natural, que urn raio reagiu com um campo subatômico.

- Por que os desaparecimentos ocorreram ao acaso? Por que algumas pessoas e não outras?

- Não sei - respondeu Carpathia. - O Dr. Rosenzweig me disse que eles não chegaram ainda a nenhuma conclusão. A esta altura eles estão postulando que certos níveis de eletricidade nos corpos das pessoas tornaram-nas mais suscetíveis de ser afetadas. Isto incluiria todas as crianças e bebês, mesmo na condição fetal, que desapareceram. Seu eletromagnetismo não estava desenvolvido a ponto de poderem resistir a qualquer que tenha sido o fator.

- O que o senhor diz das pessoas que acreditam ter sido obra de Deus, que Ele arrebatou sua Igreja? Carpathia sorriu com simpatia e respeito.

- Permitam-me ser cauteloso em dizer que não critico nem criticarei nenhuma crença de pessoas sinceras. Esta é a base para a verdadeira harmonia e fraternidade, paz e respeito entre as pessoas. Não aceito esta teoria porque conheço muitas, muitas pessoas que deveriam ter ido, se é que todos os justos foram levados para o céu. Se há urn Deus, respeitosamente me convenço de que este não é o meio caprichoso pelo qual Ele agiria. Pela mesma razão, os senhores não me ouvirão expressar desrespeito àqueles que discordam.

Buck ficou pasmo ao ouvir Carpathia dizer que tinha sido convidado para falar no próximo encontro religioso ecumênico programado para aquele mês em Nova York.

- Lá, discutirei meus pontos de vista sobre o milenarismo, a escatologia, o Juízo Final e a Segunda Vinda de Cristo. O

Dr. Rosenzweig foi muito generoso ao possibilitar esse convite, e até lá penso que seria melhor não tentar falar sobre esses assuntos informalmente.

- Quanto tempo o senhor ficará em Nova York?

- Se o povo romeno deixar, ficarei aqui por todo este mês. Não me agrada afastar-me de meu povo, mas o país compreende que estou interessado no bem-estar do mundo inteiro, e com a tecnologia de hoje e com pessoas competentes ocupando posições de influência na Romênia, sinto-me confiante por poder manter contato com elas e penso que meu país não sofrerá com minha curta ausência.

Durante as apresentações dos noticiários noturnos em rede, uma nova estrela internacional acabava de nascer. Ele tinha até um apelido: Santo Nick. Além do que tinha acontecido na assembléia da ONU e na entrevista com a imprensa, Carpathia apresentou-se por alguns minutos diante de cada programa da televisão, despertando a atenção da audiência ao mencionar os nomes dos países membros, convocando todos para uma reafirmação do compromisso pela paz no mundo.

Ele evitou cautelosamente uma opinião específica sobre o desarmamento global. Sua mensagem era de amor, paz, compreensão, fraternidade, sem falar ostensivamente em cessação de lutas entre grupos e raças. Não havia dúvida de que, retornando a seu país, continuaria repisando estes pontos, mas naquele entretempo

Carpathia desfrutava a trajetória mágica de sua vida.

Os comentaristas recomendaram que ele fosse nomeado conselheiro adjunto do secretário-geral da ONU e que visitasse cada centro de operação das várias agências espalhadas pelo mundo. No final daquela noite, ele foi convidado a participar de cada um dos encontros internacionais marcados para dentro de poucas semanas.

Ele foi visto em companhia de Jonathan Stonagal, o que não foi surpresa para Buck. E, logo depois de encerrada a entrevista à imprensa, foi poupado de outros compromissos. O Dr. Rosenzweig procurou Buck.

- Tenho possibilidade de conseguir dele um horário livre no final da noite - disse ele. - Ele tem várias entrevistas, na maioria com o pessoal da televisão, e depois aparecerá ao vivo no programa da ABC, *Nightline,* com Wallace Theodore. Em seguida, retornará ao hotel e terá satisfação em conceder-lhe meia hora de entrevista ininterrupta.

Buck disse a Steve que precisava ir ao seu apartamento, para se refrescar um pouco, ouvir os recados, correr para o escritório e atualizar-se o mais depressa possível, consultando os arquivos, para estar perfeitamente preparado para a entrevista. Steve concordou em acompanhá-lo.

- Mas continuo confuso - admitiu Buck. - Se Stonagal estiver ligado de algum modo a Todd-Cothran, e sabemos que está, o que será que ele pensa a respeito do que aconteceu em Londres?

- Ninguém sabe - disse Steve. - Mesmo que exista corrupção na Bolsa e na Scotland Yard, não significa que Stonagal tenha qualquer interesse

nela. Penso que ele desejaria estar o mais longe possível disso.

- Mas, Steve, você tem de concordar que provavelmente Dirk Burton foi morto porque estava muito perto da ligação secreta de Todd-Cothran com o grupo internacional de Stonagal. Se eles começarem a liquidar pessoas que vêem como inimigas

- mesmo amigos de seus inimigos, como Alan Tompkins e eu

- onde eles vão parar?

- Mas você está admitindo que Stonagal está ciente do que se passou em Londres. Ele está muito acima disso. Todd-Cothran ou o cara da Yard podem ter visto você como uma ameaça, mas Stonagal provavelmente nunca ouviu falar de você.

- Você não acha que ele lê o *Semanário?*

- Não se ofenda. Você para ele é um mosquito, mesmo que ele saiba seu nome.

- Você sabe o que acontece a um mosquito quando ele leva uma pancada de uma revista, Steve?

- Há um enorme rombo em seu argumento - disse Steve mais tarde quando entraram no apartamento de Buck. - Se Stonagal representa um perigo para você, o que Carpathia representa?

- Como eu disse, Carpathia pode ser apenas um fantoche. .

- Buck! Você acabou de ouvi-lo. Eu por acaso o endeusei? -Não.

- Você ficou impressionado com ele? -Sim.

- Ele parece ser um fantoche?

- Não. Portanto só posso admitir que ele nada sabe sobre isso.

- Você tem certeza de que ele se encontrou com Todd-Cothran e Stonagal em Londres antes de chegar aqui?

- Isso fazia parte do negócio - disse Buck. - Planejar a viagem e envolver-se com consultores internacionais.

- Você está correndo um grande risco - alertou-o Steve.

- Não tenho escolha. De qualquer modo, estou disposto. Até que se prove outra coisa, vou confiar em Nicolae Carpathia.

- Ufa! - desabafou Steve.

- O quê?

- Você está agindo exatamente às avessas do que costuma fazer. Desconfia de uma pessoa até que ela prove o contrário.

- Bem, o mundo mudou, Steve. Nada é igual ao que era na semana passada, certo?

Buck apertou a tecla de sua secretária eletrônica enquanto tirava a roupa para tomar um banho.

Rayford entrou na garagem de sua casa levando uma sacola de alimentos no banco a seu lado. Ele conseguiu falar com Hattie Durham, que tentou continuar a conversa, mas ele se desculpou e desligou. Ela estava entusiasmada com o convite para o jantar e confirmou que estaria lá quinta-feira à noite.

Rayford supunha que estava chegando meia hora depois de Chloe e ficou impressionado ao ver

que ela havia deixado a porta da garagem aberta para ele. Quando, porém, notou que a porta entre a garagem e a casa estava fechada, ficou preocupado. Ele bateu. Ninguém atendeu.

Rayford abriu de novo a porta da garagem para entrar pela frente da casa, mas antes de sair, parou. Alguma coisa estava diferente na garagem. Ele acendeu as luzes internas, já que a única lâmpada do lado de fora era insuficiente. Os três carros estavam lá, mas...

Rayford passou pelo jipe estacionado no fundo da garagem. As coisas de Raymie não estavam lá! Nem sua bicicleta nem seu carrinho de quatro rodas. O que significava isto?

Rayford correu para a frente da casa. O vidro da anteporta de proteção contra tempestade e neve estava quebrado e ela estava aberta. A porta principal tinha sido arrombada. Não se tratava de simples arrombamento, pois a porta era enorme e pesada com fechadura de trava dupla. Toda a sua estrutura tinha sido destruída e espalhava-se em pedaços sobre o piso da entrada. Rayford correu para dentro, gritando por Chloe. Ele correu de cômodo em cômodo, orando para que nada tivesse acontecido ao único membro da família que lhe restava. Rádios, televisores, videocassetes, jóias, aparelhos de, som, videogames, a prataria e até as louças foram levados. Para seu alívio, não havia sinais de sangue ou de luta.

Rayford estava ao telefone falando com a polícia quando uma ligação de espera deu o sinal.

- Detesto ter de interromper - disse ele -, mas deve ser minha filha. Era ela.

- Oh, papai! - disse ela, chorando. - Você está bem? Entrei na garagem e dei pela falta de muitas coisas. Pensei que os ladrões poderiam voltar, por isso fechei a porta da garagem

e estava indo fechar a da frente, mas, ao ver os vidros e os pedaços de madeira, corri para cá. Estou a três casas depois da nossa.

- Eles não vão voltar, querida - disse ele. - Vou buscar você.

- O Sr. Anderson disse que vai me levar até aí. Minutos depois, Chloe estava sentada no sofá, os braços cruzados sobre o estômago. Ela disse ao policial o que tinha dito a seu pai; a seguir, ele tomou o depoimento de Rayford.

- Vocês não costumam ligar o alarme contra furto? Rayford meneou a cabeça em sinal negativo.

- A culpa é minha. Deixei-o ligado durante anos quando não precisávamos dele, e me cansei de ser despertado no meio da noite por falsos alarmes e... hã,..

- Você chama a polícia, eu sei - disse o policial. - É o que todo mundo faz. Mas desta vez não teria valido a pena, hein?

- Agora é tarde demais - disse Rayford. - De fato, nunca pensei que precisássemos de segurança neste bairro.

- Este tipo de delito aumentou cerca de 200% por aqui somente na última semana - informou o policial. -Os marginais sabem que não dispomos de tempo nem de homens suficientes para uma missão bem-sucedida.

- Bem, o senhor poderia tranqüilizar minha filha e dizer-lhe que eles não estão interessados em machucar ninguém e que não voltarão mais?

- É isso mesmo, senhorita - disse ele. - Seu pai deve consertar esta porta e fixá-la nos batentes; cuidarei de aumentar o sistema de segurança. Mas não espero uma nova visita, pelo menos não pelo mesmo bando. Falamos com as pessoas do outro lado da rua. Elas viram um pequeno furgão com letreiro de uma firma de serviço de tapetes durante cerca de meia hora esta tarde. Eles entraram pela frente, abriram a porta da garagem e carregaram tudo, quase debaixo de seus narizes.

- Ninguém viu quando arrombaram a porta de entrada?

- Seus vizinhos não têm uma visão clara de sua entrada. Ninguém tem, na verdade. Serviço de profissionais.

- Estou contente de Chloe não ter deparado com eles -comentou Rayford. O policial meneou a cabeça ao sair.

- Vocês devem ser gratos por isso. Imagino que sua apólice de seguro lhes assegurará o retorno de seus bens. Não temos esperança de recuperá-los. Não temos tido sorte com outros casos.

Rayford abraçou Chloe, que ainda tremia.

- Pode me fazer um favor, papai?

- O que você quiser.

- Quero outra cópia daquele videoteipe, aquele do pastor.

- Vou telefonar a Bruce, e vamos apanhá-lo hoje à noite. De repente ela riu.

- Qual é a graça? - perguntou ele.

- Tive uma idéia - disse ela, sorrindo e com lágrimas nos olhos. - Que tal se os ladrões vissem o teipe?

QUINZE

UMA das primeiras mensagens na secretária eletrônica de Buck era da comissária que conheceu uma semana antes. "Sr. Williams, aqui é Hattie Durham. Estou em Nova York a serviço e me lembrei de chamá-lo para dizer 'Oi' e agradecer mais uma vez sua ajuda em fazer-me contatar minha família. Vou fazer uma pausa por alguns instantes e depois continuarei falando, caso o senhor esteja ouvindo seus recados na gravadora. Seria divertido tomarmos um drinque juntos ou coisa assim, mas não se sinta obrigado. Bem, pode ser numa outra oportunidade."

- Quem é? - Steve perguntou enquanto Buck hesitava perto da porta do banheiro, esperando ouvir seus recados antes de entrar debaixo do chuveiro.

- Apenas uma garota - disse.

- Bonita?

- Mais do que bonita. Deslumbrante.

- É melhor chamá-la de volta.

- Não se preocupe.

Vários outros recados eram sem importância. Em seguida, havia dois que tinham sido gravados naquela mesma tarde. 0 primeiro era do capitão Howard Sullivan, da Scotland Yard. "Ah! sim, Sr.

Williams. Hesitei em deixar-lhe este recado em sua secretária, mas desejo falar com o senhor quando lhe convier. Como o senhor sabe, dois homens com quem o senhor se relacionava tiveram morte prematura aqui em Londres. Gostaria de fazer-lhe algumas perguntas. O senhor pode ter sido ouvido por outras fontes, já que foi visto com uma das vítimas pouco antes de seu fim desditoso. Por favor, telefone-me." E deixou seu número.

O outro recado chegara menos de meia hora depois e era de Georges Lafitte, um detetive da Interpol, a organização internacional da polícia, sediada em Lyon, França. "Sr. Williams", dizia ele num inglês com forte sotaque francês, "tão logo o senhor receba este recado, apreciaria que me chamasse do posto policial mais próximo. Eles saberão como entrar em contato conosco diretamente e terão um impresso com informações sobre o motivo por que precisamos falar com o senhor. Em seu próprio benefício, insisto em que não deve se demorar.".

Buck pôs a cabeça fora do banheiro para mirar os olhos de Steve, que estava tão confuso quanto ele.

- O que você é agora? - perguntou Steve. - Um suspeito?

- Seria melhor não ser. Depois do que ouvi de Alan sobre Sullivan e como ele está nas mãos de Todd-Cothran, não me sinto obrigado a ir a Londres e voluntariamente colocar-me sob sua custódia. Esses recados não são imposições, são? Não devo atendê-los só pelo fato de os ter ouvido, devo?

Steve encolheu os ombros.

- Ninguém além de mim sabe que você ouviu esses recados. De qualquer modo, agências internacionais não têm jurisdição aqui em nosso país.

- Você acha que posso ser extraditado?

- Só se eles ligarem você a uma ou outra daquelas mortes.

Chloe não quis ficar em casa sozinha naquela noite. Ela acompanhou seu pai até a igreja, onde Bruce Barnes os encontrou e deu-lhes uma segunda cópia do videoteipe. Ele meneou a cabeça quando ouviu a respeito do assalto à casa de Rayford.

- Está se tornando uma epidemia - disse. - Parece que o centro da cidade foi transferido para os bairros. Não estamo mais seguros aqui.

Rayford teve de se conter para não dizer a Bruce que a substituição do teipe roubado era idéia de Chloe. Ele queria pedir a Bruce que continuasse orando, para que ela pensasse no assunto. Talvez a invasão da casa tivesse contribuído para que Chloe se sentisse vulnerável. Quem sabe ela estava chegando ao ponto de admitir que o mundo agora era mais perigoso, que não havia garantias, que seu tempo de vida seria mais curto. Mas Rayford também sabia que poderia ofendê-la, insultá-la ou afastá-la, se usasse esta situação para instigar Bruce a convencê-la. Ela dispunha de informações suficientes; cabia-lhe simplesmente deixar que Deus operasse sua graça no coração de sua filha. Por outro lado, ele estava animado e desejoso de que Bruce soubesse o que estava acontecendo. Reconheceu, porém, que teria de esperar uma ocasião mais oportuna.

Enquanto estavam fora, Rayford comprou alguns itens que precisavam ser repostos imediatamente, incluindo um aparelho de televisão e um videocassete. Ele providenciou o conserto da porta da frente e começou a preparar a papelada para obter a indenização do seguro. Mais importante, reforçou o sistema de segurança. Entretanto, sabia que nem ele nem Chloe teriam um sono tranqüilo naquela noite.

Eles chegaram a casa e logo receberam um telefonema de Hattie Durham. Rayford pensou que ela deveria estar se sentindo sozinha. Ela não parecia ter um bom motivo para telefonar-lhe. Simplesmente disse-lhe que estava muito grata pelo convite para jantar e esperava ansiosamente pelo dia. Ele contou-lhe o que havia acontecido em sua casa, e ela ficou sinceramente aborrecida.

- As coisas estão ficando estranhas - disse ela. - Você sabe que tenho uma irmã que trabalha numa clínica de gestantes.

- Hã-hã - disse Rayford. - Você já me contou.

- Eles fazem planejamento familiar e dão conselhos e orientações para gravidez avançada. - Sim.

- Eles também estão preparados para fazer abortos. Hattie parecia estar esperando algum sinal de afirmação ou reconhecimento de que ele a estava escutando. Rayford ficou impaciente e permaneceu em silêncio.

- De qualquer modo - disse ela -, não quero tomar seu tempo. Mas minha irmã me disse que o movimento da clínica é zero.

- Bem, isso faz sentido, em virtude dos desaparecimentos de bebês em gestação.

- Minha irmã não parece estar feliz com essa situação.

- Hattie, imagino que todo mundo está horrorizado com isso. Os pais estão sofrendo no mundo inteiro.

- Mas as mulheres que minha irmã e seus colegas estavam aconselhando *queriam* abortar. Rayford ensaiou uma resposta apropriada.

- Sim, diante disso, talvez essas mulheres estejam gratas por não terem de praticar o aborto.

- Talvez, mas minha irmã e seus chefes, bem como os demais da equipe, estão sem trabalho agora, até que as mulheres comecem a engravidar novamente.

- Entendo. É uma questão de dinheiro.

- Eles têm de trabalhar, por causa de suas despesas e famílias.

- Mas, além de aconselhamento para abortar e prática de abortos, eles não têm mais nada para fazer?

- Nada. Não é horrível? Seja lá o que for que aconteceu, isso acabou deixando minha irmã e muita gente como ela sem trabalho, e na verdade ninguém sabe ainda se terá condições de engravidar outra vez.

Rayford tinha de admitir que nunca achou que Hattie fosse bem dotada em matéria de cultura, mas naquele momento ele gostaria de fixar bem os olhos nos dela.

- Hattie, hã... não sei como lhe perguntar. Você está dizendo que sua irmã espera que as mulheres engravidem novamente para poderem

abortar e, assim, permitir que ela continue trabalhando?

- Bem, naturalmente que sim. Que outra coisa ela pode fazer? Os empregos de aconselhamento em outros campos são difíceis de encontrar, você sabe.

Ele meneou a cabeça, sentindo-se estúpido, por saber que ela não podia vê-lo. Que espécie de insanidade era aquela? Ele não devia estar consumindo energia discutindo com alguém que nitidamente não enxergava um palmo à frente do nariz; entretanto, não podia evitar discutir.

- Sempre achei que as clínicas como essa em que

sua irmã trabalha considerassem a gravidez indesejada um transtorno. Elas não deveriam ficar contentes se tais problemas desaparecessem, ou mesmo muito felizes se a gravidez nunca acontecesse novamente? Mas pode haver uma pequena complicação. A raça humana deixaria de existir. Não havia mais ironia na voz de Hattie.

- Mas Rayford, esse é o trabalho dela. É para isso que a clínica existe. É o mesmo que um posto de combustível ficar sem nenhum freguês que queira abastecer o carro ou usar os serviços, como óleo, lavagem, pneus.

- Trata-se de um negócio de oferta e procura.

- Exatamente! Você entende? Eles precisam da gravidez indesejada porque vivem disso.

- Entendo. É como um médico que deseja que as pessoas fiquem doentes ou se machuquem para **que ele tenha alguma** coisa para fazer? - Agora você compreendeu, Rayford.

Depois que Buck fez a barba e tomou banho, Steve lhe disse:

- Falei há pouco com o escritório. Os detetives de Nova York estão procurando você no escritório. Infelizmente, alguém lhes disse que mais tarde você estaria no Plaza com Carpathia.

- Que mancada!

- Eu sei. Talvez você tenha de enfrentar isso.

- Ainda não, Steve. Deixe-me começar a entrevista com Carpathia. Depois vou tentar desfazer esse nó.

- Você está esperando que Carpathia possa ajudá-lo?

- Exatamente.

- E se você não conseguir chegar até ele? Alguém pode apanhá-lo antes.

- Vou conseguir. Ainda tenho minhas credenciais da imprensa com o nome e a identificação de Oreskovich. Se os tiras estiverem esperando por mim no Plaza, é bem provável que não me reconheçam.

- Veja bem, Buck. Você acha, a esta altura, que eles não estão cientes de sua identidade falsa? Vamos trocar nossos documentos. Se eles me barrarem por estar passando com o documento de Oreskovich, isso pode dar a você tempo suficiente para chegar até Carpathia.

Buck encolheu os ombros.

- Vale a tentativa - disse. - Não quero ficar aqui, mas pretendo ver Carpathia no programa *Nightline.*

- Quer ir para o meu apartamento?

- Eles provavelmente já estarão também procurando por mim lá.

- Deixe-me ligar para Marge. Ela e o marido não moram longe daqui.

- Não use meu telefone! Steve fez uma careta.

- Você age como um espião de filmes de cinema. Steve usou seu telefone celular. Marge insistiu para que

fossem imediatamente para lá. Ela disse que seu marido queria ver a reprise da série *M*A *S*H* naquele horário, mas pediria a ele que gravasse o programa para assistir mais tarde.

Enquanto entravam num táxi, Buck e Steve viram duas viaturas, sem identificação da polícia, estacionadas bem em frente do prédio onde Buck morava.

- Parece filme de espionagem - disse Buck.

O marido de Marge não estava nem um pouco satisfeito por ficar sem sua poltrona favorita e seu filme favorito, mas mostrou-se interessado quando começou o *Nightline.* Carpathia estava bem natural e à vontade. Ele olhava diretamente para a câmera sempre que possível e parecia estar conversando com os telespectadores individualmente.

- Seu discurso hoje na ONU - começou o entrevistador Wallace Theodore -, que foi intercalado por duas entrevistas com a imprensa, parece ter eletrizado Nova York. Como grande parte delas foi levada ao ar tanto no início da noite como depois nos noticiosos das emissoras, o senhor se tornou de uma hora para outra um homem popular neste país.

Carpathia sorriu.

- Como todas as pessoas da Europa, particularmente da Europa Oriental, estou impressionado com sua tecnologia, Eu...

- Mas não é verdade, senhor, que suas raízes estão realmente na Europa Ocidental? Embora tenha nascido na Romênia, o senhor não está ligado por hereditariedade à Itália?

- Isto é verdade, como é verdade para muitos romenos nativos. Daí a razão do nome de nosso país. Mas eu estava falando da tecnologia alcançada neste país. É espantosa, mas confesso que não vim aqui para tornar-me ou ser transformado numa celebridade. Tenho uma meta, uma missão, uma mensagem, e isto nada tem a ver com minha popularidade ou...

- Mas não é verdade que o senhor teve uma sessão de fotos para a revista *Peoplel*

- Sim, mas eu...

- E não é verdade também que eles já decidiram indicá-lo como o Homem Mais Atraente da atualidade?

- Não sei realmente o que isso quer dizer. Submeti-me a uma entrevista que foi basicamente sobre minha infância, meus negócios e minha carreira política e tive a impressão de que eles costumam eleger um homem atraente para aparecer na edição de janeiro de cada ano; portanto, ainda é muito cedo para o próximo ano.

- Sim, estou certo, Sr. Carpathia, de que ficou impressionado, como todos ficamos, com o jovem cantor que recebeu esse título há dois meses, mas...

- Lamento dizer que não tinha conhecimento desse jovem antes de ver sua fotografia na capa da revista.

- Mas o senhor está dizendo que não está ciente de que a revista *People* está quebrando uma tradição ao desbancar seu atual homem mais atraente e colocar o senhor em seu lugar na próxima edição?

- Creio que eles tentaram dizer-me isso, mas não compreendo. O jovem mencionado causou danos a um hotel ou alguma coisa desse tipo, e portanto...

- E portanto o senhor seria um substituto conveniente para ele.

- Nada sei a esse respeito. Para ser honesto, eu poderia não ter concedido aquela entrevista sob tais circunstâncias. Não me considero atraente. Estou numa cruzada para ver as pessoas do mundo se unirem. Não procuro uma posição de poder ou autoridade. Simplesmente peço para ser ouvido. Espero que minha mensagem também seja veiculada no artigo da revista.

- O senhor já desfruta uma posição de poder e autoridade, Sr. Carpathia.

- Bem, nosso pequeno país pediu-me para servir, e estou disposto a isso.

- Que resposta o senhor daria àqueles que dizem que o senhor quebrou o protocolo e que sua ascensão ao posto de presidente da Romênia foi parcialmente efetuada pela violência armada?

- Diria que esta é a forma perfeita de atacar urn pacifista, alguém que está comprometido com o desarmamento não somente na Romênia e nos

demais países da Europa, mas lambem em todo o globo.

- Então o senhor nega ter causado a morte de um homem de negócios há sete anos e usado a intimidação e amigos poderosos na América para usurpar a autoridade do presidente da Romênia?

- O assim chamado rival morto era um de meus amigos mais queridos, e eu lamento amargamente sua morte até hoje. Os poucos amigos americanos podem ter influência aqui, mas não podem ter qualquer peso na política romena. O senhor deve saber que nosso último presidente pediu-me que o substituísse por motivos pessoais.

- Mas isso afronta totalmente os procedimentos constitucionais de seu país para a sucessão do poder.

- Isso foi votado pelo povo e pelo governo e ratificado por grande maioria.

- Depois do acontecido.

- De certo modo, sim. Mas, por outro lado, se eles não tivessem ratificado, tanto pela população como pelas casas legislativas, eu teria sido o presidente de mandato mais curto na história de nossa nação.

O marido de Marge resmungou:

- Esse jovem romano é um azougue.

- Romeno - corrigiu Marge.

- Ele mesmo disse que seu sangue era inteiramente italiano

- retrucou o marido. Marge piscou para Steve e Buck.

Buck estava impressionado com a coordenação de pensamentos de Carpathia e seu conhecimento da língua. Theodore perguntou-lhe:

- Por que a Organização das Nações Unidas? Alguém poderia lhe ter dito que o senhor obteria mais impacto e maior avanço se visitasse nosso Senado e a Câmara dos Deputados.

- Eu nem mesmo sonharia com tal privilégio - disse Carpathia. - Mas o senhor percebe que não estou procurando avanço. A ONU era vista originalmente como um órgão pacificador. Ela deve voltar a ter essa função.

- O senhor deu a entender hoje, e noto em sua voz neste momento, que tem um plano específico para a ONU, o qual a tornaria melhor e seria de alguma ajuda nesta fase horrenda da história.

- Sim. Não considerei que me caberia sugerir tais mudanças como hóspede que sou; contudo, não tenho nenhuma hesitação neste contexto. Sou um proponente do desarmamento. Não é segredo para ninguém. Ao mesmo tempo que estou impressionado com as amplas potencialidades, planos e programas da ONU, acredito que, com uns poucos ajustes e a cooperação de seus membros, ela possa vir a ser tudo aquilo para o que foi concebida. Podemos verdadeiramente tornar-nos uma comunidade global.

- O senhor pode resumir essa idéia em poucos segundos? O riso de Carpathia pareceu autêntico.

- É sempre perigoso - disse ele -, mas vou tentar. Como o senhor sabe, o Conselho de Segurança da ONU tem cinco membros permanentes: Estados Unidos, Federação Russa,

Grã-Bretanha, França e China. Há também dez membros transitórios, dois de cada uma das cinco diferentes regiões do '• mundo, que atuam por períodos de dois anos.

- Respeito a natureza vitalícia dos cinco países originais. Proponho a escolha de outros cinco, exatamente um de cada uma das cinco diferentes regiões do mundo. A condição transitória seria abolida. Teríamos então dez membros permanentes no Conselho de Segurança, mas o restante de meu plano é revolucionário. Presentemente, os cinco membros permanentes têm poder de veto. Votos sobre procedimentos requerem a maioria de nove membros; votos sobre a substância requerem maioria simples, incluindo os cinco membros permanentes. Proponho um sistema mais estrito. Proponho a unanimidade.

- Perdão, não entendi.

- Selecionar cuidadosamente os dez membros permanentes. Eles devem obter dados e informações, bem como apoio, de todos os países de suas respectivas regiões.

- Isso parece um pesadelo.

- Mas funcionaria, e lhe digo por quê. Pesadelo foi o que nos aconteceu na semana passada. O momento é propício para que os povos do mundo se levantem e insistam com seus governantes no sentido de desarmarem seus países e destruírem tudo, exceto 10% de seus armamentos. Esses 10% seriam, efetivamente, doados à ONU, de modo que ela pudesse voltar ao seu lugar apropriado como um organismo pacificador internacional, com autoridade, poder e equipamento para cumprir sua missão.

Carpathia esclareceu, especialmente os telespectadores, que foi em 1965 que a ONU fez uma adendo à sua carta original para aumentar o Conselho de Segurança de 11 para 15 membros. Disse também que o poder de veto original dos membros permanentes tinha impedido os esforços militares pela paz, tais como na Coréia e durante a Guerra Fria.

Onde o senhor obteve esse conhecimento enciclopédico sobre a ONU e os assuntos internacionais?

Todos nós conseguimos tempo para fazer o que realmente desejamos. Esta é minha paixão. Qual é sua meta pessoal? Um papel de liderança no Mercado Comum Europeu?

- A Romênia não é nem sequer membro, como o senhor sabe. Mas não, não tenho nenhuma meta de liderança, sou apenas uma voz. Devemos desarmar, devemos fortalecer a ONU, devemos mudar para uma moeda única, e devemos tornar-nos uma aldeia global.

Rayford e Chloe sentaram-se em silêncio diante do novo aparelho de televisão, com a atenção presa no novo rosto e nas idéias estimulantes de Nicolae Carpathia.

- Que cara! - disse Chloe finalmente. - Desde que eu era menininha que não ouço um político dizer alguma coisa importante, e naquela época eu não entendia nem a metade do que essa gente dizia.

- Ele tem alguma coisa diferente - concordou Rayford. -É estimulante ver alguém que parece não visar a interesses pessoais.

Chloe sorriu.

- Você não está querendo compará-lo com o enganador contra o qual o videoteipe do pastor nos alertou, alguém da Europa que tentará dominar o mundo?

- Claro que não - disse ele. - Não vejo nada de mal ou de egoísmo neste homem. Alguma coisa me diz que o enganador de que falou o pastor se evidenciaria um pouco mais.

- Mas - disse Chloe -, se ele for urn enganador, talvez seja um dos bons.

- Ei, de que lado você está? Esse homem se parece com o anticristo para você? Ela meneou a cabeça negativamente.

- Ele se parece com um sopro de ar puro para mim. Se ele começasse a forjar seu caminho para o poder, eu ficaria desconfiada, mas como desconfiar de um homem pacifista, satisfeito de ser presidente de um país pequeno? Sua única influência é sua sabedoria, e seu poder está fundamentado em sua sinceridade e humildade.

O telefone tocou. Era Hattie, ansiosa por conversar com Rayford. Ela estava bastante entusiasmada elogiando Carpathia.

- Você viu aquele cara? Ele é tão atraente! Preciso conhecê-lo. Você tem algum vôo programado para Nova York?

- Quarta-feira no final da manhã, e retomo na manhã seguinte. À noite, vamos recebê-la aqui para o jantar, certo?

- Sim, será muito bom, mas, Rayford, você se importaria se eu tentasse trabalhar nesse vôo? Ouvi a notícia de que a morte do redator da revista foi desmentida e ele está em Nova York. Vou ver se

posso encontrá-lo e conseguir que ele me apresente a esse Carpathia.

- Você acha que ele o conhece?

- Buck conhece todo mundo. Ele faz todas essas grandes reportagens internacionais. Ele deve conhecê-lo. Mesmo que não o conheça, ficaria satisfeita de rever Buck.

Isto foi um alívio para Rayford. Hattie não teve receio de falar sobre dois jovens que ela estava nitidamente interessada em ver ou encontrar. Ele estava certo de que ela não disse isso apenas para testar seu grau de interesse por ela. Certamente ela sabia que ele não estava interessado em ninguém em razão do desaparecimento tão recente de sua esposa. Rayford perguntou a si mesmo se deveria seguir seu plano de ser honesto com ela. Talvez ele devesse apenas pedir-lhe logo de início que visse o videoteipe do pastor.

- Bem, boa sorte então - disse Rayford um tanto indeciso.

- Mas posso me inscrever para trabalhar em seu vôo?

- Por que você não verifica se seu nome está indicado?

- Rayford!

- O quê?

- Você não me quer em seu vôo? Por quê? Eu disse ou fiz alguma coisa?

- Por que você pensa assim?

- Você pensa que não sei que você rejeitou minha última solicitação?

- Não foi exatamente o que fiz. Eu apenas disse...

- Você pode muito bem ter feito isso.

- Eu disse apenas o que já havia dito a você. Não me oponho a que você trabalhe em meus vôos, mas por que não deixa que as escalas aconteçam naturalmente?

- Você sabe como são essas coisas! Se eu esperar, as possibilidades serão contra mim. Quando me candidato para trabalhar em um vôo, geralmente consigo, por causa da posição que ocupo. O que está acontecendo, Rayford?

- Podemos falar sobre esse assunto quando você vier para o jantar?

- Vamos falar agora. Rayford fez uma pausa, procurando as palavras.

- Veja o que seus pedidos especiais causam às programações, Hattie. Todos os demais têm de ser remanejados para favorecê-la. - É este o motivo? Você está preocupado com **"todos os** ' a™*-?

Ele não queria mentir.

- Em parte - disse ele.

- Isso nunca o incomodou antes. Você costumava me incentivar a candidatar-me para os seus vôos e algumas vezes confirmava comigo para se certificar.

- Eu sei.

- Então, o que mudou?

- Hattie, por favor. Não quero discutir esse assunto por telefone.

- Então me encontre em algum lugar.

- Não posso fazer isso. Não posso deixar Chloe sozinha logo após termos sofrido um assalto.

- Então eu vou até aí. - Já é muito tarde.

- Rayford! Você está me evitando?

- Se eu estivesse evitando você, não a teria convidado para jantar.

- Com sua filha em sua casa? Acho que estou sendo passada para trás.

- Hattie, o que você está dizendo?

- Somente que você desfrutou minha companhia em privacidade, pretendendo que alguma coisa estivesse por acontecer.

- Tenho de admitir isso.

- Sinto muito o que aconteceu a sua esposa, Rayford, sinto realmente. Talvez você esteja se sentindo culpado, apesar de nunca termos feito nada que justificasse essa culpa. Mas não me ponha de lado antes que você tenha uma chance de se recuperar de sua perda e começar a viver novamente.

- Não é isso. Hattie, o que é pôr de lado? Nunca tivemos um caso. Se tivéssemos, por que está tão interessada nesse sujeito da revista e no romeno?

- Todo mundo está interessado em Carpathia - disse ela. - E Buck é o único meio que conheço para chegar até ele. Você não pode pensar que eu tenha alguma intenção a respeito de Buck. Francamente! Um redator de notícias internacionais? Pense bem, Rayford. .

- Não me preocupo se você tiver. Estou apenas querendo saber o que isso tem a ver com nosso suposto caso.

- Você quer que eu não vá a Nova York e esqueça os dois?

- Absolutamente. Não estou dizendo isso.

- Se alguma vez eu sentisse que teria realmente uma chance com você, tentaria segurá-lo, creia-me. Rayford ficou perplexo. Seus receios e suposições estavam corretos, mas agora ele se sentia defensivo.

- Você nunca pensou que houvesse uma chance?

- Você nunca me deu nenhum indício. Tudo o que eu sabia é que você me achava uma garota bonita, uma companhia agradável, mas não para ser tocada.

- Há alguma verdade nisso.

- Mas você nunca desejou que houvesse alguma coisa mais, Rayford?

- É sobre isso que eu gostaria de falar com você, Hattie.

- Você pode responder agora mesmo. Rayford suspirou.

- Sim, em algumas ocasiões desejei que houvesse alguma coisa mais.

- Bem, aleluia. Meu instinto falhou. Eu tinha desistido, imaginando que você fosse intocável.

- Eu sou.

- Agora você é claro. Posso até entender. Você está sofrendo e provavelmente sofrendo ainda mais

porque considerou alguém, além de sua esposa, por um certo tempo. Mas só por causa disso eu não posso voar com você, tomar um drinque com você? Podemos voltar a ser como antes. Não haveria nada de mais, a não ser que exista alguma coisa em sua mente.

- Isto não significa que você não possa falar comigo ou trabalhar comigo quando nossas escalas coincidirem. Se eu não tivesse nada a tratar com você, não a teria convidado para vir aqui.

- Posso entender o que está acontecendo, Rayford. Não venha me dizer que eu não conseguiria ser apenas "sua amiga".

- Talvez isso e um pouco mais.

- Como o quê?

- Simplesmente alguma coisa sobre a qual desejo falar com você.

- E se eu lhe disser que não estou interessada em compromissos sociais? Não espero que você me queira, agora que sua esposa se foi, mas também não quero ser esquecida por você.

- Como você pode ser esquecida por mim se a estou convidando para jantar aqui?

- Por que você nunca me convidou antes? Rayford ficou em silêncio.

- E então? - insistiu ela.

- Teria sido inadequado - murmurou ele.

- E agora também não é inadequado nos encontrarmos?

- Francamente, sim. Mas quero muito falar com você, e não é sobre evitá-la.

- Você acha que a minha curiosidade vai me forçar a ir até aí, Rayford? Veja bem, vou ter de recusar. Vou estar muito ocupada. Queira aceitar minhas desculpas. Surgiu algo importante, inevitável, espero que você compreenda.

- Por favor, Hattie. Nós desejamos realmente que você venha.

- Rayford, não se preocupe. Há muitos vôos para Nova York. Não pretendo fazer nenhuma ginástica para trabalhar em seus vôos. Na verdade, vou me certificar de que estou fora deles.

- Você não tem de fazer isso.

- Claro que vou fazer. Sem ressentimentos. Eu gostaria de conhecer Chloe, mas provavelmente você se sentiria obrigado a dizer a ela que um dia esteve muito inclinado por mim.

- Hattie, você poderia ouvir-me por um segundo? Por favor.

- Não.

- Quero que você venha aqui quinta-feira à noite. Tenho, realmente, um assunto importante para dizer-lhe.

- Diga o que é.

- Não por telefone.

- Então não vou.

- Se eu disser o assunto por alto, você virá?

- Depende.

- Bem, tenho uma explicação a respeito dos desaparecimentos, está me ouvindo? Sei o que eles significaram e quero ajudar você a encontrar a verdade.

Hattie ficou em completo silêncio por vários segundos.

- Você não se tornou um fanático, certo?

Rayford teve de pensar um pouco. A resposta era sim, ele certamente se tornara um fanático, mas não diria isso a ela.

- Você me conhece muito bem.

- Pensei que conhecesse.

- Confie em mim, isto é digno de sua atenção.

- Dê-me alguma pista, e vou dizer se quero ou não ouvir.

- Absolutamente não - disse Rayford, surpreso com sua reação. - De jeito nenhum. Só se for pessoalmente.

- Então não vou.

-Hattie!

- Adeus, Rayford. -Hat...

Ela desligou.

DEZESSEIS

- EU NÃO FARIA isso para ninguém mais - disse Steve Plank depois que ele e Buck agradeceram a Marge e se dirigiram a táxis separados. - Não sei por quanto tempo vou poder mantê-los entretidos e convencê-los de que sou você pretextando ser outra pessoa, por isso não se demore a entrar.

- Não se preocupe.

Steve pegou o primeiro táxi, portando na lapela as credenciais falsas de Buck em nome de George Oreskovich. Ele deveria ir diretamente ao Hotel Plaza, onde confirmaria a entrevista com Carpathia. A esperança de Buck era que .. Sleve fosse imediatamente interceptado e preso como sendo Buck, abrindo assim o caminho para ele entrar. Se Buck fosse abordado por autoridades, ele mostraria sua identidade como Steve Plank. Ambos sabiam que o plano era vulnerável, mas Buck estava disposto a tentar qualquer coisa para evitar ser extraditado e enquadrado pelo assassinato de Alan Tompkins e até mesmo pelo de Dirk Burton.

Buck pediu a seu motorista que esperasse cerca de um minuto depois que Steve tivesse saído do outro táxi para entrar no Plaza. Ele chegou ao hotel no meio de carros da polícia com luzes piscando, uma perua para conduzir presos, vários carros sem emblemas de identificação. Enquanto abria caminho entre os curiosos, os policiais empurravam Steve, algemado com as mãos nas costas, para fora da porta de entrada, descendo os degraus da escada.

- Já lhe disse - resmungava Steve. - O nome é Oreskovich!

- Sabemos quem você é, Williams! Poupe sua garganta.

- Esse não é Cam Williams! - disse um repórter, apontando com o dedo e rindo. - Seus idiotas! Esse é Steve Plank.

- Sim, é isso mesmo - Plank reforçou a informação. - Sou o chefe de Williams, do *Semanáriol*

- Claro que você é - disse um policial à paisana, forçando-o a entrar num carro sem emblema de identificação.

Buck se desviou do repórter que havia reconhecido Plank, mas, quando entrou no saguão do hotel e pegou um telefone de cortesia para chamar o apartamento de Rosenzweig, outro colega da imprensa, Eric Miller, virou-se para Buck e, pondo a mão sobre o fone em que falava, sussurrou:

- Williams, o que está acontecendo? Os tiras acabam de prender seu chefe alegando que ele era você!

- Faça-me um favor - pediu Buck. - Guarde isso só para você por uma meia hora, pelo menos. Você me deve esse favor.

- Não devo nada a você, Williams - disse Miller. - Mas você parece bem assustado. Dê-me sua palavra de que serei o primeiro a saber o que está acontecendo.

- Tudo bem. Você será o primeiro cara da imprensa que ficará sabendo. Não posso prometer que não vou dizer a outra pessoa.

- Quem?

- Adivinhe.

- Se você está querendo contatar Carpathia, Cameron, pode esquecer. Ficamos tentando a noite inteira. Ele não vai dar mais nenhuma entrevista hoje.

- Ele voltou?

- Voltou, mas está incomunicável. Rosenzweig atendeu a ligação de Buck.

- Chaim, é Cameron Williams. Posso subir?

Eric Miller pôs seu fone no gancho e se aproximou de Buck.

- Cameron! - disse Rosenzweig. - Não posso me comunicar com você. Primeiro, você está morto, depois você está vivo. Acabamos de receber um telefonema dizendo que você foi preso no saguão para ser questionado sobre um assassinato em Londres.

Buck procurou evitar que Miller detectasse alguma coisa.

- Chaim, tenho de me apressar, estou usando o nome Plank, está bem?

- Vou armar o esquema com Nicolae e receber você em meu apartamento de qualquer maneira. - disse Chaim informando o número a Buck.

Buck pôs o dedo nos lábios para que Miller não fizesse pergunta, mas não pôde se livrar dele. Disparou em direção ao elevador, mas Eric entrou junto. Um casal tentou usar o mesmo elevador.

- Sinto muito, amigos - disse Buck. - Este elevador está com defeito.

O casal saiu, mas Miller continuou. Buck não queria que ele visse o andar em que ia descer, por isso esperou as portas do elevador se fecharem. Em seguida, desligou-o, agarrou Miller pela camisa à altura do pescoço e jogou-o contra a parede do elevador.

- Ouça, Eric, eu disse que informaria a você, em primeira mão, o que está acontecendo aqui, mas, se você der com a língua nos dentes ou me seguir, vou deixá-lo a ver navios, entendeu?

Miller se desvencilhou das garras de Buck e recompôs suas roupas.

- Está bem, Williams! Calma! Fique tranqüilo, cara!

- Sim, eu fico tranqüilo, e você fica bisbilhotando por aí.

- É meu trabalho, rapaz. Não se esqueça disso.

- Meu também, Eric, mas não vou atrás de ninguém. Faço eu mesmo o meu trabalho.

- Você entrevistando Carpathia? Apenas me diga isso.

- Não, estou arriscando minha vida para ver se uma estrela de cinema está no hotel.

- Então é Carpathia mesmo?

- Eu não disse isso.

- Vamos, homem, deixe-me entrar nessa! Farei o que você quiser!

- Você me disse que Carpathia não estava dando nenhuma entrevista esta noite - disse Buck.

- E, ele não está mais querendo dar entrevista, exceto para as redes de TV e rádio, e com isso nunca vou chegar perto dele.

- O problema é seu. -Williams!

Buck avançou de novo no pescoço de Miller.

- Estou indo! - disse Eric.

Quando Buck chegou ao andar VIP, ficou abismado ao constatar que Miller havia de algum modo passado à sua frente apresentando-se a um guarda uniformizado como Steve Plank.

- O Sr. Rosenzweig está esperando pelo senhor, cavalheiro - disse o guarda.

- Aguarde um instante! - Buck gritou, exibindo as credenciais de jornalista de Steve. - Eu sou Plank. Tire esse impostor daqui.

O guarda pôs as mãos nos ombros de cada um.

- Os dois devem esperar aqui enquanto chamo o detetive do hotel. Buck disse:

- Chame Rosenzweig e peça-lhe que decida.

O guarda encolheu os ombros e ligou para o apartamento usando um telefone portátil. Miller se inclinou, viu o número e correu em direção ao apartamento. Buck saiu atrás dele ao mesmo tempo em que o guarda desarmado gritava tentando localizar alguém pelo telefone.

Buck, mais jovem e em melhor forma, alcançou Miller e atirou-o ao chão do corredor, fazendo várias portas de hóspedes alarmados se abrirem para ver o que ocorria.

- Vão brigar em outro lugar - vociferou uma mulher. Buck derrubou Miller a seus pés e aplicou-lhe uma gravata por trás, imobilizando-o.

- Você é um palhaço, Eric. Você realmente acha que Rosenzweig permitiria que um estranho entrasse em seu apartamento?

- Consigo entrar em qualquer lugar usando apenas minha lábia, Buck, e você sabe que teria de fazer a mesma coisa.

O guarda os reteve.

- O Dr. Rosenzweig sairá em instantes.

- Tenho apenas uma pergunta para ele - disse Miller.

- Não, não tem - disse Buck. Ele se voltou para o guarda. - Ele não.

- Deixem que o Sr. Rosenzweig decida - respondeu o guarda. Então, de repente, recuou, encostando-se na parede do corredor e puxando Buck e Miller com ele para desobstruir o caminho. Quatro homens de ternos escuros entraram no corredor, escoltando o inconfundível Nicolae Carpathia.

- Queiram desculpar, cavalheiros - disse Carpathia. -Perdoem-me.

- Oh! Sr. Carpathia. Quero dizer Presidente Carpathia -exclamou Miller.

- Como? - disse Carpathia, voltando-se para ele. Os guarda-costas olharam furiosos para Miller. - Oh! olá, Sr. Williams -disse Carpathia, notando a presença de Buck. - Ou devo dizer Sr. Oreskovich? Ou, quem sabe, Sr. Plank? •

O intruso deu um passo à frente.

- Eric Miller, do Mensário Beira-Mar.

- Conheço bem sua revista, Sr. Miller - disse Carpathia -, mas estou atrasado para uma entrevista. Se o senhor me ligar amanhã, falaremos por telefone. Combinado?

Miller parecia desnorteado. Assentiu com a cabeça e retirou-se.

- Parece que ouvi o senhor dizer que seu nome era Plank! -interveio o guarda, fazendo todos sorrirem, exceto Miller.

- Vamos entrar, Buck - disse Carpathia, acenando para que caminhassem juntos. Buck ficou calado. - É assim que o chamam, não é?

- Sim, senhor - respondeu Buck, certo de que nem mesmo Rosenzweig o sabia.

Rayford ficou terrivelmente abalado após a conversa com Hattie Durham. As coisas não poderiam ter sido piores. Por que ele não permitiu que ela trabalhasse em seu vôo? Ela não teria sido nenhum empecilho, e ele poderia ter a chance de expor sua verdadeira e nobre intenção durante o jantar de quinta-feira à noite. Agora ele tinha estragado tudo.

Como Rayford abordaria o assunto com Chloe? Seu verdadeiro motivo, quando falasse com Hattie, era que Chloe também ouvisse. Ela já não tinha visto o suficiente? Não deveria ele estar mais estimulado pela insistência da filha em substituir o videoteipe roubado? Ele perguntou se ela gostaria de acompanhá-lo a Nova York no vôo noturno. Ela respondeu que preferia ficar em casa e começar a procurar uma escola local para freqüentar. Ele quis insistir, mas não ousou.

Depois que Chloe se deitou, Rayford telefonou a Bruce Barnes e contou-lhe sua frustração.

- Você está insistindo demais, Rayford - disse o jovem pastor. - Cheguei a pensar que agora seria mais fácil falar de nossa fé a outras pessoas, mas encontrei o mesmo tipo de resistência.

- É ainda mais difícil quando se trata da própria filha.

- Posso imaginar - disse Bruce.

- Não, você não pode - disse Rayford. Mas está tudo bem.

Chaim Rosenzweig estava hospedado numa bela e ampla suíte de vários quartos e salas. Os

guarda-costas ficaram postados bem em frente à porta. Carpathia convidou Rosenzweig e Buck a irem à sala de estar para um encontro exclusivamente dos três. Carpathia tirou o casaco e o estendeu cuidadosamente no encosto do sofá.

- Fiquem à vontade, cavalheiros - disse.

- Eu não preciso estar aqui, Nicolae - sussurrou Rosenzweig.

- Oh! isso é um contra-senso, doutor! Você não se importa, não é, Buck?

- Absolutamente.

- Você não se importa se eu o chamar de Buck?

- Não, senhor, mas costumeiramente só o pessoal da...

- Da sua revista, sim, eu sei. Eles lhe puseram esse apelido porque você é contra as tradições, tendências e convenções, estou certo?

- Sim, mas como...

- Buck, este foi o dia mais incrível da minha vida. Tenho sido tão bem recebido aqui. E as pessoas parecem tão receptivas a minhas propostas. Estou dominado pela emoção. Retornarei a meu país como um homem feliz e satisfeito. Mas não já. Solicitaram que eu permanecesse um pouco mais. Você sabia disso?

- Ouvi dizer.

- Você não acha surpreendente que os diversos encontros internacionais a se realizarem aqui em Nova York durante as próximas semanas serão todos sobre a cooperação universal em que estou interessado?

- Sem dúvida - concordou Buck. - E fui destacado para cobrir todos eles.

- Então poderemos nos conhecer melhor.

- Tenho boas perspectivas a esse respeito, senhor. Fiquei entusiasmado com o que ouvi hoje na ONU.

- Obrigado.

- E o Dr. Rosenzweig falou-me muito sobre o senhor.

- Ele também me falou sobre você.

Alguém bateu à porta. Carpathia demonstrou aborrecimento.

- Achei que não seríamos interrompidos.

Rosenzweig levantou-se cautelosamente e foi nas pontas dos pés até a porta, mantendo uma conversação em voz baixa. Depois voltou e dirigiu-se a Buck:

- Temos de sair por uns dois minutos, Cameron - sussurrou -, para que ele atenda a um importante telefonema.

- Oh! não - disse Carpathia. - Atenderei mais tarde. Este encontro é prioritário para mim...

- Senhor - disse Rosenzweig -, com sua licença... é o presidente.

- O presidente?

- Dos Estados Unidos.

Buck levantou-se imediatamente para deixar a sala acompanhado de Rosenzweig, mas Carpathia insistiu para que ficassem.

- Não sou tão importante a ponto de não poder partilhar tal honra com meu velho amigo e meu novo amigo. Sentem-se!

Eles se sentaram, e Carpathia pressionou a tecla do telefone.

- Aqui fala Nicolae Carpathia.

- Sr. Carpathia, é Fitz. Gerald Fitzhugh.

- Senhor Presidente, sinto-me lisonjeado em ouvi-lo.

- Bem, é um prazer tê-lo entre nós!

- Fico-lhe grato por sua nota de congratulação quando de minha posse na presidência, senhor, e por seu pronto reconhecimento de minha administração.

- Sr. Carpathia, foi surpreendente a forma como o senhor chegou à presidência de seu país. De início, não acreditei no que aconteceu, mas suponho que nem o senhor acreditou.

- É isso mesmo. Ainda estou tentando me acostumar.

- Bem, acredite na experiência de um veterano que ocupa essa posição há seis anos. O senhor nunca vai se acostumar. Vai apenas criar calos nos lugares certos, se é que está me entendendo.

- Sim, Senhor Presidente.

- A razão de meu telefonema é esta: fui informado de que o senhor permanecerá em nosso país por mais algum tempo; portanto, gostaria de convidá-lo a passar uma noite ou duas em minha companhia e de Wilma. O senhor aceita?

- Em Washington?

- Exatamente, aqui na Casa Branca.

- Seria para mim um grande privilégio.

- Indicarei uma pessoa para falar com seus assessores, a fim de fixarmos o dia conveniente, mas acredito que será em breve, uma vez que o Congresso está em sessão, e estou informado de que o senhor será convidado a falar aos parlamentares.

Carpathia meneou a cabeça, e Buck percebeu que ele se emocionou.

- Ficarei muito honrado, senhor.

- E por falar em fatos surpreendentes, seu discurso de hoje e sua entrevista desta noite... bem, foram fenomenais. Será uma honra recebê-lo.

- A honra é mútua, senhor.

Buck estava um pouco menos emocionado que Carpathia e Rosenzweig. Fazia muito tempo que ele deixara de admirar os presidentes dos Estados Unidos, notadamente este, que insistia em ser chamado de Fitz. Buck havia escrito uma matéria sobre Fitzhugh como o Fazedor da Notícia do Ano -, o primeiro trabalho de Buck e a segunda vez que Fitzhugh recebia essa homenagem. Por outro lado, Buck considerava um fato inusitado o presidente ligar para alguém que estava a seu lado naquele momento.

A satisfação pelo telefonema recebido estava estampada no rosto de Carpathia, mas, após desligar, ele mudou rapidamente do assunto.

Buck, quero responder a todas as suas perguntas e proporcionar-lhe o que for necessário para sua matéria. Você tem sido tão bom para Chaim que estou disposto a confiar-lhe um pequeno

segredo, que você poderá chamar de "furo jornalístico". Mas, antes de mais nada, você está em grande dificuldade, meu amigo. E desejo ajudá-lo, se estiver ao meu alcance.

Buck não tinha a menor idéia de como Carpathia ficou sabendo que ele estava em apuro. Então não era preciso nem mesmo contar-lhe o problema para recorrer ao seu auxílio? Isso era bom demais para ser verdade. A questão era a seguinte: o que Carpathia sabia, e o que deveria saber?

O romeno sentou à frente de Buck e fixou-o diretamente nos olhos. Isso deu a Buck uma sensação de paz e segurança tão grande que o fez sentir-se livre para dizer a ele toda a verdade. Tudo, até mesmo que seu amigo Dirk lhe contara que alguém se encontraria com Stonagal e Todd-Cothran, e que, na opinião de Buck, esse alguém era Carpathia.

- Era *eu* mesmo - disse Carpathia. - Mas permita-me que torne isto bem claro. Não estou sabendo de nenhuma conspiração. Nem sequer ouvi falar de tal coisa. O Sr. Stonagal considerou que seria bom para mim um encontro com alguns de seus colegas e homens de influência internacional. Não tenho opinião formada sobre nenhum deles, nem me sinto devedor a eles.

- Vou dizer-lhe uma coisa, Williams. Acredito em sua história. Não o conheço, senão por seu trabalho e sua reputação com pessoas que respeito, como o Dr. Rosenzweig. Mas seu relato tem o timbre da verdade. Fui informado de que você está sendo procurado em Londres pela morte de um agente da Scotland Yard, e que eles têm várias testemunhas que juram ter visto você desviar a

atenção de Tompkins, colocar o artefato explosivo no carro e acionar a explosão do interior da taverna.

- Isso é uma loucura.

- Claro, se for verdade que vocês estavam lamentando a morte de um amigo em comum.

- Era isso exatamente o que estávamos fazendo, Sr. Carpathia. E também tentando descobrir a verdade. Rosenzweig foi novamente atender à porta; em seguida, sussurrou ao ouvido de Carpathia.

- Buck, venha cá - pediu Carpathia, levantando-se e conduzindo-o até a janela, longe de Rosenzweig. -Seu plano de entrar aqui enquanto estava sendo perseguido foi muito engenhoso, mas seu chefe foi identificado e agora eles sabem que você está aqui. Eles pretendem mantê-lo em custódia e extraditá-lo para a Inglaterra.

- Se isso acontecer, e se a teoria de Tompkins estiver correta - disse Buck -, sou um homem morto.

- Você acredita que eles o matarão?

- Eles mataram Burton e Tompkins. Sou muito mais perigoso para eles por ser um jornalista em potencial.

- Se essa trama for como você e seus amigos disseram, Cameron, escrever sobre essa gente, expô-los, não vai proteger você.

- Eu sei. Talvez eu deva fazer isso de qualquer modo. Não vejo outra saída.

- Tenho meios de livrá-lo dessa ameaça.

A mente de Buck começou a girar rapidamente. Era o que ele desejava, mas estava temeroso de

que Carpathia não pudesse agir com rapidez suficiente para evitar que ele caísse nas mãos de Todd-Cothran e Sullivan. Será que Carpathia estava mais ligado a essas pessoas do que Buck supunha?

- Senhor, preciso de sua ajuda. Mas sou um jornalista ; em primeiro lugar. Não posso ser comprado nem aceitar barganhas.

- Oh! claro que não. Eu nunca lhe pediria tal coisa. Permita-me dizer-lhe o que pretendo fazer por você. Vou tomar providências para que as tragédias de Londres sejam reexaminadas e reavaliadas, isentando-o de culpa.

- Como o senhor fará isso?

- Faz alguma diferença, se a história for verdadeira? Buck pensou um instante.

- É verdadeira.

- Claro.

- Mas como o senhor fará isso? O senhor tem demonstrado ser urn homem simples, Sr. Carpathia, urn homem modesto. Como pode interferir no que aconteceu em Londres?

Carpathia suspirou.

- Buck, eu disse a você que seu amigo Dirk estava enganado quanto a uma conspiração. É verdade. Eu não durmo com Todd-Cothran nem com Stonagal ou outros líderes internacionais que tive a honra de conhecer recentemente. Contudo, há decisões importantes e ações iminentes que terão efeitos sobre eles, e é meu privilégio ter voz ativa nesses desdobramentos.

Buck perguntou a Carpathia se ele se importaria em sentarem de novo. Carpathia fez um

sinal a Rosenzweig para que os deixasse a sós por alguns minutos.

- Veja - disse Buck quando se sentaram -, sou jovem, mas adquiri muita experiência. Sinto que estou prestes a descobrir até que ponto o senhor está envolvido nessa história. Se não se tratar de uma conspiração, trata-se de uma ação organizada. Posso concordar e salvar minha vida, ou posso recusar e aí o senhor deixará que eu me aventure sozinho em Londres.

Carpathia levantou um dos braços e balançou a cabeça.

- Buck, permita-me reiterar que estamos falando de política e diplomacia, não de fraude ou desonestidade.

- Estou ouvindo.

- Primeiro - disse Carpathia -, quero falar um pouco sobre meu passado. Acredito no poder do dinheiro.

Você acredita? -Não.

- Você vai acreditar. Fui um homem de negócios acima da média na Romênia, quando ainda freqüentava a escola secundária. Estudei muitas línguas à noite, aquelas que eu precisava conhecer para ser bem-sucedido. Durante o dia, administrava meus negócios de importação-exportação e consegui tornar-me um homem de dinheiro. Mas o que eu entendia por riqueza era insignificante diante do que se poderia fazer com ela. Aprendi do modo mais difícil. Tomei emprestado milhões de um banco europeu e então descobri que alguém daquele banco informou ao meu maior • concorrente o que eu estava fazendo. Fui derrotado nos negócios, tornei-me inadimplente e enfrentei dificuldades.

Então aquele mesmo banco me concedeu um refinanciamento e arruinou meu concorrente. Eu não tinha essa intenção nem queria prejudicar o concorrente. Ele foi usado para que o banco me amarrasse numa transação.

- Esse banco pertencia a um americano influente? Carpathia não respondeu à pergunta.

- O que tive de aprender, em mais de uma década, é quanto dinheiro está lá.

- Lá onde?

- Nos bancos do mundo todo.

- Especialmente os pertencentes a Jonathan Stonagal -insinuou Buck. Carpathia ainda não quis morder a isca.

- Este tipo de capital significa poder.

- É exatamente contra isso que escrevo.

- E é isso que vai salvar sua vida.

- Sim, estou ouvindo.

- Esse é o tipo de dinheiro que atrai a atenção de um homem. Ele se dispõe a fazer concessões por causa do dinheiro. Começa a vislumbrar a possibilidade de que alguém, um homem mais novo, com mais entusiasmo, vigor e idéias novas assuma o poder.

- Foi o que aconteceu na Romênia?

- Buck, não me insulte. O último presidente da Romênia pediu-me espontaneamente que o substituísse, e o apoio para essa mudança foi unânime dentro do governo e quase totalmente favorável no meio do povo. A situação de todos melhorou.

- O último presidente está fora do poder.

- Ele tem uma grande fortuna.

Buck tinha dificuldade para respirar. O que Carpathia estava insinuando? Buck olhou fixo para ele, meio atordoado, incapaz de se mover, incapaz de reagir. Carpathia continuou.

- O secretário-geral Ngumo preside um país que está morrendo de fome. O mundo está pronto para aceitar meu plano de dez membros no Conselho de Segurança. Estas coisas vão caminhar juntas. O secretário-geral deve dedicar seu tempo aos problemas de Botsuana. Com o incentivo adequado, ele será bem-sucedido. Será um homem feliz, próspero, num país de pessoas prósperas. Mas primeiro ele vai apoiar meu plano para o Conselho de Segurança. Os representantes de cada um dos dez membros formarão uma mescla interessante composta de alguns embaixadores atuais e principalmente de pessoas novas com bons suportes financeiros e idéias progressistas.

- O senhor está me dizendo que se tornará secretário-geral da ONU?

- Eu jamais ambicionarei essa posição, mas como poderia recusar tal honra? Quem poderia virar as costas a uma responsabilidade tão grande?

- Que poder o senhor exercerá perante os representantes de cada um dos dez membros permanentes do Conselho de Segurança?

- Minha função será meramente a de líder colaborador. Você conhece conceito? O indivíduo lidera colaborando, e não ditando normas.

- Permita-me arriscar uma suposição ousada - interveio Buck. - Todd-Cothran terá uma função em seu novo Conselho de Segurança.

Carpathia aprumou-se e recostou-se no sofá, como se estivesse vislumbrando uma nova possibilidade.

- Não seria interessante? - perguntou. - Por que não escolhermos um ilustre especialista em finanças, desvinculado da política, cuja sabedoria e visão ampla permitiram que o mundo passasse a utilizar um sistema de três moedas, um homem generoso a ponto de não incluir nesse sistema a moeda de seu país, a libra esterlina? Ele não teria nenhum impedimento para exercer esse cargo. O mundo teria muito a ganhar com ele, você não acha?

- Suponho que sim - disse Buck, sentindo-se deprimido, como se estivesse sucumbindo a olhos vistos. - A menos que... Todd-Cothran estivesse envolvido em um misterioso suicídio, um carro explodido, esse tipo de coisa.

Carpathia sorriu.

- Eu penso que um homem que ocupa uma posição de potencial internacional como aquela desejaria ter a casa limpa exatamente agora.

- E o senhor poderia realizar isso?

- Buck, você está me superestimando. Estou apenas dizendo que, se você estiver certo, posso tentar impedir uma ação visivelmente antiética e ilegal contra um homem inocente -

você. Não consigo ver nada de errado nisso.

Rayford Steele nao conseguiu dormir. Por alguma razão, ele estava novamente dominado pela

angústia e remorso com a perda de sua esposa e seu filho. Ele levantou-se e ajoelhou-se na beira da cama, enterrando o rosto no lençol do lado em que sua esposa costumava dormir. O cansaço, a tensão e a preocupação a respeito de Chloe nos últimos dias tinha sido tão grandes que a terrível perda já não lhe causava tanto sofrimento no coração, na mente e na alma. Ele acreditava firmemente que sua esposa e seu filho estavam no céu e que viver no céu era infinitamente melhor que viver aqui na terra.

Rayford sabia que tinha obtido o perdão divino por ter zombado de sua esposa, por nunca tê-la ouvido, por ter desprezado Deus durante tantos anos. Estava grato por ter-lhe sido dada uma segunda oportunidade e porque agora tinha novos amigos e urn lugar onde estudar a Bíblia. Mas isso não fazia cessar o doloroso vazio em seu coração, o anseio de abraçar sua esposa e seu filho, beijá-los e dizer-lhes o quanto os amou. Ele orou para que aquela angústia diminuísse, mas algo dentro dele desejava e sentia necessidade de que o sofrimento perdurasse.

De certo modo ele se considerava merecedor desse sofrimento, embora já tivesse aprendido um pouco mais. Estava começando a compreender o perdão de Deus, e Bruce lhe havia dito que ele não precisava continuar sentindo vergonha pelos pecados que cometeu.

Enquanto permanecia ajoelhado, orando e chorando, uma nova angústia invadiu todo o seu ser. Ele não via esperança para Chloe. Todas as suas tentativas de sensibilizá-la haviam falhado. Fazia pouco tempo que ela perdera a mãe e o irmão e menos tempo ainda que ele se convertera. O que

mais podia ele dizer ou fazer? Bruce o incentivara a simplesmente orar, mas ele achava que só orar não bastava. Ele oraria, claro, mas sempre havia sido um homem de ação.

Agora, toda ação parecia afastá-la para longe. Ele tinha receio de que, se dissesse ou fizesse qualquer coisa mais, seria responsável pela decisão dela de rejeitar Cristo de uma vez por todas. Rayford nunca se sentira tão frágil e desesperado. Ansiava ter Irene e Raymie a seu lado. Estava desesperado a respeito de Chloe.

Ele ficou orando em silêncio, mas o tormento assomava dentro dele, fazendo-o ouvir o clamor lancinante de sua voz: "Chloe! Oh! Chloe! Chloe!"

Ele chorou amargamente na escuridão silenciosa, repentinamente quebrada por um rangido, parecendo estalos no soalho de madeira, e um leve ruído de passos. Ele voltou-se bruscamente e viu Chloe. A luz fraca e difusa de seu quarto permitiu distinguir a silhueta dela trajando camisola, parada diante da porta. Ele não sabia o que a filha tinha ouvido.

- Você está bem, papai? - perguntou ela com voz branda. -Sim.

- Pesadelo?

- Não. Sinto ter perturbado você.

- Eu também sinto falta deles - disse ela com voz trêmula. Rayford aprumou-se e sentou-se com as costas apoiadas na cabeceira da cama, estendendo os braços em direção à filha. Ela aproximou-se e sentou-se ao lado dele, descansando a cabeça em seu peito, envolta por seu braço.

- Eu creio que algum dia vou vê-los novamente - disse ele.

- Eu sei - disse ela, sem nenhum desrespeito na voz. - Eu sei que você vai vê-los.

DEZESSETE

APÓS alguns minutos, Chloe deu a Rayford indício de que havia ouvido seu choro. - Não se preocupe comigo, papai. Eu vou chegar lá.

Chegar aonde? Estaria ela dizendo que sua decisão era apenas uma questão de tempo ou simplesmente que estava superando sua tristeza? Rayford queria muito dizer-lhe que estava preocupado, mas ela sabia disso. A presença de Chloe ali trouxe-lhe conforto, mas, quando ela retornou a seu quarto, ele sentiu-se de novo desesperadamente só.

Ele não conseguia dormir. Desceu a escada nas pontas dos pés e ligou o televisor novo. De Israel, veio uma notícia muito estranha. A tela mostrava um grupo de pessoas em frente do famoso Muro das Lamentações cercando dois homens que pareciam estar gritando.

"Ninguém conhece os dois homens", disse o repórter que cobria a notícia, "que se referem um ao outro como Eli e Moisés. Eles estão aqui diante do Muro das Lamentações desde antes do alvorecer pregando num estilo que lembra claramente os antigos evangelistas norte-americanos. Como seria de esperar, os judeus ortodoxos estão alvoroçados, acusando-os de profanar o lugar santo ao proclamar que Jesus Cristo do Novo Testamento é o

cumprimento da profecia de um messias, de acordo com a Torá.

"Até aqui, não houve nenhuma violência, embora os ânimos estejam acirrados, e as autoridades acompanham de perto este incidente. A polícia e o Exército israelenses normalmente se mostram relutantes em intervir nesta área, deixando que os fanáticos religiosos resolvam seus problemas neste lugar. Esta é a situação mais explosiva na Terra Santa desde a destruição da força aérea russa, e esta próspera nação tem estado desde esse último episódio preocupada basicamente com as ameaças externas.

"De Jerusalém, Dan Bennett, em reportagem exclusiva."

Se não fosse pelo adiantado da hora, Rayford teria telefonado a Bruce Barnes. Ele sentou-se diante da televisão sentindo-se parte da família de crentes, à qual aparentemente pertenciam aqueles dois homens em Jerusalém. Isto era exatamente o que havia aprendido, que Jesus era o Messias do Velho Testamento. Bruce havia dito a ele e aos demais participantes do núcleo dirigente da Igreja Nova Esperança que surgiriam brevemente 144 mil judeus que creriam em Cristo e começariam a evangelizar pelo mundo. Seriam aqueles os dois primeiros?

A apresentadora-âncora voltou ao noticiário nacional. "Nova York está ainda alvoroçada acompanhando hoje as várias aparições do novo presidente romeno Nicolae Carpathia. O líder de 33 anos causou boa impressão à mídia numa pequena entrevista jornalística esta manhã, seguida de um vigoroso pronunciamento perante a Assembléia Geral da ONU, tendo sido aplaudido de pé por todo

o auditório, inclusive a imprensa. Ao que se anunciou, ele posou numa sessão de fotos para a reportagem de capa da revista *People,* comentando-se que ele será o primeiro Homem Mais Atraente a aparecer na revista menos de um ano após o último indicado.

"Os assessores de Carpathia anunciaram que ele resolveu estender sua programação para incluir pronunciamentos em vários encontros internacionais em Nova York, durante as próximas duas semanas, e que ele foi convidado pelo presidente Fitzhugh a falar numa sessão conjunta do Congresso, bem como passar uma noite na Casa Branca.

"Numa entrevista à imprensa esta tarde, o presidente manifestou seu apoio ao novo líder."

A imagem do presidente ocupou toda a tela. "Nesta hora difícil da história universal, é fundamental que os amantes da paz e da união entre os povos dêem um passo à frente para relembrar-nos que somos parte de uma comunidade global. Qualquer amigo da paz é um amigo dos Estados Unidos, e o Sr. Carpathia é um amigo da paz."

A rede de televisão transmitiu uma pergunta feita ao presidente: "Presidente, o que o senhor acha das idéias de Carpathia para a ONU?"

"Permitam-me apenas dizer isto: Creio que jamais ouvi, dentro ou fora da ONU, uma pessoa mostrar uma total compreensão da história, da organização e da direção daquela casa. Ele cumpriu seu dever e tem um plano. Eu ouvi com atenção. Espero que os respectivos embaixadores e o secretário-geral Ngumo tenham igualmente ouvido.

Ninguém deve entender uma visão nova como uma ameaça. Estou certo de que cada líder no mundo concorda com minha opinião de que precisamos de toda ajuda possível nesta hora."

A apresentadora-âncora continuou: "Ainda de Nova York, chega-nos esta noite a notícia de que um redator do *Semanário Global* foi inocentado de todas as acusações e suspeita na morte de um investigador da Scotland Yard. Cameron Williams, principal redator do *Semanário,* ganhador de vários prêmios, tinha sido dado como vítima na explosão de um carro que tirou a vida do investigador Alan Tompkins, que era lambem um conhecido de Williams.

"Os restos de Tompkins foram identificados, e o passaporte o carteira de identidade de Williams foram encontrados entre os destroços após a explosão. A notícia da morte de Williams foi veiculada pelos jornais de todo o país, mas ele reapareceu em Nova York no final desta tarde e foi visto na entrevista à imprensa na ONU, logo depois do pronunciamento de Nicolae Carpathia.

"No início da noite, Williams foi considerado fugitivo internacional, procurado pela Scotland Yard e pela Interpol para um interrogatório relacionado com a citada morte por explosão. Ambas as agências anunciaram que ele tinha sido isentado de todas as acusações e considerado um homem de sorte por ter escapado ileso. Nas notícias de esportes, as equipes da Liga Principal de Beisebol em treinamento para a temporada enfrentam a assustadora tarefa de substituir numerosos atletas perdidos nos desaparecimentos cósmicos..."

Rayford ainda estava sem sono. Ele preparou um café e, em seguida, telefonou para a linha "24-

horas", que informa os vôos e as designações dos tripulantes. Ele teve uma idéia.

- Pode dizer-me se ainda existe a possibilidade de Hattie Durham ser escalada para meu vôo a JFK quarta-feira? -perguntou.

- Vou ver se posso - foi a resposta. - Deixe-me ver... hã-hã... negativo! Não é possível. Ela já está escalada para Nova York. O vôo dela é às oito da manhã, e o seu, às dez.

Buck Williams tinha retornado ao seu apartamento depois da meia-noite, após ter sido informado por Nicolae Carpathia que suas preocupações haviam terminado. Carpathia tinha telefonado a Jonathan Stonagal, pressionando a tecla viva-voz para permitir que Buck ouvisse a conversa. O mesmo procedimento foi usado por Stonagal ao fazer a ligação no meio da noite para Londres que livrou Williams. Buck ouviu a voz rouca de Todd-Cothran concordando em ligar para a Yard e a Interpol.

- Mas meu pacote está garantido? - perguntou Todd-Cothran.

- Claro - disse Stonagal.

O mais desconcertante para Buck era que Stonagal fez um trabalho sujo, pelo menos neste caso. Buck lançou um olhar acusador a Carpathia, apesar de seu alívio e gratidão.

- Sr. Williams - disse Carpathia -, eu estava confiante de ' que Jonathan poderia dar um jeito nisso, mas sei tanto quanto você sobre os detalhes.

- Mas isto prova que Dirk estava certo! Stonagal *está conspirando* com Todd-Cothran, e o senhor sabia disso! E Stonagal prometeu a ele que

seu pacote estava garantido, seja lá o que for que isso signifique.

- Buck, asseguro-lhe que nada sabia a este respeito até você me dizer. Não tinha nenhum conhecimento prévio.

- Mas agora já sabe. O senhor aceita, em sã consciência, que Stonagal o ajude a promover-se na política internacional?

- Confie em mim, vou tratar das duas coisas.

- Mas deve haver muitos mais! E quanto aos outros pretensos dignitários que o senhor conheceu?

- Buck, esteja certo de que não há nenhum lugar à minha volta para insinceridade e injustiça. Vou cuidar delas no devido tempo.

- E enquanto isso não acontece?

- O que você aconselharia? Aparentemente, não estou em posição de agir neste momento. Eles parecem ter a intenção de projetar-me, mas, antes disso, nada posso fazer, a não ser o que sua mídia chama "colocar a boca no trombone". Até que ponto posso conviver com essa situação, antes de saber aonde chegam os tentáculos dessa gente? Até pouco tempo atrás, você não teria considerado a Scotland Yard um organismo digno de toda a confiança?

Buck acenou com a cabeça concordando, mas sentia-se desprezível.

- Sei o que o senhor quer dizer, mas odeio isso. Eles sabem que o senhor está a par de tudo.

- Isto pode funcionar a meu favor. Eles podem pensar que estou do lado deles, que estou cada vez mais dependente deles.

- E o senhor não está?

- Apenas temporariamente. Você tem minha palavra. Vou tratar disso. Por ora, estou contente de ter livrado você de uma situação delicadíssima.

- Estou contente também, Sr. Carpathia. Há alguma coisa que posso fazer pelo senhor? O romeno sorriu.

- Bem, preciso de um assessor de imprensa.

- Estava receoso de que o senhor dissesse isso. Não sou o homem indicado.

- Claro que não. Eu nem sonharia com tal coisa. E, em tom jocoso, Buck sugeriu:

- O que o senhor acha do homem que encontrou no corredor? Carpathia revelou uma vez mais sua prodigiosa memória.

- Aquele senhor Eric Miller?

- Ele mesmo. O senhor gostaria dele.

- Já pedi a ele que me telefonasse amanhã. Posso dizer-lhe que você o recomendou? Buck meneou a cabeça.

- Eu estava brincando.

Ele contou a Carpathia o que tinha acontecido no saguão do hotel, no elevador e no corredor, antes de Miller apresentar-se. Nicolae não achou graça naquilo.

- Vou quebrar a cabeça e ver se posso indicar outro candidato para o senhor - assegurou Buck. -

Bem, o senhor também me prometeu um furo de reportagem.

- É verdade. É uma informação nova, mas não deve ser anunciada até que eu esteja apto a torná-la realidade.

- Entendo.

- Israel é particularmente vulnerável, como era antes de a Rússia tentar invadi-lo. Eles tiveram sorte aquela vez, mas o restante do mundo inveja sua prosperidade. Precisam de proteção. A ONU pode proporcionar-lhes isso. Em troca da fórmula química que fez o deserto reverdecer, o mundo ficará satisfeito e propenso a garantir-lhes a paz. Se as demais nações se desarmarem e entregarem 10% de seus armamentos à ONU, somente a ONU terá de assinar o acordo de paz com Israel. Seu primeiro-ministro deu ao Dr. Rosenzweig a liberdade de negociar tal acordo, porque ele é o verdadeiro proprietário da fórmula. Eles estão, naturalmente, insistindo nas garantias de proteção durante, no mínimo, sete anos. Buck sentou-se abanando a cabeça.

- O senhor vai ganhar o "Prêmio Nobel da Paz", o título de "Homem do Ano", da revista *Time,* e o nosso "Fazedor da Notícia do Ano".

- Estas certamente não são minhas metas.

Buck despediu-se de Carpathia acreditando tanto nessas palavras como jamais acreditara em qualquer outra coisa. Aqui estava um homem desvinculado do dinheiro que podia comprar homens de posição inferior.

Em seu apartamento, Buck encontrou outro recado de Hattie Durham. Ele tinha de telefonar para a garota. Bruce Barnes convocou o núcleo

dirigente para uma reunião de emergência na Igreja Nova Esperança na terça-feira à tarde. Rayford foi até lá, esperando que isso valesse seu tempo e que Chloe não se importasse de ficar em casa sozinha. Os dois estavam traumatizados desde o assalto.

Bruce reuniu todos em redor de sua mesa no escritório. Pediu em oração que ele fosse lúcido e objetivo, a despeito de sua agitação, e em seguida pediu que todos abrissem a Bíblia no livro de Apocalipse.

Os olhos de Bruce estavam brilhantes, e sua voz revelava a mesma paixão e emoção de quando ligara para convocar a reunião. Rayford estava curioso por saber o que o havia entusiasmado tanto. Tinha perguntado a Bruce por telefone, mas ele insistiu que ia contar-lhes pessoalmente.

- Não quero retê-los aqui por muito tempo - disse ele -, mas descobri algo muito importante que desejo transmitir a vocês. Quero que todos sejam cautelosos, agindo com a prudência das serpentes e a simplicidade das pombas, como ensina a Bíblia.

- Como vocês sabem, venho estudando o Apocalipse e lendo vários comentários sobre os eventos dos últimos dias. Bem, encontrei hoje nos arquivos do pastor um de seus sermões sobre o tema. Estive lendo a Bíblia e os livros que tratam do assunto, e eis o que descobri.

Bruce levantou a primeira folha de um bloco e mostrou uma escala de datas e respectivos eventos que ele havia anotado.

- Vou separar um tempo nas próximas semanas para doutriná-los criteriosamente, mas pareceu-me, e a muitas pessoas versadas no assunto que viveram antes de nós, que este período

da história que estamos atravessando vai durar sete anos. Os primeiros 21 meses abrangem o que a Bíblia chama de os sete Julgamentos Selados, ou os Julgamentos do Livro Selado com Sete Selos. Em seguida, vem outro período de 21 meses, no qual veremos os sete Julgamentos das Trombetas. Nos últimos 42 meses destes sete anos de tribulação, se permanecermos vivos, sofreremos as provações mais severas, os sete Julgamentos das Taças. Esta última metade dos sete anos é chamada a Grande Tribulação. Se permanecermos vivos até o seu final, seremos recompensados pela visão do Aparecimento Glorioso de Cristo.

Loretta levantou a mão.

- Por que você mencionou duas vezes a expressão "se permanecermos vivos"? Que são esses julgamentos?

- Eles se tornarão progressivamente piores, e, se eu estiver lendo corretamente, serão cada vez mais difíceis de suportar. Se morrermos, estaremos no céu com Cristo e com nossos amados familiares, irmãos e amigos que abraçaram a salvação.

Mas poderemos sofrer mortes horríveis. Se, por acaso, atravessarmos esses sete anos de provação, especialmente a segunda metade, o Aparecimento Glorioso será para nós ainda mais glorioso. Cristo voltará para estabelecer seu reino de mil anos na terra.

- O Milênio.

- Exatamente. Bem, temos bastante tempo pela frente e, naturalmente, podemos estar apenas no início do primeiro período de 21 meses. Repetindo: se eu estiver lendo corretamente, o

anticristo brevemente chegará ao poder, prometendo paz e tentando unir o mundo.

- O que há de errado em unir o mundo? - perguntou alguém. - Num tempo como este, parece que precisamos nos aproximar.

- Pode não haver nada de errado em tentar unir o mundo, exceto que o anticristo será um grande enganador, e, quando seus verdadeiros propósitos forem revelados, ele sofrerá oposição. Isso causará uma grande guerra, provavelmente a Terceira Guerra Mundial.

- Daqui a quanto tempo?

- Receio que seja logo. Precisamos observar com atenção o novo líder mundial.

- O que você acha do jovem da Europa que é tão popular nos Estados Unidos?

- Estou impressionado com ele - respondeu Bruce. - Terei de ser cauteloso e estudar o que ele diz e faz. Ele parece muito humilde e retraído para enquadrar-se nas características daquele que vai dominar o mundo.

- Mas estamos no momento certo para que alguém faça exatamente isso - comentou um dos participantes mais idosos. - Pessoalmente, gostaria que esse indivíduo fosse nosso presidente.

Vários outros concordaram.

- Precisamos estar de olho nele - acrescentou Bruce. - Mas, por ora, permitam-me apenas resumir brevemente o Livro Selado com Sete Selos de Apocalipse 5, e em seguida poderão ir. Por um lado, não pretendo transmitir a vocês uma sensação de medo, mas todos sabemos que estamos ainda aqui porque negligenciamos a salvação antes do

Arrebatamento. Sei que estamos todos gratos por termos uma segunda oportunidade, mas não podemos evitar as provações que virão.

Bruce explicou que os primeiros quatro selos do livro foram apresentados como homens sobre quatro cavalos: um cavalo branco, um vermelho, urn preto e um amarelo.

- O cavaleiro do cavalo branco é aparentemente o anticristo, que inicia com urn a três meses de diplomacia enquanto se organiza e promete paz. O cavalo vermelho significa guerra. O anticristo terá a oposição de três governantes do Sul, e milhões serão mortos.

- Na Terceira Guerra Mundial?

- Esta é minha suposição.

- E isso ocorreria dentro dos próximos seis meses.

- Penso que sim. E imediatamente depois desse período, que terá lugar somente por três a seis meses por causa do arsenal disponível de armas nucleares, a Bíblia prediz inflação e fome -o cavalo preto. Enquanto o rico aumenta sua riqueza, o pobre morre de fome. Outros milhões morrerão nessas condições.

- Assim, se sobrevivermos à guerra, precisaremos estocar alimento? Bruce assentiu com a cabeça.

- Eu estocaria.

- Devemos trabalhar juntos.

- Boa idéia, porque as coisas vão piorar. Essa fome mortal pode perdurar por um tempo curto, como dois ou três meses antes da chegada do

quarto Selo do Julgamento, o quarto cavaleiro montado num cavalo amarelo — símbolo da morte. Além da fome após a guerra, uma praga se espalhará pelo mundo inteiro. Antes do quinto Selo do Julgamento, um quarto da atual população mundial terá sido morta.

- Qual é o quinto Selo do Julgamento?

- Bem - disse Bruce -, você o reconhecerá porque já falamos dele antes. Lembram-se de eu ter falado de 144 mil testemunhas judaicas que tentariam evangelizar o mundo, ganhando pessoas para Cristo? Muitos de seus convertidos, talvez milhões, serão martirizados pelo líder mundial e pela prostituta, que é o nome dado à religião mundial que nega a pessoa de Cristo.

Rayford anotava tudo pressurosamente. Ele se recordava de que três semanas antes considerava tais pensamentos uma insensatez. Como podia ter perdido isso? Deus havia tentado advertir seu povo colocando sua Palavra por escrito durante séculos. Apesar de toda sua educação e inteligência, ele reconhecia ter sido um tolo. Agora ele não tinha condição de assimilar todas aquelas informações, mas tornava-se cada vez mais claro que haveria muito sofrimento para quem sobrevivesse até o Aparecimento Glorioso de Cristo.

- O sexto Selo do Julgamento - continuou Bruce - é o ato de Deus derramando sua ira contra os que martirizaram seus santos. Isto virá em forma de um tremor de terra mundial tão devastador que nem os mais aperfeiçoados aparelhos serão capazes de medi-lo. Essa hecatombe será tão terrível que as pessoas rogarão que as pedras caiam sobre elas para cessar seu sofrimento. Vários dos presentes começaram a chorar.

- O sétimo selo - continuou Bruce - anuncia os Julgamentos das Trombetas, que terá lugar na segunda quarta parte deste período de sete anos.

- O segundo período de 21 meses - esclareceu Rayford.

- Exatamente. Não desejo falar desse período esta noite, mas quero adverti-los que ele será progressivamente pior. Gostaria de prover-lhes um pequeno estímulo. Vocês estão lembrados de que falamos brevemente de duas testemunhas, e eu disse que estudaria isso com mais cuidado? Apocalipse

11.3-14 esclarece que as duas testemunhas especiais de Deus, tom poder sobrenatural para operar milagres, profetizarão durante 1.260 dias, vestidas de pano de saco. Quaisquer pessoas que tentarem causar-lhes danos serão devoradas pelo fogo que sai de suas bocas. Nenhuma chuva cairá durante o tempo em que profetizarem. Elas terão poder para transformar água em sangue e promover o aparecimento de pragas, tantas vezes quanto quiserem.

- Satanás as matará no fim de três anos e meio, e seus corpos ficarão estendidos na rua da cidade em que Cristo foi crucificado. As pessoas que elas atormentaram celebrarão suas mortes, não permitindo que seus corpos sejam sepultados. Mas, depois de três dias e meio, se levantarão dentre os mortos e subirão ao céu numa nuvem, enquanto seus inimigos ficarão observando. Deus enviará outro grande terremoto, um décimo da cidade cairá, e sete mil pessoas morrerão. As restantes ficarão aterrorizadas e darão glória a Deus.

Rayford lançou um olhar em volta do escritório e viu as pessoas murmurando umas às outras. Todos eles tinham visto a notícia de dois homens "maníacos" pregando a respeito de Jesus no Muro das Lamentações, em Jerusalém.

- São eles? - alguém perguntou.

- Quem mais poderia ser? - disse Bruce. - Não chove em Jerusalém desde os desaparecimentos. Não se sabe de onde esses homens vieram. Eles têm o poder miraculoso de santos como Elias e Moisés, e chamam um ao outro de Eli e Moisés. Neste momento, os homens ainda estão pregando.

- As testemunhas.

- Sim, as testemunhas. Se qualquer um de nós ainda abrigava quaisquer dúvidas ou temores, ou sentia-se inseguro sobre o que está acontecendo, essas testemunhas devem acalmá-lo totalmente. Creio que essas testemunhas verão centenas de milhares de convertidos, os 144 mil, que anunciarão Cristo ao mundo. Estamos do seu lado. Temos de fazer nossa parte.

Buck localizou Hattie Durham em casa na terça-feira à noite.

- Então, você está vindo a Nova York? - perguntou ele.

- Sim, e adoraria ver você e talvez ter um encontro com uma pessoa muito importante.

- Você está dizendo um outro além de mim?

- Umbonitão - disse ela. - Você já esteve com Nicolae Carpathia? -Claro.

- Eu sabia! Conversei com alguém outro dia e disse-lhe que gostaria de encontrar esse homem.

- Não prometo nada, mas vou ver o que posso fazer. Onde podemos nos encontrar?

- Meu vôo chega por volta das 11, e tenho um compromisso às 13 horas no Clube da Pan-Continental. Mas, se não retornar em tempo para esse compromisso, não há problema. Só vou retornar a Chicago na manhã seguinte, e nem mesmo garanti ao cara que o encontraria às 13 horas.

- Outro cara? - perguntou Buck. - Você tem um fim de semana bem agitado.

- Não é nada disso - respondeu Hattie. - É um piloto que quer conversar comigo sobre alguma coisa, e não estou certa de que tenho interesse em ouvir. Se eu voltar e tiver tempo, muito bem. Mas não me comprometi com ele. Por que não nos encontramos no clube e vemos aonde podemos ir depois?

- Vou tentar marcar um encontro com Mr. Carpathia, provavelmente em seu hotel.

Já era tarde na terça-feira à noite quando Chloe mudou de idéia e concordou em ir a Nova York com seu pai.

- Posso perceber que você não está preparado para sair sem mim - disse ela, abraçando-o e sorrindo. -Fico contente por ser necessária.

- A bem da verdade - disse ele - vou insistir num encontro com Hattie e gostaria que você estivesse presente.

- Para proteção dela ou sua?

- Não estou achando graça. Deixei um recado insistindo em que ela me encontre no Clube Pan-Continental, no aeroporto Kennedy, às 13 horas. Se

ela vai ou não, não sei. De qualquer modo, você e eu teremos algum tempo juntos.

- Papai, tempo juntos é tudo o que temos tido. Acho que você já deve estar cansado de mim a esta altura.

- Isso nunca vai acontecer, Chloe.

Logo cedo na quarta-feira, Buck foi convocado a comparecer ao escritório de Stanton Bailey, redator-chefe do *Semanário Global.* Em todos os seus anos de trabalhos premiados, ele tinha estado lá apenas duas vezes. Uma vez, para celebrar seu prêmio Hemingway como correspondente de guerra; outra vez, por ocasião do Natal, quando ganhou uma excursão como prêmio.

Buck passou antes na sala de Steve para vê-lo, quando soube por Marge que ele já estava com o redator-chefe. Seus olhos estavam vermelhos e inchados.

- O que está acontecendo? - perguntou ele.

- Você sabe que não posso comentar nada - disse Marge. - Apenas vá até lá.

A imaginação de Buck ia de um pólo a outro quando chegou ao vestíbulo que dava para o conjunto de salas da diretoria. Ele não havia sido informado de que Plank também tinha sido convocado. O que significava aquilo? Estariam os dois em dificuldade por causa daquela trapaça em que se meteram segunda-feira à noite? O Sr. Bailey teria de algum modo descoberto detalhes do negócio em Londres e como Buck tinha escapado? E naturalmente esperava que essa reunião terminasse em tempo para seu encontro com Hattie Durham.

A recepcionista de Bailey indicou-lhe a entrada para a sala, onde a secretária ergueu ligeiramente a cabeça franzindo a testa e indicou-lhe a porta.

- Você não vai me anunciar? - brincou ele. Ela sorriu afetadamente e voltou ao seu trabalho.

Buck bateu delicadamente e abriu a porta devagar. Plank estava sentado de costas para Buck e não se mexeu. Bailey não se levantou, mas acenou indicando-lhe a cadeira.

- Sente-se ali ao lado de seu chefe - disse Bailey, o que Buck interpretou como uma interessante escolha de palavras. Evidentemente, Steve era seu chefe, mas não costumava exigir que o chamassem dessa forma.

Buck sentou-se e disse:

- Eu o chamo de Steve.

Steve inclinou ligeiramente a cabeça em resposta e continuou olhando para Bailey.

- Duas coisas, Williams - começou Bailey, -, antes de tratarmos de negócios. Você está isento de qualquer coisa que aconteceu no exterior, certo?

Buck concordou com a cabeça e disse:

- Sim, senhor. Não deveria haver nenhuma dúvida.

- Bem, certamente não deveria, mas você teve sorte. Suponho que foi muita esperteza sua dar a entender que a pessoa que o perseguia conseguiu pegá-lo, mas você também nos enganou por algum tempo, como já sabe.

- Sinto muito. Não havia outra maneira.

- E você se livrou do acidente, dando a eles munição para usar contra você, se quisessem incriminá-lo por alguma razão.

- Eu sei. Isso me causou surpresa.

- Mas conseguiu que alguém cuidasse disso.

- Certo.

- Como? -Perdão, senhor...

- Que parte do "como" você não entendeu? Como você se livrou disso? Temos informação de que houve testemunhas que disseram que você era culpado. - Deve ter havido outros que sabiam a verdade. Tompkins era meu amigo. Eu não tinha nenhum motivo para matá-lo, mesmo que tivesse, não teria meios. Nunca tive a menor idéia de como montar uma bomba nem de como transportá-la ou detoná-la.

- Você deve ter pago alguém para fazer isso.

- Mas não paguei. Não ando nesses círculos e, se andasse, não teria mandado alguém matar.

- Bem, a cobertura da imprensa é um tanto vaga e não nos compromete. Diz apenas que houve um mal-entendido.

- Foi realmente isso.

- Claro que foi. Cameron, quis vê-lo esta manhã porque acabo de aceitar um dos mais desagradáveis pedidos de demissão que já recebi.

Buck ficou em silêncio, com a cabeça girando.

- Steve me disse que será uma novidade para você; portanto, vou direto ao assunto. Ele está se demitindo para aceitar o cargo de assessor internacional de imprensa de Nicolae Carpathia. Recebeu uma proposta que não podemos nem de

longe cobrir, e, embora eu não ache prudente ou conveniente, ele acha que sim, e a vida é dele. O que você acha disso? Buck não conseguiu se conter.

- Acho isso uma droga. Steve, aonde você quer chegar? Vai se mudar para a Romênia?

- Meu centro de operação vai ser aqui, Buck. No Plaza.

- Beleza. Steve, esse cargo não serve para você. Você não é um relações-públicas.

- Carpathia não é um líder político comum. Diga-me se não esteve aos pés dele, badalando-o, na segunda-feira.

-Estive, mas...

- Mas coisa nenhuma. Esta é a oportunidade de toda uma vida. Buck meneou a cabeça.

- Não posso acreditar. Sabia que Carpathia estava procurando alguém, mas... Steve riu.

- Diga a verdade, Buck. Ele ofereceu a posição primeiro a você, não foi? -Não.

- Ele me disse que sim.

- Bem, ele não me convidou. Na realidade, recomendei Miller, do *Mensário Beira-Mar.* Plank encolheu-se e olhou rapidamente para Bailey.

- É verdade?

- Sim, por que não? Ele faz mais o tipo.

- Buck - esclareceu Steve -, o corpo de Eric Miller desapareceu na Staten Island ontem à noite. Ele caiu da balsa durante a travessia e se afogou.

- Bem - disse Bailey sumariamente -, chega de notícias desagradáveis. Steve recomendou você para substituí-lo.

Buck ainda estava tentando absorver a notícia sobre Miller, mas ouviu a proposta.

- Oh! por favor - disse -, o senhor não está falando sério.

- Você não deseja ocupar esse cargo? - perguntou Bailey. -Moldar a revista, determinar a cobertura, continuar escrevendo suas grandes reportagens? Claro que sim. Nessa posição, seu salário será quase dobrado, e, se isto é o que pode fazê-lo concordar, eu lhe garanto.

- Não é isso - disse Buck. - Sou muito jovem para preencher essa função agora.

- Se você acreditasse nisso, não seria tão bom em sua função atual.

- Sim, mas este é o sentimento da equipe.

- O que há com essa gente? - bradou Bailey. - Eles acham que sou muito velho e que Steve é complacente. Outros acham que ele é muito exigente. Esse pessoal reclamaria até mesmo de um santo.

Você me entende. Então, como ficamos?

- Eu nunca poderia substituir Steve, senhor. Sinto muito. O pessoal pode ter se queixado, mas sabia que ele era o homem certo nessa posição.

- E assim seria você.

- Mas eles nunca me dariam apoio. Estariam aqui me solapando e se queixando desde o primeiro dia.

- Eu não permitiria isso. Agora, Buck, esta proposta não vai ficar sobre a mesa indefinidamente. Quero que você aceite para que eu possa fazer a comunicação imediatamente.

Buck encolheu os ombros e olhou para o chão.

- Posso ter um dia para pensar?

- Vinte e quatro horas. Nesse ínterim, não diga uma só palavra a quem quer que seja. Plank, alguém mais sabe sobre você?

- Somente Marge.

- Podemos confiar nela. Ela jamais dirá uma palavra. Tivemos um caso durante três anos, e ela nunca abriu a boca.

Steve e Buck pareciam perplexos.

- Bem - disse Bailey -, vocês nunca souberam de nada, certo?

- Não - responderam em uníssono.

- Viram como ela é urn "túmulo"? - disse Bailey, aguardando a reação dos dois. - Estou brincando, rapazes. Estou brincando!

E ficou rindo enquanto eles saíam do escritório.

DEZOITO

BUCK acompanhou Steve a sua sala.

- Você ouviu a notícia sobre aqueles dois malucos no Muro, das Lamentações? - perguntou Steve.

- Não estou interessado nessa história - retrucou Buck. - Sim, ouvi, e não quero trabalhar nessa reportagem. O que isso representa?

- Esta será sua função, Buck. Marge será sua secretária.

- Você não pode pensar que eu queira seu lugar. De início, não posso dar-me ao luxo de perder você, a única pessoa aqui com a cabeça no lugar.

- Incluindo você?

- Incluindo eu, principalmente. Você deve ter interferido na escolha de Bailey, para que ele pense que sou alguma coisa alem de um barril de pólvora em sua equipe.

- *Sua* equipe.

- Você acha que devo substituí-lo.

- Não tenho dúvida. Não sugeri ninguém mais, e Bailey não tinha outros candidatos.

- Ele teria os candidatos que quisesse, se apenas anunciasse a vaga. Quem não desejaria essa posição, exceto eu?

- Se é uma posição invejável, por que você não quer?

- Eu teria a sensação de estar sentado numa cadeira que é sua.

- Então peça a sua própria cadeira.

- Você sabe o que quero dizer, Steve. Não serei o mesmo sem você. Não sou o homem para o cargo.

- Olhe a coisa por este lado, Buck. Se você não aceitar, não terá nenhuma idéia de quem vai ser seu novo chefe. Há alguém nesta equipe com quem você desejaria trabalhar?

- Sim, você.

- Impossível. Vou ficar aqui até amanhã. Agora, falando sério, você gostaria de ter Juan como chefe?

- Você não o recomendaria.

- Não vou recomendar ninguém além de você. Bem, se você não aceitar o cargo, vai selar seu destino. Vai acabar trabalhando para um colega que tem ressentimentos a seu respeito. Quantos trabalhos "quentes" você acha que ele vai atribuir a você?

- Se eu for perseguido, vou ameaçar ir para a *Time* ou para outro lugar. Bailey não permitiria que isso acontecesse.

- Se você recusar uma promoção, ele até pode fazer que isso aconteça. Dar as costas ao progresso não é um bom sinal em qualquer carreira.

- Eu apenas quero escrever.

- Diga-me sinceramente quantas vezes você pensou em chefiar este departamento editorial melhor do que eu.

- Muitas.

- Pois aqui está sua chance.

- Bailey jamais iria tolerar que eu designasse a mim mesmo para as melhores reportagens.

- Faça disso uma condição para aceitar. Se ele não gostar, a decisão será dele, não sua.

Pela primeira vez, Buck permitiu que uma réstia de luz entrasse em sua mente no tocante à possibilidade de ocupar o posto de editor-executivo.

- Ainda não consigo acreditar que você vai nos deixar para ser um assessor de imprensa, Steve. Mesmo que seja para • trabalhar com Nicolae Carpathia.

- Você sabe o que está reservado para ele, Buck?

- Um pouco.

- Há um oceano de poder, influência e dinheiro atrás dele, que vai colocá-lo no mais elevado posto mundial de poder tão rapidamente que fará a cabeça de muita gente girar.

- Ouça o que diz seu coração. Você nasceu para ser jornalista.

- Já ouvi, Buck. Eu não aceitaria trabalhar como assessor de imprensa nem para o presidente dos Estados Unidos nem para o secretário-geral da ONU.

- Você acha que ele vai ser maior do que todos.

- O mundo está pronto para Carpathia, Buck. Você esteve lá segunda-feira. Você viu. Você ouviu. Alguma vez conheceu alguém como ele?

-Não.

- E jamais conhecerá outro igual. Se você me perguntasse, eu diria que a Romênia é muito pequena para ele. A Europa é muito pequena para ele. A ONU é muito pequena para ele.

- O que ele vai ser, Steve, rei do mundo? Steve riu.

- Este não será o título, mas não o menospreze. A melhor parte de tudo é que ele não está consciente de seu potencial. Ele não está à procura dessas funções. Elas foram oferecidas por causa de seu intelecto, seu poder, sua paixão.

- Você sabe, naturalmente, que Stonagal está por trás dele.

- Sei, claro. Mas ele brevemente vai suplantar Stonagal em influência por causa de seu carisma. Stonagal não pode aparecer muito, por isso nunca

terá as massas atrás dele. Quando Nicolae chegar ao poder, ele terá, em essência, jurisdição sobre Stonagal.

- Não seria sensacional?

- Sei que vai acontecer mais cedo do que alguém pode imaginar, Buck.

- Exceto você, naturalmente.

- É exatamente o que sinto. Você sabe que sempre tive bons instintos. Estou certo de estar assistindo de perto a uma das maiores ascensões ao poder da história da humanidade. Talvez a *maior* de todas. E estarei lá ajudando a acontecer.

- O que você acha dos *meus* instintos, Steve? Steve apertou os lábios.

- Além de suas redações e reportagens, seus instintos são os que mais ambiciono.

- Então fique tranqüilo. Meu sentimento, em essência, é o mesmo que o seu. E, embora não possa jamais ser assessor de imprensa de qualquer pessoa, chego a invejá-lo. Você está em posição privilegiada para desfrutar pelo resto da vida.

Steve sorriu.

- Vamos manter contato. Você sempre terá acesso, a mim e a Nicolae.

- Não posso pretender mais do que isso.

Marge interrompeu pelo interfone, sem antes dar o sinal.

- Ligue sua TV agora, Steve, ou a TV de outra pessoa. Steve sorriu para Buck e ligou na estação mais importante.

Ela estava transmitindo ao vivo de Jerusalém, onde dois homens tentaram atacar os pregadores no Muro das Lamentações. O repórter Dan Bennett aparecia na tela.

"Foi uma confrontação muito feia e perigosa para aqueles dois que estão sendo chamados de profetas hereges, conhecidos como Moisés e Eli", relatou Bennett. "Sabemos seus nomes porque eles se referem um ao outro desta forma, mas não tivemos condições de localizar alguém que saiba alguma coisa mais sobre eles. Não conhecemos seus sobrenomes, nem suas cidades de origem, nem familiares ou amigos. Eles falam um de cada vez - ou pregam, como vocês preferirem - durante horas, continuando a afirmar que Jesus Cristo é o Messias. Eles proclamam repetidamente que os desaparecimentos ocorridos em todo o mundo na última semana, incluindo muitos aqui em Israel, evidenciam o Arrebatamento da Igreja de Cristo.

"Um entrevistador perguntou-lhes por que eles não tinham desaparecido, se sabiam tanto. Um deles, Moisés, respondeu, e vou repetir aqui: 'De onde viemos e para onde vamos, vocês não podem saber.' Seu companheiro, afirmou: 'Na casa de meu Pai há muitas morada, aparentemente uma citação atribuída a Cristo no Novo Testamento."

Steve e Buck trocaram olhares.

"Cercados pelos zelotes, ou fanáticos, na maior parte do dia, os pregadores foram finalmente atacados há poucos momentos por dois homens de aproximadamente 25 anos. Observe a gravação à medida que nossas câmeras focalizavam a ação. Vocês podem vê-los atrás da multidão, tentando abrir caminho. Ambos estão usando vestes longas com capuzes e barba. Vocês podem ver que eles

exibem armas à medida que surgem no meio da multidão.

"Um deles tem uma arma automática, como uma metralhadora curta, e o outro, um sabre-baioneta, que parece ler sido tirada de um rifle militar israelense. O que está portando o sabre-baioneta coloca-se à frente, exibindo sua arma para Moisés. Eli, atrás de Moisés, dobra imediatamente os joelhos, o rosto voltado para o céu. Moisés pára de falar e simplesmente olha para o homem, que parece drogado. Ele fica estendido no solo enquanto o homem com a metralhadora aponta a arma para os pregadores e parece acionar o gatilho.

"Não houve nenhum som de tiro quando a metralhadora foi acionada, e o agressor parece tropeçar em seu parceiro, ficando ambos inertes no chão. O grupo de espectadores afastou-se e correu para abrigar-se, mas olhem de novo com atenção enquanto voltamos as imagens. Aquele que está com a metralhadora parece ter caído espontaneamente, sem nenhuma ação visível.

"Enquanto falamos, os dois agressores estão estendidos aos pés dos pregadores, que continuam a pregar. Espectadores ' irados exigem que os agressores sejam socorridos, e Moisés está falando em hebraico. Vamos ouvir e traduzir simultaneamente enquanto prosseguimos.

"Ele está dizendo: 'Homens de Sião, carreguem seus mortos! Removam de nossa frente estes chacais que não têm poder sobre nós!'

"Uns poucos da multidão se aproximam com esse propósito, enquanto os soldados israelenses se ajuntam na entrada que dá acesso ao Muro. Os

zelotes acenam a eles para que se afastem. Eli está falando:

'Vocês que ajudam os caídos não correm perigo, a menos que se oponham aos ungidos do Altíssimo, referindo-se aparentemente a si mesmo e ao seu companheiro. Os agressores estendidos no chão estão sendo virados de costas, e os que os socorrem estão chorando, gritando e afastando-se. 'Mortos! Ambos estão mortos!, exclamam eles, e agora a multidão parece desejar que os soldados entrem no recinto. Eles estão abrindo espaço para que os soldados avancem. Os soldados estão, naturalmente, fortemente armados. Se vão tentar prender os estranhos, não sabemos, mas, pelo que vimos, os dois pregadores nem atacaram nem se defenderam contra os homens estendidos no chão.

"Moisés está novamente falando: 'Levem daqui seus mortos, mas não se aproximem de nós, diz o Senhor Deus dos Exércitos!' Isto ele disse com tal sonoridade e autoridade que os soldados rapidamente levaram os corpos embora. Voltaremos a dar qualquer notícia sobre os dois homens que tentaram atacar os pregadores aqui no Muro das Lamentações, em Jerusalém. Neste momento, os pregadores continuam proclamando em voz alta: 'Jesus de Nazaré, nascido em Belém, Rei dos Judeus, o escolhido, regente de todas as nações.'

"De Israel, falou Dan Bennet."

Marge e mais alguns funcionários foram até a sala de Steve durante a transmissão.

- Que dupla de doidos! - comentou alguém.

- Qual das duplas? - perguntou Buck. - Você não vai dizer que os pregadores, quem quer que eles sejam, não os advertiram.

- O que está acontecendo por lá? - outro perguntou.

- Tudo o que sei - disse Buck - é que ali acontecem coisas que ninguém pode explicar. Steve ergueu as sobrancelhas.

- Se você acredita no parto virginal de Maria, sabe que o que acabou de dizer é uma realidade há muitos séculos.

Buck levantou-se.

- Tenho de ir até o aeroporto Kennedy - disse.

- O que você vai decidir a respeito do convite para a nova função?

- Tenho 24 horas, lembra-se?

- Não use todo esse tempo. Se você responder muito depressa, vai parecer ansioso; se demorar, indeciso.

Buck sabia que Steve estava com a razão. Ele teria de aceitar a promoção para proteger-se de outros pretendentes. Não queria ficar obcecado com isso o dia inteiro. Buck estava contente pela distração reconfortante de rever Hattie Durham. Sua única dúvida agora era se poderia reconhecê-la. Eles se conheceram sob circunstâncias extremamente traumáticas.

Rayford e Chloe chegaram a Nova York poucos minutos depois do meio-dia de quarta-feira e foram diretamente ao Clube Pan-Continental para esperar por Hattie Durham.

- Estou apostando que ela não vai aparecer - disse Chloe.

- Por quê?

- Porque, no lugar dela, eu não apareceria.

- Você não é ela, graças a Deus.

- Oh! não a diminua, papai. O que faz você sentir-se melhor que os outros?

Rayford sentia-se horrível. Chloe estava certa. Por que deveria ele desvalorizar Hattie simplesmente por ela às vezes parecer incompreensível? Isso não o aborrecia quando ele a via somente como um passatempo físico. E agora, só pelo fato de ela ter sido grosseira ao telefone e nunca ter confirmado seu último convite para se encontrarem hoje, ele a tinha qualificado como menos desejável ou menos digna.

- Não me sinto melhor que ninguém - admitiu ele. - Mas por que você não apareceria, se fosse ela?

- Porque eu teria idéia do que você faria. Você irá dizer-lhe que não tem mais os mesmos sentimentos por ela, mas que agora se preocupa com a alma dela.

- Você está fazendo com que isso pareça trivial.

- Por que deveria impressioná-la dizendo que se preocupa com sua alma, quando ela pensa que você costumava interessar-se por ela como pessoa?

- É exatamente isto, Chloe. Nunca estive interessado nela como pessoa.

- Ela não sabe disso. Pelo fato de você ter sido tão sério e cuidadoso, ela achava que você era melhor do que a maioria dos homens, que simplesmente seriam mais objetivos e agressivos. Estou certa de que ela se sente desconfortável a respeito de mamãe e, provavelmente, compreende que você está psicologicamente impedido de começar um novo relacionamento. Mas

você não pode estragar o dia dessa moça atribuindo-lhe qualquer culpa.

- Mas, de qualquer modo, foi culpa dela.

- Não, não foi, papai. Ela estava disponível, e você não, apesar de ter sinalizado que era um homem livre. Neste tipo de jogo, hoje em dia, ambos têm chances iguais.

Ele meneou a cabeça.

- Talvez seja esta a razão por que nunca fui bom nesse jogo.

- Estou contente, pela memória de mamãe, por você nunca ter sido.

- Então, você acha que não devo deixá-la ressentida como está, ou falar com ela sobre Deus?

- Você já a deixou ressentida, papai. Ela imaginou o que você ia dizer, e você o confirmou. É por este motivo que digo que ela não virá. Ela ainda está magoada. Provavelmente furiosa.

- Oh! ela estava furiosa, tem razão.

- Então o que faz você pensar que ela vai aceitar sua conversa fiada sobre o céu?

- Não é conversa fiada! De qualquer modo, isso não prova que agora me preocupo com ela de um modo genuíno e decente?

Chloe levantou-se para pegar um refrigerante. Quando voltou e sentou-se mais perto do pai, ela colocou a mão em seu ombro.

- Não quero parecer uma sabichona - disse ela. - Sei que você tem mais que o dobro da minha idade, mas permita-me dar-lhe uma idéia de como uma mulher pensa, especialmente uma como Hattie. Está bem?

- Sou todo ouvidos.

- Ela tem algum antecedente religioso?

- Creio que não.

- Você nunca lhe perguntou? Ela nunca disse?

- Nenhum de nós jamais deu atenção a esse assunto.

- Você nunca se queixou a ela da obsessão de mamãe, como você às vezes fazia comigo?

- Sim, cheguei a pensar nessa possibilidade. Naturalmente, estava tentando usar isso para provar que sua mãe e eu não estávamos nos entendendo.

- Mas Hattie não disse alguma coisa sobre suas idéias a respeito de Deus? Rayford procurava se lembrar.

- Você sabe, acho que ela disse alguma coisa como se estivesse apoiando as idéias de Irene ou se simpatizando com elas.

- Isto faz sentido. Mesmo que tivesse desejado ficar entre vocês dois, ela queria estar segura de que você é quem ergueria uma parede entre você e mamãe, não ela.

- Não estou entendendo.

- De qualquer modo, este não é o ponto aonde quero chegar. O que estou querendo dizer é que você não pode esperar que alguém que nem sequer freqüenta igreja seja receptiva acerca do céu e de Deus. Eu estou encontrando dificuldade de lidar com esse assunto, apesar de amar você e saber que ele se tornou a coisa mais importante de sua vida. Você não pode pretender que ela tenha qualquer

interesse, especialmente se isso for interpretado por ela como uma espécie de prêmio de consolação.

-Por?

- Por perder sua atenção.

- Mas agora minha atenção é mais pura, mais genuína!

- Para você, talvez. Para ela, isso vai se tornar muito menos atrativo do que a possibilidade de ter alguém que possa amá-la e estar presente em sua vida.

- Isso é o que Deus vai fazer por ela.

- Para você, estas palavras passaram a ser verdadeiras. Estou simplesmente lhe dizendo, papai, que ela não vai querer ouvi-las neste momento.

- E se ela aparecer aqui? Não devo tocar no assunto?

- Não sei. Se ela vier, pode significar que ela ainda está esperando que haja uma chance com você. Há? -Não.

- Então você tem o dever de tornar isso claro. Mas não seja tão enfático, nem queira aproveitar esta oportunidade para vender a ela...

- Pare de falar sobre minha fé como algo que estou querendo vender ou atirar a ela.

- Perdão. Estou apenas tentando refletir como isso vai soar para ela.

Agora Rayford não tinha nenhuma idéia sobre o que dizer ou fazer em relação a Hattie. Ele tinha receio de que sua filha estivesse certa. O que Chloe acabara de dizer o fez ver com clareza o que se passava na mente dela. Bruce Barnes tinha dito a

ele que em sua maioria as pessoas são cegas e surdas para a verdade até encontrá-la; agora ele entendia tudo. Como poderia ele contestar? Era exatamente o que tinha acontecido com ele.

Hattie correu ao encontro de Buck quando ele chegou ao clube por volta das 11 horas. Sua expectativa de quaisquer possibilidades em relação a Hattie se dissiparam quando a primeira coisa que ela disse foi:

- E então, vou encontrar-me com Nicolae Carpathia? Quando Buck prometera tentar apresentá-la a Nicolae, ele não tinha a intenção de levar adiante a idéia. Agora, depois de ouvir Steve exagerar a respeito da grandiosidade de Carpathia, ele considerava perda de tempo perguntar-lhe se podia apresentar uma amiga, uma fã. Ele ligou para o Dr. Rosenzweig.

- Doutor, eu me sinto um tanto idiota por fazer-lhe este pedido, e talvez seja melhor o senhor dizer não, que ele está muito ocupado. Sei que ele está sobrecarregado e esta garota não é uma pessoa importante que ele precise conhecer.

- É uma garota?

- Bem, uma jovem. Ela é aeromoça.

- Você quer que ele conheça uma aeromoça?

Buck não sabia o que dizer. Essa reação era exatamente o que ele temia. Enquanto hesitava, ouviu Rosenzweig cobrir o fone com a mão e chamar por Carpathia.

- Doutor, não! Não peça isso a ele! - gemeu Buck.

Mas Rosenzweig pediu e retomou a conversa com Buck:

- Nicolae diz que qualquer amigo seu é amigo dele. Ele dispõe de pouquíssimo tempo, apenas alguns minutos, agora, imediatamente.

Buck e Hattie saíram depressa em direção ao Plaza num táxi. Buck percebeu imediatamente quão desajeitado se sentia e quão envergonhado estava com esse incidente. Apesar da boa reputação que desfrutava com Rosenzweig e Carpathia como jornalista internacional, seu conceito ficaria para sempre manchado. Ele seria conhecido como o oportunista que arrastou uma fã para apertar a mão de Nicolae.

Buck não conseguia esconder seu desconforto e, no elevador, ele disse sem pensar:

- Ele realmente tem apenas um segundo, por isso não podemos nos alongar. Hattie olhou para ele.

- Sei como lidar com pessoas importantes, você sabe - disse ela. - Eu muitas vezes as atendo nos vôos.

- Claro que sei.

- Quero dizer, você se sente embaraçado por minha causa ou...

- Não é nada disso, Hattie.

- Se você acha que não vou saber como me comportar...

- Sinto muito. Estou apenas pensando na agenda dele.

- Bem, neste momento estamos dentro de sua agenda, não estamos? Ele suspirou.

- Suponho que sim.

Por que, oh! por que eu me envolvo nessas coisas?

No vestíbulo, Hattie parou diante de um espelho e apurou sua imagem. Um guarda-costas abriu a porta, acenou para Buck e mediu Hattie da cabeça aos pés. Ela não deu atenção a ele e esticou o pescoço para localizar Carpathia. O Dr. Rosenzweig surgiu na sala de estar.

- Cameron - disse ele -, venha até aqui, por favor.

Buck desculpou-se com Hattie, que não parecia nem um pouco à vontade. Rosenzweig puxou-o de lado e sussurrou:

- Nicolae quer saber se você pode falar com ele primeiro. *Lá vou eu,* pensou Buck, lançando a Hattie urn rápido olhar, como que se desculpando, e assinalando com o dedo para indicar que não demoraria.

Carpathia vai pedir minha cabeça por tomar seu tempo.

Ele encontrou Nicolae em pé a um metro do televisor assistindo ao noticiário. Seus braços estavam cruzados, o queixo apoiado numa das mãos. Ele olhou rapidamente para Buck, que esperava à porta, fazendo-lhe sinal para entrar. Buck fechou a porta, sentindo-se como um aluno do curso primário entrando na sala do diretor. Mas Nicolae não fez referência a Hattie.

- Você viu o que está acontecendo em Jerusalém? - indagou. Buck sinalizou positivamente.

- A coisa mais estranha que já vi.

- Não para mim - retrucou Buck. -Não?

- Eu estava em Tel-Aviv quando a Rússia atacou o país. Carpathia estava com os olhos pregados na tela enquanto a emissora reprisava as cenas do ataque contra os pregadores e a queda ao chão dos pretensos assassinos.

- Sim - resmungou. - Deve ter sido algo parecido com isso. Algo inexplicável. Ataques cardíacos, dizem.

- Como?

- Os agressores morreram de ataque cardíaco.

- Não estou sabendo.

- Sim. E a metralhadora não foi disparada. Estava perfeita e com toda a carga de munição. Nicolae parecia aterrorizar-se diante das imagens. Ele continuou olhando enquanto falava.

- Gostaria de saber sua reação à minha escolha do assessor de imprensa.

- Fiquei atordoado.

- Foi o que imaginei. Veja isto. Os pregadores em nenhum momento tocaram neles. Qual é a probabilidade? Eles estavam apavorados diante da morte, foi isso?

A pergunta era retórica. Buck não respondeu.

- Hã, hã, hã - exclamou Carpathia -, é sem dúvida muito estranho. Acredito que Plank pode desempenhar bem seu novo trabalho, concorda?

- Certamente. Espero que o senhor saiba que mutilou o *Semanário.*

- Ah! Eu o fortaleci. Que melhor meio de ter a pessoa que desejo no topo?

Buck estremeceu, aliviando-se quando Carpathia finalmente desviou a atenção da TV.

- Isto me faz sentir exatamente como Jonathan Stonagal manobrando pessoas e posições - disse Carpathia, rindo, e Buck ficou satisfeito ao notar que ele estava brincando.

- O senhor soube o que aconteceu a Eric Miller? - perguntou Buck.

- Seu amigo do *Mensário Beira-Mar?* Não. O quê?

- Afogou-se na noite passada. Carpathia mostrou-se chocado.

- Não me diga! Que coisa terrível!

- Ouça, Sr. Carpathia.

- Buck, por favor. Queira chamar-me de Nicolae.

- Não sei se me sentiria à vontade chamando-o desse modo. Eu queria desculpar-me por trazer esta jovem para conhecê-lo. Ela é apenas uma aeromoça, e...

- Ninguém é insignificante - disse ele, segurando o braço de Buck. - Todos têm o mesmo valor, independentemente de sua posição.

Carpathia conduziu Buck até a porta, insistindo em que ele a apresentasse. Hattie foi moderada e reservada, embora tenha dado uma risadinha quando ele a beijou em ambas as faces. Ele fez perguntas sobre ela, sua família, seu trabalho. Buck indagava-se se Carpathia tinha feito algum curso sobre como fazer amigos e influenciar pessoas.

- Cameron - sussurrou o Dr. Rosenzweig. - Telefone. Buck atendeu em outra sala. Era Marge.

- Imaginei que você pudesse estar aí - disse ela. - Acabo de receber um telefonema de Carolyn Miller, esposa de Eric. Ela está muito transtornada e quer falar com você.

- Não posso ligar para ela daqui, Marge.

- Bem, telefone para ela logo que tiver um minuto.

- O que está acontecendo?

- Não tenho nenhuma idéia, mas ela parecia estar desesperada. Aqui está o número do telefone. Quando Buck reapareceu, Carpathia e Hattie despediam-se. Ele beijou-lhe a mão.

- Estou encantado - disse ele. - Obrigado, Sr. Williams. E Srta. Durham, será um prazer para mim se nossos caminhos se cruzarem novamente.

Buck a conduziu para fora e notou que ela estava tomada de emoção.

- Ele é uma pessoa diferente, hein? - disse ele.

- Ele me deu seu número de telefone! - disse ela, com voz estridente.

- O número de seu telefone?

Hattie mostrou a Buck o cartão de visita que Nicolae tinha dado a ela. Lá estava seu título como presidente da República da Romênia, mas seu endereço não era o de Bucareste, como seria de esperar. Era do Hotel Plaza, número da suíte, telefone, etc. Buck ficou sem fala. Carpathia tinha escrito a lápis outro número de telefone, não do Plaza, mas também de Nova York. Buck memorizou o número.

- Podemos comer alguma coisa no Clube Pan-Continental -disse Hattie. - Eu na verdade não

quero ver esse piloto, mas penso que vou encontrá-lo, somente para me vangloriar de ter conhecido pessoalmente Nicolae.

- Oh! agora é Nicolae, hein? - controlava-se Buck, ainda agitado e confuso por causa do cartão de **visita de Carpathia.** -Tentando deixar alguém enciumado?

- Mais ou menos - disse ela.

- Dê-me um minutinho, por favor - disse Buck - , preciso **dar** um telefonema antes de retornarmos.

Hattie esperou no saguão enquanto Buck se desviava de pessoas que lotavam todo o espaço até encontrar uma cabina telefônica disponível e ligar para Carolyn Miller. Ela parecia arrasada, como se tivesse chorado por muito tempo e sem dormir, o que deveria ser verdade.

- Oh! Sr. Williams, agradeço seu telefonema.

- Pois não, senhora, sinto muito sua perda. Eu...

- Está lembrado de que nos conhecemos?

- Desculpe-me. Por favor, ajude-me a lembrar.

- No iate presidencial, no verão de dois anos atrás.

- Ah! sim, certamente! Perdoe-me.

- Sr. Williams, meu marido telefonou-me na noite passada, antes de entrar na balsa. Ele me disse que tinha em vista uma grande reportagem no Plaza quando se encontrou com o senhor.

- É verdade.

- Ele me contou uma história maluca a respeito de uma briga que teve com o senhor ou algo

parecido sobre uma entrevista com esse presidente romeno que falou na...

- É verdade também. Não foi nada sério. Apenas um desentendimento. Não ficou nenhum ressentimento.

- Foi o que entendi. Mas essa foi a última conversa que tive com ele, e isso está me deixando louca. O senhor sabe como estava fria a noite passada?

- Um frio cortante, como me recordo - disse Buck, confuso com a brusca mudança de assunto.

- Frio, senhor. Muito frio para estar do lado de fora da balsa, o senhor não acha?

- Sim, madame.

- E mesmo que estivesse do lado de fora, ele era um bom nadador. Foi campeão na escola secundária.

- Com todo o respeito, madame, mas isso deve ter sido... o que... uns trinta anos atrás?

- Mas ele era ainda bom nadador. Acredite em mim. Eu sei.

- O que está querendo dizer, Sra. Miller?

- Não sei! - exclamou ela, chorando. - Eu apenas tinha esperança de que o senhor pudesse esclarecer alguma coisa. Quero dizer, ele caiu da balsa e se afogou? Isso não faz sentido!

- Para mim também não, madame, e gostaria de poder ajudar. Mas não posso.

- Eu sei - disse ela. - Eu estava apenas com esperança de que pudesse.

- Madame, alguém está com a senhora, cuidando da senhora?

- Sim, estou amparada. Minha família está aqui.

- Estarei com meus pensamentos voltados para a senhora.

- Obrigada.

Buck avistou Hattie quieta, séria, pensativa. Ela parecia bastante paciente. Ele ligou para um amigo da companhia telefônica.

- Alex! Faça-me um favor. Você ainda pode informar a quem pertence um telefone, se eu lhe der o número?

- Contanto que não diga a ninguém mais, vou consultar.

- Você me conhece, homem.

- Diga o número.

Buck recitou o número que havia guardado na memória ao ver o cartão de visita que Carpathia dera a Hattie. Alex voltou com a informação em poucos segundos, lendo os dados na tela do computador.

- Nova York, ONU, escritórios administrativos, escritório do secretário-geral, não listado, linha confidencial, fora do painel de comando das telefonistas e da mesa da secretária. Está bem?

- Ótimo, Alex. Fico lhe devendo mais esta.

Buck estava perdido. Ele não conseguia fazer com que as coisas encaixassem. Correu até Hattie.

- Vou precisar de mais um minuto - disse a ela. - Você se incomoda?

- Não. Desde que eu possa estar de volta às 13 horas. Sem levar em conta o tempo que o piloto pode esperar. Ele veio com sua filha.

Buck retornou à cabina telefônica, contente por não ter interesse em competir com Carpathia ou com esse piloto para, ganhar o afeto de Hattie Durham. Ele telefonou para Steve. Marge atendeu, e Buck falou rapidamente com ela.

- Ei, sou eu. Preciso falar com Plank imediatamente.

- Bem, tenha um bom dia - disse ela, e em seguida pôs Steve na linha.

- Steve - disse Buck apressado -, seu garoto acaba de cometer seu primeiro erro.

- Do que você está falando, Buck?

- Seu primeiro trabalho deverá ser anunciar Carpathia como o novo secretário-geral? Silêncio.

- Steve? E então?

- Você é um bom repórter, Buck. O melhor. Como isso vazou? Buck falou-lhe do cartão de visita.

- Caramba! Isso não parece ser coisa de Nicolae. Não posso imaginar que tenha sido um descuido. Deve ter sido intencional.

- Talvez ele esteja supondo que essa senhorita Durham seja * bastante astuta para não se apressar - disse Buck - ou que ela não me mostraria o cartão. Mas como ele sabe que ela não vai ligar para esse número logo de cara e procurar por ele?

- Contanto que ela espere até amanhã, Buck, tudo bem.

- Amanhã?

- Você não pode utilizar esta informação, entendeu? Você não está gravando, está?

- Steve! A quem você pensa que vou falar sobre isto? Você já está trabalhando para Carpathia? Você ainda é meu chefe. Se você não quiser que eu faça alguma coisa, basta me dizer. Lembra-se?

- Bem, vou lhe contar. O deserto Kalahari compreende uma parte importante de Botsuana, de onde o secretário-geral Ngumo é oriundo. Ele retorna a seu país amanhã como herói, tendo se tornado o primeiro líder a ter acesso à fórmula do fertilizante israelense.

- E como ele pôde fazer isso?

- Por sua brilhante diplomacia.

- E ele não pode pretender cuidar dos deveres da ONU e de seu país ao mesmo tempo durante este momento estratégico importante na história de Botsuana, certo, Steve?

- E por que deveria, quando alguém está tão perfeitamente preparado para assumir a posição? Nós estivemos lá segunda-feira, Buck. Quem vai se opor a isso?

- Você não vai?

- Acho que foi uma jogada de mestre.

- Você vai ser um perfeito assessor de imprensa, Steve. E eu decidi aceitar seu velho posto.

- Bom para você! Agora, você vai ficar de bico calado até amanhã, entendido?

- Prometo. Mas você pode me dizer uma coisa mais?

- Se eu puder, Buck.

- Em que Eric Miller estava metido? Ou que golpe ele estava farejando? A voz de Steve ficou mais fraca, num tom quase sussurrado.

- Tudo o que sei sobre Eric Miller - disse - é que ele chegou muito perto do parapeito da balsa da companhia de navegação Staten Island.

DEZENOVE

Rayford observava Chloe enquanto ela caminhava descuidada pelo Clube Pan-Continental e, em seguida, olhou através da vidraça. Ele sentia-se um inútil. Durante dias, tinha dito a si mesmo para não forçá-la, não fatigá-la. Ele a conhecia. Ela era como ele; escaparia para outro lado, se ele insistisse muito. Chloe havia até mesmo tentado persuadi-lo a afastar-se de Hattie Durham, se ela aparecesse.

O que havia com ele? Nada era como antes nem seria de novo. Se Bruce Barnes estivesse certo, o desaparecimento do povo de Deus tinha sido apenas o começo do período mais cataclísmico da história do mundo. *E aqui estou eu,* refletia Rayford, *preocupado em melindrar as pessoas. Serei responsável por "não melindrar" minha filha e ela acabar se perdendo.*

Rayford sentia-se desconfortável também por ter se aproximado tanto de Hattie. Ele teve de

reconhecer o próprio erro por cobiçá-la e lamentava tê-la enganado ou fazê-la sonhar. Mas ele também não podia mais tratá-la com luvas de pelica. O que mais o atemorizava era que transparecia, segundo aquilo que Bruce estava ensinando, que muitas pessoas seriam enganadas durante esses dias. Quem quer que se apresentasse proclamando paz e união teria de ser considerado suspeito. Não haveria paz. Não haveria união. Este momento era o começo do fim, e tudo seria o caos dali por diante.

O caos faria com que os pacificadores e oradores de fala mansa fossem apenas mais atraentes. E, àqueles que não quisessem admitir que Deus estava por trás dos desaparecimentos, qualquer outra explicação lhes daria uma consciência tranqüila. Não havia mais tempo para conversas amenas, para convencimento brando. Rayford tinha de levar as pessoas a conhecerem a Bíblia e seus ensinos proféticos. Ele se sentia muito limitado em seus conhecimentos. Tinha sido sempre um leitor erudito, mas este assunto de Apocalipse, Daniel e Ezequiel era novo e estranho para ele. Espantosamente, aquilo fazia sentido. Ele havia começado a levar a Bíblia de Irene a todos os lugares aonde ia, lendo-a sempre que possível. Enquanto o co-piloto lia revistas nas horas de folga, Rayford pegava sua Bíblia e lia atentamente.

- O que está havendo? - perguntaram-lhe mais de uma vez. Sem nenhuma vergonha ou constrangimento, ele dizia que estava procurando respostas e orientação que não tivera antes. Mas e quanto à sua filha e sua amiga? Ele tinha sido muito cortês.

Rayford olhou o relógio. Faltavam ainda alguns minutos para as 13 horas. Seus olhos cruzaram com

os de Chloe à distância, e ele fez um sinal de que ia dar um telefonema. Ligou para Bruce Barnes e contou-lhe o que estava pensando.

- Você está certo, Rayford. Também estive refletindo sobre isso há alguns dias, preocupado com o que as pessoas pensariam de mim, não desejando que ninguém ficasse indiferente. Isto não faz mais sentido, não é?

- Não, não faz. Bruce, preciso de apoio. Vou começar a ser detestável, infelizmente. Se Chloe quiser caçoar ou procurar outro rumo, vou forçá-la a tomar uma decisão. Ela terá de saber exatamente o que está fazendo. Terá de enfrentar o que encontramos na Bíblia, refletir e resolver isso de vez. Quero dizer, somente os dois pregadores em Israel são suficientes para dar-me a confiança de que essas coisas estão acontecendo exatamente como a Bíblia diz.

- Você teve oportunidade de ver o noticiário hoje de manhã?

- Vi de passagem aqui no terminal. Eles continuam reprisando o ataque.

- Rayford, veja o que está passando na TV agora mesmo.

- O quê?

- Vou desligar, Ray. Veja o que aconteceu aos agressores e se isso não confirma todas as coisas que lemos sobre as duas testemunhas.

- Bruce...

- Vá procurar uma TV, Rayford. E comece a testemunhar **por** si mesmo, com confiança total.

Bruce desligou abruptamente. Rayford o conhecia suficientemente bem, apesar de seu breve relacionamento, para entender que a reação do pastor deveria deixá-lo intrigado, e não ofendido. Ele correu para a frente de um televisor e ficou atordoado ao ouvir o relato da morte dos dois agressores. Tirou da maleta a Bíblia de Irene e leu a passagem de Apocalipse, da qual Bruce tinha falado. Os homens em Jerusalém eram as duas testemunhas, pregando o evangelho de Cristo. Foram atacados e não precisaram sequer reagir. Os agressores caíram mortos, e nenhum mal aconteceu às testemunhas.

Naquele momento, Rayford observava pela TV a multidão se aproximando e se amontoando na área em frente ao Muro das Lamentações para ouvir as testemunhas. As pessoas se ajoelhavam, choravam, algumas com o rosto em terra. Eram essas as mesmas pessoas que antes acharam que os pregadores estavam profanando o lugar santo. Agora pareciam acreditar no que as testemunhas diziam. Ou era somente por medo?

Rayford sabia mais do que isso. Sabia que os primeiros dos 144 mil judeus evangelistas estavam se convertendo a Cristo diante dos espectadores. Sem tirar os olhos da tela, ele orou em silêncio: *Senhor, enche-me de coragem, de poder, de tudo quanto preciso para ser uma testemunha. Não quero nunca mais sentir medo ou dúvida. Não quero esperar mais. Não quero preocupar-me se estou ou não ofendendo as pessoas. Dá-me a capacidade de persuasão enraizada em tua Palavra. Sei que é o teu Espírito que fala aos corações das pessoas, mas usa-me. Quero ser usado na conversão de Chloe. Quero ser um instrumento para a conversão de Hattie. Por favor, Senhor, ajuda-me.*

Buck Williams sentia-se nu sem a sua valise de repórter. Ele estaria pronto para trabalhar somente quando tivesse seu telefone celular, seu gravador e seu novo *laptop.* Ele pediu ao taxista que parasse em frente ao prédio do *Semanário Global,* para que pudesse apanhar sua valise. Hattie ficou esperando no táxi, mas preveniu-o de que não gostaria de perder seu encontro no aeroporto. Buck lhe disse de fora do táxi que demoraria apenas um minuto.

- Entendi que você não estava interessada em encontrar esse cara.

- Bem, mas agora estou, entendeu? Seja por desforra ou mágoa ou o que quer que seja, não é sempre que a gente pode dizer a um capitão-aviador que conheceu alguém que ele não conhece.

- Você está falando de Nicolae Carpathia ou de mim?

- Que engraçadinho! De qualquer modo, ele conheceu você.

- Você está falando do capitão-aviador daquele vôo em que nos conhecemos?

- Sim... agora, ande depressa!

- Talvez eu queira encontrá-lo. -Vá!

Buck ligou para Marge da recepção.

- Você poderia pegar minha valise e encontrar-me no elevador? Tenho um táxi me esperando aqui.

- Está bem - disse ela -, mas tanto Steve como o velho cavalheiro estão esperando por você.

E agora? Ele se perguntou. Buck olhou para o relógio, desejando que o elevador fosse mais rápido. Assim é a vida nos arranha-céus.

Ele recebeu a valise das mãos de Marge, foi rapidamente à sala de Steve e perguntou:

- O que há de novo? Estou com pressa.

- O chefão quer vê-lo.

- Qual é o assunto? - perguntou Buck, enquanto caminhavam pelo corredor.

- Eric Miller, imagino. Talvez mais. Você sabe que Bailey não se abalou com meu pedido de demissão. Ele só concordou porque pensou que você agarraria a promoção com unhas e dentes e por você conhecer tudo o que se passa aqui e o que está sendo planejado para as próximas semanas.

No escritório de Bailey, o chefe foi direto ao ponto.

- Quero *fazer* algumas perguntas incisivas a vocês dois e ouvir respostas diretas e rápidas. Muitos assuntos estão surgindo precisamente agora, e devemos estar à frente de cada um deles. Antes de mais nada, Plank, correm rumores de que Mwangati Ngumo está convocando a imprensa no final desta tarde, e todo mundo acha que ele vai renunciar ao cargo de secretário-geral.

- É mesmo? - perguntou Plank.

- Não se faça de bobo comigo - resmungou Bailey. - Não é preciso ser um gênio para imaginar o que está acontecendo aqui. Se ele estiver se afastando, seu novo chefe sabe disso. Você se esquece de que eu dirigia o departamento africano quando Botsuana se tornou membro associado do Mercado Comum Europeu. Jonathan Stonagal tinha as mãos em cima disso tudo, e todo mundo sabe que ele é um dos anjos protetores de Carpathia. Qual é a relação?

Buck notou a palidez no rosto de Plank. Bailey sabia mais do que os dois esperavam. Pela primeira vez em anos, Steve pareceu nervoso, quase em pânico.

- Vou contar a você o que sei - disse Steve, mas Buck imaginava que havia mais coisa que ele não contaria. -Minha primeira tarefa amanhã cedo será negar o interesse de Carpathia pelo cargo. Ele vai dizer que tem muitas idéias revolucionárias e que insiste em aprovação quase unânime da parte dos membros atuais. Eles terão de concordar com suas idéias de reorganização, de mudança de prioridades, e outras coisas mais.

-Quais?

- Não tenho liberdade de... Bailey levantou-se. Seu rosto estava vermelho.

- Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Plank. Gosto de você. Você tem sido a meu ver uma superestrela. Vendi sua imagem aos outros diretores quando ninguém reconhecia suas qualificações. Você me vendeu a imagem deste principiante aqui, e ele nos pareceu bom em tudo. Paguei a você salários de seis dígitos, mesmo antes de você merecê-los, porque sabia que urn dia isso valeria a pena. E valeu. Agora, estou lhe dizendo que nada do que você revelar aqui vai passar destas paredes, por isso não quero que você esconda nada de mim.

- Vocês, meninos, pensam que, porque estou há dois ou três anos ausente do campo, já não tenho mais meus contatos, não tenho meu ouvido encostado ao chão. Bem, deixem-me dizer-lhes, meu telefone não pára de tocar desde que vocês saíram daqui esta manhã, dando-me a impressão

de que algo grandioso está para acontecer. O que é?

- Quem ligou para o senhor? - perguntou Plank.

- Bem, logo de início, recebi um telefonema de uma pessoa que conhece o vice-presidente da Romênia. Foi pedido a ele que se preparasse para dirigir os assuntos do dia-a-dia daquele país por um período indeterminado. Ele não vai se tornar o novo presidente, porque o país acaba de eleger um, mas isso indica, a meu ver, que Carpathia espera ficar aqui por um bom tempo.

- Depois, pessoas que conheço na África me disseram que Ngumo levou vantagem sobre os demais e conseguiu acesso à fórmula de Israel, mas ele não está muito feliz porque o acordo requer seu afastamento da ONU. Ele vai deixar o cargo, mas haverá problemas se tudo não correr conforme prometido.

- Em seguida, recebi uma ligação do diretor de redação do *Mensário Beira-Mar* querendo extrair de mim por que você, Cameron, e aquele sujeito que se afogou na noite passada estavam trabalhando na mesma matéria sobre Carpathia e se eu acho que você também vai morrer misteriosamente. Respondi que, até onde eu sabia, você estava trabalhando numa reportagem de capa sobre Carpathia e que estávamos convictos de seu sucesso. Ele disse que seu funcionário pretendia usar um método ligeiramente diferente, ou seja, enquanto os outros estivessem trabalhando de um lado, ele trabalharia do outro. Miller estava escrevendo um artigo sobre o significado dos desaparecimentos, o mesmo assunto que você planejava publicar daqui a uma ou duas semanas.

Que ligação isso tem com Carpathia e por que o *rapaz* foi apagado, não sei. Você sabe?

Buck meneou a cabeça.

- Vejo os dois casos como peças totalmente diferentes. Perguntei a Carpathia o que ele pensava dos desaparecimentos, e todos ouviram a resposta. Eu não sabia em que Miller estava trabalhando, nem imaginava que ele pudesse de algum modo estar ligando Carpathia com os desaparecimentos.

Bailey sentou-se.

- Para dizer a verdade, logo que recebi o telefonema do diretor do *Mensário,* imaginei que ele estivesse telefonando para obter referências sobre você, Cameron. E fiquei pensando: se eu perder esses dois "metidos" na mesma semana, vou antecipar minha aposentadoria. Podemos resolver aquele assunto antes que **Plank** me diga o que **mais** ele sabe?

- Que assunto? - perguntou Buck.

- Você está pensando em sair? -Não.

- Está aceitando a promoção?

- Estou.

- Ótimo! Agora, Steve. Que mais Carpathia pretende antes de aceitar o posto na ONU? Plank hesitou parecendo estar considerando se devia dizer o que sabia.

- Você me deve esta resposta - disse Bailey. - Não tenho a intenção de usá-la. Desejo apenas saber. Cameron e eu temos de decidir qual reportagem entrará primeiro em pauta. Quero que ele tome conta daquela que mais me interessa, aquela sobre o que existe por trás dos

desaparecimentos. Penso, às vezes, que nos tornamos muito arrogantes como revista noticiosa e nos esquecemos de que há pessoas morrendo de medo querendo encontrar uma explicação para tudo isso. Steve, você pode confiar em mim. Já lhe disse que não vou contar nada a ninguém nem comprometê-lo. Apenas me diga o que sabe. O que pretende Carpathia? Ele vai aceitar esse cargo? Steve apertou os lábios e começou a falar com relutância.

- Ele quer organizar um novo Conselho de Segurança, que incluirá algumas de suas idéias para embaixadores.

- Como Todd-Cothran da Inglaterra? - perguntou Buck.

- Provavelmente, mas por tempo limitado. Ele não está totalmente satisfeito com esse relacionamento, como você deve saber.

Buck repentinamente percebeu que Steve estava a par de tudo.

- E? - pressionou Bailey.

- Carpathia quer que Ngumo insista que será ele quem o substituirá, com o voto da grande maioria dos representantes, e duas outras coisas que, francamente, não acredito que ele consiga. Militarmente, ele quer um compromisso de desarmamento dos países membros, a destruição de 90% de seus arsenais de guerra e a doação dos 10% remanescentes para a ONU.

- Com o propósito de manter a paz - disse Bailey. - Parece ingênuo, mas tem lógica. Você está certo, ele provavelmente não vai conseguir isso. Que mais?

- Talvez o ponto mais controvertido e menos provável. A logística por si é incrível, o custo, o... tudo.

- O quê?

- Ele quer transferir a ONU.

- Transferir? Steve meneou a cabeça num gesto de afirmação;

- Para onde?

- Parece estúpido.

- Todas as coisas parecem estúpidas nestes **dias - disse** - Bailey.

- Ele quer transferi-la para Babilônia.

- Você não está falando sério.

- *Ele* está.

- Ouvi dizer que a cidade está sendo reconstruída há anos. Milhões de dólares investidos para transformá-la em quê? Na Nova Babilônia?

- Bilhões.

- Você acha que alguém vai concordar com isso?

- Depende do apoio que ele receber - Steve riu furtivamente. - Ele estará hoje no *Show da Noite.*

- Ele vai ficar mais popular do que nunca!

- E está se reunindo neste momento com os dirigentes de todos os grupos internacionais que estão na cidade para outros encontros.

- O que ele quer com eles?

- O assunto continua confidencial, certo? - perguntou Steve.

- Claro.

- Ele está pedindo apoio para os objetivos que deseja atingir. O tratado de sete anos de paz com Israel em troca de sua habilidade como intermediário da fórmula do fertilizante para o deserto. A mudança para a Nova Babilônia. O estabelecimento de uma religião única para o mundo, provavelmente com sede na Itália.

- Ele não vai conseguir grande coisas com os judeus nessa questão.

- Os judeus são uma exceção. Ele vai ajudá-los a reconstruir o templo durante os anos em que vigorar o tratado de paz. Ele acha que os judeus merecem um tratamento especial.

- E eles merecem mesmo - reforçou Bailey. - O homem é brilhante. Nunca vi alguém com idéias tão revolucionárias e que agisse tão depressa.

- Vocês não estão um tanto inseguros a respeito desse homem? - perguntou Buck. -Parece-me que as pessoas que chegam muito perto acabam eliminadas.

- Inseguros? - perguntou Bailey. - Bem, acho que ele é um pouco ingênuo, e eu ficaria muito surpreso se ele conseguisse tudo o que está pretendendo. Mas, por outro lado, é um político. Ele não vai impor sua vontade como se fosse um ultimato, e pode ainda aceitar a posição mesmo que não obtenha tudo o que deseja. Pode parecer que ele tratou Ngumo sem consideração, mas penso que ele tem em mente os melhores interesses para favorecer Botsuana. Carpathia será melhor que Ngumo como executivo da ONU. E ele está certo. Se

o que aconteceu em Israel acontecer em Botsuana, Ngumo precisa ficar perto de casa para administrar a prosperidade. Inseguro? Não. Estou tão impressionado com o homem tanto quanto vocês dois. Ele é o que precisamos neste momento. Não há nada errado em buscar união e convergência num tempo de crise.

- E quanto a Eric Miller? - Buck quis saber.

- Acho que estão dando muito destaque a essa história. Não sabemos se sua morte foi simplesmente o que pareceu e apenas coincidiu com o desentendimento entre vocês sobre a entrevista com Carpathia. De qualquer modo, Carpathia não sabia o que Miller queria, sabia?

- Acho que não - respondeu Buck, mas ele notou que Steve não abriu a boca. A voz de Marge foi ouvida no interfone.

- Cameron, há um recado urgente de Hattie Durham. Ela diz que não pode mais esperar.

- Oh! não - disse Buck. - Marge, peça-lhe mil desculpas. Diga-lhe que tive uma reunião inesperada e que vou ligar para ela ou dar um jeito de encontrá-la mais tarde.

Bailey demonstrou aborrecimento.

- É isso o que posso esperar de você no horário de trabalho, Cameron?

- Na verdade, apresentei-a a Carpathia esta manhã e quero que ela me apresente a um capitão de uma companhia aérea que está na cidade hoje, com o propósito de cobrir parte daquela reportagem sobre o que as pessoas pensam que aconteceu na última semana.

- Não vou questionar sobre isso, Cameron - disse Bailey. - Vamos apresentar a grande reportagem de Carpathia na próxima edição e depois prosseguir com as teorias a respeito dos desaparecimentos. Se você me perguntar, essa poderia ser a reportagem mais comentada que já fizemos. Penso que vamos bater a *Time* e todas as demais com nossa cobertura do evento. A propósito, gostei da sua matéria. Não sei se vamos ter alguma coisa realmente nova ou diferente sobre Carpathia, mas precisamos dar a esse importante assunto o melhor que pudermos. Francamente, gosto da sua idéia de apresentar todas as teorias. Você deve incluir a sua.

- Gostaria de ter uma - disse Buck. - Estou em dúvida como todo mundo. O que estou descobrindo, entretanto, é que as pessoas que têm uma teoria acreditam nela obstinadamente.

- Bem, tenho a minha - disse Bailey. E é quase fantástico como ela se aproxima e se encaixa no assunto Carpathia, Rosenzweig ou qualquer outro. Tenho parentes que acreditam nessa história dos alienígenas do espaço. Tenho um tio que acha que foi Jesus, mas ele também acha que Jesus se esqueceu dele. Ah! Penso que foi um acontecimento natural, algum tipo de fenômeno em que toda nossa alta tecnologia interagiu com as forças da natureza. Na verdade, nós mesmos não temos uma idéia mágica a este respeito. Agora, vamos lá, Cameron. Qual é a sua posição neste caso?

- Estou na posição perfeita para o meu trabalho jornalístico - disse ele. - Não tenho a mínima idéia.

- O que as pessoas estão dizendo?

- O habitual. Um médico no aeroporto O'Hare me disse que estava certo de que se tratava do Arrebatamento. Outras pessoas têm dito o mesmo. O senhor sabe que a chefe do nosso escritório em Chicago...

- Lucinda Washington? Está na hora de você providenciar alguém para preencher sua vaga. Você deve ir lá, estudar o terreno, *fazer* contatos. Mas você estava dizendo...?

- O filho de Lucinda acredita que ela e o restante da família foram levados para o céu.

- Então, como *ele* foi deixado para trás?

- Não sei explicar - respondeu Buck. - Alguns cristãos são melhores do que outros ou algo assim. Este é um dos mistérios que vou procurar esclarecer antes de encerrar a reportagem. Esta aeromoça que acabou de ligar... não estou certo do que ela pensa, mas o piloto com quem ela vai se encontrar hoje contou-lhe que tem uma explicação.

- Um piloto de aviação - Bailey repetiu. - Seria interessante. Contanto que sua idéia não seja a mesma de outros cientistas. Bem, prossiga com seu trabalho. Steve, vamos *fazer* o anúncio hoje. Desejo-lhe boa sorte, e não se preocupe. Nada do que foi dito aqui será publicado na revista, a menos que possamos obter as informações de outras fontes. Estamos concordes com isso, não estamos, Williams?

- Sim, senhor - confirmou Buck. Steve não parecia tão certo disso.

Buck correu até o elevador e ligou para a o serviço de informações para obter o número do Clube Pan-Continental. Ele pediu que contatassem Hattie por meio de seu *pager,* mas, como não

puderam localizá-la, ele supôs que ela ainda não havia chegado ou tinha saído com seu amigo capitão-aviador. Buck deixou um recado para que ela ligasse para o seu celular e, em seguida, pegou um táxi e dirigiu-se ao clube. na expectativa de encontrá-la.

Sua mente estava zumbindo. Ele concordava com Stanton Bailey de que a grande reportagem era o que estava por trás dos desaparecimentos, mas agora também estava começando a suspeitar de Nicolae Carpathia. Talvez não devesse considerá-lo suspeito. Talvez devesse concentrar a atenção em Jonathan Stonagal. Carpathia devia ser bastante esperto para perceber que sua ascensão ao poder ajudaria Stonagal a ser desleal com seus concorrentes. No entanto, Carpathia tinha afiançado que iria "negociar" com ambos, Stonagal e Todd-Cothran, sabendo perfeitamente que eles estavam por trás de negócios ilícitos.

Isto fazia de Carpathia um inocente? Buck sinceramente esperava que sim. Ele nunca desejou confiar tanto numa pessoa. Nos últimos dias, desde os desaparecimentos, ele raramente teve um segundo para pensar em si mesmo. A perda de sua cunhada, sobrinho e sobrinha pesava em seu coração quase constantemente e algo o levava a indagar se não havia alguma verdade nesta história do Arrebatamento. Se alguém neste mundo tinha de ser levado para o céu, eles eram bons candidatos.

Mas Buck sabia mais do que isso. Ele foi educado nas escolas da Ivy League. Deixou de freqüentar a igreja depois de conseguir livrar-se da repressão familiar que ameaçava levá-lo à loucura em sua juventude. Ele nunca se considerou religioso, embora orasse de vez em quando pedindo

ajuda e livramento. Havia construído sua vida em torno de desafios, empolgações e - ele não podia negar - realizações pessoais. Gostava do *status* que alcançara por ter seu nome mencionado no início de cada artigo ou reportagem, dos temas que desenvolvia ou redigia, de suas idéias publicadas por uma revista de âmbito nacional. Contudo, havia momentos de solidão em sua vida, especialmente agora com a saída de Steve. Buck havia namorado e considerado a possibilidade de um relacionamento sério, mas sempre se achou muito instável para uma mulher que desejasse estabilidade.

Desde o evento claramente sobrenatural que havia testemunhado em Israel, com a destruição da força aérea russa, ele sabia que o mundo estava mudando. As coisas nunca mais seriam as mesmas de antes. Ele não estava aceitando a teoria dos desaparecimentos praticados por seres alienígenas do espaço, e, embora essa teoria pudesse muito bem ser atribuída a alguma incrível reação energética cósmica, quem ou o que estava por trás disso? O incidente no Muro das Lamentações era outro inexplicável indício do sobrenatural.

Buck estava mais intrigado com os "porquês" da história, como ele gostava de pensar, do que com o surgimento de Nicolae Carpathia. Fascinado que estava pelo homem, Buck esperava, acima de tudo, que ele não fosse outro político frustrante. Ele era o melhor dentre os que já tinha visto, mas a morte de Dirk, de Alan, de Eric e a ameaça sofrida por ele mesmo seriam totalmente alheias a Carpathia?

Ele esperava que sim. Desejava acreditar numa pessoa que surge uma só vez em cada geração que

pudesse compreender os anseios do mundo. Poderia Carpathia ser outro Lincoln, Roosevelt ou Kennedy?

Por impulso, enquanto o táxi tentava furar o incrível tráfego na região do aeroporto JFK, Buck ligou o *modem* do *laptop* em seu telefone celular e chamou à tela um serviço noticioso.

Procurou rapidamente os trabalhos principais de Eric Miller nos últimos dois anos e ficou atordoado ao descobrir que ele tinha escrito sobre a reconstrução e progresso da Babilônia. O título da série de Miller era "Nova Babilônia, o Último Sonho de Stonagal". Uma rápida olhada no artigo mostrou que a maior parte do financiamento vinha dos bancos de Stonagal espalhados pelo mundo. E naturalmente havia uma citação atribuída a Stonagal: "Apenas coincidência. Não tenho idéia dos pormenores dos financiamentos concedidos por nossas várias instituições."

Buck percebeu que o ponto determinante de Nicolae Carpathia nada tinha a ver com Mwangati Ngumo ou Israel, ou mesmo com o novo Conselho de Segurança. No entender de Buck, a prova definitiva para Carpathia era o que ele faria em relação a Jonathan Stonagal, uma vez empossado como secretário-geral da ONU.

Porque, se os demais membros da ONU se submetessem às condições de Nicolae, ele se tornaria, do dia para a noite, o líder mais poderoso do mundo. Ele teria a capacidade de impor seus desejos militarmente, se cada membro se desarmasse e a ONU se tornasse todo-poderosa. O mundo ficaria desesperado pela ação de um líder em quem confiara implicitamente ao concordar com tal sistema. E o único líder digno do manto do poder seria aquele que jamais toleraria um assassino que

forjava mortes nos bastidores, como Jonathan Stonagal.

VINTE

Rayford e Chloe Steele esperaram até as 13h30, e então resolveram ir para o hotel. A caminho da saída do Clube Pan-Continental, Rayford parou para deixar um recado para Hattie, caso ela chegasse.

- Acabamos de receber outra mensagem para ela - informou a moça do balcão. - Uma secretária falando em nome de Cameron Williams informou que ele a encontraria aqui, se ela o chamasse logo ao chegar.

- Quando chegou o recado? - perguntou Rayford.

- Logo depois das 13 horas.

- Talvez devêssemos esperar mais alguns minutos. Rayford e Chloe estavam sentados perto da entrada quando Hattie chegou apressada. Rayford sorriu para ela, mas ela imediatamente diminuiu os passos, como se os tivesse encontrado por acaso.

- Oh! Olá - disse ela, mostrando sua identificação no balcão e recebendo seu recado. Rayford deixou que ela fizesse seu jogo de cena. Ele merecia isso.

- Na verdade, eu não devia ter vindo vê-los - disse ela depois de ser apresentada a Chloe. - Mas, já que estou aqui, devo retornar esta ligação. É do articulista de quem lhe falei. Ele me apresentou a Nicolae Carpathia esta manhã.

- Não me diga.

Hattie meneou a cabeça afirmativamente, sorrindo.

- E o Sr. Carpathia me deu seu cartão. Você sabia que ele vai ser apontado o Homem Mais Atraente da revista *Peoplel*

- Eu ouvi isso, sim. Bem, estou impressionado. Uma manhã cheia para você, hein? E como está o Sr. Williams?

- Muito bem, porém muito ocupado. Acho melhor telefonar para ele. Com licença. Buck estava na escada rolante dentro do terminal quando seu telefone tocou.

- Até que enfim - disse Hattie.

- Sinto muito, Srta. Durham.

- Oh! por favor - disse ela. - Uma pessoa que me deixa no centro de Manhattan numa corrida de táxi cara pode bem me chamar pelo primeiro nome. Eu insisto.

- E eu insisto em pagar essa corrida.

- Estou apenas brincando, Buck. Vou agora me encontrar com esse capitão-aviador e sua filha, por isso não se sinta obrigado a estar presente.

- Já estou aqui - disse ele. -Oh!

- Mas tudo bem. Tenho muito que *fazer.* Foi bom ter visto você novamente. Na próxima vez que vier a Nova York...

- Buck, não quero que você se sinta obrigado a ser meu cicerone.

- Mas não me sinto obrigado.

- Claro que sim. Você é uma pessoa maravilhosa, mas é óbvio que não temos afinidade. Obrigada por me encontrar e especialmente por me apresentar ao Sr. Carpathia.

- Hattie, preciso de um favor. Seria possível me apresentar ao piloto? Quero entrevistá-lo. Ele vai pernoitar aqui?

- Vou perguntar a ele. Você vai também conhecer a filha dele. Ela é uma boneca.

- Talvez eu a entreviste também.

- Sim, é uma boa aproximação.

- Apenas pergunte a ele, Hattie, por **favor,**

Rayford estava imaginando que talvez Hattie tivesse um encontro com Buck Williams naquela noite. A coisa certa a fazer seria convidá-la para um jantar no hotel. Agora ela estava acenando para que ele fosse até o telefone público.

- Rayford, Buck Williams deseja encontrar-se com você. **Ele** está fazendo uma reportagem e quer entrevistá-lo.

- Verdade? Eu? - respondeu ele. - Sobre o quê?

- Não sei. Não perguntei. Suponho que seja sobre o vôo ou os desaparecimentos. Ele *estava* naquele vôo quando aconteceu.

- Diga-lhe que vou vê-lo, com certeza. Na verdade, por que não pedir a ele que se junte a nós três para um jantar, se vocês estiverem livres.

Hattie olhou bem para ele como se estivesse sendo enganada em alguma coisa.

- Vamos lá, Hattie. Você e eu conversaremos esta tarde e, depois, iremos todos jantar às seis no Carlisle.

Ela voltou ao telefone e perguntou a Buck:

- Onde você está agora? - Ela fez uma pausa. - Não acredito! - Hattie olhou para fora, riu e acenou. Cobrindo o bocal do telefone, voltou-se para Rayford. - Lá está ele, bem ali com o telefone celular!

- Bem, por que os dois não desligam para que você faça as apresentações? - perguntou Rayford.

Hattie e Buck desligaram, e Buck, ao entrar, guardou seu telefone na maleta.

- Ele está conosco - disse Rayford à recepcionista na mesa à entrada. Em seguida, apertou a mão de Buck. - Então o senhor é o redator do *Semanário Global* que estava em meu avião.

- Sou eu mesmo - respondeu Buck.

- A respeito do que o senhor deseja me entrevistar?

- Quero saber sua opinião sobre os desaparecimentos. Estou fazendo uma reportagem de capa sobre as explicações ou teorias que estão por trás do acontecido, e seria bom conhecer seu ponto de vista como um profissional e como alguém que estava bem no meio do tumulto quando o fato aconteceu.

Que *oportunidade!* pensou Rayford. - Com prazer - disse. -O senhor pode nos acompanhar num jantar?

- Certamente - disse Buck. - E esta é sua filha?

Buck estava impressionado. Ele adorou o nome de Chloe, seus olhos, seu sorriso. Ela olhou diretamente nos olhos dele, e deram-se um forte

aperto de mão, algo que ele apreciava numa mulher. Muitas mulheres acham que é mais feminino estender uma mão frouxa, hesitante. *Que garota bonita!* Pensou ele. Ele sentiu vontade de dizer ao capitão Steele que, a partir do dia seguinte, não seria mais um articulista, mas, sim, editor-executivo. Mas receou que isso pudesse ser interpretado como presunção, e não uma simples informação, por isso nada falou.

- Olhe - disse Hattie -, o capitão e eu precisamos de uns poucos minutos, então por que vocês dois não se conhecem melhor e nos reunimos de novo mais tarde? Você dispõe de tempo, Buck?

Agora sim, pensou. - Certamente - disse ele, olhando para Chloe e seu pai. - Está bem para vocês dois?

O capitão pareceu vacilar, mas sua filha olhou para ele com uma expressão esperançosa. Ela era evidentemente amadurecida para tomar decisões, mas, por outro lado, não queria *fazer* o que parecesse inadequado aos olhos de seu pai.

- Está bem - disse o capitão Steele com alguma hesitação. - Esperamos aqui.

- Vou guardar minha valise, e vamos dar uma volta pelo terminal - disse Buck. - Se você desejar, Chloe.

Ela sorriu e meneou a cabeça assentindo.

Fazia bastante tempo que Buck não se sentia desajeitado e tímido com uma garota. Enquanto ele e Chloe caminhavam e conversavam, ele não sabia para que lado olhar e o que fazer com as mãos. Deveria pô-las nos bolsos ou deixá-las soltas? Braços parados ou balançando? Ela preferiria

sentar-se, andar no meio das pessoas ou ver as vitrinas das lojas?

Ele perguntou a respeito dela, em que lugar freqüentou a faculdade e em que estava interessada profissionalmente. Chloe contou o que houve com sua mãe e seu irmão, e ele se mostrou sério e compassivo. Buck ficou impressionado ainda com a desenvoltura, articulação verbal e maturidade que ela demonstrava. Esta era uma garota em quem ele poderia ter interesse, mas ela devia ser pelo menos dez anos mais nova do que ele.

Chloe quis saber sobre a vida e a carreira de Buck. Ele respondeu às suas perguntas e acrescentou um pouco mais. Somente quando ela perguntou-lhe se havia perdido algum conhecido nos desaparecimentos, ele falou de sua família em Tucson e seus amigos na Inglaterra. Naturalmente, nada comentou a respeito das conexões de Stonagal e Todd-Cothran.

Quando a conversa se acalmou, Chloe o surpreendeu olhando fixamente para ela. Ele instantaneamente desviou o olhar para longe. Quando ele se voltou para Chloe, ela o estava fitando. Ambos sorriram timidamente. *Isto é uma loucura,* pensou ele. Buck esteve a ponto de perguntar se ela namorava alguém, mas não conseguiu.

As perguntas dela correspondiam mais a um feitio de uma pessoa jovem a um profissional veterano sobre sua carreira. Ela teve inveja de suas viagens e experiência. Ele não a entusiasmou com isso, assegurando-lhe que **ela** se **cansaria** desse tipo de vida.

- Você já foi casado? - perguntou ela.

Ele gostou da pergunta. Ficou feliz em dizer a ela que não, que nunca teve realmente algum caso bastante sério para levá-lo ao noivado e casamento.

- E quanto a você? - perguntou ele, sentindo que a conversa era agora um jogo equilibrado. - Quantas vezes você já se casou?

Ela riu e respondeu-lhe:

- Tive somente um namorado firme. Quando eu era caloura na faculdade, ele estava no último ano. Eu pensava que fosse amor, mas, quando se formou, nunca mais ouvi falar dele.

- Literalmente?

- Ele viajou para o exterior, enviou-me uma lembrança barata, e esse foi o fim de tudo. Agora está casado.

- Pior para ele.

- Obrigada. Buck sentia-se mais impetuoso.

- O que ele era, cego? - Chloe não respondeu. Ele se esmurrou mentalmente e procurou recompor-se. - Quero dizer, alguns indivíduos não sabem o que têm nas mãos.

Ela continuava em silêncio, e ele se sentia um idiota. Como se explica que eu seja tão bem-sucedido em algumas coisas e um desajeitado em outras? ele refletiu.

Chloe parou em frente de uma confeitaria.

- Você se acha um doce? - perguntou Chloe.

- Por quê? Eu pareço um?

- Como eu podia saber que aquilo estava acontecendo? -perguntou ela. - Compre-me um

doce, e eu deixarei que essa ansiedade tenha uma morte natural.

- Morte por velhice, você quer dizer - acrescentou ele.

- *Essa* agora foi boa.

Rayford foi tão sincero, honesto e direto com Hattie, como jamais tinha sido. Eles sentaram-se frente a frente em cadeiras bem almofadadas a um canto de uma sala grande e barulhenta, o que impedia que outros ouvissem sua conversa.

- Hattie - começou ele -, não estou aqui para debater opiniões nem para uma simples troca de idéias. Há coisas que preciso dizer a você e peço-lhe que simplesmente ouça.

- Não posso dizer nada? Porque pode haver coisas que eu também quero que você saiba.

- É claro que deixarei que você me diga o que desejar, mas esta primeira parte, minha parte, eu não quero que seja um diálogo. Eu preciso expressar algumas coisas e gostaria que você tivesse uma visão completa do quadro antes de reagir, certo?

Ela encolheu os ombros.

- Acho que não tenho escolha.

- Você teve uma escolha, Hattie. Você não foi forçada a vir.

- Na verdade, eu não queria vir. Eu lhe disse isso e você deixou-me aquela mensagem, pedindo que eu viesse.

Rayford ficou frustrado.

- Você percebe aonde eu não queria chegar? - disse ele. - ' Como posso me desculpar, quando

tudo o que você quer é discutir se deveria ou não estar aqui?

- Você quer desculpar-se, Rayford? Não vou impedi-lo. Hattie estava sendo sarcástica, mas ele conseguiu que ela ouvisse.

- Sim, quero. Agora, você me permite? Ela assentiu com a cabeça.

- Quero expor a você o que experimentei, explicar tudo direitinho, assumir todas as incriminações que me couberem, e depois explicar o que insinuei por telefone naquela noite.

- A respeito do que você descobriu sobre aqueles desaparecimentos. Ele levantou a mão.

- Não se antecipe a mim.

- Desculpe - disse ela, colocando a mão na boca. - Mas por que você não espera que eu tome conhecimento quando responder às perguntas de Buck hoje à noite?

Rayford revirou os olhos.

- Eu estava apenas cogitando - acrescentou ela. - Apenas uma sugestão para que você não tenha de repetir depois.

- Obrigado - disse ele -, mas vou lhe dizer por quê. Isto é tão importante e tão pessoal que preciso dizer a você em particular. E não me importo de repetir várias vezes. Se minha intuição estiver certa, você não vai se importar de ouvir isso várias vezes.

Hattie ergueu as sobrancelhas como se estivesse surpresa, acrescentando, porém:

- Sou toda ouvidos. Não vou mais interrompê-lo. Rayford inclinou-se para a frente apoiando os

cotovelos nos joelhos, gesticulando às vezes enquanto falava.

- Hattie, devo a você um grande pedido de desculpa e peço que me perdoe. Fomos amigos. Desfrutamos mutuamente esse companheirismo. Eu gostava de estar perto de você e passar alguns momentos a seu lado. Achava você bonita e atraente, e acho que percebeu que eu estava interessado em relacionar-me com você.

Ela parecia surpresa, mas Rayford admitia que, se não fosse pelo compromisso de ficar em silêncio, ela teria dito que ele possuía um jeito pouco insinuante de mostrar interesse. Ele continuou.

- Provavelmente, a única razão de eu nunca ter persistido em alguma coisa mais avançada com relação a você foi porque eu era completamente inexperiente nessas coisas. Mas seria somente uma questão de tempo. Se eu tivesse notado que você estava disposta, eu teria possivelmente feito alguma coisa errada.

Ela enrugou a testa e pareceu ofendida.

- Sim - disse ele -, teria sido errado. Eu era casado, não inteiramente feliz ou bem-sucedido, mas por falha minha. Além disso, eu tinha feito um voto, um compromisso, e, por mais que eu justificasse meu interesse por você, teria sido um erro. O olhar de Hattie dava a entender que ela não concordava.

- De qualquer modo, eu enganei você. Não fui totalmente honesto. Mas agora tenho de dizer-lhe que me sinto aliviado por não ter feito alguma coisa... Hã, estúpida. Não teria sido correto para você. Sei que não sou seu juiz nem julgador, e não tenho nada a ver com seus princípios de

moralidade. Mas não teria havido nenhum futuro para nós.

- Deixando de lado nossa diferença de idade, o fato é que o único interesse real que eu tinha em você era físico. Você tem o direito de me odiar por isso, e eu não vou culpá-la. Eu não a amava. Você tem de concordar que aquele não teria sido o tipo de vida que merece.

Ela assentiu com a cabeça, aparentando tristeza e desapontamento. Ele sorriu.

- Vou permitir que você interrompa seu silêncio por pouco tempo - disse Rayford. -Preciso saber se você ao menos me perdoa.

- Algumas vezes eu me indago se a honestidade é sempre a melhor política - disse Hattie. - Eu até concordaria, se você tivesse dito que o desaparecimento de sua esposa o fez sentir-se culpado pelo que estava acontecendo. Sei que não houve nada sério entre nós, mas esta teria sido uma maneira mais suave de se justificar.

- Mais suave, porém falsa. Hattie, estou sendo inteiramente sincero. Eu preferia mil vezes ter sido mais gentil e delicado para evitar que você ficasse ressentida comigo, mas apenas não posso mais ser falso. Não fui sincero durante anos.

- E agora você é?

- A ponto de tornar esta conversa desinteressante para você - disse ele. Ela assentiu novamente.

- Por que eu desejaria *fazer* isso? - prosseguiu Rayford. Todo mundo gosta de ser apreciado. Eu podia ter atribuído a culpa à minha esposa ou outra pessoa. Mas quero viver em paz comigo mesmo.

Quero ser *capaz* de convencer você, quando eu começar a falar sobre coisas bem mais importantes, sem ter outros motivos em vista.

Os lábios de Hattie tremiam. Ela os apertou e olhou para baixo, enquanto uma lágrima deslizava em sua face. Olhar para ela com simpatia era tudo o que Rayford podia fazer para não ter de abraçá-la. Não haveria nada de sensual nesse gesto, mas ele não queria ser mal interpretado.

- Hattie - disse ele. - Sinto muito, muito mesmo. Perdoe-me. Ela assentiu movendo a cabeça, mas incapaz de falar. Tentou dizer alguma coisa, mas não conseguiu recompor-se.

- Agora, depois de tudo isso - disse Rayford -, tenho de convencê-la de algum modo de que me preocupo com você como amiga e como pessoa.

Hattie levantou ambas as mãos, esforçando-se para não chorar. Sacudiu a cabeça, como se não estivesse preparada para ouvir mais nada.

- Não, não diga nada - pediu ela. - Não agora.

- Hattie, eu tenho de dizer.

- Por favor, me dê um minuto.

- Fique à vontade, mas não fuja de mim agora - insistiu ele. - Eu não seria um verdadeiro amigo para você, se não lhe dissesse o que encontrei, o que aprendi, o que estou descobrindo cada vez mais a cada dia.

Hattie escondeu o rosto nas mãos e chorou.

- Eu não queria fazer isso. Não queria dar a você essa satisfação! Rayford falou tão ternamente quanto podia.

- Agora, você está *me* ofendendo - disse ele. - Se você não extraiu nada desta conversa, deve saber que suas lágrimas não me dão nenhuma satisfação. Cada uma delas é uma punhalada para mim. Sou o responsável. Eu estava errado.

- Dê-me um minuto - disse ela, afastando-se apressadamente.

Rayford remexeu sua maleta para encontrar a Bíblia de Irene e rapidamente localizou algumas passagens. Ele tinha decidido não falar com Hattie com a Bíblia aberta. Não queria que ela se sentisse constrangida ou intimidada, apesar de ter adquirido uma grande coragem e determinação.

- Você vai achar muito interessante a teoria de meu pai sobre os desaparecimentos -disse Chloe a Buck.

- Vou? - perguntou ele.

Ela meneou levemente a cabeça confirmando, e ele notou um pedacinho de chocolate no canto da boca de Chloe.

- Permita-me - disse ele estendendo a mão.

Ela levantou o queixo, e ele retirou o chocolate com o dedo polegar. E agora o que ele devia fazer? Limpar o dedo com um guardanapo? Impulsivamente, ele lambeu o polegar.

- Seu louco! - reagiu ela. - E se eu tiver uma doença contagiosa?

- Então agora nós dois estamos doentes - e riram. Buck sentiu o rosto arder, algo que não lhe acontecia há muito tempo, e por isso tratou de mudar de assunto.

- Você fala da teoria de seu pai como se talvez não fosse também a sua. Vocês divergem neste ponto?

- Ele pensa que sim, porque discuto com ele, e isso lhe tem causado aborrecimento. Eu só não quero parecer muito fácil de ser persuadida, mas, se tivesse de ser honesta, eu diria que estou muito perto. Veja, ele pensa que...

Buck levantou a mão.

- Oh! perdão, não me diga. Quero ouvir isso dele em primeira mão e gravar na fita cassete.

- Oh! desculpe-me.

- Está tudo bem. Não quis deixá-la embaraçada, mas é exatamente como gosto de trabalhar. Apreciaria muito também conhecer sua teoria. Pretendemos ainda conhecer as idéias de alguns garotos colegiais, mas seria improvável usar duas pessoas da mesma família. Naturalmente, você acaba de me dizer que está basicamente de acordo com seu pai, por isso seria melhor esperar e ouvir ambos ao mesmo tempo. Ela ficou em silêncio de repente e parecia séria.

- Sinto muito, Chloe, eu não quis insinuar que não estou interessado em *sua* teoria.

- Não é isso - disse ela. - Mas você simplesmente me enquadrou entre eles.

- Enquadrei você?

- Como uma garota colegial.

- Oh! não fiz isso, fiz? Minha falta, perdoe-me. Sei disso muito bem. Os alunos universitários não são garotos. E eu não a vejo como garota,

embora você seja um bocado mais jovem do que eu.

- Colegiais! Há muito tempo não ouço esta expressão.

- Estou revelando minha idade, não estou?

- Qual é a sua idade, Buck?

- Trinta e meio, a caminho dos 31 - disse ele piscando o olho.

- Pergunto, qual é a sua idade? - ela gritou, como se estivesse falando com um ancião surdo. Buck explodiu numa gargalhada.

- Vou comprar outro doce para você, garotinha, mas não quero tirar seu apetite.

- É melhor não *fazer* isso. Meu pai adora boa comida, especialmente quando ele tem convidados. Ele é um bom anfitrião.

- Está bem, Chloe.

- Posso dizer-lhe algo, sem que você pense que sou estranha? - perguntou ela.

- Agora é muito tarde - disse ele.

Ela fez uma carranca e deu-lhe um soco de brincadeira.

- Eu estava apenas querendo dizer que gosto do modo como você pronuncia meu nome.

- Não sabia que havia um outro modo de pronunciá-lo - disse ele.

- Oh! há sim. Mesmo os meus amigos escorregam ao pronunciá-lo em uma sílaba só, como Clói.

- Chloe - repetiu Buck.

- É isso - disse ela. - Exatamente. Duas sílabas, O longo, *E* longo.

- Gosto de seu nome - falou Buck imitando a voz rouca de um ancião. - É um nome apropriado para uma pessoa jovem. Quantos anos você tem, menina?

- Vinte e meio, a caminho dos 21.

- Oh! meu Deus - exclamou ele, ainda distorcendo a voz -, estou diante de uma menor de idade!

Enquanto caminhavam de volta ao Clube Pan-Continental, Chloe disse:

- Se você prometer não *fazer* estardalhaço por causa da minha idade, não vou *fazer o* mesmo com a sua.

- Você se comporta como uma pessoa de mais idade - reagiu ele com um sorriso aflorando aos lábios.

- Vou tomar isso como um elogio - disse ela com um sorriso comedido, como quem não está consciente da sinceridade dessa alusão.

- Estou falando sério - retornou ele. - Poucas pessoas de sua idade têm essa versatilidade e desenvoltura de se expressar.

- Agora tenho certeza de que foi um elogio.

- Você capta as coisas rapidamente.

- É verdade que você entrevistou Nicolae Carpathia? Ele confirmou meneando a cabeça.

- Somos quase amigos.

- Você está brincando!

- Bem, não é tanto assim. Mas nos damos muito bem.

- Fale-me sobre ele. E Buck falou.

Hattie retornou levemente refeita, mas ainda com os olhos inchados, e sentou-se novamente como se estivesse preparada para continuar a ouvir afirmações constrangedoras. Rayford reiterou que estava sendo sincero em seus pedidos de desculpa, e ela completou:

- Vamos simplesmente esquecer tudo isso, está bem?

- Preciso saber se você me perdoou - insistiu ele.

- Você parece estar realmente dependendo de meu perdão, Rayford. Isso vai permitir que você se sinta "libertado", com a consciência tranqüila?

- Talvez sim - disse ele. - Acima de tudo, eu ficaria sabendo que você acredita na minha sinceridade.

- Eu acredito - disse Hattie. - Isso não vai tornar as coisas mais agradáveis nem mais fáceis, mas, se fizer você sentir-se melhor, acredito de fato em sua sinceridade. E não vou guardar ressentimentos, o que significa que você está perdoado.

- Bem, vou aceitar até onde puder - acrescentou ele. -Agora, quero ser muito honesto com você.

- Hã, oh! ainda tem mais? Ou você se refere àquilo que quis me ensinar sobre o que aconteceu na semana passada?

- Sim, exatamente, mas preciso dizer-lhe que Chloe me aconselhou a não falar sobre esse assunto neste momento.

- A mesma conversa como a, hã, outra, você quer dizer.

- Isso mesmo.

- Sua filha é uma garota esperta - disse ela. - Vamos nos entender bem.

- Você não tem muito mais idade do que ela.

- Uma observação fora de propósito, Rayford. Se você está pretendendo usar o tipo de abordagem "Você tem idade para ser minha filha", deveria ter pensado nisto antes.

- Não, a menos que eu tivesse sido seu pai quando tinha 15 anos - disse Rayford. - De qualquer forma, Chloe está convencida de que você não estaria disposta ou preparada para ouvir neste momento.

- Por quê? Isso requer alguma reação? Tenho de aceitar suas idéias ou algo assim?

- É o que espero, porém minha resposta é não. Se for alguma coisa que você não possa aceitar imediatamente, compreendo. Mas admito que você perceberá a premência de assumir uma posição.

Rayford sentia-se como Bruce Barnes, quando este lhe expôs a verdade no dia em que se conheceram. Estava cheio de entusiasmo e persuasão, sentindo que as orações que fez para receber coragem e agir coerentemente tinham sido respondidas à medida que falava. Ele contou a Hattie sua história com Deus, dizendo que fora educado num lar cristão, que todos freqüentavam a igreja e que ele e Irene participaram de várias

igrejas durante seu casamento. Chegou a dizer que a preocupação de Irene com os acontecimentos do final dos tempos levou-o a considerar a necessidade pessoal de buscar companhia fora do lar.

Rayford podia perceber pelo olhar de Hattie que ela sabia aonde ele queria chegar, que ele passara a concordar com Irene, aceitando as mesmas crenças dela. Hattie ficou imóvel na cadeira enquanto ele relatava o que tinha encontrado naquela manhã em que chegou a sua casa depois da aterrissagem em O'Hare.

Ele contou-lhe a respeito do telefonema para a igreja, do encontro com Bruce, do relato que este lhe fez, do videoteipe, de seus estudos, das profecias da Bíblia, dos pregadores em Israel, os quais, de forma límpida e irretorquível, correspondiam às duas testemunhas mencionadas no Apocalipse.

Rayford contou-lhe como tinha repetido as palavras da oração do pastor ao ver o videoteipe e como se sentia agora tão responsável por Chloe, desejoso de que ela também reencontrasse Deus. Hattie mantinha os olhos fixos nele.

Nada transparecia nos gestos ou na expressão dela que o animasse, mas ele continuou. Não pediu que ela orasse com ele. Simplesmente disse que não iria mais justificar as coisas em que acreditava.

- Você pode constatar, ao menos, que uma pessoa que aceita esta verdade deve passá-la adiante. Essa pessoa não seria considerada amiga, se não agisse assim.

Hattie não lhe dava nem mesmo a satisfação de um sinal de reconhecimento e respeito, ainda que fosse um simples mover da cabeça.

Depois de quase meia hora, ele esgotou seu novo conhecimento e concluiu:

- Hattie, quero que você pense e medite no que lhe falei, veja o videoteipe, fale com Bruce, se quiser. Não posso *fazer* você acreditar. Ilido o que posso *fazer* é alertá-la sobre aquilo que passei a aceitar como verdade. Preocupo-me com você e não gostaria, nem teria minha consciência em paz, que você perdesse a oportunidade simplesmente porque ninguém lhe falou a este respeito.

Finalmente, Hattie aprumou-se na cadeira e suspirou.

- Bem, isto é fascinante, Rayford. É, realmente. Gostei de ouvir sua exposição. Pareceu-me estranho e diferente, porque nunca soube que essas coisas estavam na Bíblia. Minha família freqüentou a igreja quando eu era criança, especialmente em celebrações ou quando era convidada, mas nunca tinha ouvido essas coisas. *Vou* pensar no assunto. Tenho de fazê-lo de algum modo. Depois de ouvir um relato como esse, é difícil afastá-lo da mente por um bom tempo. É isso o que você vai dizer a Buck Williams no jantar?

- Palavra por palavra. Ela riu furtivamente.

- Fico pensando se algum desses aspectos vai figurar em sua revista.

- Provavelmente serão publicadas ao lado de alienígenas do espaço, guerra bacteriológica e raios mortíferos - pressentiu Rayford.

VINTE E UM

QUANDO Buck e Chloe se reencontraram com Hattie e Rayford, perceberam que Hattie havia chorado. Buck considerou que não deveria aproximar-se para perguntar o **que** tinha havido, e ela em nenhum momento lhe acenou com essa possibilidade.

Buck estava entusiasmado com a oportunidade de entrevistar Rayford Steele, mas suas emoções eram confusas. As reações do capitão, que havia pilotado o avião em que ele era passageiro quando ocorreram os desaparecimentos, acrescentariam aspectos dramáticos à sua reportagem. Porém, mais do que isso, ele desejava estar perto de Chloe. Buck retornaria ao escritório, em seguida iria para seu apartamento para mudar de roupa e os encontraria mais tarde no Carlisle. No escritório, ele recebeu um telefonema de Stanton Bailey perguntando quando poderia ir a Chicago para providenciar a substituição de Lucinda Washington.

- Devo ir logo, mas não quero perder o desenrolar dos acontecimentos na ONU.

- Tudo o que vai acontecer lá amanhã cedo você já ouviu de Plank - disse Bailey. - Eu soube que as coisas já estão começando a ser decididas. Plank vai assumir sua nova função amanhã cedo, negar o interesse de Carpathia, reiterar o que vai se *realizar,* e todos nós ficaremos na expectativa de alguém morder a isca. Não acredito que isso vai acontecer.

- Eu desejaria que sim - disse Buck, na esperança de ainda poder confiar em Carpathia e

ansioso para ver o que o homem faria em relação a Stonagal e Todd-Cothran.

- Eu também - disse Bailey -, mas quais são as probabilidades? Ele é o homem para este momento, mas seus planos de desarmamento global e de reorganização são muito ambiciosos. Isso nunca vai acontecer.

- Eu sei, mas se o senhor estivesse decidindo, não se empenharia em conseguir?

- Sim - disse Bailey suspirando. - Provavelmente me empenharia. Estou muito cansado de guerra e violência. E eu até apoiaria a mudança para essa Nova Babilônia.

- Talvez os delegados junto à ONU serão bastante atilados para perceber que o mundo está pronto para Carpathia - disse Buck.

- Não seria bom demais para ser verdade? - perguntou Bailey. - Não aposte nessa certeza, não fique ansioso nem faça qualquer outra coisa que não tenha a obrigação de *fazer,* quando as possibilidades estão contra você.

Buck informou ao seu novo chefe que voaria a Chicago na manhã seguinte e retornaria a Nova York domingo à noite.

- Vou sondar o terreno, descobrir quem está à altura dessa posição em Chicago, ou se vamos ter de procurar candidatos fora.

- Eu preferiria estar por dentro disso - disse Bailey. - Mas é meu estilo deixar que você tome essas decisões.

Buck telefonou para Linhas Aéreas Pan-Continental e foi informado de que o vôo de Rayford Steele sairia às oito da manhã. Ele disse à

funcionária encarregada das reservas que a companheira de viagem de Rayford era Chloe Steele.

- Sim - disse ela. - A Srta. Steele tem um bilhete de cortesia na primeira classe. Há uma poltrona vaga ao lado dela. O senhor também é um convidado da tripulação?

-Não.

Ele fez uma reserva na classe econômica por conta da revista e pagaria por fora a diferença para viajar na primeira classe ao lado de Chloe. Ele não diria nada durante o jantar naquela noite sobre a viagem a Chicago.

Fazia muito tempo que Buck não usava gravata, mas agora tratava-se, afinal de contas, do restaurante do Hotel Carlisle. Ele não seria admitido no recinto sem gravata. Felizmente, foram levados a uma mesa privativa numa saleta, onde ele podia esconder sua valise, evitando desta forma ser visto como deselegante. Seus companheiros de mesa supunham que ele precisava da maleta para guardar seus equipamentos, desconhecendo que ele carregava também uma muda completa de roupa.

Chloe estava radiante, aparentando ter cinco anos mais e trajava urn vestido de alto estilo para noite. Estava evidente que ela e Hattie tinham passado parte da tarde num salão de beleza.

Rayford notou que sua filha estava deslumbrante naquela noite e se pôs a considerar o que o redator da revista pensava dela. Claramente esse Williams era um tanto velho para ela.

Rayford passou as horas livres antes do jantar dormindo e depois orou para que tivesse a mesma coragem e clareza que tivera com Hattie. Não fazia

idéia do que ela pensava, exceto que ele tinha sido "fascinante" por contar tudo a ela. Ele não sabia ao certo se aquilo era sarcasmo ou condescendência. Só esperava ter dito tudo o que era necessário. Seria bom que ela passasse algum tempo a sós com Chloe. Rayford esperava que Chloe não fosse tão antagônica e relutante a ponto de se aliar a Hattie contra ele.

No restaurante, Williams aparentava olhar insistentemente para Chloe sem dar atenção a Hattie. Rayford considerou essa atitude uma indelicadeza, mas que não parecia incomodar Hattie. Talvez ela tivesse real interesse em Buck e não queria demonstrar. Rayford nada comentou sobre o novo visual de Hattie para a noite, mas aquilo era intencional. Ela estava belíssima como sempre, mas ele evitava trilhar novamente o mesmo caminho.

Durante o jantar, Rayford manteve uma conversa amena. Buck pediu-lhe que o avisasse quando estivesse pronto para a entrevista. Após a sobremesa, Rayford dirigiu-se reservadamente ao garçom.

- Gostaríamos de passar outra hora ou pouco mais aqui, se não houver problema.

- Senhor, temos uma extensa lista de reservas...

- Não quero que esta mesa lhe dê prejuízo - disse Rayford, colocando uma boa gorjeta extra na mão do garçom - e peça-nos que deixemos a mesa quando se tornar necessário.

O garçom lançou um rápido olhar para a nota e enfiou-a no bolso.

- Estou certo de que o senhor não será incomodado - disse ele. E os copos continuaram sendo abastecidos de água.

Rayford gostou de responder às perguntas iniciais de Williams sobre sua atividade, seu treinamento, seus antecedentes familiares e sua educação e formação em geral, mas estava ansioso para falar de sua nova missão na vida. E finalmente veio a pergunta.

Buck tentou concentrar-se nas respostas do capitão, mas estava ao mesmo tempo procurando impressionar Chloe. Toda a imprensa e os leitores do *Semanário Global* sabiam que ele era o melhor entrevistador do mundo. Além do mais, sua capacidade de peneirar rapidamente o conteúdo de informações e tornar o artigo interessante e agradável de ler também colaborou para que ele ficasse famoso.

Buck fez algumas rápidas perguntas preliminares e gostou das respostas do capitão.

Steele parecia honesto e sincero, muito vivo e eloqüente. Ele observou que Chloe era muito parecida com Rayford.

- Agora estou pronto - disse ele - para perguntar sua idéia sobre o que aconteceu naquele fatídico vôo para Londres. O senhor tem uma teoria?

O capitão hesitou e sorriu como que se concentrando.

- Tenho mais do que uma teoria - disse ele. - Você pode pensar que isto parece uma coisa absurda, uma insanidade vinda de uma pessoa de mente voltada para a área técnica, como a minha,

mas acredito ter encontrado a verdade e sei exatamente o que aconteceu.

Buck sabia que isso teria um destaque especial na revista.

- Aprecio um homem que conhece sua mente - disse. - Aqui está sua oportunidade de apresentá-la ao mundo.

Chloe escolheu aquele momento para tocar suavemente o braço de Buck e pedir que ele a desculpasse por ter de retirar-se por um momento.

- Eu a acompanho - disse Hattie. Buck sorriu, acompanhando-as com os olhos ao se afastarem.

- O que está acontecendo? - perguntou. - Uma conspiração? Elas foram instruídas a me deixar a sós com o senhor, ou já conhecem a história e não querem ouvir a reprise?

Rayford sentiu-se frustrado intimamente, quase a ponto de enraivecer. Esta era a segunda vez em poucas horas que Chloe se afastava dele num momento crucial.

- Asseguro-lhe que não é este o caso - disse ele, forçando um sorriso. Não podia retardar a entrevista e esperar pelo retorno delas. A pergunta tinha sido feita, ele se sentia pronto, portanto atirou-se de corpo e alma ao assunto, dizendo coisas que poderiam enquadrá-lo na categoria dos loucos ou excêntricos. Da mesma forma que procedera com Hattie, ele resumiu a história de sua vida espiritual irregular e, em pouco mais de meia hora, pôs Williams a par de tudo, contando cada detalhe que considerava relevante. Nesse ínterim, as jovens retornaram.

Buck permaneceu sentado sem interromper, enquanto aquele profissional lúcido e sincero expunha uma teoria que, apenas três semanas antes, ele teria considerado absurda. Pareciam palavras que ouvira na igreja e de amigos, mas seu entrevistado sempre tinha um capítulo e um versículo da Bíblia para dar consistência às suas afirmações. E quanto àqueles dois pregadores em Jerusalém representando as duas testemunhas profetizadas no Apocalipse? Buck estava espantado. Resolveu interromper.

- Este é um ponto interessante. O senhor está sabendo da última notícia? - perguntou Buck, passando, em seguida, a relatar o que vira na televisão durante alguns minutos em seu apartamento. - Milhares de pessoas parecem estar fazendo uma espécie de peregrinação ao Muro das Lamentações. Elas fazem uma fila de vários quilômetros tentando entrar no recinto e ouvir a pregação. Muitos estão se convertendo e saindo para testemunhar ou pregar a mensagem ouvida.

As autoridades são impotentes para conter a multidão, a despeito da forte oposição dos judeus ortodoxos. Aqueles que se opõem aos pregadores são silenciados ou paralisados de algum modo, sem qualquer intervenção física, e muitos dos soldados da guarda mantida pelos ortodoxos estão se juntando aos pregadores.

- É espantoso - respondeu o piloto. - Porém mais espantoso ainda é que tudo isso foi profetizado na Bíblia.

Buck estava ansioso, um tanto agoniado, tentando recompor-se. Não estava seguro daquilo que ouvia, mas as palavras de Steele pareciam-lhe consistentes. Talvez o homem estivesse procurando

associar a profecia bíblica ao que estava acontecendo em Israel, mas ninguém tinha outra explicação. O que Steele havia lido para ele no Apocalipse parecia claro.

Talvez aquilo estivesse errado. Talvez se tratasse de uma linguagem complicada e difícil de entender. Entretanto, era a única teoria que se relacionava mais de perto com os incidentes e com alguma lógica. Que outra coisa poderia provocar em Buck constantes calafrios pelo corpo?

Buck concentrou-se na pessoa do capitão Steele, com o pulso disparado, sem olhar para os lados. Ele se sentia paralisado. Imaginava que as duas jovens pudessem estar ouvindo o pulsar de seu coração. Seria tudo isso possível? Poderia ser verdadeiro? Tinha ele testemunhado a clara intervenção divina na destruição da força aérea russa para poder compreender agora um fenômeno como este? Podia ele apenas balançar a cabeça num gesto de descrédito e varrer tudo isso de sua mente? Poderia dormir para refrescar as idéias e voltar ao seu sentido normal pela manhã? Uma conversa com Bailey e Plank teria o condão de sacudi-lo e recolocá-lo no trilho, levando-o a livrar-se dessa tolice?

Ele sentia que não. Alguma coisa mais reclamava atenção. Ele queria acreditar em algo que juntasse todas as peças e formasse um sentido. Mas Buck também queria acreditar em Nicolae Carpathia. Talvez Buck estivesse enfrentando um momento assustador que o tomava vulnerável a pessoas sensíveis. Ele não era assim, mas, então, quem era ele nesses dias? Quem poderia esperar ser a mesma pessoa em tempos como os que estavam sendo vividos?

Buck não queria deixar passar a oportunidade de falar abertamente de si mesmo. Queria perguntar a Rayford a respeito de sua cunhada, sobrinho e sobrinha. Mas tratava-se de um assunto pessoal, que não se relacionava com a reportagem que estava montando. Essa matéria não visava a uma indagação pessoal em busca da verdade. Sua missão era meramente colher fatos que fariam parte de uma reportagem mais ampla.

Em nenhum momento Buck chegou a pensar em escolher uma teoria favorita e defendê-la como se fosse sancionada pelo *Semanário Global.* Ele deveria juntar todas as teorias, desde as plausíveis até as mais bizarras. Os leitores se incumbiriam de acrescentar suas idéias na seção de *Cartas,* ou tomariam uma decisão com base na credibilidade das fontes de informação. O piloto da companhia aérea seria visto como um homem de visão e convincente, a menos que Buck o fizesse parecer urn lunático.

Pela primeira vez, até onde podia se lembrar, Buck Williams ficou sem ter o que dizer.

Rayford estava certo de que não tinha sido convincente em impressionar o repórter. Ele esperava apenas que o redator fosse bastante esperto para compreender, citar suas palavras corretamente e representar seus pontos de vista de modo a influenciar os leitores a aceitarem o cristianismo. Pareceu-lhe claro que o próprio Williams não se deixou influenciar. Se Rayford tivesse de adivinhar, diria que Williams estava tentando esconder um sorriso de zombaria - ou então estava se divertindo ou surpreso demais a ponto de não ter conseguido esboçar uma reação.

Rayford teve de lembrar a si mesmo que seu propósito básico era convencer Chloe, em primeiro lugar, e depois talvez influenciar o público leitor, se a revista fosse fiel ao transcrever suas idéias. Se Cameron Williams pensasse que Rayford estava totalmente fora da realidade, poderia simplesmente deixar de fora seu depoimento, com todas as suas idéias absurdas.

Buck não confiava em si mesmo para reagir com coerência. Ele ainda estava com calafrios e, ao mesmo tempo, sentia a roupa grudar em seu corpo suado. O que estava acontecendo com ele? Dirigiu-se a Rayford com voz pausada, quase sussurrando:

- Quero agradecer-lhe o seu tempo e o jantar. Voltarei a contatá-lo antes de usar qualquer de suas declarações.

Isso, evidentemente, não fazia sentido. Ele lançou mão desse expediente unicamente como oportunidade de *fazer* novo contato com o piloto. Ele poderia ter uma porção de perguntas pessoais sobre o assunto, mas jamais permitiu que as pessoas entrevistadas revissem suas palavras antes da publicação. Sempre confiou em seu gravador e em sua memória e nunca foi acusado de deturpar as declarações de urn entrevistado.

Buck olhou novamente para o capitão e notou uma estranha aparência em seu rosto. Ele parecia... o quê? Desapontado? Sim, e em seguida resignado.

Repentinamente, Buck se lembrou das qualificações da pessoa com quem estava lidando. Tratava-se de um homem inteligente e culto. Certamente ele deveria saber que os entrevistadores jamais retornam a suas fontes para confirmar declarações. O capitão tinha o direito de

pensar que estava diante de urn jornalista principiante.

Uma mancada típica de urn "foca", Buck, ele mesmo se repreendeu. Você acaba de subestimar sua fonte.

Enquanto guardava seu equipamento, Buck percebeu que Chloe estava chorando. Lágrimas escorriam em suas faces. O que havia com essas jovens? Hattie Durham tinha chorado quando ela e o capitão terminaram sua conversa naquela tarde. Agora Chloe.

Buck podia imaginar o que se passava, ao menos em relação a Chloe. Se ela estava chorando por ter ficado comovida com a sinceridade e convicção de seu pai, não era de surpreender. Buck sentia um nó na garganta, e pela primeira vez, desde que encostou o rosto no chão, de medo, em Israel durante o ataque russo, ele tinha necessidade de um lugar reservado para chorar.

- Posso perguntar mais uma coisa, fora da gravação? -indagou ele. - Posso perguntar o que o senhor e Hattie estavam conversando esta tarde no clube?

- Buck! - Hattie desabafou colérica. - Não é da sua...

- Se o senhor não quiser responder, vou compreender -disse Buck. - Eu estava apenas curioso.

- Bem, grande parte da conversa foi pessoal - disse Rayford.

- Entendo.

- Mas, Hattie - ponderou o capitão -, não vejo nenhum mal em dizer-lhe que o resto de nossa conversa foi o que tratamos aqui. Certo?

Ela encolheu os ombros.

- Ainda fora da gravação, Hattie - disse Buck. - Você se importa se eu perguntar sua reação a tudo isso?

- Por que fora da gravação? - explodiu Hattie. - A opinião de um piloto é mais importante do que a de uma comissária?

- Vou ligar o gravador, já que você quer - disse ele. - Não sabia que você desejava ter seu depoimento gravado.

- Não quero - disse ela. - Eu queria apenas que alguém me convidasse a depor. Agora é tarde.

- E não se importa de dizer o que acha.

- Não... bem, vou dizer a você. Acho que Rayford é sincero e ponderado. Se ele está certo ou não, não tenho nenhuma idéia. Esse assunto está além do meu entendimento e é muito estranho. Mas estou convencida de que ele acredita nisso. Se ele deve acreditar ou não, com sua formação e tudo mais, não sei. Talvez ele esteja muito impressionado porque perdeu sua família.

Buck assentiu, concluindo que estava mais perto de aceitar a teoria de Rayford do que ela. Olhou para Chloe, esperando que ela estivesse mais calma e pudesse ser ouvida. Ela ainda esfregava os olhos com um lenço.

- Por favor, não me faça perguntas agora - disse ela.

Rayford não se surpreendeu com a resposta de Hattie, mas ficou profundamente desapontado com Chloe. Estava convencido de que ela não quis deixá-lo em situação embaraçosa por ter de dizer que ele foi grotesco. *Eu devia estar agradecido,* pensava. Pelo menos, sua filha ainda se sensibilizava com os sentimentos dele. Talvez devesse ser mais compreensivo com ela, mas decidiu que não podia permitir mais que aquelas amenidades se tornassem prioritárias. Lutaria pela fé até que ela tomasse sua decisão. Naquela noite, contudo, estava claro que ela ouvira o suficiente. Não a pressionaria. Só esperava poder dormir, a despeito de seu remorso sobre a condição emocional da filha. Ele a amava muito.

- Sr. Williams - disse ele, levantando-se e estendendo-lhe a mão -, foi um prazer. O pastor de Illinois, de quem lhe falei, está bem informado sobre este assunto e sabe mais do que eu a respeito do anticristo e outras coisas. Creio que vale a pena ligar para ele e conhecer mais coisas. Bruce Barnes, Igreja Nova Esperança, Monte Prospect.

- Vou guardar essas informações na mente - disse Buck. Rayford estava convencido de que Williams apenas quis ser gentil.

Falar com esse Barnes seria uma grande idéia, pensou Buck. Talvez ele tivesse tempo no dia seguinte, em Chicago. Deste modo, poderia inteirar-se de tudo por si mesmo, sem misturar o aspecto profissional com interesses próprios.

Os quatro caminharam lentamente até o saguão. - Vou lhes dar meu boa-noite - disse Hattie. - Embarco no primeiro vôo amanhã.

Ela agradeceu a Rayford o jantar, sussurrou alguma coisa ao ouvido de Chloe - que parecia algo sem resposta - e agradeceu a Buck sua hospitalidade naquela manhã.

-Talvez eu telefone para o Sr. Carpathia nesses próximos dias - disse ela.

Buck resistiu ao impulso de dizer-lhe o que sabia sobre o futuro iminente de Carpathia. Ele duvidava de que o homem tivesse tempo para ela.

Chloe parecia como se desejasse acompanhar Hattie até os elevadores e, por outro lado, queria também dizer alguma coisa a Buck. Ele ficou pasmo quando ela disse:

- Dê-nos um minuto, pode ser, papai? Subo em seguida. Buck sentiu-se lisonjeado por Chloe ter permanecido no andar para dizer adeus pessoalmente, mas ela estava ainda emocionada. Sua voz estava trêmula quando lhe disse formalmente dos bons momentos que tiveram naquele dia. Ele tentou prolongar a conversa.

- Seu pai é uma pessoa de muita sensibilidade - comentou ele.

- Eu sei - disse ela. - Em especial nestes últimos dias.

- Posso ver que você pode concordar com ele sobre grande parte daquele assunto.

- Você pode ver?

- Claro! Eu mesmo tenho muito que pensar sobre isso. Você tem dado um bocado de trabalho para ele, hein?

- Dava. Agora, não.

- Não? Por quê?

- Você pode perceber o quanto isso significa para ele. Buck concordou movendo a cabeça. Chloe estava a ponto de se emocionar de novo. Ele estendeu-lhe a mão.

- Foi maravilhoso passar alguns momentos com você - disse ele.

Ela riu meio inibida, como que constrangida sobre o que acabara de pensar.

- O que foi? - insistiu ele.

- Oh! nada. Uma coisa tola.

- Vamos, o que foi?

- Bem, sinto-me uma idiota - disse ela. - Acabo de conhecê-lo e já estou sentindo saudade. Se for a Chicago, ligue para mim. - É uma promessa - disse Buck. - Não sei quando, mas, digamos, mais depressa do que você imagina.

VINTE E DOIS

BUCK não dormiu bem, em parte porque estava entusiasmado pela surpresa da manhã seguinte. Só esperava que Chloe ficasse feliz ao vê-lo. Sua mente girava à procura de respostas. Se tudo o que Rayford Steele havia postulado fosse verdade, por que Buck levara uma vida inteira para conhecê-la? Buck sabia instintivamente que, se parte do que ouvira fosse verdadeiro, o todo também seria. Será que ele tentara encontrar a verdade o tempo todo, mal sabendo o que procurava?

No entanto, mesmo o capitão Steele - um piloto organizado, de mente analítica - havia perdido a oportunidade, apesar de alegar ter vivido

sob o mesmo teto com uma pessoa defensora de uma causa, devotada e quase fanática. Buck estava tão inquieto que se levantou e pôs-se a caminhar de um lado para o outro. Por mais estranho que parecesse, não se sentia aborrecido nem feliz. Sentia-se simplesmente oprimido. Até poucos dias antes, nada daquilo fazia o mínimo sentido para ele, e agora, pela primeira vez desde a experiência em Israel, não conseguia separar-se de sua reportagem.

O ataque à Terra Santa tinha sido um divisor de águas em sua vida. Ele havia contemplado a morte de frente e teve de reconhecer que alguma coisa do outro mundo - isso mesmo, sobrenatural, alguma coisa vinda diretamente do Deus Todo-poderoso -foi lançada sobre aquelas colinas empoeiradas em forma de fogo no céu. E ele tinha aprendido, sem sombra de dúvida, pela primeira vez na vida, que coisas inexplicáveis não podiam ser dissecadas nem avaliadas cientificamente com imparcialidade sob uma perspectiva acadêmica.

Buck tinha sempre se orgulhado de isolar-se dos fatos, por incluir o elemento humano, o dia-a-dia das pessoas em suas reportagens, quando outros resistiam a tal vulnerabilidade. Esta habilidade permitia que os leitores se identificassem com ele, provassem, sentissem e cheirassem o que lhes era mais importante. Mas sempre tinha sido *capaz,* mesmo depois de uma proximidade com a morte, de permitir que o leitor vivesse o episódio sem revelar a profunda angústia que sentia no peito sobre a existência de Deus. Agora aquela separação parecia impossível. Como podia ele escrever a reportagem mais importante de sua vida, aquela que já estava perto de esquadrinhar sua alma, sem revelar subconscientemente seu conflito pessoal?

Buck percebeu que, no decorrer de pouquíssimas horas, já começara a pender para o outro lado. Não estava ainda preparado para orar, para tentar falar com um Deus que ele rejeitara havia muito tempo. Nem sequer tinha orado quando se tornou convencido da existência de Deus naquela noite em Israel. O que havia de errado com ele? Todas as pessoas no mundo, ao menos aquelas intelectualmente honestas consigo mesmas, tinham de admitir que havia um Deus depois daquela noite. Coincidências assombrosas tinham ocorrido antes, mas aquela desafiava toda a lógica.

Vencer os poderosos russos foi uma façanha, por certo, totalmente inesperada. Mas a história de Israel estava repleta de lutas legendárias. Por outro lado, não defender-se e não sofrer nenhuma baixa? Isso estava além de toda compreensão - a não ser que tivesse havido a intervenção direta de Deus.

Por que - Buck questionava - aquilo não tinha causado um impacto maior em seu íntimo? Sozinho e no escuro, ele chegou à dolorosa constatação de que separara, havia muito tempo, as necessidades humanas mais básicas em categorias e as classificara como insignificantes. E o que dizer a respeito de si mesmo, da criatura desumana e desprezível em que se transformara, que nem mesmo a contundente evidência do milagre de Israel - porque só poderia ter sido um milagre - foi *capaz* de abrandar a receptividade de seu espírito perante Deus?

Não se passaram muitos meses, e veio o grande desaparecimento de milhões de criaturas em todos os cantos do mundo. Dezenas de passageiros sumiram do avião em que ele viajava. De que mais ele precisava? Buck parecia estar vivendo o

personagem de um filme de ficção. Sem dúvida alguma, ele tinha sobrevivido ao evento mais cataclísmico da História. Constatou que não havia tido um segundo para pensar nas últimas duas semanas. Não fosse pelas tragédias pessoais que havia testemunhado, ele teria acreditado em sua teoria de que o universo ficara fora de controle.

Ele desejava encontrar esse Bruce Barnes, sem mesmo pretender entrevistá-lo para um artigo. Buck estava agora fazendo uma busca pessoal, procurando satisfazer às profundas carências de seu ser. Por longos anos, ele tinha rejeitado a idéia de um Deus pessoal ou que tivesse necessidade desse Deus - se houvesse um. Ele teria de acostumar-se a essa idéia. O capitão Steele afirmara que todos somos pecadores. Buck era realista a tal respeito. Ele sabia que sua vida jamais se nivelaria à de um professor de Escola Dominical. Mas tinha sempre esperado que, se algum dia se colocasse diante de Deus, seu lado bom superaria o mau e que, em termos relativos, ele era tão bom ou melhor do que muita gente.

Agora, se Rayford Steele e todos os versículos de sua Bíblia devessem ser aceitos, não fazia diferença se Buck fosse bom ou mau ou onde ele se situava em relação a outras pessoas. Uma expressão antiga o intrigava e estava freqüentemente em sua cabeça: "Não há nenhum justo, nem um sequer." Ele nunca se considerou justo, neste sentido bíblico. Podia ele avançar um pouco mais e admitir sua necessidade de Deus, de seu perdão, de Cristo?

Seria possível? Poderia ele estar na iminência de tornar-se um cristão nascido de novo? Ele se sentiu um tanto aliviado quando Rayford Steele

usou essa expressão. Buck tinha lido e até mesmo escrito sobre "esses tipos" de pessoa; porém, apesar de ter uma vasta cultura sobre assuntos do mundo, ele nunca alcançou exatamente o sentido da expressão. Ele havia sempre considerado o termo "nascido de novo" equivalente a "militante da ala direitista" ou "fundamentalista". Daqui para a frente, se resolvesse dar um passo que nunca sonhara dar, se não pudesse mais, de certo modo, dissociar-se dessa verdade que se tornara intelectualmente incontestável, chamaria a si uma tarefa: ensinar ao mundo o significado verdadeiro dessa curta expressão.

Buck finalmente cochilou no sofá da sala de estar, apesar da lâmpada acesa perto de seu rosto. Ele dormiu profundamente umas duas horas, mas acordou a tempo de chegar ao aeroporto. A expectativa de surpreender Chloe e viajar com ela deu-lhe forças para superar sua fadiga. Mas ainda mais empolgante era a possibilidade de encontrar em Chicago outro homem com respostas, um homem em quem confiava simplesmente pela recomendação de um piloto que parecia expor a verdade com autoridade. Seria interessante dizer a Rayford Steele algum dia quanto aquela entrevista aparentemente inócua tinha significado para ele. Buck, porém, admitia que Steele já havia sentido isso. Talvez fosse por esse motivo que Steele parecia tão apaixonado pelo assunto.

Se aquele acontecimento indicava que em breve se iniciaria o período de tribulação profetizado na Bíblia, e não havia nenhuma dúvida a respeito, Rayford considerava em sua mente se haveria alguma alegria nisto. Bruce parecia achar que não haveria, apesar dos poucos convertidos que sua igreja pudesse ter o privilégio de conseguir. Até

aquele momento, Rayford sentia-se um fracassado. Embora estivesse certo de que Deus lhe dera as palavras e a coragem para expor a verdade, ele sentia que havia cometido um erro ao comunicar a mensagem a Hattie.

Talvez ela estivesse certa. Talvez ele tivesse sido egoísta. Talvez ele estivesse querendo aliviar de seus ombros o peso da culpa que sentia. Mas ele sabia mais. Diante de Deus, acreditava que seus motivos eram puros. Entretanto, ficou evidente que ele só conseguira convencer Hattie de estar sendo sincero e de ter algo em que acreditar, nada mais. Até que ponto isso era bom? Se Hattie não tivesse aceitado o que ele lhe dissera, teria de assumir que ele acreditava em uma fantasia, ou então teria de admitir que desprezava a verdade. O que ele transmitira a ela não deixava espaço para outra opção.

E quanto a seu desempenho durante a entrevista com Cameron Williams? Naqueles momentos, Rayford sentira-se confortável, expondo com clareza, calma e racionalidade. Reconhecia que estava tratando de temas revolucionários, dissonantes, mas sentia que Deus o havia capacitado a falar com lucidez. No entanto, se não conseguiu despertar nenhuma reação no repórter além de uma atenção especial, que tipo de testemunha podia ser ele? Do fundo da sua alma, Rayford desejava ser mais eficaz. Acreditava que tinha desperdiçado sua vida antes disto e dispunha agora somente de um curto período para compensar o tempo perdido. Seria eternamente grato por sua salvação, mas agora desejava compartilhá-la, trazendo mais pessoas a Cristo. A entrevista foi uma oportunidade extraordinária, mas no íntimo sentia que não tinha se saído bem. Valeria a pena

orar para conseguir outra chance? Rayford acreditava que não seria mais Cameron Williams. O repórter não telefonaria para Bruce Barnes, e as palavras de Rayford jamais seriam vistas nas páginas do *Semanário Global.*

Enquanto Rayford se barbeava, tomava banho e se vestia, ouviu Chloe arrumando a mala. Ela havia ficado nitidamente embaraçada por causa dele na noite anterior. Provavelmente, chegou a desculpar-se com o Sr. Williams pelas divagações absurdas de seu pai. Pelo menos, ao subir, ela deu uma batidinha na porta do quarto dele para dizer boa noite. Já era *alguma coisa,* não era?

Toda vez que pensava em Chloe, Rayford sentia um aperto no peito, um grande vazio e angústia. Ele podia conviver com suas outras falhas, se fosse o caso, mas seus joelhos quase se dobraram enquanto orava silenciosamente por Chloe. Não *posso perdê-la,* pensou, acreditando que seria *capaz* de trocar a própria salvação pela salvação da filha, se fosse necessário.

Com esta disposição, ele sentiu que Deus lhe falava, mostrando-lhe que esse era precisamente o preço exigido para ganhar almas e guiá-las a Cristo. Essa tinha sido a atitude de Jesus, que tomou sobre si a punição que cabia a homens e mulheres, a fim de que pudessem ser salvos.

Rayford reuniu novas forças enquanto orava por Chloe, ainda lutando com o temor incômodo do fracasso. "Deus, preciso de ânimo", disse ele sussurrando. "Preciso saber se não a afastei de mim para sempre." Chloe lhe dera boa noite, mas ele também a ouviu chorando ao deitar-se.

Ele surgiu diante dela trajando uniforme e sorriu quando a viu à frente da porta, vestida com simplicidade para viajar.

- Está pronta, doçura? - perguntou ele, tentando iniciar uma conversa.

Ela afirmou com um gesto, esboçou um sorriso e, em seguida, deu-lhe um abraço longo e apertado, pressionando o rosto contra o peito dele. *Obrigado,* orou ele em silêncio, sem saber se devia dizer alguma coisa. Seria aquele o momento? Teria coragem de pressioná-la?

Rayford sentiu de novo a presença de Deus, como se Ele estivesse dizendo diretamente à sua alma: *Paciência. Não insista. Não insista.* Manter-se em silêncio parecia muito difícil. Chloe também não disse nada. Eles comeram um desjejum leve e partiram para o aeroporto.

Chloe foi a primeira passageira a entrar no avião.

- Vou tentar vê-la durante o vôo - disse Rayford antes de se dirigir à cabina de comando.

- Não se preocupe, se não puder - disse ela. - Eu compreendo.

Buck esperou até que todos os passageiros estivessem a bordo. Quando se aproximou de sua poltrona ao lado de Chloe, ela estava virada para a janela, braços cruzados, o queixo apoiado na mão. Não dava para perceber se ela estava com os olhos abertos. Buck esperava que ela se voltasse e olhasse para ele ao sentar-se, e não pôde evitar um sorriso antevendo sua reação, mas, por outro lado, estava ligeiramente preocupado que ela fosse menos expansiva do que esperava.

Ele sentou-se e aguardou, mas ela não se voltou. Estaria dormindo? Olhando fixamente para alguma coisa? Meditando? Orando? Talvez estivesse chorando Buck esperava que não. Ele já se preocupava muito com ela e não queria vê-la sofrendo.

E agora ele estava diante de um problema. Enquanto espreitava, à espera de que Chloe mudasse de posição para vê-lo, ele se sentiu extremamente fatigado. Seus músculos e juntas doíam, os olhos ardiam. A cabeça pesava como chumbo. Não queria de jeito nenhum cair no sono para que ela não o visse a seu lado.

Buck fez um gesto chamando a atenção da aeromoça.

- Um café, por favor - pediu ele sussurrando. O efeito temporário da cafeína permitiria que ele ficasse acordado por mais algum tempo.

Ao notar que Chloe não se mexia nem mesmo para dar atenção às instruções de segurança, Buck ficou impaciente. No entanto, não queria chamar a atenção para si. Ele queria ser descoberto. E esperou.

Ela devia ter ficado cansada naquela posição, porque se ajeitou um pouco na poltrona e esticou as pernas, usando os pés para empurrar a frasqueira para debaixo da poltrona da frente. Tomou o último gole de suco e colocou o copo sobre a bandeja entre ambos. Ela avistou as botas de couro de pelica de Buck, as mesmas que ele usara na véspera. Seu olhar foi subindo até encontrar o rosto sorridente e ansioso de Buck.

A reação de Chloe mais do que compensou a espera. Ela fechou as mãos e juntou-as de encontro

aos lábios, os olhos marejados. Em seguida, segurou a mão dele entre as suas.

- Oh! Buck - ela sussurrou. - Oh! Buck.

- Que bom revê-la - disse ele.

Chloe soltou rapidamente a mão de Buck e recolheu as suas.

- Não quero agir como uma escolar - disse ela -, mas você alguma vez já recebeu uma resposta direta de oração?

Buck olhou para ela fixamente.

- Pensei que seu pai fosse o único que ora em sua família.

- É ele - disse Chloe. - Mas eu tentei minha primeira oração depois de anos, e Deus a respondeu.

- Você orou para que eu me sentasse aqui a seu lado?

- Oh! não, jamais teria sonhado com uma coisa impossível. Como você conseguiu, Buck?

Ele contou-lhe.

- Não foi difícil, uma vez que eu sabia a hora de seu vôo, e eu disse que estaria viajando com você para que ficássemos juntos.

- Mas por quê? Aonde você vai?

- Você não sabe para onde este avião está indo? San José, na Califórnia, espero. Ela riu.

- Mas prossiga, Chloe. Termine sua história da oração. Eu nunca tive resposta a uma oração.

- É uma longa história.

- Acho que temos tempo.

Ela segurou novamente a mão dele.

- Buck, isto é muito especial. É a coisa mais linda que alguém já fez por mim durante muito tempo.

- Você disse que ia sentir falta de mim, mas não estou aqui somente por sua causa. Tenho negócios em Chicago.

Ela deu uma risadinha e continuou:

- Eu não estava falando de você, Buck, embora esteja muito contente de tê-lo aqui. Estava falando a respeito de Deus fazendo uma coisa linda para mim.

Buck não pôde esconder seu desapontamento.

- Eu sabia - disse ele.

Então ela contou-lhe sua história.

- Você pode ter notado que eu estava muito perturbada ontem à noite. Fiquei muito comovida com a história de meu pai. Quero dizer, eu já tinha ouvido antes. Mas, de repente, ele pareceu tão amoroso, tão interessado nas pessoas. Você pôde perceber quão importante foi para ele e quão sério ele estava?

- Quem não percebeu?

- Se eu não soubesse, Buck, teria pensado que ele estava tentando convertê-lo, em vez de apenas responder às suas perguntas.

- Acho que ele estava.

- Ele ofendeu você?

- Não, absolutamente, Chloe. Para dizer a verdade, ele me comoveu, mexeu com meus sentimentos.

Chloe silenciou e meneou a cabeça. Quando finalmente falou, estava quase sussurrando, e Buck teve de inclinar-se para ouvi-la. Ele gostava do som de sua voz.

- Buck - disse ela - também fiquei comovida, e não foi por causa de meu pai.

- Muito esquisito - disse ele. - Passei a metade da noite pensando nisso.

- Não vai demorar muito para um de nós aceitar, vai? -perguntou ela. Buck não respondeu, mas ele sabia o que ela quis dizer.

- Quando eu vou ter a resposta a uma oração? - ele instigou.

- Oh! logo. Eu estava sentada naquele restaurante ouvindo meu pai despejando suas experiências e sentimentos em cima de você e, repentinamente, percebi por que ele queria minha companhia quando disse a mesma coisa a Hattie. Eu lhe causei tantos problemas antes que ele se afastou de mim. Agora que ele tem o conhecimento e a real necessidade de me convencer, está com receio de falar diretamente comigo. Ele queria que eu ouvisse por meios indiretos. E foi o que aconteceu. Não ouvi como ele começou, porque Hattie e eu estávamos no toalete, mas, na verdade, eu já tinha ouvido antes. Quando retornei, me senti arrasada.

- Não se tratava de novidade para mim. Foi novidade' quando ouvi diretamente de Bruce Barnes e vi aquele videoteipe, mas meu pai logo manifestou insistência e confiança. Buck, não há outra explicação para aqueles dois homens em Jerusalém, há? Só podem ser as duas testemunhas mencionadas na Bíblia. Buck assentiu com a cabeça.

- Papai e Deus estavam procurando convencer-me a abraçar a fé, mas eu ainda não me sentia preparada. Eu estava chorando porque amo muito meu pai e porque é a verdade. Tudo isso é verdade, Buck, você sabia?

- Acho que sim, Chloe.

- Mas ainda não tive oportunidade de contar a meu pai. Eu não sabia o que estava no meu caminho. Sempre fui independente e obstinada. Sei que ele ficou frustrado comigo, talvez desapontado, e tudo o que pude *fazer* foi chorar. Eu tive de pensar, tentar orar, suportar aquela crise emocional. Hattie não ajudou em nada. Ela não aceita e talvez jamais aceitará. Tudo o que lhe interessa é banal, como tentar planejar um casamento de nós dois.

Buck sorriu e procurou parecer insultado.

- E isso é banal?

- Bem, comparado ao que estamos tratando **neste** momento, tenho de dizer que sim.

- Neste ponto você está certa - disse Buck. Ela riu.

- Eu sabia que alguma coisa estava errada com papai, por isso fiquei conversando com você durante uns três minutos antes de subir.

- Menos do que isso, provavelmente.

- Quando cheguei à nossa suíte, ele já estava na cama. Disse-lhe boa noite apenas para ter a certeza de que ele não estava aborrecido comigo. Ele não estava. E então fiquei me revirando na cama, ainda não preparada para dar o último passo, chorando por causa da angústia de meu pai por minha causa e por ele me amar tanto.

- Isso aconteceu enquanto eu estava acordado, provavelmente - disse Buck.

- Mas - continuou Chloe - esta não é normalmente minha conduta. Mesmo quando concordo, sou difícil de dar o braço a torcer. Você me entende?

Buck fez um sinal afirmativo.

- Estou passando pela mesma experiência.

- Já me convenci - disse ela -, mas ainda estou **lutando.** Considero-me uma intelectual. Tenho amigos críticos **a quem** tenho de dar explicações. Quem vai acreditar nisso? Todos **vão** julgar que perdi a cabeça.

- Creia-me, eu compreendo - disse Buck, surpreso com as semelhanças entre ambos.

- Foi por isso que fiquei tolhida - disse ela. - Eu não estava indo a lugar algum. Tentei incentivar meu pai deixando de ser tão distante, mas posso dizer que ele me viu sofrendo, embora não creia que ele tivesse idéia de que eu estava muito perto de tomar uma decisão. Embarquei neste avião, desesperada por ficar sozinha, e comecei a cogitar se Deus responde às orações antes de nos tornarmos... Hã, você sabe, antes de sermos realmente um...

- Cristão nascido de novo - interveio Buck.

- Exatamente. Não sei por que isso é tão difícil para eu dizer. Talvez alguém que conheça melhor o assunto possa me dizer com certeza, mas orei e penso que Deus respondeu. Diga-me uma coisa, Buck, com base em seus conhecimentos e razão. Se existe um Deus e se isto tudo for verdadeiro, será que ele não gostaria

que tomássemos conhecimento? Eu me explico: Deus não deseja dificultar nossa compreensão e Ele não deixaria, ou, melhor dizendo, não *poderia deixar,* uma oração desesperada sem resposta, poderia?

- Penso que não.

- Eu também. Por isso, acho que foi um bom teste, um teste *razoável, e* que minha oração foi aceita. Estou convencida de que Deus respondeu.

- E eu fui a resposta.

- E você foi a resposta.

- Chloe, você orou para que exatamente?

- Ah! bom, a oração em si não foi grande coisa, até ser respondida. Eu simplesmente disse a Deus que precisava aprender um pouco mais. Eu sentia que tudo o que tinha ouvido e tudo o que soube por meio de meu pai não era suficiente. Apenas orei com real sinceridade e disse que gostaria que Deus me mostrasse que Ele se importava comigo, que Ele sabia o que estava acontecendo, e que Ele queria que eu soubesse que Ele estava presente.

Buck sentiu uma estranha emoção - que, se ele tentasse expressá-la, sua voz sairia rouca, truncada, e ele seria incapaz de completar uma sentença. Ele comprimiu a boca com a mão procurando recompor-se. Chloe olhava fixamente para ele.

- E você sente que eu fui a resposta daquela oração? - disse ele por fim.

- Não tenho nenhuma dúvida. Veja, como eu disse, nem mesmo poderia imaginar que uma oração o colocasse aqui ao meu lado neste grande dia de minha vida. Não estava nem mesmo certa de

voltar a vê-lo. Mas é como se Deus soubesse melhor do que eu que não havia mais ninguém que eu desejasse encontrar hoje além de você.

Buck estava sensibilizado, emocionado, sem palavras. Ele também havia desejado revê-la. Não fosse assim, poderia ter embarcado no vôo de Hattie, mais cedo, ou em qualquer outro dentre as dezenas que fariam o mesmo trajeto Nova York-Chicago naquela manhã. Buck apenas olhou para ela.

- E então, o que você vai *fazer* agora, Chloe? Parece-me que Deus atendeu ao seu desafio. Não foi exatamente um desafio, mas você pediu e Ele atendeu. Significa que você está agora obrigada a corresponder.

- Não tenho outra escolha - concordou ela. - E quero corresponder. De tudo o que foi possível reunir das explicações de Bruce Barnes, do videoteipe e de papai, não precisamos ter alguém nos conduzindo, nem estar numa igreja ou em qualquer outro lugar. Assim como eu orei para ter um sinal mais claro, posso orar a este respeito.

- Seu pai deixou tudo muito claro ontem à noite.

- Você quer se aliar a mim? - perguntou ela. Buck hesitou.

- Não desejo ofendê-la, Chloe, mas não estou preparado.

- Do que mais você precisa?... Oh! sinto muito, Buck. Estou fazendo exatamente o que meu pai fez no dia em que se tornou cristão. Ele mal podia ajudar a si mesmo, e eu fui tão horrível com ele. Mas, se você não está preparado, tudo bem.

- Não preciso ser forçado - disse Buck. - Como você, sinto que estou bem na porta da entrada. Mas estou muito cauteloso. Quero falar com esse Barnes ainda hoje. Tenho de dizer a você, entretanto, que as minhas dúvidas remanescentes mal podem comparar-se ao que está acontecendo com você.

- Você sabe, Buck - disse Chloe -, prometo que esta será a última coisa que digo sobre isso, mas estou pensando do mesmo modo que papai. Tenho urgência de dizer-lhe para não demorar muito, porque nunca se sabe o que pode acontecer.

- Entendo - disse ele. - Vou ter de admitir que este avião não vai cair porque ainda sinto a necessidade de falar com Barnes, mas você sabe aonde quer chegar.

Chloe voltou-se e olhou por cima do ombro.

- Há dois lugares vagos bem ali - disse ela. Ela parou uma aeromoça que passava.

- Você pode dar um recado ao meu pai?

- Certamente. Ele é o capitão ou o co-piloto?

- Capitão. Por favor, diga-lhe que sua filha tem uma notícia extremamente boa para ele.

- Notícia extremamente boa - repetiu a aeromoça.

Rayford estava pilotando o avião manualmente como passatempo quando a chefe do serviço de bordo entregou-lhe a mensagem. Ele não tinha a menor idéia do que aquilo significava, mas pareceu-lhe tão inusitado que Chloe tomasse a iniciativa de *fazer* a comunicação naqueles termos que ele ficou intrigado.

Ele pediu ao co-piloto que assumisse o comando da aeronave, livrou-se dos cintos de segurança, dirigiu-se à primeira classe e surpreendeu-se ao ver Cameron Williams. Ele esperava que Williams não fizesse parte da notíca extremamente boa de Chloe. Na expectativa de que o repórter estivesse a caminho de cumprir sua promessa de encontrar-se com Bruce Barnes, Rayford também esperava que Chloe não estivesse para anunciar o início de um precipitado e duvidoso romance.

Ele e Buck apertaram-se as mãos, e Rayford expressou uma agradável, porém cautelosa surpresa. Chloe enlaçou seu pescoço com ambos os braços e o puxou suavemente para um lugar em que pudessem conversar em voz baixa.

- Papai, você poderia sentar-se ali por uns dois minutos para conversarmos?

Buck percebeu certo desapontamento nos olhos do capitão Steele. Ele queria dizer ao piloto por que estava feliz por viajar a Chicago. Sentar-se perto de Chloe tinha sido somente um prêmio extra. Ele observou do outro lado, mais atrás, Steele e a filha entregues a uma animada conversa e, em seguida, orando juntos. Buck indagava-se se haveria algum regulamento na aviação contra isso. Ele sabia que Rayford não podia ficar ali na companhia da filha por muito tempo.

Em poucos minutos, Chloe levantou-se, e ambos se abraçaram. Pareciam inundados de emoção. Um casal de meia-idade no lado oposto do corredor inclinou-se e ficou olhando de sobrancelhas erguidas. O capitão percebeu, aprumou-se e caminhou em direção à cabina de comando.

- Minha filha - disse ele desajeitadamente, apontando para Chloe, que sorria entre lágrimas. - Ela é minha filha.

O casal trocou olhares, e a mulher falou:

- Muito bem. E eu sou a rainha da Inglaterra - enquanto Buck soltava uma estrepitosa gargalhada.

VINTE E TRÊS

BUCK telefonou para a Igreja Nova Esperança marcando um encontro com Bruce Barnes para o começo da noite e passou a maior parte da tarde na sucursal do *Semanário Global* em Chicago. A notícia de que ele seria o novo chefe da sucursal correra de boca em boca, e ele foi cumprimentado com certa frieza pela ex-assistente de Lucinda Washington, uma jovem difícil de lidar. Ela lhe disse em termos inequívocos:

- Plank nada fez para substituir Lucinda, por isso entendi que deveria ocupar seu lugar.

A atitude e presunção dela forçaram Buck a responder:

- É improvável, mas você será a primeira a saber. Eu não mudaria de sala por enquanto.

Os demais da equipe ainda lamentavam o desaparecimento de Lucinda e se mostraram satisfeitos com a visita de Buck. Steve Plank raramente vinha a Chicago e não tinha visitado a sucursal desde o desaparecimento de Lucinda.

Buck instalou-se no antigo escritório de Lucinda, entrevistando os funcionários-chave com intervalos de 20 minutos. Distribuiu o trabalho entre eles e perguntou-lhes quais eram suas teorias a

respeito do que acontecera. A pergunta final era: "Onde você acha que Lucinda Washington está agora?" Mais da metade deles pediram que suas respostas não fossem citadas, mas expressaram de modo geral que, "se existisse um céu, era lá que ela estava".

Próximo do final do dia, Buck foi informado de que a televisão estava transmitindo importantes notícias diretamente da ONU. Ele convidou a equipe a ir a sua sala e assistirem juntos ao noticiário. "Na mais dramática e inusitada mudança jamais ocorrida em uma organização internacional", disse o apresentador, "o presidente romeno Nicolae Carpathia foi guindado, com relutância, à liderança da ONU por quase unanimidade de votos". Carpathia, que insistia em mudanças radicais na direção e jurisdição do organismo, condição indispensável para que pudesse aceitar o cargo, tornou-se há poucos momentos secretário-geral.

"Até o final desta manhã, seu assessor de imprensa e porta-voz, Steve Plank, ex-editor-executivo do *Semanário Global,* tinha negado o interesse de Carpathia pelo cargo e esboçou numerosas exigências sobre as quais o romeno insistia antes mesmo de considerar o novo cargo. Plank disse que o pedido para a eleição de Carpathia partiu do seu próprio antecessor, secretário-geral Mwangati Ngumo, de Botsuana. Perguntamos a Ngumo por que renunciava ao cargo."

O rosto de Ngumo tomava toda a tela, olhos tristonhos, expressão cuidadosamente disfarçada. "Fazia muito tempo que eu estava cônscio de que minha lealdade dividida entre meu país e a Organização das Nações Unidas me levara a ser

menos *eficaz* em ambas as funções. Tive de escolher, e sou, antes de mais nada, um botsuano. Tenho agora a oportunidade de tornar próspero meu país, devido à generosidade de nossos amigos em Israel. Este é o momento certo, e o novo secretário é mais do que preparado. Vou cooperar com ele ao máximo."

"O senhor teria deixado o cargo se o Sr. Carpathia recusasse a posição?"

Ngumo hesitou. "Sim", disse ele, "eu teria. Talvez não hoje, nem com muita confiança no futuro da ONU, mas, finalmente, sim."

O repórter da televisão continuou: "Em questão de horas, todas as exigências que Carpathia definiu numa entrevista à imprensa nesta manhã transformaram-se em matéria oficial, votadas e ratificadas pelos membros do organismo". Dentro de urn ano, a sede da ONU será transferida para Nova Babilônia. A composição do Conselho de Segurança passará a ter dez membros permanentes dentro de um mês, e uma coletiva à imprensa está sendo esperada para segunda-feira pela manhã, durante a qual Carpathia apresentará várias pessoas de sua escolha para atuarem como delegados junto à organização.

"Não há nenhuma garantia, naturalmente, de que mesmo os países membros sejam unânimes na decisão pretendida de destruírem 90% de seus arsenais bélicos e entregar à ONU os restantes 10%. Mas vários embaixadores expressaram sua confiança 'de equipar e armar uma instituição internacional de pacificação, tendo em sua direção pacifistas e ativistas radicais comprometidos com o desarmamento. O próprio Carpathia , foi citado ao afirmar: 'A ONU não vai precisar de um poder

militar, se cada país abrir mão de seus armamentos, e espero pelo dia em que a própria ONU seja desarmada.'

"Como resultado das reuniões de hoje, foi anunciado também um pacto de paz pelo período de sete anos entre os membros da ONU e Israel, garantindo as fronteiras desse país e prometendo paz na região. Em troca dessa garantia, Israel permitirá à ONU que franqueie seletivamente o uso da fórmula de seu fertilizante, desenvolvida pelo ganhador do prêmio Nobel, Dr. Chaim Rosenzweig, que transformou as estéreis areias do deserto em terras cultiváveis e transformou Israel em importante país exportador."

Buck olhava atentamente quando a emissora focalizou o entusiasmo de Rosenzweig e o endosso inequívoco de Carpathia. As notícias também davam conta de que Carpathia havia solicitado a vários grupos internacionais, presentes em Nova York com o objetivo de se reunir no próximo fim de • semana, que elaborassem propostas, resoluções e acordos. "Insisto em que eles se esforcem para apresentar rapidamente um plano que contribua para a paz mundial e para a união global."

Um repórter perguntou a Carpathia se incluía esse plano uma única religião universal e, possivelmente, um único governo. Sua resposta: "Penso em um processo mais estimulante do que uma união entre as religiões do mundo. Alguns dos piores exemplos de discórdias e lutas têm surgido entre grupos cuja missão fundamental é o amor entre as pessoas. Cada devoto de uma religião autêntica deve acolher com alegria este potencial. O tempo do ódio já passou. Os que amam a humanidade estão se unindo."

O âncora do noticiário continuou: "Entre os fatos que se desenrolaram hoje, há rumores sobre a organização de grupos que defendem um governo mundial único. Foi perguntado a Carpathia se ele aspirava a uma posição de liderança em tal organização."

Carpathia olhou diretamente para a câmera do *pool* da rede de emissoras e, com os olhos úmidos e voz embargada, disse: "Fiquei muito comovido ao ser solicitado a servir como secretário-geral da ONU. Não aspiro a qualquer outra coisa. Embora a idéia de um governo universal único ressoe profundamente em mim, posso somente dizer que há candidatos muito mais qualificados para liderar tal organização. Seria para mim um privilégio servir de qualquer forma, sempre que solicitado, e, embora não me veja ainda no papel de líder, vou empregar os recursos da ONU nesse sentido, se assim desejarem."

Macio, pensou Buck, com as idéias desfilando na cabeça. Enquanto os comentaristas e líderes mundiais defendiam a moeda universal, uma língua única até e mesmo a generosidade de Carpathia ao expressar seu apoio à reconstrução do templo em Jerusalém, a equipe da sucursal do *Semanário Global* em Chicago parecia em clima de festa. "Esta é a primeira vez depois de muitos anos que me sinto otimista acerca da sociedade", disse um repórter.

Outro acrescentou: "Esta é a primeira vez que sorrio desde os desaparecimentos. Creio que devemos ser objetivos e céticos, mas como é possível não gostar disso? Serão precisos anos para realizar o que ele pretende, mas algum dia, de algum modo, vamos conhecer a paz mundial. Sem

armas, sem guerras, sem disputas de fronteiras nem intolerância lingüística ou religiosa. Caramba! Quem acreditava que chegaríamos a este ponto?"

Buck recebeu um telefonema de Steve Plank.

- Você está vendo o que está se passando? - perguntou Plank.

- Quem não está?

- Empolgante, não acha?

- Sensacional.

- Ouça, Carpathia quer você aqui na segunda-feira de manhã.

- Para quê?

- Ele gosta de você, homem. Não perca esta chance. Antes da entrevista com a imprensa, ele vai reunir-se com seu pessoal de primeiro escalão e com os dez delegados permanentes do Conselho de Segurança.

- E ele me quer lá?

- Sim. E você pode imaginar quem são alguns de seu primeiro escalão.

- Diga-me.

- Bem, um deles é óbvio. -Stonagal.

- Claro.

- E, quanto a Todd-Cothran, acredito que vai ser um novo embaixador do Reino Unido.

- Talvez não - disse Steve. - Outro britânico está lá. Não sei seu nome, mas ele também está neste grupo financeiro internacional que Stonagal comanda.

- Você acha que Carpathia pediu a Stonagal a indicação de outro seu protegido, no caso de Carpathia querer queimar Todd-Cothran?

- Pode ser, mas ninguém ousa pedir alguma coisa a Stonagal.

- Nem mesmo Carpathia?

- Nem mesmo Carpathia. Ele conhece quem o levou ao poder. Mas ele é honesto e sincero, Buck. Nicolae não vai *fazer* nada ilegal nem secreto nem mesmo muito político. Ele é puro. Puro como a neve. E então, você pode vir?

- Creio que sim. Quantos da imprensa vão estar aí?

- Você está preparado para ouvir? Somente você.

- Você está brincando.

- Falo sério. Ele gosta de você, Buck. - Qual é a jogada?

- Não há jogada nenhuma. Ele não pediu nada, nem mesmo uma reportagem favorável. Ele sabe que você precisa ser objetivo e equilibrado. A mídia em geral tomará conhecimento de tudo na entrevista coletiva, mais tarde.

- Evidentemente não posso perder essa oportunidade - disse Buck, certo de que suas palavras não eram convincentes.

- Qual é o problema, Buck? Isto faz parte da História! Este é o mundo da forma que sempre desejamos e esperamos.

- Espero que você esteja certo.

- Eu estou certo. Há alguma coisa mais que Carpathia deseja.

- Então *há* uma jogada.

- Não, nada que dependa de uma jogada. Se você não pode *fazer,* não pode, e pronto. Você será bem-vindo do mesmo modo na segunda de manhã. Mas ele quer ver novamente aquela sua amiga aeromoça.

- Steve, ninguém mais usa o termo aeromoça. Elas são comissárias de bordo.

- Que seja. Traga-a com você, se for possível.

- Por que ele não pede diretamente a ela? O que sou agora, um alcoviteiro?

- Vamos, Buck. Não é nada disso. Uma pessoa solitária numa posição como a dele? Ele não pode sair por aí atrás de namoros. Você a apresentou, lembra-se? Ele confia em você.

Ele deve confiar mesmo, pensou Buck, já que está me convidando para uma reunião antes da entrevista à imprensa. - Vou pedir a ela - disse. - Não prometo nada.

- Não me decepcione, companheiro.

Rayford Steele estava tão feliz como no dia em que tomou a decisão de aceitar Cristo. Ver Chloe sorrir, ver sua fome de ler a Bíblia de Irene, ser *capaz* de orar com ela e trocar idéias era mais do que ele tinha sonhado.

- Uma coisa que precisamos *fazer* - disse ele - é você ter uma Bíblia só sua. Você vai acabar gastando esta.

- Quero participar daquele núcleo dirigente - disse ela. -Desejo aprender tudo com Bruce, desde o início. A única parte que me incomoda é que parece que as coisas vão piorar.

No fim da tarde, eles apareceram na igreja para falar com Bruce, que pôde constatar pessoalmente a conversão de Chloe.

- Estou emocionado por recebê-la em nossa família - disse ele -, mas você tem razão. O povo de Deus está vivendo dias tenebrosos. Todos estão. Tenho pensado e orado sobre o que podemos fazer como igreja no espaço de tempo que nos resta, de agora até o Glorioso Aparecimento.

Chloe quis saber o que isso significava, e Bruce mostrou-lhe na Bíblia por que acreditava que Cristo retornaria em sete anos, no final da Tribulação.

- Muitos cristãos serão martirizados ou morrerão em conseqüência de guerras, fome, pragas ou terremotos - disse ele.

Chloe sorriu.

- Não é nada divertido - disse ela -, mas acho que eu devia ter pensado nisso antes desta minha decisão. Você vai ter dificuldade de convencer as pessoas a juntar-se à causa de Cristo diante dessa perspectiva sombria.

Bruce fez uma careta.

- Sim, mas a alternativa é pior. Todos nós perdemos a primeira oportunidade. Poderíamos estar no céu neste momento, se tivéssemos ouvido nossos amados que se foram. Eu não gostaria de ter uma morte horrível durante este período, mas é muito melhor do que ficar perdido para sempre. Todos os outros também correm o risco de ter uma morte horrível. A única diferença é que podemos ter outro tipo de morte.

- Como mártires.

- Exatamente.

Rayford apenas ouvia, consciente do quanto este mundo tinha mudado em tão curto tempo. Não ia tão longe assim a época em que tinha sido um piloto respeitado, no auge de sua carreira, vivendo uma vida falsa, vazia. Agora aqui estava ele, conversando secretamente no escritório de uma pequena igreja com sua filha e um jovem pastor, tentando determinar como teriam de viver sete anos de tribulação após o Arrebatamento da Igreja.

- Temos nosso núcleo dirigente - disse Bruce -, e Chloe, você é bem-vinda ao nosso meio, se estiver seriamente comprometida com sua fé.

- Qual é a opção? - perguntou ela. - Se o que você estiver dizendo for verdadeiro, não vai adiantar lutar contra os acontecimentos.

- Você tem razão. Mas eu estava pensando também num grupo menor dentro do núcleo dirigente. Estou procurando pessoas de inteligência e coragem acima do normal. Não quero depreciar a sinceridade e dedicação dos demais na igreja, especialmente aqueles da equipe de liderança. Mas alguns deles são tímidos, alguns são velhos, muitos são fracos. Tenho orado sobre um tipo de círculo fechado, composto de pessoas que queiram *fazer* mais do que apenas sobreviver.

- O que você está pretendendo? - perguntou Rayford. -Passar para a ofensiva?

- Alguma coisa parecida. Penso em um lugar escondido aqui, onde poderíamos estudar e compreender o que está-se passando, para evitar que sejamos enganados. É maravilhoso orar pelas testemunhas que surgiram em Israel, e é muito bom saber que há outros grupos de crentes por

todo o mundo. Mas você não sente o desejo de entrar nessa batalha?

Rayford estava curioso, mas não seguro. Chloe estava mais entusiasmada.

- Uma causa - disse ela. - Um ideal que nos impulsione a viver e morrer por ele. -Sim!

- Um grupo, uma equipe, um comando - disse Chloe.

- Você chegou ao ponto. Um comando.

Os olhos de Chloe brilhavam ante essa perspectiva. Rayford ficou feliz ao ver o entusiasmo juvenil e a ansiedade da filha de comprometer-se com uma causa em questão de horas.

- E como você denominaria esse período? - perguntou ela.

- A Tribulação - disse Bruce.

- Portanto, seu grupo menor dentro do núcleo, uma espécie de Boinas Verdes, passaria a ser o Comando Tribulação.

- Comando Tribulação - confirmou Bruce, levantando-se para escrever no bloco de anotações. - Gostei. Mas não se iluda, não será nem um pouco divertido. Vai ser a causa mais perigosa a que alguém poderia associar-se. Teremos de estudar, nos preparar e evangelizar. Quando se tornar claro quem é o anticristo, o falso profeta, a falsa religião, teremos de nos opor a eles, falar contra eles. Seremos marcados.

Os cristãos que se contentarem em esconder-se em porões com suas Bíblias poderão escapar de muita coisa, menos dos terremotos e das guerras, mas nós estaremos expostos a tudo.

- Virá um tempo, Chloe, em que os seguidores do anticristo deverão ter o sinal da besta. Há todos os tipos de teorias sobre a forma que esse sinal terá, desde uma tatuagem até um carimbo ou selo na testa, que poderá ser detectado somente com luz infravermelha. Mas, certamente, nos recusaremos a receber essa marca. Esse nosso ato de desafio também terá uma marca própria. Seremos os desguarnecidos, os destituídos de proteção por não pertencermos à maioria. Você ainda deseja *fazer* parte do Comando Tribulação?

Rayford assentiu e sorriu diante da resposta firme de Chloe.

- Não quero ficar de fora de jeito nenhum.

Duas horas depois que os Steeles tinham saído, Buck Williams estacionou seu carro alugado em frente da Igreja Nova Esperança, em Monte Prospect, Illinois. Ele tinha uma sensação de expectativa mesclada com medo. Quem seria esse Bruce Barnes?

Com quem se pareceria? E seria ele *capaz* de identificar um não-cristão por um simples olhar?

Buck ficou sentado no carro, a cabeça entre as mãos.

Ele tinha uma mente analítica, sabia disso, para tomar uma decisão precipitada. Mesmo sua decisão de sair de casa antes de procurar estudar e tornar-se um jornalista tinha sido planejada durante anos. Para sua família, a notícia soou como uma grande surpresa, mas para o jovem Cameron Williams cada passo seguinte tinha um sentido lógico, fazia parte de seu plano a longo prazo.

A situação de Buck naquele momento não fazia parte de qualquer plano. Nada do que havia

acontecido desde aquele nefasto vôo a Heathrow tinha se encaixado em seu esquema predefinido.

Ele sempre gostou dos acasos da vida, mas administrava-os por meio da lógica e manipulava-os com racionalidade. O bombardeio em Israel o havia chocado; e mesmo naquela circunstância ele agira com racionalidade. Ele possuía uma carreira, uma posição, um papel. Fora designado para um trabalho em Israel, e, embora não cogitasse tornar-se um correspondente de guerra da noite para o dia, ele se preparara da mesma forma que havia organizado sua vida.

Mas nada o havia preparado para os desaparecimentos ou as mortes violentas de seus amigos. Embora estivesse preparado para a recente promoção, ela tampouco fazia parte de seu plano. Agora esse artigo sobre as teorias aproximava-o de chamas que ele nunca conhecera e que estavam ardendo em sua alma. Ele sentia-se abandonado, desprotegido, vulnerável, e no entanto este encontro com Bruce Barnes tinha sido idéia sua. Não havia dúvida de que o capitão-aviador foi ' quem lhe deu a sugestão, mas poderia tê-la rejeitado sem nenhum remorso. Esta viagem não tinha acontecido para que ' ele passasse umas poucas horas em companhia da bela Chloe, e não havia pressa de visitar a sucursal de Chicago. Ele estava ali, e sabia disso, para encontrar-se com Bruce. Buck sentia-se fisicamente exausto ao dirigir-se à igreja.

Foi uma agradável surpresa para Buck descobrir que ele e Bruce Barnes tinham quase a mesma idade. Bruce aparentava ser inteligente e sincero, exibindo a mesma autoridade e entusiasmo de Rayford Steele. *Fazia* muito tempo que Buck não

entrava numa igreja. Esta parecia simples, razoavelmente nova e moderna, bem arrumada e eficiente. Eles se reuniram numa sala modesta.

- Seus amigos, os Steeles, disseram-me que o senhor me telefonaria antes de vir -disse Barnes.

Buck ficou perplexo com sua franqueza. No mundo em que Buck vivia, ele teria guardado para si aquela observação ríspida para ser usada no momento propício. Mas ele notou que o pastor não estava interessado em nenhum artifício. Nada havia a esconder. Em essência, Buck estava ali para receber informações, e Bruce, interessado em provê-las.

- Quero dizer-lhe de início - advertiu Bruce - que estou ciente de seu trabalho e respeito seu talento. Mas, para ser franco, não disponho mais de tempo para amenidades e conversas superficiais que costumavam caracterizar meu trabalho. Vivemos momentos de perigo. Tenho uma mensagem e uma resposta para pessoas que as buscam com real interesse. Digo a todos previamente que não vou me desculpar por aquilo que tenho a lhes dizer. Se esta é uma regra básica a que o senhor está habituado, tenho todo o tempo de que necessitar.

- Bem, senhor - disse Buck, um tanto vacilante pela emoção e humildade que percebeu na própria voz -, aprecio suas observações. Não sei quanto tempo será necessário, porque não estou aqui a negócio. Talvez fizesse sentido conhecer o ponto de vista de um pastor para minha reportagem, mas as pessoas podem deduzir o que os pastores pensam, especialmente depois que ouvi o depoimento de algumas pessoas que entrevistei.

- Como o capitão Steele. Buck acenou que sim.

- Estou aqui por interesse próprio e tenho de confessar-lhe francamente que não sei em que ponto estou nesta questão. Até pouco tempo atrás, eu jamais poria os pés num lugar como este nem sonharia com qualquer coisa intelectualmente compensadora que pudesse extrair daqui. Sei que, como jornalista, eu não devia estar dizendo estas coisas, mas, como o senhor está sendo honesto, vou colocar-me na mesma condição.

- Fiquei muito impressionado com o capitão Steele. É uma pessoa talentosa, raciocina com clareza, e está profundamente imbuído de suas convicções. O senhor parece ser uma pessoa inteligente, e... Não sei. Estou ouvindo, é tudo o que posso dizer.

Bruce começou contando a Buck a história de sua vida, que foi criado num lar cristão, estudou em um seminário, casou-se com uma cristã, tornou-se pastor, e assim por diante. Ele esclareceu que conhecia a história de Cristo e o caminho para o perdão e para um relacionamento com Deus.

- Eu pensava que tinha o melhor de ambos os mundos. Mas a Escritura diz claramente que não podemos servir a dois senhores. Não podemos ter os dois ao mesmo tempo. Descobri a verdade de uma forma muito cruel.

Ao falar sobre a perda de sua família, dos amigos e de todos os que lhe eram caros, ele chorou:

- A dor é muito grande até hoje, como no dia em que aconteceu - disse ele.

Em seguida, Bruce esboçou, como Rayford tinha feito, o plano de salvação do começo ao fim. Buck ficou nervoso, angustiado. Ele precisava de uma pausa. E interrompeu para perguntar se Bruce queria ouvir um pouco mais sobre ele.

- Certamente - anuiu Bruce.

Buck contou sua história, concentrando-se principalmente no conflito Rússia-Israel e nos difíceis 14 meses que se seguiram.

- Posso ver - interrompeu Bruce - que Deus está tentando atrair sua atenção.

- Bem, Ele conseguiu - disse Buck. - Tenho apenas de avisá-lo que não sou uma pessoa fácil de ser convencida. Tudo isso é interessante e me parece mais plausível do que nunca, mas não é do meu feitio aceitar repentinamente uma idéia.

- Ninguém pode forçá-lo ou impor-lhe qualquer coisa, Sr. Williams, mas devo também reiterar que vivemos momentos perigosos. Não sabemos quanto tempo temos para ponderações como estas.

- O senhor me faz lembrar Chloe Steele.

- E ela faz lembrar o pai - disse Bruce sorrindo.

- E ele, imagino, faz-me lembrar o senhor. Posso entender por que os senhores consideram isto tão urgente, mas como digo...

- Compreendo - disse Bruce. - Se o senhor dispõe de tempo neste momento, permita-me tomar um rumo diferente. Sei que o senhor é uma pessoa inteligente, por isso deve obter todas as informações de que necessita antes de se despedir de mim.

Buck respirou mais aliviado. Ele receava que Bruce estivesse prestes a *fazer* a pergunta que o forçaria a orar da forma como fizeram Rayford e Chloe. Ele admitia que isso seria parte do processo que assinalaria o início da inter-relação entre ele e Deus -a quem nunca se dirigira. Mas ele não estava pronto. Ao menos pensava que não estava. E não queria ser forçado.

- Vou retornar a Nova York somente segunda-feira pela manhã - disse ele -, por isso vou tomar tanto tempo quanto for possível do senhor esta noite.

- Não quero parecer mórbido, Sr. Williams, mas não tenho mais responsabilidades familiares. Tenho uma reunião com um grupo de cooperadores amanhã, e o domingo é dedicado à igreja. O senhor está convidado a comparecer. Mas tenho bastante energia para ir até meia-noite, se o senhor quiser.

- Estou disposto a ouvi-lo. Bruce dedicou várias horas mais dando a Buck um breve curso sobre profecias e os últimos dias. Buck ouvira muitas informações sobre o Arrebatamento e as duas testemunhas e tinha colhido informações esparsas sobre o anticristo. Mas Buck sentiu o sangue gelar nas veias quando Bruce falou sobre a grande religião única que se instalaria, o mentiroso, o pretenso pacificador que traria derramamento de sangue por meio da guerra, o anticristo que dividiria o mundo em dez reinos. Ele ficou em silêncio, evitando bombardear Bruce com perguntas ou comentários. Ele apenas fazia anotações tão rapidamente como podia.

Ousaria ele dizer a esse homem simples e sincero que acreditava que Nicolae Carpathia poderia ser exatamente o homem de quem as

Escrituras falavam? Poderia isso ser coincidência? Seus dedos começaram a tremer quando Bruce lhe falou da profecia de um pacto de sete anos entre o anticristo e Israel, da reconstrução do templo, e mesmo de a Babilônia tornar-se a sede de uma nova ordem mundial.

Finalmente, quando chegou a meia-noite, Buck estava tomado de pavor, que se apoderava de todas as fibras de seu ser. Bruce Barnes não poderia ter tomado conhecimento dos planos de Nicolae Carpathia antes de serem anunciados nos noticiários da tarde. Até certo ponto, ele pensava em acusar Bruce de ter baseado tudo o que estava dizendo nas notícias transmitidas pela televisão, mas, mesmo que o tivesse feito, aqui estava, preto no branco, registrado na Bíblia.

- O senhor viu as notícias de hoje? - perguntou Buck.

- Hoje não - disse Bruce. - Estive em reuniões desde o meio-dia e ouvi apenas alguma coisa antes de o senhor chegar aqui.

Buck contou o que havia acontecido na ONU. Bruce empalideceu.

- Foi por isso que ouvi todos aqueles cliques em minha secretária eletrônica - disse Bruce. - Desliguei a campainha do telefone, portanto eu só sabia que alguém estava telefonando quando ouvia o clique da secretária eletrônica. As pessoas estão ligando para me dar a informação. Fazem isso com freqüência. Costumo falar sobre o que a Bíblia diz que pode acontecer, e, quando acontece, as pessoas ligam para dar a notícia ou deixam a mensagem na secretária eletrônica.

- O senhor acha que Carpathia é esse anticristo?

- Acho que não há outra conclusão.

- Mas eu realmente acreditei nesse homem.

- E por que não? A maioria de nós acreditou. Modesto, interessado no bem-estar das pessoas, humilde, desinteressado de poder e liderança. Mas o anticristo é um enganador. E ele tem o poder de controlar as mentes dos homens. Ele pode fazer as pessoas verem mentiras como sendo verdades.

Buck contou a Bruce a respeito do convite para a reunião antes da entrevista à imprensa.

- O senhor *não* deve ir - disse Bruce.

- Eu não posso deixar de ir - disse Buck. - Esta é a oportunidade da minha vida.

- Sinto muito - disse Bruce. - Não tenho autoridade sobre o senhor, mas permita-me rogar-lhe, adverti-lo sobre o que está para acontecer. O anticristo vai solidificar seu poder com uma demonstração de força.

- Ele já tem.

- Sim, mas parece que todos esses acordos a longo prazo que ele admitiu levarão meses ou anos para serem efetivados. Agora ele tem de mostrar parte dessa força. O que pode ele *fazer* para afirmar-se tão solidamente para que ninguém se lhe oponha?

- Não sei.

- Ele indubitavelmente tem motivos ocultos para desejá-lo nessa reunião.

- Não sou útil para ele.

- Seria, se ele o controlasse.

- Mas ele não me controla.

- Se ele for o maligno de quem a Bíblia fala, tem o poder de *fazer* quase tudo. Quero alertá-lo para não ir lá sem proteção.

- Um guarda-costas?

- Pelo menos. Mas, se Carpathia for o anticristo, você deseja enfrentá-lo sem Deus?

Buck se apavorou. Esta conversa era muito estranha para ele não admitir que Bruce estava usando qualquer argumento para que ele se convertesse. Não havia dúvida de que se tratava de uma questão sincera e lógica, entretanto Buck sentia-se pressionado.

- Sei qual é sua intenção - disse ele lentamente - mas acho que não vou ser hipnotizado ou algo assim.

- Sr. Williams, faça o que bem entender, mas estou suplicando. Se o senhor for àquele encontro sem Deus em sua vida, estará em perigo mortal e espiritual.

Ele mencionou a Buck sua conversa com os Steeles e como eles três em uníssono idealizaram o Comando Tribulação.

- Trata-se de um grupo composto de pessoas seriamente dispostas, que se oporão corajosamente ao anticristo. Eu espero que a identidade desse grupo não se torne evidente logo no início.

O Comando Tribulação mexeu com alguma coisa no íntimo de Buck. A idéia levou-o de volta aos seus primeiros dias como escritor, quando acreditava ter o poder de mudar o mundo. Ele

ficava até altas horas da noite tramando com seus colegas como demonstrar coragem e audácia para se oporem à opressão, ao governo discricionário, à intolerância, Ele tinha perdido aquele fogo, aquele arroubo, ao longo dos anos, quando era elogiado por seus escritos. Ainda desejava *fazer* as coisas certas, mas tinha perdido a paixão pela filosofia "um por todos e todos por um", à medida que seu talento e fama começaram a ultrapassar os de seus colegas.

O idealista, o dissidente que havia nele, gravitava em torno dessas idéias, mas ele se conteve para não se convencer a tornar-se um discípulo de Cristo só por causa de um pequeno e sugestivo clube ao qual podia juntar-se.

- O senhor acha que posso participar da reunião desse grupo amanhã? - perguntou.

- Penso que não - ponderou Bruce. - Penso que o senhor o acharia interessante e, pessoalmente, creio que o grupo poderia ajudar a convencê-lo, mas ele está limitado à nossa equipe de líderes. Na verdade, vou reportar-lhes amanhã o que estamos conversando nesta noite, portanto seria uma reprise para o senhor.

- E domingo?

- O senhor será bem-vindo, mas devo dizer que o assunto será o mesmo que venho reiterando a cada domingo. O senhor já ouviu a exposição de Rayford Steele e a ouviu novamente de mim. Se o fato de ouvir uma vez mais pode ajudá-lo, então venha e observe quantos são os que buscam e encontram. Se a freqüência for como nos últimos dois domingos, haverá espaço somente para pessoas em pé.

Buck levantou-se e espreguiçou-se. Ele havia prendido Bruce até bem depois da meia-noite e desculpou-se.

- Não precisa desculpar-se - disse Bruce -, faz parte de meu trabalho.

- O senhor sabe onde posso obter uma Bíblia?

- Tenho uma que o senhor pode levar - respondeu Bruce.

No dia seguinte, o núcleo dirigente recebeu entusiasticamente e com muita emoção a mais nova participante, Chloe Steele. Eles dedicaram boa parte do dia estudando as notícias e tentando determinar a probabilidade de Nicolae Carpathia ser o anticristo. Nenhum deles pôde deduzir outra coisa.

Bruce relatou a história de Buck Williams, sem usar seu nome ou mencionar sua ligação com Rayford e Chloe. Chloe chorava em silêncio, enquanto o grupo orava por sua segurança e por sua alma.

VINTE E QUATRO

BUCK passou o sábado escondido no escritório vazio da sucursal de Chicago, preparando seu artigo sobre as teorias a respeito dos desaparecimentos. Sua mente era um redemoinho contínuo, forçando-o a pensar em Carpathia e no que diria nesta matéria que traçaria um paralelo entre aquele homem e a profecia bíblica. Felizmente, ele podia esperar encerrar a redação depois do grande dia - segunda-feira - para concluir a matéria.

Por volta da hora do almoço, Buck localizou Steve Plank no Hotel Plaza, em Nova York.

- Estarei aí na segunda de manhã - disse -, mas não vou convidar Hattie Durham.

- Por que não? É um pequeno pedido, de amigo para amigo.

- De você para mim?

- De Nick para você.

- Ah! Agora então é Nick, hein? Bem, ele e eu não somos íntimos o bastante para tal familiaridade, e não vou arranjar uma companhia feminina nem mesmo para meus amigos.

- Nem mesmo para mim?

- Se eu soubesse que você a trataria com respeito, Steve, eu o aproximaria dela.

- Você não vai realmente fazer isso por Carpathia?

- Não. Estou "desconvidado"?

- Não vou dizer a ele.

- Que explicação você vai dar quando ela não aparecer?

- Vou pedir diretamente a ela, Buck, seu melindroso. Buck não disse que alertaria Hattie para não ir. Ele perguntou a Steve se podia ter mais uma entrevista exclusiva com Carpathia antes de começar sua reportagem de capa sobre ele.

- Vou ver o que posso fazer. Além de você não fazer um pequeno favor, ainda quer outra oportunidade?

- Ele gosta de mim, você disse. Você sabe que vou *fazer* a matéria completa sobre ele. Ele precisa disso.

- Se você viu a TV ontem, sabe que ele não precisa de nada. Nós precisamos dele.

- Precisamos? Você já encontrou pessoas que fizeram uma ligação entre ele e os eventos dos últimos dias na Bíblia?

Steve não respondeu.

- Steve?

- Estou ouvindo.

- Bem, você encontrou? Alguém que pensa que ele seja um dos vilões do Apocalipse? Steve nada disse.

- Alô, Steve.

- Continuo ouvindo.

- Vamos lá, amigo velho. Você é o assessor de imprensa. Você sabe tudo. Como Carpathia vai responder se eu tocar nesse ponto?

Steve continuava em silêncio.

- Não faça isso comigo, Steve. Não estou dizendo que acredito nessa idéia nem que exista alguém que esteja por dentro de tudo ou pense desse modo. Estou preparando a matéria sobre o que há por trás dos desaparecimentos, e você sabe que isso me leva forçosamente a pesquisar todos os tipos de religião. Alguém já traçou um paralelo sobre isso?

Desta vez, quando Steve permaneceu calado, Buck meramente olhou o relógio, determinado a esperar a manifestação dele. Cerca de vinte segundos depois de um silêncio sepulcral, Steve falou maciamente.

- Buck, tenho uma resposta de duas palavras para você. Está preparado?

- Estou.

- Staten Island.

- Você está dizendo que...?

- Não mencione o nome, Buck! Nunca se **sabe quem está** ouvindo.

- Então você está me ameaçando com...

- Não estou ameaçando. Estou lhe dando uma alerta. Tome cuidado.

- Lembre-se, Steve, de que não gosto de alertas. Você se recorda de que tempos atrás, quando trabalhávamos juntos, você achava que eu era o mais obstinado perdigueiro que você conhecia na busca de uma reportagem?

- Simplesmente não vá farejar o arbusto cheio de espinhos, Buck.

- Então deixe-me fazer uma pergunta, Steve.

- Cuidado, por favor.

- Você quer falar comigo em outra linha?

- Não, Buck, desejo apenas que seja cauteloso sobre o que diz, pois isso me atinge também.

Buck começou a rabiscar furiosamente sobre urn bloco de papel amarelo.

- Combinado - disse ele, escrevendo *Carpathia ou Stonagal resp. por Eric Miller?* - O que quero saber é o seguinte: Você acha que eu devo ficar do lado de fora da balsa por causa de quem está ao volante ou por causa de quem fornece o combustível?

- Do último - disse Steve, sem hesitar. Buck fez um círculo em torno de *Stonagal.*

- Então você acha que o cara ao volante não está ciente do que o fornecedor de combustível faz em lugar dele.

- Correto.

- Portanto, se alguém chegasse perto do piloto, este poderia ser protegido e nem mesmo saberia disso.

- Correto.

- Mas, e se ele descobrisse?

- Ele cuidaria do problema.

- É o que espero ver logo.

- Não posso comentar sobre isso.

- Você pode me dizer para quem você realmente trabalha?

- Eu trabalho para quem você acha que eu trabalho.

O que significava isso, meu Deus? Carpathia ou Stonagal? Como podia Buck obter uma resposta de Steve por telefone, dentro do Hotel Plaza, que podia estar sendo interceptada e gravada?

- Você trabalha para o homem de negócios romeno?

- Certamente.

Buck quase se esmurrou. Podia ser Carpathia ou Stonagal.

- Você trabalha? - disse ele, esperando por mais informações.

- Meu chefe move montanhas, não acha? - disse Steve.

- Sem dúvida - disse Buck, fazendo um círculo no nome Carpathia desta vez. - Você deve estar contente com todas as coisas que estão acontecendo nestes dias.

- Estou.

Buck rabiscou Carpathia. Últimos tempos. Anticristo?

- E você está me dizendo pura e simplesmente que a outra questão que mencionei é perigosa, mas também uma podridão.

- É uma sujeira total.

- E não devo sequer puxar o assunto com ele, por eu ser um jornalista que cobre todos os aspectos e formula as perguntas mais indigestas?

- Se eu soubesse que você iria mencionar isso, não o incentivaria a fazer a entrevista ou reportagem.

- Rapaz, não foi preciso muito tempo para que você se tornasse urn empresário.

Após a reunião do núcleo dirigente, Rayford Steele conversou particularmente com Bruce Barnes e foi inteirado do encontro com Buck.

- Não posso mencionar os pontos confidenciais - disse o pastor -, mas somente uma coisa me falta para ficar convencido de que esse Carpathia é o anticristo. Não posso por ora enquadrá-lo geograficamente. Quase todos os autores que respeito e que escreveram sobre os últimos dias acreditam que o anticristo virá da Europa Ocidental, talvez Grécia ou Itália ou Turquia.

Rayford não sabia o que pensar.

- Você notou que Carpathia não se parece com um romeno. Eles não são na maioria de pele morena?

- Sim. Deixe-me telefonar para o Sr. Williams. Ele me deu um número. Não sei o que mais ele sabe sobre Carpathia.

Bruce discou e ligou o viva-voz.

- Rayford Steele está aqui ao meu lado.

- Ei, capitão - saudou Buck.

- Estamos neste momento fazendo algum estudo aqui -disse Bruce - e deparamos com uma dúvida. *

Bruce disse a Buck o que tinham encontrado e solicitou mais informações.

- Bem, ele vem de uma cidade onde existe uma das maiores universidades, chamada Cluj, e...

- Oh! ele é de lá? Eu supunha que ele procedesse de uma região montanhosa, você sabe, por causa do nome dele.

- Do nome dele? - Buck repetiu, rabiscando rapidamente em seu bloco tamanho ofício.

- Você sabe que o nome provém dos montes cárpatos. Ou esse nome significa alguma outra coisa naquela região?

Buck sentou-se, empertigou-se na cadeira e teve um estalo na mente. Steve tinha tentado dizer-lhe que trabalhava para Stonagal e *não* para Carpathia. E naturalmente todos os novos delegados da ONU eram devedores a Stonagal, porque foi ele quem os apresentou a Carpathia. Talvez Stonagal fosse o anticristo! Onde estava a origem de sua linhagem?

- Bem - disse Buck, tentando se concentrar -, talvez ele tenha recebido o nome desses montes, mas ele nasceu em Cluj, e seus ancestrais eram romanos. Eis a *razão* por que ele tem cabelos loiros e olhos azuis.

Bruce agradeceu-lhe e perguntou se o veria na igreja no dia seguinte. Rayford achou que Buck estava desatento e reservado.

- Não descarto essa possibilidade - disse Buck.

Sim, pensou Buck, desligando. *Estarei lá, é claro.* Ele pretendia absorver cada partícula de informação antes de chegar a Nova York para escrever a reportagem que poderia custar-lhe a carreira e talvez a vida. Não sabia a verdade, mas nunca desistiu de buscá-la, e não seria agora que iria mudar sua posição. Ele telefonou para Hattie Durham.

- Hattie, você vai receber um telefonema convidando-a a ir a Nova York.

- Já recebi.

- Eles queriam que eu pedisse a você, mas solicitei-lhes que eles mesmos fizessem o convite.

- E eles fizeram.

- Eles querem que você veja Carpathia novamente, faça-lhe companhia na próxima semana, se você estiver livre.

- Eu sei, estou e vou.

- Aconselho você a não *fazer* isso. Ela riu.

- Muito bem, vou declinar um convite do homem mais poderoso do mundo? Acho que não.

- Meu conselho é para você não ir.

- Por que razão?

- Porque você não parece ser esse tipo de garota.

- Primeiro, não sou uma garota. Tenho quase a sua **idade, e** não preciso de um pai ou de um tutor.

- Estou falando como amigo.

- Você não é meu amigo, Buck. Ficou claro que você nem mesmo gosta de mim. Tentei empurrar você para a garotinha de Rayford Steele e não estou certa nem mesmo se você teve a inteligência de se acertar com ela.

- Hattie, talvez eu não conheça você. Mas não a vejo como o tipo de pessoa que se permite ser usada por um estranho.

- Você é quase um estranho e está tentando me dizer o que *fazer.*

- Bem, *você* é esse tipo de pessoa? Por não ter dado o recado a você, eu a estava protegendo de alguma coisa que você poderia desfrutar?

- É melhor acreditar que sim.

- Não posso dissuadi-la dessa idéia?

- Você não pode nem mesmo tentar - disse ela e desligou. Buck balançou a cabeça e inclinou-se para trás na cadeira, segurando o bloco de papel amarelo diante dos olhos.

Meu chefe move montanhas, Steve havia dito. Carpathia é uma montanha. Stonagal é quem move e agita por trás dele. Steve acha que está realmente com as mãos e os pés amarrados. Ele não é apenas o assessor do homem que Hattie Durham corretamente chama de o mais poderoso

do mundo, mas, por trás, Steve também está pactuando com o homem.

Buck pensava no que Rayford e Chloe fariam se soubessem que Hattie tinha sido convidada a ir a Nova York para *fazer* companhia a Carpathia por alguns dias. Por fim, ele achou que isso não era da conta dele nem deles.

Na manhã seguinte, Rayford e Chloe aguardaram a chegada de Buck até o último momento, mas não puderam mais reservar um lugar para ele sentar-se depois que a nave e as galerias do templo ficaram tomadas. Quando Bruce iniciou sua mensagem, Chloe cutucou seu pai e apontou para o aglomerado de pessoas na calçada em frente à porta principal. Ali, no meio do grupo, ouvindo por um alto-falante externo, estava Buck. Rayford ergueu o punho em sinal de celebração e sussurrou ao ouvido de Chloe:

- Já sei qual vai ser sua oração nesta manhã.

Bruce projetou o videoteipe do antigo pastor, contou novamente sua história, falou brevemente sobre profecia, convidou os presentes a aceitarem Cristo e depois permitiu que usassem o microfone para seus relatos e experiências pessoais. Como havia sucedido nas duas últimas semanas, as pessoas levantaram-se e formaram fila até além de uma hora da tarde, ansiosas por testemunhar que agora, finalmente, confiavam em Cristo.

Chloe disse a seu pai que gostaria de ser a primeira da fila, como ele tinha sido, mas, por causa do tempo que ela levou para deixar a última fileira de bancos da galeria e descer até a nave, acabou sendo uma das últimas. Ela contou sua história, afirmando que o sinal de que ela acreditava em

Deus tinha-lhe sido dado na forma de um amigo que se sentara ao lado dela num vôo de retorno a sua casa. Rayford sabia que ela não podia ver Buck no meio da multidão. Rayford também não podia.

Quando do encerramento da reunião, Rayford e Chloe saíram do templo para procurar Buck, mas ele já tinha ido embora. Foram almoçar com Bruce. Chegando em casa, Chloe encontrou um recado de Buck na porta da frente.

Não pense que eu não quis dizer adeus. A verdade é que não pude. Estarei de volta para tratar de negócios na sucursal e talvez apenas para vê-la, se me for permitido. Tenho uma porção de coisas para resolver imediatamente, como você sabe, e francamente não quero que nosso relacionamento fique prejudicado por meus afazeres. Você é uma pessoa maravilhosa, Chloe, e confesso que cheguei às lágrimas ao ouvir sua história. Você me havia contado antes, mas ouvir naquele lugar e naquela circunstância nesta manhã foi lindo. Você poderia *fazer* por mim algo que nunca antes pedi a ninguém? Orar por mim? Vou telefonar ou vê-la em breve. Prometo. Buck.

Buck sentia-se mais solitário do que nunca no vôo de volta a Nova York. Ele viajou na classe econômica com o avião lotado, mas não conhecia ninguém. Leu várias passagens na Bíblia que lhe foi presenteada por Bruce e que tinham sido previamente marcadas, o que motivou uma senhora a seu lado a fazer-lhe perguntas. Buck respondeu de tal modo que ela pôde perceber que ele não estava disposto a conversar. Não queria parecer rude, mas não desejava, na verdade, confundir alguém em *razão* de seu limitado conhecimento.

O sono não foi mais fácil naquela noite, embora ele se recusasse a ficar andando no quarto. Deveria ter um encontro pela manhã, do qual tinha sido aconselhado a manter-se afastado. Bruce Barnes tinha sido convincente no sentido de que, se Nicolae Carpathia fosse o anticristo, Buck corria o perigo de ser perturbado mentalmente, sofrer uma lavagem cerebral, ser hipnotizado, ou pior.

Ainda exausto, e enquanto tomava banho e se vestia na manhã de segunda-feira, Buck concluiu que tinha percorrido um longo caminho desde o tempo em que achava que a religião estava ultrapassada. Viu pessoas atordoadas e perplexas imaginando que seus entes queridos haviam voado para o céu, e agora acreditava que grande parte do que estava acontecendo tinha sido profetizado na Bíblia. Ele não estava mais se questionando ou duvidando, disse a si mesmo. Não havia outra explicação para as duas testemunhas em Jerusalém. Nem para os desaparecimentos.

E, por fim, o mais intrigante de tudo — essa história de urn anticristo que engana tanta gente... bem, na mente de Buck já não havia o problema de saber se os fatos eram literais ou verdadeiros. Esta era uma etapa vencida. Ele já havia progredido o suficiente para tentar saber quem era o anticristo: Carpathia ou Stonagal. Buck ainda se inclinava por Stonagal.

Ele passou a alça da maleta por cima do ombro e foi tentado a pegar o revólver no criado-mudo, porém não o pegou, mesmo sabendo que não passaria por detectores de metal. De qualquer modo, compreendia que este não era o tipo de proteção de que precisava. O importante para ele era proteger sua mente e seu espírito.

Por toda a extensão do caminho até a ONU, ele sentia-se angustiado. Oro? perguntava-se. "Faço oração", como tantas daquelas pessoas fizeram na manhã de ontem? Deveria fazer isso apenas para proteger-me dafeitiçaria ou do medo? Ele concluiu que tornar-se crente não consistia em usar urn talismã para ter boa sorte. Isso desvalorizaria a crença. Certamente Deus não agia desse modo. E, se Bruce Barnes pudesse merecer crédito, agora, durante este período, os crentes não teriam mais proteção do que qualquer outra pessoa. Quantidades colossais de pessoas deveriam morrer nos próximos sete anos, fossem ou não cristãs. A questão era saber: onde estariam elas depois?

Havia somente uma *razão* para esta mudança, pensou Buck - se ele verdadeiramente acreditasse que podia ser perdoado e passasse a fazer parte do povo de Deus. Deus tinha se tornado mais do que uma força da natureza ou mesmo um operador de milagres para Buck, como tinha sido naquela noite nos céus de Israel. Aquilo o fez sentir que, se Deus criou as pessoas, Ele desejaria comunicar-se com elas, ligar-se a elas.

Buck entrou na ONU, passando por um exército de repórteres já se instalando para a entrevista à imprensa. Limusines descarregavam passageiros importantes, e multidões esperavam atrás das barreiras policiais. Buck viu Stanton Bailey num ajuntamento perto da porta.

- O que o senhor está fazendo aqui? - perguntou Buck, observando que em cinco anos no *Semanário* ele nunca tinha visto Bailey fora do edifício-sede.

- Apenas tirando vantagem de minha posição para assistir à entrevista. Estou

orgulhoso porque você vai comparecer à reunião preliminar. Esteja certo de se lembrar de cada detalhe. Obrigado por ter-me passado seu primeiro rascunho da matéria sobre as teorias. Sei que você tem uma boa parte ainda em preparo, mas o começo foi espetacular. A reportagem vai ser premiada.

- Obrigado - disse Buck, e Bailey fez o gesto dos dois polegares para cima. Buck imaginou que, se aquilo tivesse acontecido um mês antes, ele teria de abafar o riso diante do ultrapassado e idoso cavalheiro e teria dito a seus colegas que aquele homem para quem trabalhava não passava de um idiota. Agora ele se sentia estranhamente lisonjeado pelo incentivo. Bailey não tinha a menor idéia do que Buck andava planejando.

Chloe Steele falou com seu pai sobre seu plano de procurar uma faculdade naquela segunda-feira.

- Eu estava pensando - disse - em encontrar-me com Hattie para um almoço.

- Pensei que você não tivesse interesse por ela - disse Rayford.

- Não tenho, mas isso não é motivo para não procurá-la. Ela nem mesmo sabe o que aconteceu comigo. Não está respondendo às ligações que fiz. Você tem alguma idéia da programação de vôos dela?

- Não, mas tenho de checar a minha. Vou ver se ela está voando hoje.

Rayford foi informado de que Hattie não estava escalada naquele dia e que havia requerido uma licença de 30 dias.

- Isso é estranho - disse ele a Chloe. - Talvez ela esteja com problemas na família no extremo oeste.

- Talvez ela tenha apenas resolvido descansar um pouco -aventou Chloe. - Vou ligar para ela mais tarde antes de sair. O que você vai fazer hoje?

- Prometi a Bruce que iria até lá para ver a entrevista à imprensa de Carpathia hoje de manhã.

- A que hora vai ser?

- Dez horas em nosso horário, imagino.

- Bem, se Hattie não estiver por perto para o almoço, talvez eu vá até lá.

- De qualquer modo, ligue para nós, querida, e aguardaremos por você.

As credenciais de Buck estavam à disposição dele numa mesa de informações no saguão da ONU. Ele foi levado a uma sala de conferência privada, fora da suíte de escritórios, onde Nicolae Carpathia já tinha se instalado. Buck estava pelo menos 20 minutos adiantado, mas, quando saiu do elevador, sentiu-se solitário no meio de uma multidão. Não conseguiu reconhecer ninguém quando começou o longo caminho por um corredor de vidro e aço que levava à sala onde deveria se reunir a Steve, aos dez embaixadores designados representando os membros permanentes do novo Conselho de Segurança, a vários assessores e conselheiros do novo secretário-geral (incluindo Rosenzweig, Stonagal e diversos í | outros membros de sua confraria internacional de peritos em finanças) e, naturalmente, ao próprio Carpathia.

Buck sempre tinha sido ativo e confiante. Outros haviam notado seu progresso e

determinação no cumprimento de suas tarefas. Agora seu modo de andar era vagaroso e inseguro, e, a cada passo, seu temor aumentava. As luzes pareciam diminuir de intensidade, sua pulsação aumentava, e ele tinha um mau pressentimento.

O medo sufocante lembrava-lhe Israel, quando acreditou que ia morrer. Estava ele ameaçado de morte? Ele não podia imaginar perigo físico, no entanto as pessoas que cruzaram o caminho de Carpathia, ou o caminho dos planos de Stonagal para Carpathia, agora estavam mortas. Seria ele mais um na fila dos opositores aos planos de Carpathia, a qual se iniciara anos antes na Romênia, passando por Dirk Burton e Alan Tompkins até chegar a Eric Miller?

Não, ele sabia que não corria o risco de ser morto. Pelo menos não agora, não naquele lugar. Quanto mais perto chegava da sala de conferência, mais ele queria afastar-se dali por sentir a presença de uma força maligna, como se ela estivesse personificada naquele ambiente. Quase sem refletir, Buck se viu orando silenciosamente - *Deus, fica comigo. Protege-me.*

Mas ele não sentiu nenhum alívio. Ao contrário, seus pensamentos dirigidos a Deus tornaram-no mais sensível à forte presença do mal. Ele parou a três metros da porta aberta e, embora ouvisse risadas e brincadeiras, estava quase paralisado pela atmosfera pesada. Ele queria estar em qualquer lugar, menos ali, e, no entanto, sabia que não podia recuar. Essa era a sala em que os novos líderes do mundo se congregavam. Qualquer pessoa sensata daria tudo para estar ali.

Buck compenetrou-se de que o que realmente queria era já ter estado lá. Ele desejou que já

tivesse terminado, que ele já tivesse visto a recepção e o breve discurso de posse ao novo pessoal, e que já estivesse escrevendo a reportagem.

Com os pensamentos confusos, ele fez um esforço para caminhar até a porta. Novamente, clamou a Deus, e sentiu-se um covarde - exatamente como todos os outros - orando na trincheira do inimigo. Ele havia ignorado Deus a maior parte de sua vida, e, agora, ao sentir uma angústia devastadora em sua alma, via-se simbolicamente de joelhos.

Entretanto, ele não pertencia a Deus. Ainda não. Estava consciente disso. Deus havia respondido à oração de Chloe quando ela pediu um sinal antes mesmo de tomar uma decisão espiritual. Por que não podia Ele responder ao apelo de Buck desejoso de serenidade e paz?

Buck não saiu do lugar até o momento em que Steve Plank notou sua presença ali fora.

- Buck! Estamos quase prontos para começar. Entre. Mas Buck sentia-se horrível, em pânico.

- Steve, preciso ir ao banheiro. Tenho um minuto? Steve olhou para o relógio.

- Dou-lhe cinco minutos - disse ele. - E, quando você voltar, ficará naquele lugar.

Steve indicou uma cadeira a um canto de um quadrilátero de mesas justapostas. O jornalista que havia em Buck gostou do lugar. O ponto estratégico perfeito. Seus olhos moveram-se rapidamente, abrangendo todo o ambiente e detendo-se nas placas indicadoras dos nomes colocadas em cada lugar. Ele ficaria de frente para a mesa principal, onde Carpathia tinha se colocado ao lado de

Stonagal... ou Stonagal seria o titular daquela posição? Perto de Carpathia, do outro lado, estava uma placa manuscrita às pressas com o título "Assistente Pessoal".

- É você? - perguntou Buck.

- Não - disse Steve, apontando para um canto oposto ao da cadeira de Buck.

- Todd-Cothran está aqui? - perguntou Buck.

- Lógico. Bem ali, de terno cinza-claro.

O britânico parecia bastante insignificante. Um pouco mais adiante, estavam tanto Stonagal, em costume cinza-escuro, como Carpathia, perfeito em seu terno preto, camisa branca, gravata azul-celeste, com botão de ouro pouco abaixo do nó. Buck estremeceu ao vê-lo, mas Carpathia lançou-lhe um sorriso e acenou-lhe. Buck fez o sinal de que voltaria em seguida.

- Agora você tem somente quatro minutos - disse Steve. -Apresse-se.

Buck pôs sua maleta num canto perto de um guarda de segurança musculoso e grisalho, acenou para seu velho amigo Chaim Rosenzweig e deu uma corrida até o banheiro. Ele pôs para fora da cabina um balde do faxineiro e fechou a porta. Buck apoiou suas costas contra a porta, enfiou as mãos nos bolsos e inclinou o queixo até tocar o peito, lembrando-se do conselho de Bruce de que podia falar com Deus do mesmo modo como se fala com um amigo. "Deus", disse, "preciso de ti, e não apenas nesta reunião".

Ele orava com fé. A oração não era nenhum ensaio ou uma tentativa sem emoção. Ele não estava tão-somente esperando ou tentando *fazer*

um teste. Buck sabia que estava falando com o próprio Deus. Admitiu sua necessidade de Deus, que sabia que estava perdido e era um pecador como qualquer outro. Buck não fez especificamente a oração que tinha ouvido de outros, mas, quando terminou, tinha abrangido os mesmos pontos, e a ligação com Deus estava feita. Ele não era do tipo que se lança a qualquer coisa timidamente. Uma vez comprometido com algo, ele sabia que não havia retorno.

Buck voltou em seguida para a sala de conferência, mais depressa dessa vez, mas estranhamente sem ganhar mais confiança. Ele não tinha orado por coragem ou paz dessa vez. Aquela oração tinha sido por sua alma. Ele não sabia o que ia sentir, mas queria livrar-se daquela contínua sensação de pavor.

Entretanto, ele não hesitou. Quando entrou na sala, todos estavam em seus lugares -Carpathia, Stonagal, Todd-Cothran, Rosenzweig, Steve e os poderosos das finanças e embaixadores. E uma pessoa que nunca esperava ver ali -Hattie Durham. Ele olhava aturdido ao vê-la ocupando o lugar de assistente pessoal de Nicolae Carpathia. Hattie piscou para ele, mas Buck não lhe retribuiu. Ele foi atrás de sua maleta, fez um gesto de agradecimento ao guarda armado e levou unicamente um caderno de apontamentos para sua mesa.

Embora não percebesse nenhum sentimento especial após sua decisão espiritual, ele tinha uma forte sensação de que alguma coisa estava por acontecer ali. Não havia dúvida em sua mente de que o anticristo da Bíblia estava naquela sala. E, a despeito de tudo o que sabia de Stonagal e de suas

maquinações na Inglaterra, e a despeito do mal-estar que se apossava dele enquanto observava sua presunção, Buck divisou o mais verdadeiro, o mais profundo, o mais escuro espírito do mal ao ver Carpathia tomar seu lugar. Nicolae esperou até que todos tomassem assento e, em seguida, ergueu-se com sua pseudodignidade.

- Senhores... e senhorita - iniciou ele - este é um momento importante. Em poucos minutos, vamos acolher os representantes da imprensa e apresentar-lhes aqueles dentre os senhores que estão incumbidos de liderar a nova ordem mundial nesta fase dourada da História. A aldeia global torna-se unida, e temos diante de nós a maior das tarefas e a maior oportunidade jamais concedida ao gênero humano.

VINTE E CINCO

NICOLAE Carpathia deixou seu lugar à mesa e cumprimentou os presentes individualmente. Mencionou o nome de cada um pedindo que se levantasse, apertando-lhe a mão e beijando-o em ambas as faces. Ele omitiu Hattie e dirigiu-se ao novo embaixador britânico.

- Sr. Todd-Cothran - disse ele -, o senhor está sendo apresentado como embaixador dos Grandes Estados Britânicos, que compreendem agora a Europa Ocidental e Oriental. Convido-o a integrar a equipe e confiro-lhe todos os direitos e privilégios inerentes a seu novo cargo. Que o senhor possa demonstrar-me e àqueles em seu ofício a firmeza e sabedoria que o trouxeram a esta posição.

- Obrigado, senhor - disse Todd-Cothran, sentando-se enquanto Carpathia dirigia-se à mesa seguinte. Todd-Cothran parecia atônito, como pareceram os outros presentes, quando Nicolae repetiu as mesmas palavras, inclusive precisamente o mesmo título — embaixador dos Grandes Estados Britânicos — ao financista inglês sentado a seu lado. Todd-Cothran sorriu com indulgência. Obviamente, Carpathia tinha meramente cometido uma falha e deveria ter-se referido ao homem como seu consultor financeiro. Até então, Buck nunca tinha visto Carpathia cometer tal deslize.

Ao redor do quadrilátero de mesas justapostas, Carpathia repetiu o mesmo ato, indo de um em um, dizendo exatamente as mesmas palavras a cada embaixador, variando um pouco apenas ao citar o nome e título correspondentes. As palavras mudavam ligeiramente quando se referia a seus assistentes e conselheiros.

Quando Carpathia aproximou-se de Buck, pareceu hesitante. Buck foi pego de surpresa, como se estivesse em dúvida se seria incluído naquela série de apresentações. Um sorriso amistoso de Carpathia sugeriu que se levantasse. Buck ficou um tanto desnorteado, tentando segurar a caneta e o bloco com uma das mãos ao mesmo tempo que estendia a outra para o dramático Carpathia. O aperto de mão de Carpathia foi firme e forte e persistiu enquanto proferia sua ladainha. Olhou diretamente nos olhos de Buck e falou com tranqüila e segura autoridade.

- Sr. Williams - disse -, convido-o a integrar a equipe e confiro-lhe todos os direitos e privilégios inerentes a seu novo cargo...

O que significava aquilo? Não era o que Buck esperava, mas foi categórico e lisonjeiro. Ele não fazia parte de equipe alguma, nem direitos ou privilégios deveriam ser conferidos a ele! Balançou a cabeça levemente, indicando que Carpathia estava novamente confuso, que havia tomado Buck por outra pessoa. Mas Nicolae fez um leve movimento com a cabeça e abriu mais o sorriso, olhando fundo nos olhos de Buck. Ele sabia o que estava fazendo.

- Que o senhor possa demonstrar-me e àqueles em seu ofício a firmeza e sabedoria que o trouxeram a esta posição.

Buck desejou empertigar-se, agradecer a seu mentor, seu líder, o propiciador dessa honra. Mas não! Isso não estava certo! Ele não trabalhava para Carpathia. Era um jornalista independente, não um simpatizante, não um seguidor, e muito menos um empregado. Seu espírito resistiu à tentação de dizer

"Obrigado, senhor", como todos os demais fizeram. Ele sentia e lia os olhos daquele homem possuído da sanha do mal, o que o impediu de apontar para ele e acusá-lo de ser o anticristo. Quase podia ouvir sua voz gritando essa acusação a Carpathia.

Carpathia ainda olhava fixo, ainda sorria, ainda apertava sua mão. Depois de um desconfortável silêncio, Buck ouviu risadas, e Carpathia disse:

- O senhor é muitíssimo bem-vindo, meu amigo tímido e sem fala.

Todos riram e aplaudiram quando Carpathia o beijou, mas Buck não sorriu. Nem mesmo agradeceu ao secretário-geral. Sentiu um gosto amargo na boca.

Enquanto Carpathia prosseguia as apresentações, Buck teve noção do quanto suportou aquele momento. Se ele não pertencesse a Deus, teria sido apanhado na teia daquele homem enganador. Ele podia ver a expressão estampada nos rostos dos demais. Sentiam-se honrados ao extremo ao ser guindados à escala do poder e da confiança, entre eles o próprio Chaim Rosenzweig. Hattie parecia derreter-se na presença de Carpathia.

Bruce Barnes lhe havia rogado que não participasse desse encontro, e agora Buck sabia por quê. Se tivesse entrado ali despreparado, se Bruce e Chloe - e provavelmente o capitão Steele - não tivessem orado por ele, talvez Buck não tivesse se decidido por Cristo a tempo de conseguir reunir forças para resistir ao engodo de aceitar uma posição de poder.

Carpathia terminou essa parte da cerimônia com Steve, que transbordava de orgulho. Em seguida, cumprimentou todos os convidados na sala, exceto o guarda de segurança, Hattie e Jonathan Stonagal. Retornou a sua mesa e voltou-se primeiro para Hattie.

- Srta. Durham - disse ele, tomando ambas as mãos dela nas suas -, a senhorita está sendo apresentada como minha assistente pessoal, depois de ter renunciado a uma carreira brilhante numa companhia de aviação. Convido-a a integrar a equipe e confiro-lhe todos os direitos e privilégios inerentes a seu novo cargo. Que a senhorita possa demonstrar-me e àqueles em seu ofício a firmeza e sabedoria que a trouxeram a esta posição.

Buck tentou cruzar olhares com Hattie e balançar negativamente a cabeça, mas ela estava

concentrada em seu novo chefe. A culpa seria de Buck? Ele a havia apresentado a Carpathia logo no início. Haveria possibilidade de acesso a ela? Buck passou os olhos ao redor da sala. Todos sorriram extasiados quando Hattie sussurrou seus sinceros agradecimentos e voltou a sentar-se.

Carpathia virou-se dramaticamente para Jonathan Stonagal. Este exibiu um sorriso estudado e levantou-se majestosamente.

- Por onde começar, meu amigo Jonathan? - disse-lhe Carpathia.

Stonagal baixou a cabeça em sinal de agradecimento, e os outros murmuraram quase em uníssono que este, sem dúvida, era o homem mais importante da sala. Carpathia tomou a mão de Stonagal e começou formalmente:

- Sr. Stonagal, o senhor significa para mim mais do que qualquer pessoa na terra. -Stonagal aprumou a cabeça e sorriu, olhando-se ambos atentamente. - Convido-o a integrar a equipe - prosseguiu Carpathia - e confiro-lhe todos os direitos e privilégios inerentes a seu novo cargo.

Stonagal vacilou, demonstrando claramente que não tinha interesse em tornar-se parte da equipe, ser recebido pelo próprio homem que manobrara para colocar na presidência da Romênia e agora para ser o secretário-geral da ONU. Seu sorriso congelou e, depois, desapareceu quando Carpathia continuou:

- Que o senhor possa demonstrar-me e àqueles em seu ofício a firmeza e sabedoria que o trouxeram a esta posição.

Em lugar de aceitar a honraria e agradecer a Carpathia, Stonagal recolheu sua mão e olhou

agressivamente para o jovem líder. Carpathia continuou com os olhos fixos nos dele e falou em tom mais brando e amistoso:

- Sr. Stonagal, pode sentar-se.

- Não! - replicou Stonagal.

- Tomei a liberdade de *fazer* uma pequena brincadeira com o senhor porque sei que compreenderia.

Stonagal ficou vermelho, nitidamente desapontado por ter-se excedido.

- Peço-lhe desculpas, Nicolae - disse ele por fim, forçando um sorriso, mas claramente insultado por ver-se forçado a se expor daquela forma.

- Por favor, meu amigo - solicitou Carpathia. - Por favor, sente-se. Senhores e senhorita, temos somente uns poucos minutos antes da entrevista com a mídia.

Os olhos de Buck continuavam pregados em Stonagal, que parecia agitado, espumando de raiva.

- Gostaria de apresentar a todos uma pequena lição prática de liderança, partidarismo e, posso dizer, cadeia de comando. Sr. Scott M. Otterness, poderia vir até aqui, por favor?

O guarda de segurança, postado num dos cantos da sala, caminhou apressadamente, revelando surpresa, e apresentou-se a Carpathia.

- Uma das minhas técnicas de liderança é meu poder de observação, combinado com uma memória prodigiosa - disse Carpathia.

Buck continuava de olhos pregados em Stonagal, que parecia estar arquitetando um ato de desagravo por ter sido ridicularizado. Ele parecia

pronto para levantar-se a qualquer momento e colocar Carpathia em seu devido lugar.

- O Sr. Otterness está surpreso porque não fomos apresentados, fomos, senhor?

- Não, Sr. Carpathia, não fomos.

- E, apesar disso, eu sabia seu nome.

O idoso guarda sorriu e meneou a cabeça.

- Sei também qual é o nome do fabricante, modelo e calibre da arma que o senhor carrega em seu coldre. Não vou ficar olhando enquanto o senhor exibe sua arma a todos os presentes.

Buck viu horrorizado quando o Sr. Otterness desabotoou a tira de couro que prendia o enorme revólver no coldre. Ele sacou a arma e levantou-a com ambas as mãos, mostrando-a a todos os circunstantes, exceto Carpathia, que havia desviado o rosto para o lado contrário. Stonagal, ainda com o rosto avermelhado, parecia ofegante.

- Notei que o senhor está portando urn revólver especial da polícia, calibre 38, com um tambor de dez centímetros, carregado de balas de alta velocidade e cartucho côncavo.

- O senhor está certo - disse Otterness alegremente.

- Posso segurá-lo, por favor?

- Certamente, senhor.

- Obrigado. Pode retornar a seu posto e continue a vigiar a maleta do Sr. Williams, a qual contém um gravador, um telefone celular e um *laptop.* Estou certo, Cameron?

Buck olhou-o fixamente, recusando-se a responder. Ele ouviu Stonagal rosnar qualquer coisa

sobre "brincadeira de adivinhação". Carpathia continuou olhando para Buck. Nenhum deles falou.

- O que significa isto? - murmurou Stonagal. - Você está-se portando como uma criança.

- Gostaria de dizer o que os senhores estão prestes a ver -disse Carpathia, e Buck sentiu novamente a presença de uma onda do mal na sala. Ele queria mais do que nunca livrar-se do arrepio em seus braços e sair correndo para salvar sua vida. Mas ele estava congelado na cadeira. Os outros pareciam pasmos mas não perturbados, como estavam ele e Stonagal.

- Vou pedir ao Sr. Stonagal que se levante mais uma vez -disse Carpathia, tendo a grande e assustadora arma a seu lado. - Jonathan, queira levantar-se.

Stonagal permaneceu sentado olhando fixamente para ele. Carpathia sorriu.

- Jonathan, você sabe que pode confiar em mim. Gosto de você por tudo o que tem sido para mim e, humildemente, peço que me ajude nesta demonstração. Vejo parte de minha função como a de um professor. Você mesmo disse isso e tem sido meu professor por anos.

Stonagal ergueu-se, precavido e empertigado.

- E agora vou pedir-lhe que troquemos de lugar. Stonagal praguejou.

- O que significa isto? - interpelou ele.

- Tudo ficará muito claro rapidamente, e não vou mais precisar de sua ajuda.

Para os outros, Buck deduziu, aparentemente Carpathia queria dizer que não precisaria mais da

ajuda de Stonagal para a demonstração que faria a seguir. Pelo fato de Carpathia ter mandado o guarda desarmado de volta ao seu posto, todos imaginariam que ele agradeceria a Stonagal, permitindo em seguida que ele retornasse a seu lugar.

Stonagal, visivelmente contrariado e franzindo a testa, trocou de lugar com Carpathia. Isto colocava Carpathia à direita de Stonagal. À esquerda de Stonagal, estava Hattie, e, logo a seguir, o Sr. Todd-Cothran.

- E agora peço-lhe que se ajoelhe, Jonathan - disse Carpathia, com o semblante sério e tom de voz áspero. Para Buck, parecia que todos os presentes tomaram fôlego e pararam de respirar.

- Não vou *fazer* isso - disse Stonagal.

- Sim, você vai - disse Carpathia, polida mas autoritariamente. - Ajoelhe-se.

- Não, de jeito nenhum. Você perdeu a cabeça? Não vou ser humilhado. Se você pensa que galgou uma posição superior à minha, está enganado.

Carpathia levantou o revólver 38, destravou o gatilho e encostou o cano no ouvido direito de Stonagal. O homem num repente afastou a cabeça, mas Carpathia disse:

- Mova-se outra vez e será um homem morto. Vários entre os presentes se levantaram, inclusive Rosenzweig, que clamava entre agoniado e lamentoso.

- Nicolae!

- Sentem-se todos, por favor - disse Carpathia, voltando ao seu tom calmo. - Jonathan, ponha-se de joelhos.

Penosamente, o homem curvou-se, usando como apoio a cadeira de Hattie. Ele não ficou de frente para Carpathia nem olhou para ele. A arma continuava encostada em seu ouvido. Hattie estava pálida e estática.

- Minha cara - disse Carpathia, inclinando-se em direção a ela por sobre a cabeça de Stonagal -, queira, por favor, afastar sua cadeira um metro atrás, a fim de não sujar sua roupa.

Ela não se moveu. Stonagal começou a soluçar.

- Nicolae, por que você está fazendo isso? Sou seu amigo! Não sou nenhuma ameaça!

- Implorar não combina com você, Jonathan. Por favor, fique em silêncio. Hattie -continuou ele, fixando-se agora diretamente nos olhos dela -, levante-se e empurre sua cadeira para trás e fique sentada. Cabelo, pele, pedaços do crânio e resíduos do cérebro atingirão o Sr. Todd-Cothran e outros que estejam perto. Não quero que nada atinja você.

Hattie empurrou sua cadeira para trás. Seus dedos tremiam. Stonagal implorava angustiado:

- Não, Nicolae, não! Carpathia não tinha pressa.

- Vou matar o Sr. Stonagal com um tiro indolor em seu cérebro, que ele não ouvirá nem sentirá. Os senhores ouvirão um som de campainha. Isto será uma advertência para todos. Os senhores ficarão cientes de que estou no comando, que não tenho medo de ninguém e que ninguém pode se opor a mim.

O Sr. Otterness levou a mão à testa, como se tivesse uma vertigem, e caiu sobre urn dos joelhos. Buck pensou na hipótese de dar um pulo suicida por sobre a mesa e alcançar a arma, mas sabia que outros poderiam morrer nesse gesto tresloucado. Ele olhou para Steve, que estava sentado imóvel como os demais. O Sr. Todd-Cothran fechou os olhos e contorceu os músculos do rosto, como se estivesse esperando o estampido a qualquer instante.

- Quando o Sr. Stonagal estiver morto, vou dizer-lhes o que devem lembrar. E, se acaso alguém achar que não estou sendo justo, devo acrescentar que não serão só respingos de sangue que atingirão a roupa do Sr. Todd-Cothran. Uma bala de alta velocidade a esta distância também o matará, o que, como o senhor sabe, Sr. Williams, é algo que lhe prometi que trataria no devido tempo.

Todd-Cothran abriu os olhos ao ouvir esta notícia, e Buck gritou interiormente "Não!" quando Carpathia puxou o gatilho. A explosão ribombou por toda a sala, estremecendo até a porta e as janelas. A cabeça de Stonagal ficou despedaçada, e o impacto atingiu mortalmente Todd-Cothran, caindo ambos de bruços ao chão.

Várias cadeiras tombaram enquanto seus ocupantes cobriam a cabeça horrorizados. Buck olhava desatinado, a boca aberta, enquanto Carpathia friamente punha o revólver na mão direita de Stonagal, tendo o cuidado de colocar o dedo indicador do morto em volta do gatilho.

Hattie tiritava em sua cadeira e tentou emitir um grito que ficou entalado na garganta. Carpathia assumiu a tribuna novamente.

- O que acabamos de testemunhar aqui - disse ele paternalmente, como se estivesse falando a crianças - foi um final horrendo e trágico de duas vidas antes prodigiosamente produtivas. Estes homens foram dois dos que respeitei e admirei mais do que quaisquer outros no mundo. O que compeliu o Sr. Stonagal a correr até o guarda, tirar-lhe a arma, atentar contra a própria vida e a de seu colega britânico, não sei e jamais entenderei completamente.

Buck lutava consigo mesmo para manter-se lúcido, para manter a mente clara - como seu chefe lhe tinha dito ao se encontrarem na entrada do prédio - "lembrar-se de cada detalhe".

Carpathia continuou, com os olhos lacrimejantes.

- Tudo o que posso dizer-lhes é que Jonathan Stonagal me disse hoje, durante o café da manhã, que se sentia pessoalmente responsável por duas recentes mortes violentas na Inglaterra e que não mais conseguia conviver com essa culpa. Honestamente, pensei que ele estivesse prestes a tornar-se uma das autoridades internacionais ainda hoje. Mas como ele renunciou a esta possibilidade, é meu dever substituí-lo. Não tenho idéia de como ele conspirou com o Sr. Todd-Cothran, ocasionando aquelas mortes na Inglaterra. Mas, se ele foi responsável, lamentavelmente, fez-se justiça hoje nesta casa.

- Estamos todos horrorizados e traumatizados por testemunhar esta cena. E quem não estaria? Meu primeiro ato como secretário-geral será fechar a ONU pelo restante deste dia, manifestar publicamente nosso pesar e agradecer e abençoar as vidas destes dois velhos amigos. Confio que os

senhores serão capazes de suportar esta nefasta ocorrência, e que isto não venha jamais a obstruir a capacidade de cada um de desempenhar a contento suas funções estatégicas. Obrigado, cavalheiros. Enquanto a Srta. Durham telefona para a segurança, vou *fazer* um rápido levantamento das opiniões sobre o que sucedeu nesta sala.

Hattie correu ao telefone e mal podia fazer-se compreendida por causa de sua histeria.

- Venha depressa! Houve um suicídio, e dois homens estão mortos! Foi horrível. Corra!

- Sr. Plank? - disse Carpathia e esperou sua versão.

- Foi inacreditável - disse Steve, e Buck sabia que ele estava profundamente sério. -Quando o Sr. Stonagal empunhou o revólver, pensei que ele nos mataria a todos!

Carpathia quis ouvir o embaixador dos Estados Unidos.

- Puxa, eu conhecia Jonathan há anos - disse. - Quem podia imaginar que ele fizesse uma coisa dessa?

- Estou muito contente de ver que o senhor está bem, Sr. Secretário-Geral - disse Chaim Rosenzweig.

- Eu não estou bem - disse Carpathia. - E não estarei por muito tempo. Afinal, eram meus amigos!

E assim foi ele inquirindo os presentes sobre o ponto de vista de cada um. O corpo de Buck parecia de chumbo, sabendo que Carpathia poderia eventualmente querer ouvi-lo, ele que era justamente o único naquela sala que não estava sob

o poder hipnótico de Nicolae. Mas o que aconteceria se ele dissesse o que viu? Seria o próximo assassinado? Claro que seria! E tinha de ser. Podia mentir? Devia mentir?

Ele orou desesperadamente enquanto Carpathia ia de mesa em mesa, certificando-se de que todos tinham visto o que ele desejava que tivesse acontecido e que todos estivessem sinceramente convictos disso.

Silêncio, era o que Deus inculcava no coração de Buck. *Nenhuma palavra!*

Buck estava tão agradecido por sentir a presença de Deus no meio dessa malignidade e violência que chegou às lágrimas. Quando Carpathia aproximou-se, as faces de Buck estavam banhadas de lágrimas, e ele não conseguia dizer uma só palavra. Apenas sacudiu a cabeça e ergueu a mão.

- Terrível, não foi, Cameron? O suicídio que levou também o Sr. Todd-Cothran com ele?

Buck não podia falar e, se pudesse, não o faria.

- Você os apreciava e os respeitava, Cameron, porque não estava ciente de que eles tentaram matá-lo em Londres.

Carpathia chegou ao guarda de segurança.

- Por que você não evitou que ele tomasse seu revólver, Scott? O velho policial ergueu-se.

- Aconteceu tão depressa! Eu sabia quem ele era, um homem importante e rico, e, quando ele correu em minha direção, não sabia o que queria. Ele abriu o coldre e puxou o revólver antes que eu pudesse reagir, e, logo em seguida, se matou.

- Sim, sim - disse Carpathia, enquanto a equipe de segurança do edifício entrava na sala. Todos falavam ao mesmo tempo. Carpathia se retirou a um canto, soluçando em sinal de pesar pela perda de seus amigos.

Um policial à paisana fazia perguntas. Buck desvencilhou-se dele.

- O senhor tem um número suficiente de testemunhas aqui. Permita-me deixar-lhe meu cartão. Se o senhor precisar de mim, telefone-me.

O policial trocou cartão com ele, e Buck teve permissão para retirar-se.

Buck agarrou sua maleta e correu para pegar um táxi, apressando-se em direção ao escritório. Ele se fechou em sua sala e começou furiosamente a digitar cada detalhe da história. Já havia preenchido várias páginas quando recebeu um telefonema de Stanton Bailey. O velho chefe mal podia respirar entre uma pergunta e outra, não dando oportunidade a Buck de responder.

- Por onde você andou? Por que não estava na entrevista à imprensa? Você viu quando Stonagal se matou e levou o britânico com ele? Você devia ter comparecido. Sua presença seria uma questão de prestígio para nós. Como você vai convencer alguém de que estava lá, se não apareceu na entrevista coletiva à imprensa. Cameron, o que se passa com você?

- Vim depressa para cá para incluir a reportagem no sistema.

- Você não tem uma entrevista exclusiva com Carpathia agora? Buck tinha esquecido, e Plank não confirmara. O que devia ele fazer neste caso? Ele orou, mas não sentiu nenhuma orientação. Como

precisava falar com Bruce ou Chloe ou mesmo com o capitão Steele!

- Vou telefonar para Steve - disse ele.

Buck sabia que não podia esperar muito tempo para fazer a ligação, mas estava desesperado sem saber o que *fazer.* Deveria ele permitir-se ficar numa sala sozinho com Carpathia? E, se o fizesse, deveria fingir estar sob o controle da mente dele como todos os outros pareciam estar? Se ele não tivesse visto aquilo com os próprios olhos, não acreditaria. Seria ele sempre *capaz* de resistir a tal influência sem a ajuda de Deus? Ele não sabia.

Ele ligou para o *pager* de Steve, e a resposta veio dois minutos depois.

- Estou muito ocupado, Buck. O que há de novo?

- Eu queria saber se ainda tenho aquela entrevista exclusiva com Carpathia.

- Você está brincando, certo? Você ouviu o que aconteceu antes da entrevista à imprensa e ainda quer uma exclusiva?

- Ouvi? Eu estive aí, Steve.

- Bem, se você esteve aqui, então provavelmente sabe o que aconteceu antes da entrevista à imprensa.

- Steve! Vi isso com meus próprios olhos.

- Você não está me entendendo, Buck. Estou dizendo que, se você estivesse aqui para a entrevista à imprensa, teria ouvido sobre o suicídio de Stonagal no encontro preliminar, aquele em que você deveria estar.

Buck não sabia o que dizer.

- Você me viu lá, Steve.

- Nem mesmo vi você na entrevista à imprensa.

- Não estive na entrevista à imprensa, Steve, mas estava na sala quando Stonagal e Todd-Cothran morreram.

- Não tenho tempo para isto, Buck. Não estou brincando. Você devia estar lá, e não esteve. Lamento isso, Carpathia está ofendido, e não haverá nenhuma entrevista exclusiva.

- Tenho as credenciais! Eu as apresentei lá embaixo!

- Então por que não as usou?

- Usei!

Steve bateu o telefone na cara de Buck. Marge avisou pelo interfone que o chefe estava na linha de novo.

- O que houve com você que nem mesmo foi àquele encontro? - perguntou Bailey.

- Estive lá! O senhor me viu entrando!

- Sim, eu vi. Você estava por lá. O que você fez? Achou alguma coisa mais importante para fazer? Envolveu-se em alguma conversa fiada, Cameron?

- Estou-lhe dizendo que estive lá! Vou mostrar-lhe minhas credenciais.

- Acabo de verificar a lista de credenciais, e você não aparece na lista.

- Claro que estou na lista. Vou mostrar minhas credenciais ao senhor.

- Seu nome está lá, estou dizendo, mas não foi registrada sua presença.

- Sr. Bailey, estou olhando agora para minhas credenciais. Elas estão em minhas mãos.

- Suas credenciais não significam coisa alguma se você não as usar, Cameron. Agora, onde você estava?

- Leia minha matéria - disse Buck. - O senhor saberá exatamente onde eu estava.

- Acabo de falar com três ou quatro pessoas que *estiveram* lá, incluindo um guarda da ONU e a assistente pessoal de Carpathia, sem mencionar Plank. Nenhum deles viu você; você não esteve lá.

- Um policial me viu! Nós trocamos cartões!

- Estou voltando ao escritório, Williams. Se você não estiver aí quando eu chegar, está despedido.

- Estarei aqui.

Buck tirou do bolso o cartão do policial e ligou para o número do telefone.

- Distrito Policial - disse uma voz. Buck leu o nome no cartão:

- Detetive sargento Billy Cenni, por favor.

- Queira repetir o nome.

- Cenni, ou talvez a pronúncia seja Kenny.

- Não reconheço esse nome. Você ligou para o distrito certo? Buck repetiu o número que constava no cartão.

- O número está certo, mas essa pessoa não trabalha aqui.

- Como eu poderia localizá-la?

- Estou ocupado, companheiro. Telefone para outra seção da cidade.

- É importante. Você não tem uma lista telefônica do departamento?

- Ouça, temos milhares de policiais.

- Apenas procure C-E-N-N-I para mim, pode ser?

- Espere um minuto.

O atendente voltou logo em seguida.

- Nada, ouviu?

- Ele poderia ser novo aí?

- Ele poderia ser sua irmã pelo que sei.

- Para onde posso ligar?

Ele deu a Buck o número da sede da polícia. Buck repetiu a mesma conversa, mas, desta vez, tinha contatado uma jovem atenciosa.

- Vou checar mais uma coisa para o senhor - disse ela. -Vou ligar para o departamento do pessoal porque em geral eles não dão informações, a menos que você seja um oficial uniformizado.

Ele ouvia enquanto ela soletrava o nome para o departamento do pessoal.

- Hã-hã-ã-ã-hã - disse ela. - Muito bem. Vou passar esta informação a ele. Senhor? O departamento do pessoal diz que não há ninguém no Departamento Policial de Nova York chamado Cenni, e nunca houve. Se alguém estiver falsificando cartão da polícia, eles gostariam de apanhá-lo.

Tudo o que Buck podia fazer agora era tentar convencer Stanton Bailey.

Rayford Steele, Chloe e Bruce Barnes assistiam à entrevista à imprensa na ONU, atentos, procurando localizar Buck.

- Onde está ele? - perguntou Chloe. - Ele tem de estar em algum lugar. Todo o pessoal do encontro preliminar está lá. Quem é a jovem?

Rayford levantou-se logo que a viu e silenciosamente apontou para a tela.

- Papai - disse Chloe. - Você não está pensando o que estou pensando?

- Claro, parece-se muito com ela - disse Rayford.

- Psiu - fez Bruce -, ele está apresentando um por um.

"E minha nova assistente pessoal, depois de ter renunciado a uma carreira brilhante numa companhia de aviação..." Rayford deixou-se cair pesadamente numa cadeira.

- Espero que Buck não esteja por trás disso.

- Eu também - disse Bruce. - Isso significaria que ele poderia ter sido envolvido também.

A notícia do suicídio de Stonagal e a morte acidental de Todd-Cothran deixaram os três atordoados.

- Talvez Buck tenha aceito meu conselho e não compareceu - disse Bruce. -Sinceramente, espero que sim.

- Não parece ser do feitio dele - disse Chloe.

- Não, não parece - disse Rayford.

- Eu sei - disse Bruce -, mas prefiro esperar. Não quero descobrir que ele aderiu à perfídia, à traição. Quem sabe o que aconteceu por lá, e ele dependendo somente de nossas orações?

- Gostaria de pensar que isto seria suficiente - disse Chloe.

- Não - disse Bruce. - Ele precisava da proteção direta do próprio Deus.

Quando Stanton Bailey entrou atropeladamente na sala de Buck, uma hora depois, Buck percebeu que estava diante de uma força com a qual não podia competir. O registro de sua participação no encontro preliminar tinha sido apagado, tanto quanto da memória de cada participante. Ele sabia que Steve não estava fingindo. Ele acreditava honestamente que Buck não tinha estado lá. O poder que Carpathia exercia sobre aquelas pessoas não conhecia limites. Se Buck tinha necessidade de alguma prova de que sua fé foi real e que Deus estava agora em sua vida, ele a teve. Se ele não houvesse recebido Cristo antes de entrar naquela sala, com certeza seria apenas mais um dentre os fantoches de Carpathia.

Bailey não estava com disposição de discutir, por isso Buck deixou que o velho homem falasse, sem tentar defender-se.

- Não quero ouvir mais nada sobre esse absurdo da sua presença naquele encontro. Sei que você esteve no edifício e vi suas credenciais, mas você sabe e eu sei e todos os que estavam lá sabem que você não compareceu. Não sei o que achou que seria mais importante, mas você estava errado. Isto é inaceitável e imperdoável, Cameron. Não posso ter você como meu editor-executivo.

- Com prazer voltarei a ser redator - disse Buck.

- Você não pode assumir essa função tampouco, camarada Quero você fora de Nova York. Vou colocá-lo na sucursal de Chicago.

- Ficarei feliz em dirigir aquela sucursal para o senhor. Bailey balançou a cabeça.

- Você não vai querer isso, vai, Cameron? Não confio em você. Devia demiti-lo. Mas sei que você vai acabar trabalhando em outro lugar.

- Não quero conversa com quem quer que seja.

- Faz bem, porque, se tentar passar para um concorrente, vou ter de dizer a eles sobre essa demonstração de irresponsabilidade. Você vai ser um redator interno em Chicago, trabalhando para a mulher que foi a assistente de Lucinda. Vou telefonar para ela hoje dando-lhe a notícia. Isso vai significar um apreciável corte nos seus vencimentos, especialmente se considerarmos o que você iria ganhar com : a promoção. Tire alguns dias de folga, coloque suas coisas em ordem aqui, alugue o seu apartamento e procure um lugar em Chicago. Algum dia, desejo que você fique limpo comigo, filho. Esta foi a mais lamentável desculpa já vista na busca de notícia, e justamente partindo de um dos melhores no jornalismo.

O Sr. Bailey saiu batendo a porta.

Buck não via a hora de poder falar com seus amigos em Illinois, mas não queria telefonar do escritório ou de seu apartamento, e ele não sabia com certeza se o telefone celular era seguro. Ele reuniu suas coisas e tomou um táxi até o aeroporto, pedindo ao motorista que parasse em frente de uma

cabina telefônica de serviço pré-pago um quilômetro e meio antes do terminal.

Como o telefone tocava e ninguém atendia, resolveu ligar para a igreja. Bruce atendeu e disse-lhe que Chloe e Rayford estavam lá.

- Coloque-os no viva-voz - disse ele. - Vou tomar o vôo das três horas da American Airlines para 0'Hare. Mas antes deixem-me dizer-lhes isto: Carpathia é o homem, sem dúvida. Ele se encaixa em todos os detalhes. Senti suas orações no encontro. Deus me protegeu. Estou me mudando para Chicago e quero ser membro do, como é que você chama isso, Bruce?

- Comando Tribulação?

- É isso aí!

- Isto significa que...? - começou Chloe a dizer.

- Você sabe exatamente o que significa - disse Buck. - Conte comigo.

- O que aconteceu, Buck? - perguntou Chloe.

- Prefiro falar sobre isso pessoalmente - disse ele. - Mas tenho uma história para vocês! E vocês serão as únicas pessoas que conheço capazes de acreditar nela.

Quando seu avião finalmente aterrissou, Buck saiu apressado para atravessar o túnel retrátil de acesso ao portão, onde foi jubilosamente cumprimentado por Chloe, Bruce e Rayford Steele. Eles o abraçaram, inclusive o circunspecto capitão. Quando se reuniram a um canto, Bruce orou agradecendo a Deus seu novo irmão e a proteção que lhe foi concedida.

Atravessando o terminal, foram em direção ao estacionamento, caminhando a passos largos, lado a lado, braços nos ombros um do outro, unidos num propósito comum. Rayford Steele, Chloe Steele, Buck Williams e Bruce Barnes enfrentariam os perigos mais graves que alguém poderia enfrentar, e sabiam bem qual era sua missão.

A tarefa do Comando Tribulação era clara, e sua meta nada menos do que permanecerem firmes e lutarem contra os inimigos de Deus durante os sete anos mais caóticos que o planeta viveria.

*** * * ***